



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

DIOGO MORENO PEREIRA CARVALHO

**MATERIAL DIDÁTICO PARA O ENSINO DE LÍNGUA
ESTRANGEIRA MODERNA – ESPANHOL NOS CURSOS
TÉCNICOS INTEGRADOS AO ENSINO MÉDIO DO IFMS**

DIOGO MORENO PEREIRA CARVALHO

**MATERIAL DIDÁTICO PARA O ENSINO DE LÍNGUA
ESTRANGEIRA MODERNA – ESPANHOL NOS CURSOS
TÉCNICOS INTEGRADOS AO ENSINO MÉDIO DO IFMS**

Trabalho de Conclusão Final apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Letras Estrangeiras Modernas, do Mestrado Profissional do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas da Universidade Estadual de Londrina como requisito obrigatório para a obtenção do título de mestre.

Orientadora: Profa. Dra. Valdirene Filomena Zorzo-Veloso.

Londrina
2016

DIOGO MORENO PEREIRA CARVALHO

**MATERIAL DIDÁTICO PARA O ENSINO DE LÍNGUA
ESTRANGEIRA MODERNA – ESPANHOL NOS CURSOS TÉCNICOS
INTEGRADOS AO ENSINO MÉDIO DO IFMS**

Trabalho de Conclusão Final apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Letras Estrangeiras Modernas, do Mestrado Profissional do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas da Universidade Estadual de Londrina como requisito obrigatório para a obtenção do título de mestre.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Valdirene Filomena Zorzo-Veloso
UEL – Universidade Estadual de Londrina
Orientadora

Profa. Dra. Tatiana Helena C. Rios Ferreira
Universidade Estadual de Londrina
Examinadora Interna

Profa. Dra. Kelly Cristiane H. P. de Carvalho
Universidade Estadual Paulista – Assis
Examinadora Externa

Londrina, _____ de _____ de 2016.

**MATERIAL DIDÁTICO PARA O ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA
MODERNA – ESPANHOL NOS CURSOS TÉCNICOS INTEGRADOS AO ENSINO
MÉDIO DO IFMS**

Diogo Moreno Pereira Carvalho (PG – UEL)

Valdirene F. Zorzo-Veloso (orientadora – UEL)

Resumo

A disciplina de Língua Estrangeira Moderna contribui para uma formação ampla do indivíduo uma vez que permite ao aprendiz o contato com outros modos de sentir, viver e expressar-se, o que possibilita a aquele que aprende a formação de vínculos emocionais, afetivos, culturais, por exemplo. Neste Trabalho de Conclusão do Mestrado Profissional em Letras Estrangeiras Modernas (MEPLEM), ofertado pelo Departamento de Letras Estrangeiras Modernas da Universidade Estadual de Londrina (UEL), discorreremos sobre a necessidade de análise, avaliação, adoção e complementação do LD. O propósito deste trabalho surgiu a partir de meu contexto de atuação: ensino médio técnico. Buscamos discutir os critérios de seleção, adoção do livro didático *Cercanía Joven – Espanhol: ensino médio*, bem como da proposição de atividades complementares. Pautamo-nos em documentos referenciais da Educação Básica Brasileira, tais como PCN, OCNEM, PNLD, DCNEB, restringindo-nos ao Ensino Técnico Integrado ao Ensino Médio. Buscamos fundamentar a discussão teórica por meio dos estudiosos da Linguística Aplicada, a saber: Cristóvão (2009), Dias (2009), Rojo (2005), Souza-Luz (2015), Vilaça (2009 e 2010), os quais tratam da questão da análise, da avaliação, da adoção e da produção de materiais didáticos. Também nos valem, em linhas gerais, de Cenoz Iragui (2008) sobre competência comunicativa. Marchuschi (2002) nos auxilia a embasar a discussão sobre os gêneros textuais no ensino de língua estrangeira. Chegamos à conclusão de que o recorte que demos aos critérios propostos por Dias (2009) foi fundamental para que pudéssemos avaliar o que foi/é relevante para o propósito de adoção do LD assim como a elaboração de atividades complementares.

Palavras-chave: Língua Estrangeira Moderna – Espanhol. Programa Nacional do Livro Didático. Livro Didático. Critérios de Adoção de Material Didático.

1 INTRODUÇÃO

O trabalho que aqui se apresenta é requisito obrigatório para a obtenção do título de mestre a ser conferido pelo Programa de Pós-Graduação em Letras Estrangeiras Modernas do Mestrado Profissional em Ensino de Línguas Estrangeiras Modernas (MEPLEM), ofertado pelo Departamento de Letras Estrangeiras Modernas da Universidade Estadual de Londrina (UEL).

A disciplina de Língua Estrangeira Moderna, doravante LEM, contribui para uma formação ampla do indivíduo uma vez que permite ao aprendiz o contato com outros modos de sentir, viver e expressar-se, o que possibilita a aquele que aprende a formação de vínculos emocionais, afetivos, culturais, por exemplo. Talvez, por isso, seja essencial que o ensino da LEM concorra para o desenvolvimento da competência comunicativa daquele que aprende. Para que tenhamos êxito nesse processo de construção, é desejável que se opte por um norte que dê destaque e valorize a diversidade linguística dos diferentes povos falantes do idioma, bem como os conhecimentos e experiências do educando em língua materna.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 2000, p. 25), doravante PCN, destacam que

As discussões sobre a importância de se aprender uma ou mais línguas estrangeiras remontam há vários séculos. Em determinados momentos da história do ensino de idiomas, valorizou-se o conhecimento do latim e do grego e conseqüentemente¹ acesso à literatura clássica, enquanto, em outras ocasiões, privilegiou-se o estudo das línguas modernas.

Dessa forma, acreditamos que aprender uma língua estrangeira (LE) pode possibilitar muitas vantagens, por exemplo, nos âmbitos pessoais e profissionais. Interessar-se pelo aprendizado de uma LE pode facilitar-nos a entender outros costumes e outras formas de pensar, ao passo que, na esfera profissional, o domínio de uma LE pode resultar em uma ascensão na trajetória profissional. Ferreira (2013) corrobora a assertiva posta pelo PCN (BRASIL, 2000, p. 25) salientando que

Saber uma língua estrangeira hoje é essencial, é sinônimo de liberdade. Os estudos atuais reconhecem que o conhecimento de outras línguas diminui a distância entre os povos, elimina fronteiras da comunicação, transpõe os limites, amplia a gama de possibilidades, aumenta as oportunidades acadêmicas, profissionais e pessoais, promove a ascensão social, intelectual e cultural, bem como ajuda a combater

¹ Optamos por manter a ortografia como constam nos documentos oficiais de que lançamos mão.

preconceitos e visões estereotipadas em relação a outras línguas e / ou culturas² (tradução nossa). (FERREIRA, 2013, p. 209)

Por isso, cabe-nos ressaltar que cada indivíduo, ao longo da vida, torna-se um membro multifacetado, haja vista que pertence a diferentes grupos sociais, estabelecendo, com os sujeitos de tais grupos, relações mediadas pela linguagem. O indivíduo multifacetado, ao qual fazemos menção, é aquele que pertence e participa de diferentes contextos sociais: por exemplo, sabe lidar com diferentes atuações discursivas, sejam elas dentro do ambiente familiar no qual está inserido, sejam elas dentro de espaços mais formais de comunicação. Essas experiências definem a sua identidade linguística e cultural; nesse sentido, os PCN (BRASIL, 1998, p. 37) sustentam que

A aprendizagem de Língua Estrangeira contribui para o processo educacional como um todo, indo muito além da aquisição de um conjunto de habilidades lingüísticas. Leva a uma nova percepção da natureza da linguagem, aumenta a compreensão de como a linguagem funciona e desenvolve maior consciência do funcionamento da própria língua materna.

Em outras palavras, os PCN indicam que, para ensinar uma LE, é preciso que tal processo tenha sentido para quem a aprende, de modo que haja ofertas para o efetivo uso do idioma, ou seja, oportunidade de interação social no uso da língua. Ainda segundo os PCN (BRASIL, 2000, p. 26)

Torna-se, pois, fundamental, conferir ao ensino escolar de Línguas Estrangeiras um caráter que, além de capacitar o aluno a compreender e a produzir enunciados corretos no novo idioma, propicie ao aprendiz a possibilidade de atingir um nível de competência linguística capaz de permitir-lhe acesso a informações de vários tipos, ao mesmo tempo em que **contribua para a sua formação geral enquanto cidadão.** (grifo nosso)

No que se refere ao contexto de ensino regular, o lugar onde, no Brasil, em geral, se aprende uma língua estrangeira é na escola. Poucos contextos fogem dessa realidade, permitindo assim que o conhecimento básico sobre uma língua estrangeira seja ampliado nos mais diversos contextos formais de ensino e aprendizagem. É na escola que temos nosso primeiro contato com um livro didático (LD), desde a mais tenra infância. Esse material didático (MD) tem grande valia, se usado de acordo com as necessidades apresentadas pelo contexto no qual se insere.

2 Saber una lengua extranjera hoy en día es esencial, sinónimo incluso de libertad. Los estudios actuales reconocen que el conocimiento de otros idiomas disminuye la distancia entre pueblos, elimina fronteras de comunicación, transpone límites, amplía el abanico de posibilidades, potencia las oportunidades académicas, profesionales y personales, promueve la ascensión social, intelectual y cultural, bien como auxilia a combatir el prejuicio y visiones estereotipadas en relación a otras lenguas y/o culturas. (FERREIRA, 2013, p. 209).

Segundo o que aponta o Ministério da Educação (MEC), o Programa Nacional do Livro Didático, doravante PNLD, objetiva subsidiar o trabalho pedagógico de docentes. De acordo com o PNLD (PNLD 2012 – Ensino Médio/Língua Estrangeira Moderna) (BRASIL, 2014), o LD deve ser entendido como uma produção vinculada aos valores, às posições ideológicas, às visões de língua, de ensino de língua, de aluno, de professor e do papel das línguas estrangeiras na escola (BRASIL, 2012, p. 8).

O presente trabalho versa sobre a avaliação contida no Guia Nacional do Livro Didático de Línguas Estrangeiras (BRASIL, 2014), a análise feita pela equipe de docentes do IFMS – *Campus Nova Andradina* (Apêndice B, carta de ciência e autorização da instituição) para posterior adoção da coleção *Cercanía Joven – Espanhol: ensino médio* (COIMBRA; CHAVES; BARCIA, 2013) (Anexo 1), e a proposição de atividades relacionadas à área de aprendizagem do aluno de Curso Técnico Integrado ao Ensino Médio (CTI-EM). (Apêndice A).

Em consonância ao que propõe o PNLD e demais programas da Educação Básica (EB), sobretudo no que se refere ao ensino de línguas, os estudos que se debruçam sobre a análise, avaliação, adoção e adaptação de materiais didáticos no processo de ensino e aprendizagem e LE têm se multiplicado nos âmbitos gerais da Linguística Aplicada, tendo em vista a necessidade de aperfeiçoar a qualidade e a eficácia dos materiais postos à venda no mercado.

Ressaltamos que o PNLD existe há décadas, sendo datado desde os anos de 1920, faltando pouco, portanto, para que se torne centenário. Segundo o sítio eletrônico do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE):

O Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) é o mais antigo dos programas voltados à distribuição de obras didáticas aos estudantes da rede pública de ensino brasileira e iniciou-se, com outra denominação, em 1929. Ao longo desses 80 anos, o programa foi aperfeiçoado e teve diferentes nomes e formas de execução. Atualmente, o PNLD é voltado à educação básica brasileira, tendo como única exceção os alunos da educação infantil. (FNDE, 2012).

No entanto, os livros de LE ganharam terreno somente nas duas últimas edições (2011 e 2014) do programa ao qual fazemos menção. Representou um marco a presença de livros didáticos de língua estrangeira em um programa que é referência e de grande proveito para a educação no país.

Sendo o LD um material importante para a prática docente e para a aprendizagem de uma LE, por exemplo, é importante destacar que há, no Brasil, cursos de graduação nos quais o ensino de LE e a formação de docentes não se prendem ao simples estudo formal da língua,

com suas estruturas gramaticais, nem somente aos aspectos literários: é, antes de tudo, requisito básico para que haja sucesso no processo de ensino e aprendizagem. Por isso, é salutar apontar que as pesquisas relacionadas à área de ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras modernas tomam novos rumos nestas últimas décadas, enriquecendo os estudos científicos do país.

Potocky e Vilaça (2012, p. 950) destacam que os materiais didáticos (MD) podem ser grandes aliados dos professores. Ainda segundo os teóricos, é preciso salientar, contudo, que sua estrutura pode supor uma segurança inexistente, já que a diversificada utilização em sala de aula poderá gerar resultados diferentes do esperado. Faz-se necessária a observação de alguns aspectos importantes e úteis na avaliação e escolha do material para que o docente se adéque ao usá-los em sala de aula.

O objetivo geral deste trabalho é analisar o propósito de adoção do LD *Cercanía Joven* (Anexo 1) para os alunos dos Cursos Técnicos Integrados ao EM do IFMS, doravante CTI-EM-IFMS, – *Campus Nova Andradina*, levando em consideração os documentos referenciais da Educação Básica brasileira e os postulados de Vilaça (2009, 2010), Rojo (2003), Dias (2009), Dias e Cristóvão (2009), Silva (2010), Marchuschi (2004), Souza-Luz (2015).

Atuando como professor de Língua Estrangeira Moderna – Espanhol no IFMS – *Campus Nova Andradina* desde 2011, tendo em 2014 a oportunidade de escolher os LD aprovados pelo PNLD, dei-me³ conta de que as obras chanceladas detinham-se, segundo minha experiência docente, à proposta de ensino vinculada ao Ensino Médio regular. Este fato chamou-me a atenção para a necessidade de que talvez fosse necessária a adaptação e/ou complementação de alguns capítulos da coleção.

Não à toa escolhemos o tema *Alimentos Transgênicos*, o qual se aproxima do curso técnico em Agropecuária, o tema *O Uso Consciente das Tecnologias*, o qual se acerca do curso técnico em Informática para o desenvolvimento deste trabalho. Também elencamos o tema *Sexualidade: Educação contra o Sexismo* por ser um tema importante não só no Brasil, mas em todo o mundo, sobretudo dada a relevância que há nos dias atuais em discutir preconceitos, violência, repressão, e porque me deparei no contexto em que estava inserido com algumas cenas de preconceito que permeiam a questão do gênero.

³ Neste trabalho, optamos por usar a primeira pessoa do singular quando nos referirmos às ações individuais do autor previamente à entrada no MEPEM. No que se refere às ações relacionadas ao desenvolvimento da pesquisa, adotamos a primeira pessoa do plural.

Objetivamos, também, analisar três capítulos que compõem dois volumes da coleção didática em questão a fim de que se justifiquem os critérios de escolha e adoção do material, calcados em Dias (2009). Os capítulos de análise são:

- Capítulo 5 do volume 2: *Alimentos Transgênicos, fast food, comida sana: ¿sí o no?*(Anexo 2) – em razão de que tal capítulo aproxima-se do Curso Técnico Integrado em Agropecuária;
- Capítulo 1 do volume 3: *Tecnologías: a usarlas conscientemente* (Anexo 3) – em razão de que esse capítulo aproxima-se do Curso Técnico Integrado em Informática;
- Capítulo 5 do volume 3: *Educación contra el sexismo: que se acabe la violencia.* (Anexo 4)

A escolha deste último capítulo deu-se em razão de um contexto com algumas frentes a se considerarem: o *Campus Nova Andradina* é agrário, localiza-se dentro de uma fazenda, a qual dista 23 quilômetros da área urbana. Neste contexto rural, percebi, na minha prática docente, que (1) o número de alunas era consideravelmente inferior no curso da Agropecuária, fato que (2) levantava discursos como “este curso não é para mulher” ou, ainda, “este curso não é para homoafetivo”. Não diferente, o curso da Informática também tem seus discursos de rejeição, como se a mulher não pudesse, por exemplo, ser uma Engenheira de Computação. As Engenharias, em geral, já estiveram mais compostas de um público quase restrito ao masculino. Não é à toa que a Sociedade Brasileira de Computação (SBC) tenha ações específicas para incentivar meninas e mulheres a deslançarem no mundo da Informática⁴.

Para os três capítulos em destaque, detivemo-nos especificamente na análise dos componentes da habilidade de compreensão leitora. O terceiro e último objetivo é propor a complementação das unidades em questão com atividades que possam relacionar-se aos CTI-EM-IFMS em Agropecuária e em Informática.

Embora tenhamos o PNLD para LE no EM, destacamos que a coleção *Cercanía Joven* parece-nos direcionada ao EM regular, mas não ao EM Técnico, característica que nos pareceu profícua para análise dos três capítulos da coleção citados anteriormente e para a proposição de atividades que possam complementar as unidades sobre as quais miramos nosso olhar investigativo.

⁴ Nos endereços a seguir é possível ter uma noção do que promove a SBC para as questões do gênero: <http://www.sbc.org.br/component/content/article?id=734:wit-1907&catid=313:blogsbc> e <http://www.csbc2016.com.br/#!/wit/fy7qx>. acesso em 01/03/16.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

As bases que têm os PCN objetivam traçar uma escola que tenha identidade, ou seja, aquela que satisfaça as expectativas de formação escolar dos alunos para o mundo contemporâneo. Tanto o é que o documento evidencia a necessidade de atender aos princípios legais, sendo um deles, talvez o mecanismo fundamentalmente basilar da nossa educação, a Lei de Diretrizes e Bases (BRASIL, 1996). Assim, destaca-se que o respeito à diversidade é o principal eixo da proposta. Não é de se estranhar que este documento tenha caráter indicativo e interpretativo, sendo, portanto, uma proposta para a interação, o diálogo, a construção de significados na, pela e com a linguagem (BRASIL, 2000a, p. 4).

É justo realçar que a sanção da lei 9394 – Lei de Diretrizes e Bases (LDB) –, em dezembro de 1996, estabeleceu os fundamentos basilares da Educação Nacional, satisfazendo ao mandato constitucional do inciso XXIV do artigo 22 da Constituição Federal. A LDB, por exemplo, deu o lugar e o vislumbre merecido à Educação Profissional e Tecnológica (EPT), no que diz respeito aos níveis e às modalidades de educação e ensino.

Segundo o que consta nos PCN (BRASIL, 2000b, p. 25-26), as LEM vêm ganhando espaço que antes lhes foi restrito ou negado. Ainda segundo o documento, as LEM, entendidas como meios para se ter acesso ao conhecimento, permitem ao aprendiz ampliar seu leque de aprendizado por meio das diferentes formas de pensar, de criar, de sentir, de agir e de conceber a realidade, oportunizando ao indivíduo uma formação mais abrangente e, ao mesmo tempo, mais sólida.

Os PCN já apontavam para questão do trabalho. Vejamos:

[...] o Ensino Médio possui, entre suas funções, um compromisso com a educação para o trabalho. Daí não poder ser ignorado tal contexto, na medida em que, no Brasil atual, é de domínio público a grande importância que o inglês e o espanhol têm na vida profissional das pessoas. (BRASIL, 2000b, p. 27).

Sendo assim, não é de se estranhar que o conveniente é aproveitar os pontos positivos do ensino de LEM, de modo que se organizem cursos de línguas objetivando que essa ação se torne algo útil e significativo, e não a representação de apenas uma disciplina a mais na grade curricular.

Neste viés, é importante que se destaque a relevância que tem a competência comunicativa para/no ensino de LEM. Desde a infância os seres humanos adquirem e desenvolvem uma série de competências relacionadas, por exemplo: saber quando podemos

falar ou quando devemos ficar em silêncio. Também aprendemos, no convívio social, o que, com quem, onde, porquê fazer algo.

Entre os investigadores da área, é comum que se sustente que a competência comunicativa é um dos mais importantes conceitos da Linguística Aplicada, no que tange aos estudos sobre aquisição de língua assim como sobre o ensino de língua. Posto isso, delimitamos o conceito de competência comunicativa fundamentado por Cenoz Iragui (2004, p.449-462): conjunto de sub-competências que se inter-relacionam.

É necessário que o aprendiz possua um bom domínio das competências sociolinguística, discursiva e estratégica, tendo em vista que tais competências talvez sejam essenciais – considerando o contexto de atuação no qual estava inserido – para o propósito maior do ensino de Línguas Estrangeiras no Ensino Médio: a interação social.

Os estudos contemporâneos nos mostram que para poder comunicar-se numa língua qualquer é preciso que saibamos, como aprendizes, que não basta a compreensão e a produção de enunciados gramaticalmente corretos, segundo o que diz os PCN (BRASIL, 2000b, p. 27). Muito mais que produzir enunciados gramaticalmente corretos, há a necessidade de se conhecer e empregar as formas de combinar tais enunciados num contexto específico, de maneira que se produza a comunicação, ou seja, é necessário que se tenha o conhecimento de como essas frases são adequadas a um determinado contexto (BRASIL, 2000b, p. 29).

Se usamos a língua para nos comunicar com outros, desde a infância não só aprendemos o conhecimento da gramática de nossa língua natural mas aprendemos diferentes empregos e variações, bem como sua relevância e aplicação. Além disso, sabemos determinar/avaliar atitudes, valores e motivações relacionadas à linguagem, com as suas características e seus usos. Naturalmente, a aquisição dessas competências está ligada à experiência social, às necessidades.

O modelo de linguagem subjacente ao conceito de competência comunicativa implica dizer que há uma múltipla função da linguagem: além de nomear seres e/ou objetos, ela nos dá suporte para lamentar, prevenir, defender, atacar, orientar, invocar algo. Assim, esses suportes estão relacionados com as diferentes formas de persuasão, direção, expressão e jogos simbólicos.

Inicialmente, destacamos que houve, dentre outros, modelos de competência comunicativa⁵, os quais foram propostos por Canale e Swain (1980), por Bachman (1990) e por Celce-Murcia, Dörnyei e Thurrell (1995). (*apud* CENOZ IRAGUI, 2004). Em linhas

⁵ Sugerimos a leitura do capítulo *La Competencia Comunicativa* em *Vademécum para la Formación de Profesores* (CENOZ IRAGUI, 2004).

gerais, o desenvolvimento das dimensões das práticas discursivas e pragmáticas nesses modelos reflete a importância que adquiriram a Análise do Discurso e a Pragmática nas últimas décadas, a ponto de que seus postulados sejam considerados fundamentais para a Linguística Teórica e Aplicada (CENOZ IRAGUI, 2004, p. 3).

Conforme Paiva (2005, p. 127-140), os linguistas aplicados defendem a ideia de que os aprendizes utilizem a língua-alvo atendendo aos interesses estabelecidos pelo contexto no qual se aplica o propósito de se comunicar, transmitindo e compreendendo intenções comunicativas, tais como elaborar e compreender textos orais e escritos, ao passo que disponham de recursos linguísticos a fim de que superem as dificuldades da comunicação.

Cenoz Iragui (2004) e Paiva (2005) direcionam-se, complementando-se, no mesmo sentido do que expõe o Quadro Europeu Comum para o Ensino de Línguas (QECR) (ALVES, 2001). Assim, consideram que a competência comunicativa entrelaça três vertentes: a linguística, a sociolinguística e a pragmática.

A competência linguística faz referência ao conhecimento sistêmico de uma língua, assim dá conta das competências lexical, gramatical, semântica, fonológica, ortográfica e ortoépica. Já a competência sociolinguística diz respeito à linguagem em uso, subdividindo-se em competência sociocultural – aqui entendida como o conhecimento que tem o falante sobre as normas sociais que regem uma situação comunicativa – e em competência discursiva. Esta é compreendida como o conhecimento equivalente que tem o usuário da língua quanto à correção na construção de sentido entre palavras e sentenças, feito responsável pela coesão e coerência nos atos comunicativos. Por fim, a competência estratégica alinha-se à habilidade de negociar significados em contexto de uso por meio de estratégias de comunicação verbais e não-verbais, as quais poderão ser usadas quando haja um imprevisto ou mal-entendido na comunicação (CENOZ IRAGUI, 2004, p. 13-14).

É preciso que se ratifique uma vez mais que a comunicação, seja ela em língua materna ou estrangeira, deve ser compreendida como uma das ferramentas imprescindíveis no mundo, sobretudo nos dias de hoje, haja vista os anseios com a formação profissional, acadêmica ou pessoal, uma das grandes metas do ensino de LEM no EM.

As Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, doravante OCNEM (BRASIL, 2006, p. 7), têm como finalidades atribuídas ao EM

o aprimoramento do educando como ser humano, sua formação ética, desenvolvimento de sua autonomia intelectual e de seu pensamento crítico, sua preparação para o mundo do trabalho e o desenvolvimento de competências para continuar seu aprendizado.

Acredita-se, por um lado, que a oferta obrigatória do Espanhol no currículo do Ensino Médio tenha atendido às necessidades e aos desejos políticos da época em que vivemos, seja porque houve a assinatura do Tratado do Mercosul, seja porque o Brasil faz fronteira com 7 países hispano-falantes. Por outro lado, sabemos da dificuldade que encontramos em alguns pilares: a baixa procura pela licenciatura para atuar como professor de Espanhol nas diversas redes (particular, municipal, estadual, federal), a falta de valorização necessária para os docentes que atuam formando professores (ações de extensão, pesquisas científicas etc), por exemplo, são fatores que nos deixam em dúvida em relação ao atendimento das necessidades e dos desejos políticos.

As OCNEM (BRASIL, 2006, p. 127) delimitam o cenário da necessidade de se aprender o Espanhol, vejamos:

Mais de uma vez o Espanhol esteve presente como disciplina em nossas escolas, porém essa nunca esteve tão claramente associada a um gesto marcado de forma inequívoca por um objetivo cultural, político e econômico, uma vez que a LDB prevê a possibilidade de oferta de mais de uma língua estrangeira, sem nenhuma outra especificação. É fato, portanto, que sobre tal decisão pesa um certo desejo brasileiro de estabelecer uma nova relação com os países de língua espanhola, em especial com aqueles que firmaram o Tratado do Mercosul.

Sob essa perspectiva, é possível evidenciar a relevância da oferta do Espanhol no EM. O ensino de Espanhol deve ter o papel genuinamente educativo, em outras palavras, um ensino que vá além da vertente instrumental e veicular da língua, aquela que conduz os aprendizes a superarem imagens estereotipadas e preconceituosas atribuídas à língua espanhola. O ensino de Espanhol na última etapa da Educação Básica deve ter a força propulsora que a LDB (BRASIL, 1996, art. 35, item III) incentiva: o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico.

Dessa maneira, é lícito afirmar que o ensino do Espanhol deve ir além do ensino pautado nos conhecimentos intrínsecos à língua. Paiva (2005, p. 127-140) chama-nos a atenção para um fato: a visão predominante, ao longo dos tempos, é a de que se aprende uma língua estrangeira através da análise de estruturas sintáticas, da memorização de regras gramaticais e de exercícios de tradução. Paiva sinaliza ainda que o ensino explícito da gramática sempre foi o carro chefe no ensino de línguas e que pouca mudança pode ser observada, mesmo nos dias de hoje. Nesta perspectiva, não nos opomos quando a autora aponta que muitas das experiências de ensino e aprendizagem privilegiam o estudo sobre a

língua e a manipulação de estruturas sintáticas. A língua é vista apenas como um sistema de regras quando, fundamentalmente, deve ser vista como um instrumento de comunicação.

Os PCN (BRASIL, 2000b, p. 25) evidenciam que muitos fatores – como o número reduzido de horas reservadas ao ensino de LE, a carência de professores, sobretudo aqueles com boa formação linguística e pedagógica – talvez tenham criado um cenário que não favoreceu a valorização da LE. A consequência, segundo o documento, foi que, em lugar de capacitar o aluno a falar, ouvir, ler e escrever em um novo idioma, o ensino caracterizou-se com uma feição monótona e repetitiva, desmotivando aprendizes e docentes. Isso fez com que se deixasse de valorizar conteúdos relevantes à formação educacional dos alunos.

Cabe, neste momento, um registro: a escolha pelo Espanhol como LE, por parte de meus alunos, em princípio, deu-se por terem a crença de que o idioma fosse fácil pelas similitudes que tem com o Português. À época, ignoraram, porém, que, apesar das semelhanças, há sensíveis e particulares diferenças entre as línguas irmãs. Tudo isso nos faz atentar para uma meta muito maior: a formação do cidadão de forma integral, motivo também pelo qual justifica-se este trabalho, haja vista que é preciso mostrar-lhes todas as conquistas que podem agregar às suas vidas por meio do aprendizado de uma LE, respeitadas suas particularidades.

As OCNEM (BRASIL, 2006, p. 128), em consonância com os PCN, convergem nesse sentido. Houve, desde sempre, estereótipos de todo tipo, sobre a língua e sua suposta facilidade para brasileiros, imagens permeadas de preconceito. Aquela que era vista – ou ainda é – como fácil, que não merece ser estudada (falas que circulam o senso comum) talvez tenha ganhado outros olhares quando da assinatura do Tratado do Mercosul.

Baseando-nos no que foi exposto nos últimos parágrafos e no que está posto no ementário dos CTI-EM-IFMS em Agropecuária e em Informática (Anexos 5 e 6), sugerimos atenção na disposição dos conteúdos de cada uma das disciplinas. Acreditamos, inicialmente, que, tanto o quadro 2 (página 32) como o quadro 1 a seguir, da forma com que se apresentam, suscitam um processo de ensino e aprendizagem estanque, o que se choca com as orientações que preconizam os PCN (BRASIL, 2000b), as OCNEM (BRASIL, 2006) e Paiva (2005). Vejamos:

Quadro 1⁶ – Disciplinas⁷ e Ementário

Disciplina(s)	Ementa(s)
Língua Estrangeira Moderna – Espanhol I	Estudo em nível básico da fonética e da fonologia da língua espanhola. Estudo das estruturas básicas gramaticais em situações comunicativas. Alfabeto. Pronomes. Substantivo. Artigos. Verbos no modo indicativo. Presente. Léxico temático. Prática das habilidades linguísticas.
Língua Estrangeira Moderna – Espanhol II	Estudo de estruturas básicas gramaticais em situações comunicativas. Orações interrogativas e exclamativas diretas e indiretas. Adjetivos. Acentuação. Numerais. Verbos no modo indicativo. Pretéritos. Léxico temático. Introdução ao estudo da grafia. Morfologia e sintaxe de textos de diferentes tipos e gêneros em língua espanhola. Prática das quatro habilidades linguísticas.
Língua Estrangeira Moderna – Espanhol III	Estudo de aspectos linguísticos fundamentais da língua espanhola e da língua portuguesa. Formas de tratamento. Pronomes. Uso de formas e tempos verbais. Heterosemânticos, heterogênicos, heterotônicos ⁸ . Estudo de estruturas frasais em situações comunicativas. Verbos no modo subjuntivo. Contraste de uso dos modos indicativo e subjuntivo. Estudo das estruturas verbais do Futuro. Prática das habilidades linguísticas.
Língua Estrangeira Moderna – Espanhol IV	Estudo de estruturas frasais em situações comunicativas. Verbos no modo imperativo. Concordância verbal e nominal. Conectores discursivos. Colocação pronominal. Prática do letramento. Abordagem multicultural da língua espanhola. Produção de textos em diversos gêneros. Prática das quatro habilidades linguísticas.

Fonte: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso (2010, p.23, 28, 33, 38).

Em razão do que expusemos anteriormente, entendemos que as disciplinas, da maneira como estão postas, suscitam um processo de ensino e aprendizagem por meio da instrumentalização da língua. No entanto, atualmente, as necessidades de se aprender uma LE são outras, requerem muito mais que a aprendizagem de conteúdos de forma estanque. Dar um caráter tecnicista no ensino da língua é uma prática em dissonância com o que se defende para o desenvolvimento do ensino e da aprendizagem de uma LE.

⁶ Os quadros apresentados neste trabalho têm a intenção de ilustrar e facilitar a leitura de quem os lê. Assim, precisamos deixar claro que seus conteúdos foram retirados dos documentos oficiais sobre os quais nos embasamos. Por isso não nos parece justo reivindicar a autoria de tais quadros tendo em vista que o conteúdo expresso em todos não são de nossa autoria.

⁷ Vide anexos 5 e 6: PPC dos Cursos Técnicos em Agropecuária e Informática Integrados ao Ensino Médio do IFMS.

⁸ Optamos por manter como constam determinadas palavras nos PPC dos Cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio (Agropecuária e Informática) do IFMS.

Não é possível encontrar nos PPC de ambos os Cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio em Agropecuária (Anexo 5) e em Informática (Anexo 6) do IFMS a função que tem a LE na formação do alunado. Não nos parece possível traçar um parâmetro que lance mão de cada um dos conteúdos para a aprendizagem do educando, porque conectores discursivos (conjunções, preposições, pronomes), por exemplo, podem ter múltiplos usos a depender do objetivo que se queira atingir na comunicação. Também o uso do Presente do Indicativo pode estar relacionado não somente ao tempo presente, mas também ao passado, ou ainda ao futuro.

Se os CTI-EM têm como proposta formar profissionais capazes de exercer atividades de forma responsável, ativa, crítica e criativa na solução de problemas nas diversas áreas dos eixos tecnológicos, sendo capazes de continuar a aprender, apresentando flexibilidade às diferentes condições do mundo trabalho, deve-se considerar o que está posto nos PPC de Agropecuária e de Informática do IFMS. Assim, o ensino e a aprendizagem devem tomar um rumo além daquilo que se entende por aprendizagem instrumental de um idioma, haja vista que, além do domínio dos saberes tecnológicos, a formação do Técnico em Agropecuária ou em Informática neste caso pressupõe-se pensamento sistêmico, criativo e intuitivo, capaz de atender às rápidas mudanças sociais e tecnológicas, como preconizam os referidos PPC dos CTI-EM-IFMS sobre os quais nos debruçamos.

Cabem aqui duas justificativas que consideramos importantes sobre a necessidade de se ensinar o Espanhol que ultrapassem o viés instrumental. A primeira: ao apontar que o ensino e a aprendizagem devem tomar um rumo além daquilo que se entende por aprendizagem instrumental, estamos considerando, por exemplo, o contexto no qual seja necessário o uso do idioma para além de seus conhecimentos instrumentais. O Programa chamado “Ciência sem Fronteiras”, cujo objetivo é promover a consolidação, a expansão e a internacionalização da ciência e da tecnologia, da inovação e da competitividade brasileira por meio do intercâmbio e da mobilidade internacional, está articulado entre os Ministérios da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) e o MEC, sendo este último representado por suas respectivas instituições de fomento. A premiação em um evento científico ou o interesse em desenvolver pesquisa fora do território nacional podem fazer surgir a necessidade de se ter um conhecimento mais aprofundado de um idioma, no nosso caso, o Espanhol.

A segunda justificativa diz respeito ao que consideramos língua instrumental: aquela que é ensinada com objetivos específicos, como, por exemplo, a aprovação em um curso de pós-graduação, tendo em vista que seu ensino apresenta técnicas de leitura para que o aluno possa ler um texto em um determinado idioma usando o mínimo de recursos que ele tem.

Praxedes (2006), por exemplo, sustenta que o ensino de línguas com o enfoque instrumental, caracterizado no Brasil a partir do levantamento das necessidades, colabora com todo o tipo de formação, seja ela técnica, científica ou humanística.

A fim de que se elimine a lacuna que acreditamos ter o PPC ao não evidenciar a função que tem a LE, o ideal seria que se estabelecessem dentro dos PPC os objetivos geral e específico(s) de cada uma das disciplinas, ao passo que se determinassem também quais competências e habilidades devem ser desenvolvidas ao longo de cada disciplina.

As políticas públicas implementadas pelo MEC no que tange à escolha, à compra e à distribuição de materiais didáticos às escolas, aos professores e aos alunos sofreram mudanças significativas na última década. Esse fato se deu por conta dos programas ministeriais impostos pelo Governo Federal, tendo em vista que a capacidade do MEC no que se refere à avaliação, à compra e, ainda, à distribuição do LD teve uma significativa e indiscutível ampliação no Brasil. Hoje, o Ministério já se preocupa com a distribuição, inclusive, de dicionários - ainda que estes últimos ainda não tenham a atenção necessária quanto à sua importância em sala de aula.

Baseando-nos na nossa prática docente e no que veiculam os meios de comunicação, como o Portal G1(REIS; MORENO, 2015), é importante destacar que são poucas as escolas que podem contar em seu acervo de MD com revistas de divulgação científica, vídeos, dicionários, mapas, etc. Em geral, quando têm computador, não têm acesso à internet; quando têm acesso a vídeos, esses ainda são disponibilizados em fitas VHS, ou seja, incompatíveis com os aparelhos de DVD, dentre outras incompatibilidades com os recursos necessários.

Rojó (2003, p. 39) faz lembrar que ao instituir instrumentos de avaliação dos LD, o MEC provocou uma significativa melhora no que diz respeito à qualidade dos MD produzidos no Brasil, sobretudo, no que concerne à condução ideológica dos LD, à época das décadas de 70 e 80.

Havendo hoje no Brasil uma oferta maior de LD, os quais apresentam níveis de qualidade necessários ao bom desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem em que o professor está envolvido, é importante que os docentes se questionem quanto à escolha e à utilização de LD (e outros MD) que não entrem em conflito ou contradigam os projetos educacionais das instituições às quais pertencem; é importante que os professores se questionem quanto à adequação, às necessidades e às possibilidades do alunado e a da comunidade escolar como um todo.

O LD é um importante e necessário instrumento desde os níveis de escolarização mais básicos até o ensino superior: sua ampla utilização como ferramenta de ensino e

aprendizagem deve ser levada em consideração haja vista suas limitações e suas potencialidades. Não muito raro, o ensino de Espanhol, em geral, está calcado sobre o LD, sendo esse o recurso didático único ao qual alunos e professores têm acesso, segundo o que nos aponta Talamini (2009, p. 44).

O LD, de acordo com Marcuschi (2004) e Soares (1999 *apud* ROJO, 2003, p. 39), pode ter duas perspectivas. Na primeira, ele pode ser entendido como suporte ou como veículo de textos variados. Se visto como gênero discursivo, é possível que se admita a coletânea de textos migrados de outros campos da vida social, entendendo o LD, porém, como um discurso do autor, sendo, portanto, um projeto didático autoral (BUNZEN JUNIOR, 2005; ROJO, 2005). O cunho didático desta citação nos revela que os LD, sob esta perspectiva, exigem uma posição do autor sobre o que, como, a quem, para que e quando ensinar.

Seguindo essa linha de raciocínio, é fundamental ressaltar a congruência do uso do LD em sala de aula. De que adianta o professor selecionar um LD que abre mão de nomenclaturas gramaticais se, em um instrumento de avaliação, ele cobra dos alunos o domínio de tais nomenclaturas? O mesmo se dá ao inverso: se o professor usa um MD com nomes restritos à gramática – termo tomado aqui com a concepção de compêndio – de que adianta ele abrir mão de tais nomes numa prova?

A segunda perspectiva trata de levar em conta o projeto do autor no que tange à escolha, à seleção e à metodologia de ensino a ser posta em prática. Assim, é conveniente que se compare o próprio projeto de ensino face ao projeto do autor, a fim de que se verifique compatibilidade ou não. Desse modo, nascem os critérios para a adoção de um livro numa dada comunidade escolar. Rojo (2003, p. 41) propõe dois critérios fundamentais para a adoção de um LD: as (1) necessidades de ensino e (2) as possibilidades de aprendizagem.

Dessa forma é proveitoso destacar, como propõe Rojo (2003, p. 41),

(a) o que se deve ensinar para atingir metas?; (b) considerando a comunidade escolar – que agrega, por exemplo, alunado oriundo da zona rural do Mato Grosso do Sul –, quais objetivos de ensino foram postos?; (c) a partir de tais objetivos, quais conteúdos são importantes para atingi-los?; (d) que textos devem, então, ser selecionados e trazidos para os aprendizes?; (f) o LD contempla esses conteúdos e textos? (g) como complementá-la a partir de outros impressos, por exemplo?

Considerando as determinações explicitadas por Rojo, podemos perceber que são muitas as variáveis que devem ser levadas em conta para a escolha de um material didático, sua adaptação e complementação. Sobre as possibilidades de aprendizagem dos alunos, Rojo (2003, p. 41) destaca:

Que conhecimentos, valores, atitudes e tipos e níveis de letramento estes alunos já trazem? O que será preciso ensinar e aprender nesta coletividade? Como se organizam o tempo e o espaço escolar de que se dispõe (número e tempo de aulas, número e tipo de alunos por sala, disposição da sala, existência de biblioteca, laboratório, salas ambientes etc.)? Com que recursos tecnológicos é possível contar (retroprojektor, xerox, vídeo, computador, Internet etc.)? É possível contar com professores de outras disciplinas para atingir estas metas? Que obra / trechos de obras interessantes podem ser selecionadas para atingir estas metas, em face destas restrições? Como é possível complementar esta obra a partir de outros impressos e recursos?

Se por um lado Rojo nos aponta as condições/variáveis para trabalhar com MD, por outro temos que levar em consideração o contexto em que o processo de ensino e aprendizagem está posto, por exemplo. Delimitando o meu contexto de atuação, foi necessário pensar: no tempo (1 hora e 30 minutos) de aula semanal; no espaço (uma escola-fazenda distante 23 quilômetros da área urbana) ocupado por salas de aulas que, em geral, comportavam 20 alunos em média em cada um dos cursos; na biblioteca pouco atrativa no quesito incentivo à aprendizagem de LE, etc. Como docente responsável pela disciplina, esses foram fatores de relevância para que pudesse estabelecer critérios de como seriam propostas as aulas de LEM – Espanhol. E, ao pensar nas aulas, pensamos nos recursos, tais como LD, laboratórios, equipamentos de som, gibis, CD etc.

São esses critérios que contribuem para a formação cidadã de nossos alunos, lembra Rojo (2003, p. 42) que:

no mundo altamente semiotizado da globalização, saber situar os discursos a que somos expostos e recuperar sua situacionalidade social (quem escreveu, com que propósito e ideologia, onde foi publicado, quando, quem era o interlocutor projetado etc.) – e importantíssimo para fornecer artifícios para os alunos aprenderem, na prática escolar, a fazer escolhas éticas entre os discursos que circulam a sua volta. **Isso possibilita aprender a problematizar o discurso hegemônico da globalização e os significados antiéticos que, nele, desrespeitem a diferença, o pluralismo e a democracia** (grifo nosso).

Considerando os apontamentos de Rojo, é importante a ressalva de escolher um LD que seja coerente com o PPC, com estratégias adequadas para o ensino e aprendizagem, além de conteúdo ajustável às necessidades dos aprendizes, por exemplo. Assim, a seleção de um livro didático exige do docente que a escolha feita por ele torne a ferramenta de ensino um instrumento favorável para o processo de ensino e de aprendizagem. Para isso, é preciso que o professor lance mão de critérios de análise, considerando que a seleção da obra precisa ter fundamentos, justificativas, motivos e aspectos relevantes, tanto para ele como para seu aluno, seu público-alvo.

É necessário que o professor, ao adotar um LD de Espanhol, se debruce sobre aspectos como conteúdos, explicações, exemplos, exercícios, tarefas, apresentação das unidades, cores, valor, *layout* e formato do livro (DIAS, 2009), dentre outros aspectos que lhe pareçam importantes, para que tenha um material didático compatível ao contexto de atuação: aquele que atenda às necessidades e aos anseios docentes e discentes. Este LD deve conter atividades adequadas, inseridas – e possivelmente aplicáveis – ao contexto de ensino onde se encontram os envolvidos, permitindo ao condutor que se façam complementações e adaptações, à medida que sejam necessárias.

Rojo (2003, p. 35) aponta-nos que a escrita sempre foi um dos principais instrumentos de comunicação da escola porque essa sempre foi um espaço de circulação das "letras", ganhando, por isso, o *status* de espaço letrado.

Choppin (1992 *apud* ROJO, 2003, p. 35) distingue quatro grandes tipos de livros escolares, organizados de acordo com sua função no processo de ensino e aprendizagem: os manuais ou livros didáticos, conhecidos como "utilitários da sala de aula"; os livros paradidáticos ou para-escolares; os livros de referência, como dicionários, atlas e gramáticas; e as edições escolares de clássicos.

Tendo em vista que a proposição de escolha de LD pressupõe critérios para a adoção, o conceito de gênero textual, bem como a trabalho com boa parte dos gêneros textuais elencados e propostos pelo LD *Cercanía*, pareceu-nos importante dar crédito para esta parte da fundamentação teórica.

Ao trabalhar com os gêneros textuais, ressaltamos que o LD alinha-se à noção asseverada por Marcuschi (2004, p. 1): os gêneros textuais são fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social, assim se caracterizam porque são o produto de um trabalho coletivo. Neste sentido, os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia-a-dia, tendo em vista que são entidades sociodiscursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa (DIONÍSIO, 2005, p. 19).

Marcuschi (2004, p. 1) ainda aponta que

os gêneros não são instrumentos estanques e enrijecedores da ação criativa. Caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos. Surgem emparelhados a necessidades e atividades socioculturais, bem como na relação com inovações tecnológicas, o que é facilmente perceptível ao se considerar a quantidade de gêneros textuais hoje existentes em relação a sociedades anteriores à comunicação escrita.

Assim, a noção de gênero textual está posta: cumprem os gêneros uma função comunicativa dentro de um contexto, sendo exemplos a carta, a bula, a entrevista, o editorial, o postal, o artigo de opinião, etc.

Marcuschi (2004, p. 3) destaca a diferença entre o que é tipo textual e gênero textual. Vejamos:

Partimos do pressuposto básico de que é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum gênero, assim como é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum texto. Em outros termos, partimos da ideia de que a comunicação verbal só é possível por algum gênero textual. Essa posição, defendida por Bakhtin [1997] e também por Bronckart (1999) é adotada pela maioria dos autores que tratam a língua em seus aspectos discursivos e enunciativos, e não em suas peculiaridades formais. Esta visão segue uma noção de língua como atividade social, histórica e cognitiva. Privilegia a natureza funcional e interativa e não o aspecto formal e estrutural da língua. Afirma o caráter de indeterminação e ao mesmo tempo de atividade constitutiva da língua, o que equivale a dizer que a língua não é vista como um espelho da realidade, nem como um instrumento de representação dos fatos.

Dessa maneira, devemos entender que tipo textual tem variação finita e é apresentado sob formas. Assim, consideramos a narração, a injunção, a descrição e a exposição como tipologias textuais.

Para embasar o que defende, Marcuschi (2004, p. 4) lança mão de outros teóricos, tais como Douglas Biber (1988), John Swales (1990), Jean Michel Adam (1990), Jean Paul Bronckart (1999). Estes linguistas apontam que a expressão "tipo textual" serve

para designar uma espécie de construção teórica definida pela natureza linguística de sua composição {aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas}. Em geral, os tipos textuais abrangem cerca de meia dúzia de categorias conhecidas como: narração, argumentação, exposição, descrição, injunção.

Em outras palavras, significa dizer que nomeamos tipos textuais ao conjunto de frases organizadas em uma estrutura definida, a qual seja reconhecida por suas características hegemônicas, podendo variar entre cinco e nove tipos: a narração, a argumentação, a descrição, a injunção e a exposição. O raciocínio é simples: ao pensar numa narração, pensamos automaticamente em suas características linguísticas intrínsecas: o léxico, as relações lógicas, os tempos e os modos verbais, etc. Assim, essa tipologia textual pode ser uma ferramenta, dentre muitas, que possa estar presente num gênero textual, como o conto, a fábula, o apólogo, a biografia, etc. Marcuschi (2004, p. 5), afirma que a expressão "gênero textual" é usada

como uma noção propositalmente vaga para referir os textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sócio-comunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica. Se os tipos textuais são apenas meia dúzia, os gêneros são inúmeros. Alguns exemplos de gêneros textuais seriam: telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, reportagem jornalística, aula expositiva, reunião de condomínio, notícia jornalística, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio de restaurante, instruções de uso, outdoor, inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, conversa espontânea, conferência, carta eletrônica, bate-papo por computador, aulas virtuais e assim por diante.

Ratificamos, então, que há uma clara diferença entre tipo textual e gênero textual: o primeiro tem variação finita e é apresentado sob formas, sendo a narração, a injunção, a descrição e a exposição tipologias textuais. Já o gênero textual cumpre uma função comunicativa dentro de um contexto, sendo exemplos a entrevista, o debate, o atestado médico, o formulário de requisição de material, a resenha, etc. Tais conceitos são primordiais para que o aprendiz tenha autonomia nas possibilidades que têm para usá-los.

Destacando a importância do desenvolvimento de um cidadão crítico e atuante no contexto social no qual está inserido, sob a perspectiva sociointeracionista, Divardin (2010, p. 3) nos dá suporte para apontarmos o que entendemos por compreensão leitora. O ato de ler está presente na nossa vida cotidiana, a autora afirma que

Consultar um número na lista telefônica, ler um recado deixado por um amigo, uma receita que queiramos experimentar, um rótulo de produto para checarmos os ingredientes, um e-mail para nos comunicarmos com os amigos, um manual para operarmos um equipamento que acabamos de comprar, um jornal ou uma revista para nos atualizarmos, um romance para nos distrairmos, um memorando para executarmos tarefas no âmbito escolar ou profissional são exemplos de algumas práticas sociais nas quais a leitura está envolvida.

As práticas sociais destacadas por Divardin (2010, p. 3) apoiam-se nos gêneros textuais. Retomando a noção do ato de ler, a autora aponta-nos que tal prática tem propósitos pragmáticos diversos, por isso, alerta-nos que a leitura é, antes de mais nada, a interação que aplicamos às nossas ações sociais. Por exemplo, uma criança não precisa ser alfabetizada para ler um olhar repressor que lhe é dirigido a fim de que não faça a higiene das narinas em público. Assim, estamos, desde pequenos, acostumados a ler os gestos, os olhares, os objetos, as gravuras, as pinturas ou as esculturas, o tempo. Esses atos de leitura se contrapõem aos que comumente referimos da escrita alfabética.

Dessa maneira, tomamos aqui o conceito de Divardin (2010, p.4): a leitura se refere a quaisquer elementos passíveis de interpretação e atribuição de significado que podem ser (des)construídos. Sustenta a autora que o ato da leitura não é simplesmente transmissão de

informação, mas sim construção de significado, já que leitores com conhecimentos de mundo distintos podem atribuir significados diferentes ao mesmo texto.

2.1 Análise e Avaliação de LD: processos essenciais

Neste espaço, procuramos nos deter em dois conceitos essenciais que convergem para a consolidação deste trabalho: o que se entende por análise de LD e o que se entende por avaliação de LD.

Tomlinson (2003 *apud* SOUZA-LUZ, 2015, p. 50) afirma que a avaliação de materiais didáticos diferencia-se de sua análise no que tange aos seus objetivos e procedimentos.

No que diz respeito à análise, Souza-Luz (2015, p. 51) sustenta que se tem como foco os critérios que um material contempla ou deixa de contemplar, e deve ser objetiva a respeito do que ele se propõe a atingir e daquilo que efetivamente faz. A pesquisadora acredita que a análise constitui-se, então, em uma ação mais descritiva, e está aberta a uma avaliação. É nessa perspectiva que nos pautamos para descrever o processo de avaliação, seleção e adoção da coleção *Cercanía Joven* realizada no IFMS – Campus Nova Andradina.

Segundo Tomlinson (2003 *apud* SOUZA-LUZ, 2015, p. 50), uma avaliação pode incluir uma análise. No entanto, é necessário que tal análise tenha como foco os usuários desse material, afim de que se possa fazer um julgamento de seus efeitos sobre esse usuário. Em outras palavras, assegura a autora, independentemente do rigor dos critérios selecionados, uma avaliação é ainda subjetiva, pois implica em um julgamento de valor.

Nesse sentido, constata-se o quão importante é o estabelecimento de critérios, ainda que rigorosos, que garantam confiabilidade no alcance dos objetivos propostos.

Conforme Tomlinson (2003 *apud* SOUZA-LUZ, 2015, p. 50-51), estabelece, ainda, os tipos de avaliação que podem ser desenvolvidas:

a) Avaliação pré-utilização. Envolve as previsões a respeito dos efeitos de um material, podendo ser direcionada a um contexto genérico ou específico. Nesse momento, o avaliador (que pode ser o professor) folheia o material a fim de obter suas primeiras impressões. Tomlinson (2003) ressalta que a determinação de critérios pode reduzir conclusões pautadas apenas na subjetividade do avaliador.

b) Avaliação durante a utilização. Corresponde à medição do valor do material ao ser utilizado em determinado contexto. Entretanto, restringe-se àquilo que pode ser observado (clareza das instruções e do layout; compreensibilidade dos textos; credibilidade e exequibilidade das tarefas; potencial para localização; praticabilidade, ensinabilidade, impacto, flexibilidade, atrativos e poder de motivação dos materiais; efetividade em facilitar a aprendizagem a curto prazo). Entretanto, não é capaz de determinar “o que ocorre no cérebro do aprendiz” (TOMLINSON, 2003, p.24).

c) Avaliação pós-utilização. Essa etapa é considerada por Tomlinson (2003) como o tipo de avaliação mais valiosa, pois pode “medir os efeitos reais dos materiais em seus usuários [...] e proporcionar os dados necessários para uma tomada de decisão mais confiável no que confere ao uso, adaptação e reposição dos materiais” (TOMLINSON, 2003, p. 25). Esse formato de avaliação é, de acordo com o pesquisador, o menos utilizado, devido ao tempo necessário para o desenvolvimento desse processo. Entretanto, ele ressalta que as editoras e ministérios do governo dispõem desse tempo e poderiam auxiliar professores a planejar, administrar e analisar instrumentos que meçam os efeitos pós-utilização.

As pesquisas que investigam critérios de seleção de LD são muitas na literatura, haja vista o que já foi referenciado por Souza-Luz (2015, p. 60): Cunningswoth (1995), Littlejohn (1998), Tomlinson (2003), Ellis (2003), Ur (1991), Tomlinson (1998, 2003), Richards (2001, 2005), Dias (2009), Ramos (2009), Cristovão (2009), Furtoso (2009) são os exemplos de pesquisa que se destinaram à investigação de critérios para a seleção de LD.

Os autores citados anteriormente nos deram suporte para que procedêssemos à análise, à disposição de critérios, à postura sob avaliação dos volumes da obra *Cercanía Joven*, composta de três livros consumíveis. Sob este aspecto, queremos dar realce ao fato de que fatores como preço, disponibilidade no mercado, *marketing*, entre outros, embora possam exercer grande influência na escolha de adoção de um LD, não foram elementos de relevância que nos fizessem abrir mão de critérios pedagógicos, como as temáticas e os conteúdos abordados por exemplo. Isso se deu porque a escola em questão é da rede federal de ensino, instituição que tem subsídios garantidos pelo Governo Federal por meio do PNLD.

Assim, preço e disponibilidade no mercado, por exemplo, não são elementos relevantes a ponto de nos fazer preterir uma ou outra obra. Nesse sentido, o PNLD é uma realidade positiva para a educação brasileira, pois garante o acesso aos LD assim como seu uso.

3 METODOLOGIA

Este trabalho, de cunho qualitativo, consiste no estudo descritivo do propósito de adoção, bem como da complementação com atividades, da coleção didática *Cercanía Joven – Español: ensino médio*. Tanto a adoção como a complementação foram realizadas pela equipe de docentes de Língua Estrangeira do IFMS – *Campus Nova Andradina* – composta por dois professores, sendo um de Inglês e um de Espanhol – resguardando a característica dos Cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio e a especificidade de ambas as línguas.

Por ter caráter qualitativo, calcamo-nos no que sustenta Bortoni-Ricardo (2008). A autora afirma que a investigação científica, inserida no campo da pesquisa social, pode ser construída de acordo com um paradigma qualitativo, que provém da tradição epistemológica conhecida como interpretativismo (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 10).

Assim, fica claro que a pesquisa qualitativa para subsidiar este trabalho é bastante apropriada, pois caracteriza-se, neste trabalho, como uma ferramenta que determina o que consideramos importante para a escolha do LD no contexto do EM. Justifica-se, por isso, o embasamento que tem nosso trabalho, pois este apóia-se nos postulados de teóricos da Linguística Aplicada, como Vilaça (2009 e 2010), Rojo (2003, 2005), Dias (2009), Dias e Cristóvão (2009), Silva (2010), Marchuschi (2002), Souza-Luz (2015).

Consideramos que a natureza deste trabalho possa nos ajudar a identificar questões e entender por que elas foram e são importantes na adoção de LD, portanto não programamos a coleta de dados quantificáveis, tendo em vista que os dados aqui apresentados consistem numa descrição detalhada do processo de escolha de um LD para alunos (em geral, adolescentes) de uma escola da rede federal, a qual oferece CTI-EM, em específico os cursos de Agropecuária e de Informática.

Antes, oportunamente gostaríamos de elucidar o que são os Institutos Federais: essas instituições compõem a estrutura da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, a qual está composta de Institutos Federais, Universidade Tecnológica (UTFPR), os Centros Federais de Educação Tecnológica (CEFET) e as Escolas Técnicas vinculadas às Universidades Federais. Assim, o IFMS consolida a rede.

No tocante à oferta de CTI-EM, na modalidade presencial, os *campi* do IFMS oferecem os cursos de Agricultura, Alimentos, Edificações, Eletrotécnica, Fruticultura, Mecânica, Metalurgia, Agropecuária e Informática, sendo estes dois últimos foco de nosso estudo. Ressalvamos aqui que, embora todos os cursos tenham suas especificidades, as disciplinas da base nacional comum mantêm-se com os mesmos conteúdos bem como com a

mesma carga horária. Neste caso, a disciplina de Língua Estrangeira Moderna – Espanhol tem 160 horas distribuídas em quatro semestres, cada qual com 20 semanas. O IFMS – *Campus Nova Andradina* oferece dois Cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio: Agropecuária, vinculado ao eixo tecnológico de Recursos Naturais, e Informática, agregado ao eixo Tecnologia e Informação.

Salientamos que o ingresso nestes Cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio está previsto por meio de prova de seleção dos candidatos que tenham concluído o nono ano do Ensino Fundamental. A faixa etária dos ingressantes, portanto, costuma ser entre os 14 e os 16 anos, embora seja possível encontrar alunos de quaisquer idades⁹.

O curso Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio¹⁰ tem como objetivo formar profissionais técnicos capazes de planejar, executar, acompanhar e fiscalizar todas as fases dos projetos agropecuários.

Já o curso Técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio¹¹ tem como objetivo capacitar profissionais que desenvolvam programas de computador, seguindo as especificações e paradigmas da lógica de programação e das linguagens de programação.

Nosso *corpus* é a coleção didática *Cercanía Joven – Espanhol: ensino médio* – volumes um, dois e três. Escrita por Ludmila Coimbra, Luiza Santana Chaves e Pedro Luis Barcia, a referida coleção teve sua primeira edição publicada em 2013 pela editorial “Edições SM”. Antes de tratar do referido LD, sentimos a necessidade de justificar o contexto à época anterior à adoção do *Cercanía*.

Em 2011, o LD *Enlaces* (OSMAN, 2012) foi escolhido dentre os que constavam no PNLD 2012 para ser usado de 2012 a 2014. Desconhecemos a razão de que não foram os professores da área consultados para proceder à avaliação e escolha. Embora o LD *Enlaces* propusesse o respeito à valorização da diversidade cultural e social por meio de propostas que enfocam relações interculturais entre o Brasil e as regiões hispano-falantes (BRASIL, 2014, p. 31), acreditamos que a proposta trazida pelo *Cercanía* atende-nos – professor e alunos do IFMS – quanto ao desenvolvimento da criticidade (pensamento crítico), valorizando o comportamento ético.

Na nossa opinião, o LD *Enlaces* destaca o reconhecimento dos direitos humanos, estimulando a prática do respeito ao outro, fundamentais para a formação cidadã do estudante do ensino médio, justificativa que se apoia nos PCN: torna-se fundamental conferir ao ensino

⁹ As informações que constam nesta seção encontram-se nas páginas virtuais oficiais do MEC e do IFMS: www.mec.gov.br e www.ifms.edu.br

¹⁰ A título de curiosidade, o PPC do referido documento pode ser consultado no anexo 5.

¹¹ A título de curiosidade, o PPC do referido documento pode ser consultado no anexo 6.

escolar de Línguas Estrangeiras Modernas um caráter que contribua para a sua formação geral enquanto cidadão. (BRASIL, 2000b, p. 26).

Escolhemos a coleção *Cercanía* após nos serem apresentadas as resenhas críticas de ambas as obras publicadas no Guia do PNLD (BRASIL, 2014), após um discurso de orientação proferido pela equipe pedagógica do IFMS – *Campus Nova Andradina*, bem como por meio do contato *in loco*, em novembro de 2014, com as respectivas coleções, as quais nos foram dadas em mãos para que pudéssemos escolher aquela que melhor se alinhava às crenças, aos valores e aos critérios de cada docente.

Os volumes são compostos por três unidades. Em cada uma delas, há dois capítulos. “*¡Para empezar!*” é responsável por introduzir cada uma das unidades. Os capítulos alternam a leitura, a produção escrita, a compreensão oral e a expressão oral. Segundo a resenha produzida pelo PNLD (BRASIL, 2014, p. 25) sobre a coleção,

Ao término de cada unidade, incluem-se, ainda, as seções “Culturas en diálogo: nuestra cercanía”, sobre aspectos culturais do mundo hispano-falante, “¿Lo sé todo?”, com propostas de autoavaliação, “Para ampliar: ver, leer, escuchar y navegar”, com sugestões de materiais extras, **“Profesiones en acción”, que tematiza o mundo do trabalho** [...]. (grifo nosso)

Tal como nos apresentam os autores da coleção no Manual do Professor (Anexo 7), e com a finalidade de sermos didáticos, descrevemos a estrutura do LD em seções atreladas à compreensão leitora, recorte que se fez necessário para este trabalho.

A primeira seção, nomeada no LD como *Inicio de la unidad*, pode ser dividida em 4 subseções: (a) *En esta unidad*, (b) *Transversalidad*, (c) *Interdisciplinarietà* e (d) *Para empezar*.

A subseção (a) *En esta unidad* apresenta aos alunos um resumo do conteúdo estudado na unidade. A subseção (b) *Transversalidad* trata da temática transversal (saúde, igualdade de gêneros, drogas, etc) proposta pela unidade. A subseção (c) *Interdisciplinarietà* esclarece quais disciplinas estão atreladas para o desenvolvimento do conhecimento que se propõe. Por fim, a subseção (d) *Para empezar* apresenta o tema da unidade por meio de propostas que incitem a observação e a leitura de múltiplos tipos de textos: mapa, fotografias, pintura, cena de filme etc.

A segunda seção diz respeito às quatro habilidades linguísticas: leitura, escrita, fala e audição. As unidades da coleção didática estão compostas cada uma com dois capítulos, os quais contam com duas habilidades. A habilidade leitora, especificamente o recorte necessário

para este trabalho, está organizada em três etapas: antes, durante e depois: (a) *Almacen de ideas, Red (con)textual e Tejiendo la comprensión*.

A terceira seção, que trata do componente linguístico presente nas quatro habilidades linguísticas, está dividida em duas subseções: (a) *Gramática en Uso* e (b) *Vocabulario en Contexto*. Segundo o que propõem os autores, em *Gramática en Uso* são trabalhados os conhecimentos linguísticos a partir do uso nos textos, sejam as propostas baseadas na oralidade ou na escrita. Objetiva-se, segundo os idealizadores, uma reflexão linguística que se sobreponha a simples transmissão de regras gramaticais, embora não abram mão de ensinar a forma dos conteúdos linguísticos. A subseção *Gramática en uso* busca também ampliar o que foi estudado nas unidades anteriores.

No que concerne à subseção *Vocabulario en contexto*, a proposta, segundo os autores da coleção didática, é estudar o vocabulário a partir do contexto textual, ampliando-o tematicamente. Quer-se trabalhar recursos semânticos – sinonímia, antonímia, expressões idiomáticas e inferência de vocabulário. Além disso, tenta-se propor um trabalho com os conhecimentos lexicais a partir do contexto de uso nos textos orais, escritos e visuais.

A quarta seção, nomeada pelos autores como *Cuadros de Apoyo*, está subdividida cinco subseções: (a) *Vocabulario de Apoyo*, (b) *Español Alrededor del Mundo*, (c) *A Quien lo Sepa*, (d) *¡Ojo!* e (e) *Condiciones de Producción*.

A subseção *Vocabulario de Apoyo* busca auxiliar as habilidades leitora e auditiva, em razão de que é possível obter o significado de determinadas palavras usadas nos mais diversos textos a fim de ajudar o aprendiz na compreensão.

A quinta seção – *Profesiones en acción* – aborda especificamente o tema das profissões, o mundo laboral, apresentando, assim, algumas profissões que se relacionam com o que foi discutido/abordado na unidade.

A sexta seção – *La lectura en las selectividades* – estrutura-se sobre as provas de compreensão textual em Língua Espanhola para o acesso aos cursos de graduação brasileiros, como o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM).

A sétima seção, nominada *Proyecto*, apresenta propostas de leituras de textos literários de autores do mundo hispânico, sejam eles clássicos ou contemporâneos. Ao final desta seção, os alunos são incentivados a produzir textos em diversos gêneros, como folhetos turísticos, saraus, odas, antologias, etc.

A oitava seção, de nome *Chuleta lingüística: ¡no te van a pillar!* está posta para a exposição de conteúdos gramaticais com regras de forma e uso, deixando evidente que há atividades estruturais para que o aprendiz pratique a gramática normativa aprendida.

Definimos como pontos relevantes: os aspectos textuais, didáticos e metodológicos bem como a abordagem proposta pela coleção. Os volumes da coleção apresentam, em média, 160 páginas, nas quais estão distribuídos seis capítulos integrantes de três unidades. A apresentação das unidades assim como a apresentação dos capítulos é regular no quesito padronização. Como se aponta na análise promovida pelo PNLD (BRASIL, 2014), os temas presentes na obra são compatíveis com a faixa etária do ensino médio e são socialmente relevantes (BRASIL, 2014, p. 26).

Temos no LD relevantes aspectos textuais, por exemplo, a relação da imagem, texto imagético, com o texto verbal (*Cercanía* volume 2 – unidade 3, capítulo 5, p. 114 com 116) (Anexo 2); outro exemplo se dá pela intertextualidade que há entre as páginas 116 e 124 do mesmo volume (Anexo 2). A relação da imagem com o texto verbal está bastante clara nas páginas 112 e 113 do volume 3 (Anexo 4), assim como a intertextualidade presente entre a crônica da página 116 com os folhetos da página 128 (Anexo 4).

Os aspectos didáticos são claros e objetivos no que propõe a coleção. Assim, tanto no início de cada capítulo como na seção “*Proyecto*”, percebe-se claramente a intenção de primeiro sensibilizar o aluno para que ele possa ser incentivado a participar ativamente sobre o que se propõe. Ao tratar sobre a sexualidade (volume 3, p. 112-113), por exemplo, o aprendiz é convidado a refletir sobre sua autoestima, sobre o que entende sobre respeito e sexualidade, levando a uma discussão importante e atual na sociedade: a questão dos gêneros, tema de relevância para a saúde pública e para a educação.

A fim de que se favoreça um contexto didático que permita o acesso a habilidades linguísticas e aos contextos propostos no LD para o desenvolvimento da autonomia e da criticidade, a coleção, em geral, está estruturada na escolha de assuntos relevantes para faixa-etária: o capítulo 3 do volume 2 (COIMBRA; CHAVES; BARCIA, 2013, p. 64) é um dos exemplos. O LD *Cercanía* utiliza grande variedade de gêneros discursivos presentes nos mais diversos contextos. No volume 1, capítulo 1, página 10 há um mapa; já na página 20 há um postal; na página 28 há um registro geral; na página 36 há uma ficha de solicitação de residência; e na página 65 há uma entrevista. Assim, propõe o ensino da LE articulada a outros saberes, propondo assim a interdisciplinaridade e a transversalidade.

Para adoção do LD *Cercanía*, e equipe de Língua Estrangeira Moderna – Espanhol pensou na maneira como esse idioma deveria configurar-se nos cursos técnicos. Assim, levou-se em conta o perfil profissional desejado para os futuros concluintes dos cursos técnicos integrados ao ensino médio, a saber:

(1) atuar em suas respectivas áreas; (2) apresentar uma visão ampla e de conjunto das atividades que os cursos técnicos e áreas adjacentes, atuando cooperativamente e atendendo às novas tendências de comunicação do mercado, regido pela globalização; (3) interagir na sociedade do conhecimento com base nas informações armazenadas em benefício de novos negócios e organizações; (4) desenvolver censo crítico para trabalhar na busca da eficácia; (5) interagir com a comunidade, trabalhar com ela, mostrando-lhe resultados e caminhos já percorridos pelo conhecimento; (6) estar envolvido em questões ou propostas que utilizem programas interdisciplinares nas suas soluções (SILVA JÚNIOR, 2008, p. 4).

Para analisar a coleção didática *Cercanía Joven – Espanhol: ensino médio*, embasamos nossa discussão nos documentos oficiais que regem a Educação Básica (EB) no Brasil e no que se pautam os estudiosos da LA para a seleção, a adoção e a adaptação de MD. Discorreremos na seção seguinte (quadro 2) sobre o que sinalizam os Parâmetros Curriculares Nacionais, no tocante ao ensino de Linguagens, Códigos e Suas Tecnologias, sobretudo o que versa a respeito dos conhecimentos de Língua Estrangeira.

Também tomaremos como pressuposto teórico as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica, doravante DCNEB, em evidência na próxima seção (quadro 2). Posteriormente, discorreremos sobre as Orientações Curriculares para o Ensino Médio (OCNEM) (quadro 2) e, em seguida, trataremos do que propõem os Projetos Pedagógico (PPC) de CTI-EM-IFMS (quadro 2).

A sanção da lei 9394 – Lei de Diretrizes e Bases (LDB) –, em dezembro de 1996, estabeleceu os fundamentos basilares da Educação Nacional, satisfazendo ao mandato constitucional do inciso XXIV do artigo 22 da Constituição Federal. A LDB deu o lugar e o vislumbre merecido à Educação Profissional e Tecnológica (EPT), no que diz respeito aos níveis e às modalidades de educação e ensino, convergindo a EPT aos direitos fundamentais do cidadão: o direito à educação e o direito ao trabalho, direitos esses consagrados no art. 227 da Constituição Federal (BRASIL, 1988), a qual faz referência ao direito à profissionalização (BRASIL, 2013, p. 203).

De acordo com o que pautam as DCNEB, no tocante à EPT, definiram-se normas gerais para os cursos e programas destinados à formação inicial e continuada ou qualificação profissional de trabalhadores. Também se estabeleceram normas gerais para os cursos e programas de especialização técnica, nas modalidades subsequente ou concomitante ao Ensino Médio, com a finalidade de propiciar aos trabalhadores o contínuo e articulado desenvolvimento profissional. Dessa forma, é possível o aproveitamento de estudos realizados no âmbito dos cursos técnicos (subsequente e/ou concomitante) organizados segundo a lógica dos itinerários formativos.

4 DOCUMENTOS OFICIAIS DA EDUCAÇÃO BÁSICA NO BRASIL

A constante evolução da tecnologia e as lutas sociais permeiam, entre outros fatos, as modificações das relações no mundo do trabalho. Dado o contexto atual, talvez seja possível afirmar que não se admite mais a existência de trabalhadores que desempenhem apenas tarefas mecânicas. É fundamental que se perceba que o uso das tecnologias de comunicação e de informação transformou nas últimas décadas o trabalho em algo menos mecânico, como destacam as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCNEB) (BRASIL, p. 2013, p. 207). Antes, já se conviveu com trabalhos feitos em rede ou ainda aqueles feitos em casa; conviveu-se com atividades laborais sem carteira assinada; convive-se com o trabalho no mundo virtual, à medida que se valorizam profissões que não geram produtos industriais, tais como artes, saúde, comunicação, educação e lazer.

É interessante, de acordo com o que acreditamos, que o mundo laboral convirja na direção de relações trabalhistas mais justas. Para isso, é necessária uma maior participação dos empregados nos destinos e nos processos de trabalho. Não é de se estranhar, por isso, que haja a necessidade de que o proletariado tenha conhecimento da tecnologia, da ciência e dos processos necessários em sua produção. Dessa forma se justificam escolas especializadas na e para a formação profissional.

O Parecer nº 5/2011 do Conselho Nacional de Educação (CNE) e da Câmara de Educação Básica (CBE) caracteriza a Educação Profissional Técnica de Nível Médio da seguinte forma:

A identidade do Ensino Médio se define na superação do dualismo entre propedêutico e profissional. Importa que se configure um modelo que ganhe uma identidade unitária para esta etapa e que assuma formas diversas e contextualizadas da realidade brasileira. No referente à profissionalização, **a LDB, modificada pela Lei nº 11.741/2008, prevê formas de articulação entre o Ensino Médio e a Educação Profissional: a articulada (integrada ou concomitante) e a subsequente**, atribuindo a decisão de adoção às redes e instituições escolares. **A profissionalização nesta etapa da Educação Básica é uma das formas possíveis de diversificação, que atende a contingência de milhares de jovens que têm o acesso ao trabalho como uma perspectiva mais imediata.** Parte desses jovens, por interesse ou vocação, almejam a profissionalização neste nível, seja para exercício profissional, seja para conexão vertical em estudos posteriores de nível superior. Outra parte, no entanto, necessita para prematuramente buscar um emprego ou atuar em diferentes formas de atividades econômicas que gerem subsistência. Esta profissionalização no Ensino Médio responde a uma condição social e histórica em que os jovens trabalhadores precisam obter uma profissão qualificada já no nível médio. Entretanto, se a preparação profissional no Ensino Médio é uma imposição da realidade destes jovens, representando importante alternativa de organização, não pode se constituir em modelo hegemônico ou única vertente para o Ensino Médio, pois ela é uma opção para os que, por uma ou outra razão, a desejarem ou necessitarem. O Ensino Médio tem compromissos com todos os jovens. Por isso, é

preciso que a escola pública construa propostas pedagógicas sobre uma base unitária necessariamente para todos, mas que possibilite situações de aprendizagem variadas e significativas, com ou sem profissionalização com ele diretamente articulada. (BRASIL, 2012, grifo nosso).

Tomando o trecho destacado anteriormente, é importante salientar que, segundo o que pautam as DCNEB (2013), a nova realidade do mundo do trabalho exige da educação profissional que se ofereça ao trabalhador o desenvolvimento de saberes e competências profissionais complexas, que, segundo as próprias DCNEB, incluem capacidade para

(1) proceder a contínuas análises e sínteses, (2) estabelecer relações, (3) decidir sabendo julgar e avaliar situações-problema, (4) criar soluções inovadoras, (5) observar e interpretar, (6) dar respostas rápidas a novos desafios profissionais e pessoais, (7) desenvolver comunicação clara e precisa, (8) interpretar e utilizar diferentes formas de linguagem e comunicação, (9) trabalhar em grupo de forma cooperativa, (10) gerenciar processos para atingir metas, (11) corrigir fazeres e trabalhar com prioridades, (12) correr riscos e antecipar escolhas, (13) lidar com diferenças e monitorar desempenhos, (14) correr riscos e enfrentar desafios de permanentes mudanças, (15) resistir a pressões e inovar, (16) aliar a utilização do raciocínio lógico à intuição criadora, (17) conviver com o incerto e o inusitado, e (18) aprimorar sua capacidade de continuar aprendendo de forma permanente e contínua. (BRASIL, 2013).

Essa enumeração de competências profissionais complexas dá a dimensão de um objetivo audaz: a convergência de muitos aspectos necessários à formação técnica e cidadã do aprendiz.

De forma resumida, sugerimos o quadro a seguir para esclarecer o que orientam os documentos citados até aqui. Vejamos:

Quadro 2 – Documentos Oficiais e Suas Orientações

DOCUMENTOS	Os currículos devem proporcionar:
PCN	<ul style="list-style-type: none"> ✓ A aproximação de várias culturas; ✓ A integração num mundo globalizado; ✓ A capacitação do aluno a entender, falar, ler e escrever; ✓ A capacitação de compreensão e produção de enunciados corretos no novo idioma; ✓ A possibilidade de atingir um nível de competência lingüística que permita o acesso a informações de todos os tipos; ✓ A incorporação das necessidades que têm àqueles conhecimentos que serão exigidos no mundo do trabalho (BRASIL, 2000, p. 25-27).
DCNEB	<ul style="list-style-type: none"> ✓ O diálogo com diversos campos do trabalho, da ciência, da tecnologia e da cultura como referências fundamentais de sua formação; ✓ Os elementos para compreender e discutir as relações sociais de produção e de trabalho, bem como as especificidades históricas nas sociedades contemporâneas; ✓ Os recursos para exercer sua profissão com competência, idoneidade intelectual e tecnológica, autonomia e responsabilidade, orientados por princípios éticos, estéticos e políticos, bem como compromissos com a construção de uma sociedade democrática; domínio intelectual das tecnologias pertinentes ao eixo tecnológico do curso, de modo a permitir progressivo desenvolvimento profissional e capacidade de construir novos conhecimentos e desenvolver novas competências com autonomia intelectual; ✓ instrumentais de cada habilitação, por meio da vivência de diferentes situações práticas de estudo e trabalho (BRASIL, 2013, p. 231).
OCNEM	<ul style="list-style-type: none"> ✓ O aprimoramento do educando como ser humano, sua formação ética, desenvolvimento de sua autonomia intelectual e de seu pensamento crítico, sua preparação para o mundo do trabalho e o desenvolvimento de competências para continuar seu aprendizado; ✓ O desenvolvimento da competência (inter)pluricultural; ✓ O desenvolvimento da competência comunicativa; ✓ O desenvolvimento da compreensão oral; ✓ O desenvolvimento da produção oral; ✓ O desenvolvimento da compreensão leitora; ✓ O desenvolvimento da produção escrita. (BRASIL, 2006, p. 151-152).
PPC Agropecuária	<ul style="list-style-type: none"> ✓ A formação de profissionais capazes de participar de forma responsável, ativa, crítica e criativa na solução de problemas na área da agricultura, da pecuária e da agroindústria; ✓ A habilidades e competência de continuar aprendendo e adaptando-se com flexibilidade às diferentes condições do mundo do trabalho; ✓ A formação de um profissional crítico, criativo e autônomo do processo de aprendizagem, historicamente situado em seu contexto e capaz de articular com as demais áreas do conhecimento; ✓ A formação de profissionais na área técnica e científica da agropecuária, que o capacite a atuar nos níveis de planejamento, execução, acompanhamento e fiscalização de todas as fases dos projetos agropecuários; ✓ A formação para administrar propriedades rurais; elaborar, aplicar e monitorar programas preventivos de sanitização na

	<p>produção animal, vegetal e agroindustrial;</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ A formação para fiscalizar produtos de origem vegetal, animal e agroindustrial; realizar medição, demarcação e levantamentos topográficos rurais e atuar em programas de assistência técnica, extensão rural e pesquisa; ✓ A formação para atuar no mundo do trabalho globalizado, empreendedor, que seja possuidor de um pensamento sistêmico, mais aberto, criativo, e intuitivo, capaz de adaptar-se às rápidas mudanças sociais e tecnológicas (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso do Sul, 2010b, Anexo 5).
PPC Informática	<ul style="list-style-type: none"> ✓ A formação de profissionais capazes de exercer atividades de forma responsável, ativa, crítica e criativa na solução de problemas na área da computação e tecnologia da 14 informação; ✓ A formação de profissionais capazes de continuar a aprender e adaptar-se às diferentes condições do mundo do trabalho; ✓ A formação de um profissional crítico, criativo e autônomo do processo de aprendizagem, historicamente situado em seu contexto e capaz de articular com as demais áreas do conhecimento; ✓ O desenvolvimento de aplicativos em linguagens procedurais e orientadas a objeto; ✓ A projeção de sistemas de software utilizando ferramentas de apoio; ✓ O desenvolvimento de aplicações dinâmicas para ambiente Web; ✓ O conhecimento necessário para instalar, configurar e administrar sistemas operacionais; ✓ O conhecimento necessário para instalar, configurar e administrar equipamentos de redes; ✓ O conhecimento necessário para instalar, configurar e administrar serviços de rede; ✓ O desenvolvimento de serviços Web e de suporte para comércio eletrônico; ✓ O conhecimento necessário para utilizar recursos de segurança para a proteção e monitoramento de recursos de rede; ✓ O conhecimento necessário para criar e gerenciar um empreendimento (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso do Sul, 2010a, Anexo 6).

Fontes: BRASIL (1998); BRASIL (2006); BRASIL (2012); Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso do Sul (2010a, 2010b).

5 ANÁLISE DE 3 CAPÍTULOS DO LD *CERCANÍA JOVEN*

Para análise da Coleção *Cercanía Joven*, apropriamo-nos, neste trabalho, dos referenciais que justificam a adoção e os critérios estipulados por Dias (2009). As fichas de avaliação propositivas (Anexo 8), as quais foram nossos guias, ajudaram-nos a escolher a coleção sobre a qual debruçamos nossos olhares. Passaremos, a seguir, a justificar a adoção da coleção.

5.1 BALIZAMENTO DOS CRITÉRIOS: JUSTIFICANDO A ADOÇÃO

Baseando-nos no que os autores da coleção expuseram sobre a obra (Manual do Professor), no que propõe Dias (2009) em relação aos critérios de avaliação e na adoção da coleção *Cercanía* (quadros 3 a 8), o texto que segue busca esclarecer quais critérios foram relevantes para que a adotássemos no IFMS – *Campus Nova Andradina*.

Antes, porém, contextualizamos o seguinte: as disciplinas Língua Estrangeira Moderna – Espanhol I, II, III e IV no IFMS têm carga horária de 40 horas semestrais cada uma, divididas em 20 semanas, sendo 90 minutos o tempo total por semana de aula presencial.

Em função do que expusemos acima, precisamos esclarecer que nossos olhos se voltaram especialmente para as atividades de compreensão leitora em razão de um motivo limitador: uma hora e meia semanal é tempo insuficiente para que possamos trabalhar as quatro habilidades linguísticas: ler, escrever, falar e ouvir. Estas últimas três habilidades sempre tiveram seus espaços garantidos nas aulas de LEM – Espanhol do IFMS *Campus Nova Andradina*, por isso, garantimos que as aulas de Espanhol não se limitavam à leitura de textos apenas. Não podemos negar, porém, que a leitura e a escrita tinham mais espaço que as outras habilidades em função do tempo, do número de alunos etc. Por este motivo, e também por dispormos de espaço restrito no presente trabalho, justificamos o recorte de análise dos critérios de avaliação do LD para as fichas 1 e 2 propostas por Dias (2009).

O recorte procedido à ficha 2 justifica-se por acreditarmos que a compreensão leitora reúne possibilidades maiores de se trabalhar com a LE: não acreditamos que se possa aprender uma língua somente por seu léxico, haja vista que as palavras e expressões precisam relacionar-se entre si para que se constituam em frases. Também não acreditamos que se aprenda uma LE por meio da expressão escrita sem ao menos saber ler, por exemplo. Assim, a

compreensão leitora parece possibilitar muito mais variedades na proposição de comunicação que as demais habilidades.

O Instrumento de Avaliação – Livro Didático (LD) de Língua Estrangeira (LE), proposto por Dias (2009), apresenta seis fichas de avaliação (anexo 8): a ficha 1 compreende os aspectos gerais da obra; a ficha 2, a compreensão escrita; a ficha 3, a produção escrita; a ficha 4, a compreensão oral; a ficha 5, a produção oral; a ficha 6, o manual do professor.

No que diz respeito aos Aspectos Gerais da coleção, em específico aos Princípios Norteadores, destacamos os preceitos elencados por Dias.

Ficha 1 – Aspectos Gerais da Coleção

1. A visão de linguagem adotada leva em conta as práticas sociais de uso por meio da LE.
2. Os quatro conteúdos básicos são explorados em situações contextualizadas de uso da LE tanto nas práticas orais quanto nas escritas.
3. Os quatro conteúdos básicos fazem uso de textos autênticos tanto nas práticas orais quanto nas escritas por meio da LE.
4. Há preocupação em fazer uso de uma gramática contextualizada em relação aos vários gêneros textuais, ou seja, a gramática é relacionada a situações de uso.
5. Os assuntos explorados são adequados ao público alvo.
6. O assunto de cada uma das unidades permite o trabalho interdisciplinar, com fins ao desenvolvimento de valores éticos e de cidadania.

Fonte: Dias (2009)

Passemos à análise dos critérios expostos no quadro anterior.

No que diz respeito ao primeiro critério, quanto à visão de linguagem adotada a perspectiva de linguagem legitimada pelos autores de *Cercanía* parece evidenciar-se por meio da abordagem sociointeracionista, a qual concebe a aprendizagem como um fenômeno que se dá na interação com o outro.

Gonçalves (2004, p. 2) esclarece que

A interação tende a provocar mudanças tanto no sujeito quanto no destinatário, porque agimos sobre os outros e os outros sobre nós. A língua não se separa do indivíduo. Aprender-la significa, a nosso ver, criar situações sociais idênticas às que vivenciamos no cotidiano. Em outros termos, o ato interlocutivo não deve se isolar das atividades cotidianas, visto que a linguagem não está dissociada de nossas ações e, portanto, aprender uma língua significa participar de situações concretas de comunicação.

Assim, a aprendizagem se concretiza por meio da internalização. Vigotsky (1998 *apud* OLIVEIRA, 2004, p. 1) nos aponta que a aprendizagem compreende muitos processos

internos de desenvolvimento mental, os quais ganham dimensão somente quando o sujeito interage com objetos e sujeitos em cooperação. Quando internalizados, esses processos tornam-se parte das aquisições do desenvolvimento.

Segundo Becker (2001, p. 24), Vigotsky apoia-se nos estudos de Piaget para afirmar que o conhecimento é construído por meio de interações sociais: o teórico sociointeracionista entende que o aluno tem uma história de conhecimento já percorrida.

Os segundo e o terceiro critérios, os quais caracterizam, na ficha 1, as práticas orais e escritas (leitura, escrita, fala e audição), dizem respeito à contextualização e à autenticidade dos textos. No que diz respeito aos capítulos da coleção *Cercanía*, pode-se dizer que as práticas orais e escritas estão calcadas em textos autênticos e também são contextualizados. Neste sentido, cabe aqui destacar o trabalho com os gêneros textuais, tendo em vista a variedade com que aparecem na coleção. Acreditamos que trabalhar com uma variedade de gêneros e tipos textuais é importante, pois possibilita aos aprendizes que se tenha contato com múltiplas formas de escrita, da mesma forma evidenciando sua circulação em muitos contextos sociais. O aluno, no dia a dia, está imerso numa dinamicidade que o exige ser protagonista do discurso frente a seu interlocutor (SILVA, 2007, p. 76).

No que tange ao 4º critério da ficha 1 – uso da gramática contextualizada e atrelada aos vários gêneros textuais (a gramática relacionada às situações de uso) – constatamos que, sim, a gramática é contextualizada nos gêneros textuais que são expostos, o que pode ser comprovado no volume 2 (unidade 3, capítulo 5, p. 119-121). Os autores da coleção destacam, no Manual do Professor, que a gramática não pode ocupar um lugar de destaque na proposta que apresentam (volume 1, p. 220).

Este posicionamento parece-nos coerente, sobretudo por conta da perspectiva de língua sociointeracionista que tem a obra. No entanto, cabe-nos neste momento um apontamento: ainda no Manual do Professor (volume 1, p. 220), diz-se que a alternativa para o ensino de gramática é a abordagem indutiva. Já na página 221 do Manual do Professor, diz-se também que o professor pode lançar mão da abordagem dedutiva.

A maneira como propõem o trabalho com a gramática e a prática docente que têm muitos professores convergem num trabalho que oferece autonomia e segurança aos docentes, porque não engessa, tampouco impõe, a forma com a qual se deve ensinar gramática. Entendemos que, ao seguir a proposta da coleção, devemos, os professores, ser coerentes com o propósito de abordagem a fim de que se alinhe com a perspectiva de língua adotada. Assim, os educadores podem adaptar, na medida e quando acharem necessário, as atividades com a gramática, a qual, ora pode ser contextualizada (estudando, portanto, as funções e as noções

necessárias para o uso comunicativo e discursivo da língua), ora pode ser mais estrutural, atendendo à pura conjugação verbal, por exemplo, a fim de uma simples fixação de conteúdo.

Quanto ao quinto critério da ficha 1, os assuntos explorados são adequados ao público alvo. O volume 1 da coleção, por exemplo, trabalha com temas da diversidade e pluralidade: há temas como o mundo hispano-falante, esportes e política. Já o volume dois, trabalha com temas de consumo e alimentação; o volume 3 aborda temas do mundo do trabalho e de sexualidade.

O sexto critério da ficha 1 diz respeito ao trabalho interdisciplinar, com fins ao desenvolvimento de valores éticos e de cidadania no que se refere aos assuntos abordados em cada uma das unidades. Os três capítulos sobre os quais nos debruçamos atendem ao propósito interdisciplinar e também valorizam as questões éticas e cidadãs.

Exemplo disso pode ser constatado no volume 2, unidade 2, capítulo 3: a transversalidade dá-se pelo trabalho com o tema Consumo, sendo considerada a Sociologia a disciplina interdisciplinar com a LE. O tema transversal tem como objetivo a discussão e a reflexão sobre o consumo consciente.

Também no volume 2, mas na unidade 3, capítulo 5, a proposta do tema transversal (Temas locais) é a reflexão sobre os alimentos transgênicos, a alimentação e a fome, sendo a Biologia e a Química as disciplinas interdisciplinares com a LE.

A unidade 3 do volume 3 da coleção corrobora a avaliação do sexto critério. A proposta se dá pelo trabalho com tema transversal relacionado à Sexualidade, sendo a Sociologia e a Biologia as disciplinas interdisciplinares com a LE.

No que tange aos Aspectos Gráfico-Editoriais, destacamos alguns fundamentos propostos por Dias.

Ficha 2 – Aspectos Gráfico-Editoriais

- | |
|---|
| 1. Cada unidade apresenta uma diagramação adequada aos seus propósitos didáticos. |
| 2. A hierarquia entre títulos e subtítulos é claramente realçada e foram utilizados elementos tipológicos ou gráficos para indicá-la. |
| 3. A numeração das páginas está em posição de destaque e de fácil visualização. |
| 4. Os elementos gráficos (tabelas, gráficos, linhas, <i>boxes</i>) contribuem para uma maior clareza e precisão da informação veiculada. |
| 5. Os elementos gráficos utilizados contribuem para uma organização clara das informações nas unidades ao longo de todo o livro. |

Fonte: Dias (2009).

Consideramos que tanto a coleção como as unidades sobre as quais debruçamos nosso olhar apresentam uma diagramação adequada aos propósitos didáticos para o ensino da LE: o

tamanho das letras, a disposição das imagens, os destaques, as cores utilizadas, a facilidade de manuseio de cada um dos volumes nos fazem crer que a diagramação adequa-se ao que propõe.

No que diz respeito à hierarquia entre títulos e subtítulos, é possível assegurar que tal hierarquia é claramente realçada e foram utilizados elementos tipológicos ou gráficos para indicá-la: usa-se com frequência e regularidade as cores azul, verde e vermelha para que essa hierarquia seja evidente.

Em relação à numeração das páginas, constatamos que está em posição costumeira da maioria dos livros didáticos: as ímpares aparecem em destaque, com fácil visualização, no rodapé à direita da página; as pares, também no rodapé, à esquerda.

No que diz respeito aos elementos gráficos (tabelas, gráficos, linhas, *boxes*¹²), acreditamos que tais elementos contribuem para uma maior clareza e precisão da informação veiculada. Assim o é em relação aos *boxes* que, por exemplo, fazem-se presentes em toda a coleção: *A quien no lo sepa*, *¡Ojo!* e *El español alrededor del mundo* são exemplos contundentes dos elementos gráficos que contribuem para a clareza e precisão daquilo que se veicula. Dessa maneira, consideramos que os elementos gráficos utilizados contribuem para uma organização clara das informações nas unidades ao longo de todos os livros da coleção.

Em relação à Autonomia dos Alunos, destacamos os critérios presentes na 3ª ficha de Dias.

Ficha 3 – Autonomia dos Alunos

- | |
|--|
| 1. O livro didático faz uso de textos autênticos nas práticas sociais por meio da LE (tanto na modalidade oral quanto na escrita). |
| 2. O aluno tem a oportunidade de refletir sobre o seu progresso em relação ao processo de compreender textos orais e escritos (autoavaliações). |
| 3. A unidade incentiva o relacionamento com o meio virtual, especialmente a Internet, visando a complementação da aprendizagem. |
| 4. O aluno é incentivado a ler / ouvir mais fora dos limites da sala de aula. Sugestões de revistas, jornais, livros, filmes ou partes de filmes, programas de TV, DVDs e <i>sites</i> são fornecidas para esse fim. |

Fonte: Dias (2009)

Os textos usados nos três livros da coleção são autênticos, baseiam-se em gêneros textuais para incentivar a prática social de maneira contextualizada. Assim, estão presentes na

¹² (bóqs) *sm* (do ingl) – Trecho que aparece destacado em livros, jornais e revistas por resumir o conteúdo do assunto, chamar a atenção do leitor para a matéria, ou simplesmente para tornar a paginação mais leve e interessante. (BOX... 2009).

coleção textos configurados em entrevistas, infográficos, debates, carta, reportagem, campanhas publicitárias, dentre outros.

A coleção *Cercanía* oportuniza ao aluno refletir sobre o progresso alcançado no que se refere ao processo de compreender os textos orais e escritos. A seção do LD *Lo sé todo*, por exemplo, oferece ao aluno a oportunidade de se autoavaliar.

A seção do LD *¡Para ampliar!:* *ver, ler, escuchar y navegar* incentiva o aluno a relacionar-se com o meio virtual. Oferece-se contato com filmes, músicas e links na internet a fim de que o aprendiz complemente sua aprendizagem. Também nesta seção sugerem-se revistas, jornais, livros, partes de filmes, programas de TV, DVDs e *sites*.

Em relação aos Textos e Aspectos Textuais, destacamos os critérios da 4ª ficha proposta por Dias.

Ficha 4 – Textos e Aspectos Textuais

- | |
|--|
| 1. Textos são autênticos (não foram construídos especificamente para a situação de aprendizagem). |
| 2. Diversidade de contextos de circulação ou de diferentes suportes (Internet, livros, revistas, jornais etc). |
| 3. Diversidade de gêneros textuais com funções sociais variadas (pôsteres, convites, biografias, perfis, anúncios, artigos, reportagens, folhetos, receitas, contos etc.). |
| 4. Exploração dos tipos de sequências linguísticas utilizadas (narração, descrição, injunção, argumentação etc.) |
| 5. Créditos referentes à autoria dos textos, suporte, data e números de páginas são fornecidos. |

Fonte: Dias (2009)

No que se refere ao primeiro critério da ficha 4 – autenticidade dos textos –, não constatamos evidências de que os textos não fossem autênticos, de que tenham sido preparados especificamente para a situação de aprendizagem. Ao contrário, os textos utilizados são fontes autênticas de produção (*sites*, jornais, revistas, etc).

No que tange aos segundo, terceiro e quarto critérios da ficha 4, há em toda a coleção uma gama de gêneros textuais sendo explorados: anúncios publicitários, campanhas institucionais, artigos de opinião, reportagens, letras de músicas etc – gêneros estes presentes em contextos diversos, com diferentes suportes. Como se exploram as características de produção de cada um dos gêneros, os tipos textuais também são explorados e contextualizados: a narração que se faz presente numa entrevista também está presente em uma reportagem, por exemplo.

No que se refere ao 5º critério da ficha 4, percebemos que houve, por parte dos autores, a preocupação em dar os créditos necessários aos autores dos textos que compõem as unidades da coleção bem como explicitar o suporte, a data e números de páginas de onde foram retirados os materiais.

Em relação às Atividades de Compreensão Escrita, destacamos os alinhamentos pertinentes:

Ficha 5 – Atividades de Compreensão Escrita

1. O processo de compreensão envolve atividades de compreensão geral, de pontos principais e de atividades de pós-leitura, seguindo uma progressão do mais geral para o mais específico.

2. Atividades de compreensão incentivam o uso do conhecimento anterior dos leitores (o de mundo, o textual e o léxico-sistêmico).

3. Diversidade de atividades de compreensão (ex.: questões globais, subjetivas, inferenciais, preenchimento de tabelas, soluções de problema etc.), de modo a colaborar para a (re)construção do sentido do texto pelo leitor.

4. Exploração dos aspectos das condições sob as quais o texto de leitura foi produzido (capacidades de ação) (quem escreveu, para quem, com qual propósito, como, de que ponto de vista, de que lugar social, quando, onde).

5. Reflexão e sistematização de aspectos gramaticais (capacidade linguístico-discursiva) com base nos gêneros lidos, tendo em vista uma gramática contextualizada.

Fonte: Dias (2009).

Segundo o que os autores do livro explicitam no Manual do Professor (volume 1, p. 215), as atividades de compreensão leitora estão baseadas em três modelos: ascendente, descendente e interativo.

No que diz respeito ao modelo ascendente, determinam os autores que há um movimento linear no ato de ler, o que significa que o texto é aquilo que importa, seu significado é único, estável e objetivo. O modelo descendente é também linear, no entanto, o texto já não é o protagonista, mas sim o leitor, pois considera-se que o conhecimento prévio que ele tem é relevante para o processo de leitura, tendo em vista que são ativadas habilidades e competências.

Em relação ao modelo interativo, os autores da coleção destacam que tal modelo inclui muitos fatores de processamento de leitura: o antes, o durante e o depois. Neste viés, é possível perceber que a subseção *Almacen de ideas* caracteriza-se por apresentar atividades de pré-leitura, as quais têm um objetivo claro: aproximar o aprendiz do texto com o qual vai ativar uma série de conhecimentos.

A subseção *Red(contextual)* da coleção propõe atividades de leitura com as quais o aprendiz começa a ler o texto e a interagir com aquilo que está escrito. Assim, o aluno tem

contato com a leitura propriamente dita. Dessa forma, muitas atividades são propostas nos três volumes da coleção, desde organizar parágrafos a dar título a textos.

Já a subseção *Tejiendo la comprensión* solicita o posicionamento crítico do aluno com relação ao texto que leu. Comparações com o mundo onde vive são exigidas ao aluno, sobretudo porque a compreensão de leitura está embasada nos gêneros textuais de uma maneira crítica.

6 PROPOSIÇÃO DE ATIVIDADES

Atendendo ao terceiro objetivo exposto na introdução deste trabalho de conclusão, produzimos atividades didáticas (Apêndice A) a fim de complementar os capítulos a que nos propusemos analisar. Preocupamo-nos em nos aproximar ao máximo dos CTI-EM as tarefas que constam no apêndice em virtude da limitação de páginas para este texto.

Tentando atender a boa parte dos critérios estabelecidos em Dias (2009) – ficha 2 – estruturamos atividades que pudessem, minimamente, reforçar os conteúdos daquele capítulo ou, ainda, os conteúdos vistos em capítulos de volume (s) anterior(es). Assim, cabe-nos, neste momento, elucidar o propósito de cada uma das atividades elaboradas como complementação.

No que se refere ao capítulo 1 – *Tecnologías: a usarlas conscientemente* (Anexo 3) – o propósito do referido capítulo é apresentar gênero “charge”. A atividade que apresentamos pretende contribuir outro gênero, além das “charges”, o artigo. A justificativa para a escolha deste gênero dá-se pelo fato de que, no momento em que se chega a este capítulo, os alunos já terão tido contato com o referido gênero, assim como, certamente, já saberão o que são as “charges”. Acreditamos que desta forma, operando gêneros diferentes sobre um mesmo tema, é possível fazer com o que aprendiz possa ter noção da infinidade de possibilidades ao informar-se sobre um determinado assunto, destacando, inclusive, a intencionalidade de cada um dos gêneros.

Os exercícios propostos tentam, na medida do possível, explorar os elementos básicos para a compreensão leitora, como os conectores, por exemplo, já que eles dão coesão a um texto. À medida em que se avancem os capítulos dos volumes 1 e 2, os conectores propostos na atividade 1 já terão sido abordados ao longo do 1º ano do curso, portanto, já serão conhecidos dos alunos.

Propusemos exercícios que pudessem exigir a identificação da temática e da ideia principal do texto (artigo) proposto na atividade 1. Assim, são feitas perguntas dissertativas e objetivas com o intuito de que se apontem as ideias implícita e explícita nos parágrafos que compõem o gênero em questão.

A fim de reforçar o contato com as charges, algumas foram tomadas do *site gaturro.com*. Por conter um personagem com o qual os alunos, em geral, se identificam, tomamos a liberdade de exibir algumas charges e explorar elementos de gramática e de vocabulário. Então, no 2º quadrinho, por exemplo, há uma questão que pede a equivalência léxica em Espanhol da palavra “*celular*”. O terceiro quadrinho, assim, lida com assuntos mais restritos à gramática, como a referência a que alguns pronomes podem remeter ou, ainda, ao

reconhecimento de marcas verbais e ao uso de conectores que contribuem para efetividade da comunicação.

A atividade 2, relacionada ao capítulo 5 – *Educación contra el sexismo: que se acabe la violencia* – caminha no mesmo sentido da atividade anterior. Também está posta de maneira com que se possa operar com os conectores textuais, em específico as conjunções – elementos fundamentais para a construção de um texto e concatenação de ideias. Por se tratar de um tema a ser tratado mais para o fim do curso, as conjunções abordadas como exercícios no texto da atividade 2 já serão de conhecimento do alunado, pois estes alunos já terão aprendido as conjunções mais complexas no 2º ano do curso.

Os gêneros textuais propostos no LD *Cercanía* são: a “*crónica periodística*” e o “*folleto*”. Como atividade complementar, propusemos o contato com outro gênero: a reportagem. Mais uma vez, o intuito é fazer com que os alunos percebam que um assunto pode ser retratado em diferentes gêneros textuais, a depender da intencionalidade que se tem com cada gênero. Assim, poderíamos também ter proposto uma atividade com um decálogo, no qual se pusessem ordens, regras, orientações contra a violência às mulheres, mas preferimos propor exercícios com os infográficos porque eles trazem informações resumidas, em geral, com porcentagens, pequenos depoimentos, por exemplo.

A proposição das perguntas se dá tanto para a busca de informações explícitas no texto como as informações implícitas, que precisam ser raciocinadas na busca de uma leitura crítica das informações postas no texto. Também desenvolvemos exercícios que dessem conta de conteúdos gramaticais (valores semânticos, marcas verbais, marcas pronominais, formalidade e informalidade no discurso), sobretudo para nos alinharmos com a proposta do LD, o qual em sua estrutura conta com a seção “*Chuleta Lingüística*” e para valorizarmos a importância que tem o conhecimento dos elementos formais da LE.

No que diz respeito à terceira atividade, relacionada ao capítulo 5 (volume 2) – *Alimentos transgénicos, fast food, comida sana: ¿sí o no?* – nos exercícios para a compreensão textual buscamos apurar as informações explícitas e implícitas presentes no gênero reportagem, ao passo que o LD *Cercanía* propõe exercícios semelhantes, mas com os gêneros artigo de opinião e editorial. Desenvolvemos, igualmente às atividades anteriores, exercícios que tratassem dos conteúdos gramaticais, como a referência a que alguns pronomes fazem no decorrer da reportagem.

Nesta seção, buscamos esclarecer quais foram os motivos que nos incentivaram na produção das atividades, tentamos nos alinhar pelos mesmos critérios usados para a adoção do LD *Cercanía*, complementando-o. A seguir, encaminhamos nossas considerações finais.

7 CONCLUSÃO

Este trabalho surgiu de uma inquietude após a conclusão da disciplina Material Didático – análise, reflexão e produção, ofertada pelo MEPLEM no 1º semestre de 2014. Ao término desta, identifiquei que o contexto em que atuo tinha/tem particularidades: o ensino médio em que leciono não é o regular, mas sim o técnico integrado. Assim, a necessidade de análise, avaliação e complementação dos capítulos sobre os quais nos debruçamos fez-se necessária.

A coleção *Cercanía Joven* apresenta muitas possibilidades de interdisciplinaridade, transversalidade e uso variado de gêneros textuais. A abordagem que a referida coleção propõe possibilita que o aluno tome contato com seu contexto profissional em amplas perspectivas, desde a econômica à técnica. E assim, a formação do profissional em Agropecuária ou Informática não se restringirá aos aspectos tecnicistas de suas áreas, voltados somente para a prática de sua profissão, atendendo à função que tem o Ensino Técnico Integrado ao Ensino Médio do IFMS: a formação crítica e cidadã dos aprendizes.

Quanto ao objetivo geral deste trabalho – analisar o propósito de adoção do LD *Cercanía Joven* para os alunos dos CTI-EM-IFMS –, acreditamos tê-lo atingido de forma satisfatória. Na seção 8.1, esclarecemos quais critérios foram relevantes para a adoção do LD *Cercanía Joven* no IFMS – *Campus Nova Andradina* para os Cursos Técnicos Integrados ao EM em Agropecuária e em Informática. Tentamos fazer uma descrição detalhada de cada um dos itens que foram utilizados para a escolha. Por isso, não foram usados todos os critérios por Dias (2009), tendo em vista que alguns não se aplicavam ao intento ou não foram determinantes para a adoção em nosso contexto de atuação.

Chegamos à conclusão de que o recorte que demos aos critérios propostos por Dias (2009) foi fundamental para que pudéssemos avaliar o que foi/é relevante para o propósito de adoção do LD assim como a elaboração de atividades complementares.

Após a análise/avaliação dos capítulos e a proposição de atividades que o complementassem – ainda que tenhamos recortado nossa pesquisa somente para uma habilidade linguística – acreditamos que tanto a coleção como a proposição de outras atividades didáticas têm o intento de tornar possível a formação integral cidadã, na qual o sujeito esteja inserido em uma sociedade em que se tente determinar e estabelecer os discursos assumidos como verdadeiros e, portanto, válidos. Dessa forma, evidenciou-se também que, ao apresentar novos gêneros textuais, novas configurações textuais, é possível

apresentar ao aprendiz novas concepções e práticas discursivas que o incentivem ao abandono do senso comum.

Abandonar o senso comum para nós é, por exemplo, deixar de reproduzir falas preconceituosas contra as mulheres em quaisquer âmbitos sociais; ou criticar a produção de alimentos transgênicos sem ao menos conhecer uma das justificativas de seu propósito: a produção de alimentos em larga escala; ou ainda que as tecnologias não produzem elementos descartáveis, os quais precisam de destino específico.

Quanto ao segundo objetivo – analisar três capítulos que compõem dois volumes da coleção didática – acreditamos também ter atingido satisfatoriamente nossa análise. Constatamos a relevância e a importância que se deu aos gêneros textuais na coleção *Cercanía Joven*, tendo em vista que eles são os meios utilizados para dar cabo à comunicação verbal. Evidenciou-se, assim, que o trabalho com os gêneros textuais deve propiciar a participação do indivíduo na construção de sentido do texto, na intencionalidade textual.

Pareceu-nos clara a preocupação com a escolha de um gênero textual, determinando a esfera social em que circula, a necessidade temática, o conjunto de participantes e a vontade enunciativa ou a intenção do locutor. Tal escolha deriva de uma situação determinada por alguns elementos, tais como a finalidade, os destinatários e o conteúdo veiculado em determinado gênero: aquilo que se quer dizer, a quem, como e onde se dizer.

Acreditamos que a exposição às novas concepções e práticas discursivas podem, inquestionavelmente, contribuir para a formação que se almeja de um curso técnico integrado ao EM, a fim de que se alavanque a formação de um cidadão consciente dos mais diversos contextos que se apresentam na prática social cotidiana, sejam culturais, econômicos, políticos ou sociais, para que se minimize a distância que há entre a cultura geral e a cultura técnica.

Quanto ao terceiro objetivo, a confecção de atividades complementares, salientamos que esta ainda está em construção. No entanto, algumas considerações iniciais já podem ser delimitadas. Quando pensamos na complementação das atividades, detivemo-nos em não repetir o gênero textual proposto pelo LD *Cercanía Joven* naquela unidade, mas sim complementá-lo. Acreditamos que seja importante mostrar aos alunos que um mesmo tema pode estar estruturado sobre diversos gêneros textuais.

O gênero textual, por exemplo, apresentado no volume 2, capítulo 5 (p. 114) é um artigo de opinião, o que propusemos na complementação é uma reportagem. Embora sejam gêneros textuais diferentes, os alunos podem conscientizar-se de que ambos lançam-se sobre estruturas diferentes, mas com a mesma temática.

Identificamos que a complementação de atividades tem pontos positivos para a prática pedagógica e para a aprendizagem dos alunos, pois enriquece o processo de ensino e aprendizagem, complementando a formação profissional e social, de forma que pode ampliar os horizontes do conhecimento, bem como de sua prática para além da sala de aula, em atividades de ensino, pesquisa e extensão.

Identificamos também a importância que se tem em analisar, avaliar e adotar um LD para o ensino e aprendizagem de uma LE, no caso, o Espanhol. Demonstramos o fato de que os capítulos postos em análise necessitavam de complementação segundo o contexto de atuação, a experiência docente, a necessidade do alunado bem como outros fatores que podem fazer-se presentes.

Este estudo é inicial, restrito a um determinado contexto por isso coube-nos a análise, a avaliação e a complementação de três capítulos para o contexto do ensino e da aprendizagem de Espanhol como LE nos cursos técnicos integrados ao EM. Outros estudos podem seguir a mesma metodologia e linha de raciocínio para sanar outras lacunas e/ou necessidades que os contextos diferentes de atuação docente, levando em consideração os documentos oficiais que sustentam a finalidade da disciplina no currículo do aprendiz.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes de. Escolha e produção de materiais didáticos para o ensino de língua com aquisição. In: _____. **Quatro Estações no Ensino de Línguas**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.
- ALVES, José Matias (Dir.). **Quadro europeu comum de referência para as línguas Aprendizagem, ensino, avaliação**. Porto: Edições Asa, 2001. Disponível em: <http://area.dge.mec.pt/gramatica/Quadro_Europeu_total.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2016.
- BARROS, Cristiano Silva de; COSTA, Elzimar Goettenauer de Marins. **Elaboração de materiais didáticos para o ensino de espanhol**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. (Coleção Explorando o Ensino; v. 16).
- BECKER, Fernando. **Educação e Construção do Conhecimento**. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola, 2008.
- BOX: Significado de Box. In: DICIONÁRIO Online de Português. Disponível em: <<http://www.dicio.com.br/box/>>. Acesso em: 30 jan. 2016.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Disponível em: <www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm>. Acesso em: 5 jan. 2016.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais (Ensino Médio)**. Brasília, 1998.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Guia de livros didáticos: PNLD 2015: ensino médio**. Brasília, 2014. Disponível em: <<http://www.fnde.gov.br/programas/livro-didatico/guias-do-pnld/item/5940-guia-pnld-2015>>. Acesso em: 20 mar. 2016.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais (Ensino Médio)**. Brasília: MEC, 2000.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais + (PCN+) - Linguagem, Códigos e Suas Tecnologias**. Brasília, 2002.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases 9394/96**. Brasília, 1996.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio**. Brasília, 2000b.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Orientações Curriculares Para o Ensino Médio**. Brasília, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Básica**. Brasília, 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional Técnica de Nível Médio**. Brasília, 2012.

BUNZEN Junior, Clécio S. **Livro didático de língua portuguesa: um gênero do discurso**. 2005. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2005.

CENOZ IRAGUI, Jasone. El Concepto de Competencia Comunicativa. *In*: LOBATO, Jesús Sánchez; GARGALLO, Isabel Santos (Dir.). **Vademécum para la formación de profesores: enseñar español como segunda lengua (L2) / lengua extranjera (LE)**. Madrid, 2004.

CHOPPIN, Alain. **Les Manuels scolaires: histoire et actualité**. Paris: Hachette Éducation, 1992.

COIMBRA, Ludmila; CHAVES, Luíza Santana; BARCIA, Pedro Luis. **Cercanía Joven - Español: Ensino Médio: 1º, 2º e 3º anos, Ensino Médio**. São Paulo: Editora SM, 2013. 3 v.

DIAS, Rienildes. Critérios para a avaliação do livro didático de língua estrangeira. *In*: DIAS, Reinildes; CRISTÓVÃO, V. L. L. (Org.). **O livro didático de língua estrangeira: múltiplas perspectivas**. São Paulo: Mercado de Letras, 2009. p.199-234.

DIAS, Reinildes; CRISTÓVÃO, V. L. L. (Org.). **O livro didático de língua estrangeira: múltiplas perspectivas**. São Paulo: Mercado de Letras, 2009.

DIONÍSIO, Angela Paiva (Org.). **Gêneros textuais e ensino**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

DIVARDIN, Gisele Werneck. Medindo a Habilidade de Leitura em Língua Estrangeira em Testes de Proficiência: reflexão para elaboração de um instrumento de avaliação mais justo e confiável. **the ESpecialist**, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 217-238, 2010.

ESPANHA. Ministerio de Sanidad. Servicios Sociales e Igualdad. **Campaña Contra La Violencia De Género**. 2015. Disponível em: <<http://www.msssi.gob.es/campanas/campanas15/pdf/HaySalidaUNETE.pdf>>. Acesso em: 3 mar. 2016.

FERREIRA, Cláudia C. Epílogo. *In*: ZORZO-VELOSO, ZORZO-VELOSO, V.; FERREIRA, Claudia Cristina ; ORTIGOZA, Arelis Felipe (Org.). **El español en línea de mira: enlaces lingüísticos, literarios y metodológicos**. Londrina: UEL, 2013.

FUNDO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO. **Livro didático**. 2012. Disponível em: <<http://www.fnde.gov.br/programas/livro-didatico/livro-didatico-historico>>. Acesso em: 10 ago. 2015.

GONÇALVES, Adair Vieira. O fazer significar por escrito. Selisigno. *In*: SEMINÁRIO DE ESTUDOS SOBRE LINGUAGEM E SIGNIFICAÇÃO, 4., 2004, Londrina. **Anais...** Londrina, 2004. p. 01-10.

GUTIÉRREZ, Vicente. Luis Herrera Estrella cuestiona el desplegado de los chefs “No existen buenas razones para oponerse al maíz transgénico. **El Economista**, 30 ago. 2015. Disponível em: <<http://eleconomista.com.mx/entretenimiento/2015/08/30/no-existen-buenas-razones-oponerse-maiz-transgenico>>. Acesso em: 20 fev. 2016.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE MATO GROSSO DO SUL. **Projeto do Curso de Educação Profissional técnica de nível médio integrado em informática**. Corumbá: Câmpus Corumbá, 2010a.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE MATO GROSSO DO SUL. **Projeto do Curso Técnico em Agropecuária** – integral modalidade presencial. Nova Andradina: Câmpus Nova Andradina, 2010b.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros e suporte: a identidade de gênero no livro didático. In: SIMPÓSIO DE ESTUDOS DE GÊNEROS TEXTUAIS (SIGET), 2., 2004, União da Vitória.

OLIVEIRA, Eloiza da Silva Gomes de; CAPELLO, Cláudia; REGO, Marta Lima; VILLARDI, Raquel. **O processo de Aprendizagem em uma Perspectiva Sócio-Interacionista...** Ensinar é necessário, avaliar é possível. Rio de Janeiro, 2004.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. Como se aprende uma língua estrangeira? In: ANASTÁCIO, E.B.A.; MALHEIROS, M.R.T.L.; FIGLIOLINI, M.C.R. (Orgs). **Tendências contemporâneas em Letras**. Campo Grande: Ed. UNIDERP, 2005. p. 127-140.

POTOCKY, Lana Cristina; VILAÇA, Márcio Luiz Corrêa. O livro didático de língua estrangeira história, avaliação e importância. **Cadernos do CNLF**, v. 26, n. 4, t. 1, p. 950, 2012. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xvi_cnlftomo_1/084.pdf>. Acesso em: 28 nov. 2015.

PRAXEDES, Carmem. O ensino da língua portuguesa instrumental – leitura e escrita para tecnológicas –o caso da Uezo. **Revista Philologus**, Rio de Janeiro, Ano 12, n. 36, set./dez.2006. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/revista/36/09.htm>>. Acesso em: 28 nov. 2015.

RAZONAMIENTO VERBAL. Atividade retirada e adaptada de: **Ejercicios de Comprensión Lectora para Bachillerato** 15 de abril de 2014. Disponível em: <<http://razonamiento-verbal1.blogspot.com.br/2014/04/ejercicios-de-comprension-lectora-para.html>>. Acesso em: 12 fev. 2016.

REIS, Thiago; MORENO, Ana Carolina. O raio X das escolas do país. **G1**, 17 ago. 2015 Disponível em: <<http://especiais.g1.globo.com/educacao/2015/censo-escolar-2014/o-raio-x-das-escolas-do-pais.html>>. Acesso em: 28 nov. 2015.

ROJO, Roxane Helena Rodrigues. O perfil do livro didático de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental (5a a 8a series). In: ROJO, R. H. R.; BATISTA, A. A. G. (Org.). **Livro Didático de Língua Portuguesa, Letramento e Cultura da Escrita**. Campinas/SP: Mercado de Letras/EDUC, 2003. p. 69-99.

ROJO, Roxane. Proposta pedagógica: Materiais didáticos: escolha e uso. In: BRASIL. Ministério da Educação. **Materiais didáticos: escolha e uso**. Brasília, 2005. p.3-11. (Boletim, 14).

SILVA, Hércia Macedo de Carvalho Diniz E. **Gêneros Textuais no Livro Didático de Língua Inglesa**. João Pessoa: UFPB, 2007.

SILVA JÚNIOR, Antonio Ferreira da . O ensino de espanhol num centro federal de educação tecnológica: articulando saberes. **Revista FACEVV**, Vila Velha, n. 5, p. 13-22, Jul/Dez. 2010.

SILVA JÚNIOR, Antonio Ferreira da. **A trajetória do Espanhol e seu ensino no Curso Técnico de Turismo do CEFET/RJ**. 2008. Disponível em: <cvc.cervantes.es/Ensenanza/biblioteca_ele/publicaciones_centros/PDF/rio_2008/08_dasilva.pdf>. Acesso em: 28 nov. 2015.

SOARES, Magda Becker. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In: EVANGELISTA, A. et al. (Org.). **A escolarização da leitura literária**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SOUZA-LUZ, Ana Cláudia Cury Calia de. **Análise e avaliação de livros didáticos e a etapa de seleção das coleções do PNLD: a participação do professor de língua inglesa**. 2015. 197 f. Dissertação (Estudos da Linguagem.) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015.

TALAMINI, Jaqueline Lesiniovski **O uso do livro didático de história nas séries iniciais do ensino fundamental: a relação dos professores com os conceitos presentes nos manuais**. Curitiba, 2009.

TRUCOS y Novedades de Mundo Gaturro. 2011. Disponível em: <<http://trucosgaturro2011.obolog.es/>>. Acesso em: 28 nov. 2015.

TIMÓN, Ágata Las huellas de la violencia. **SINC, la ciencia es noticia**, 25 nov. 2011. Disponível em: <<http://www.agenciasinc.es/Reportajes/Las-huellas-de-la-violencia>>. Acesso em: 28 nov. 2015.

VILAÇA, Márcio Luiz Corrêa. O material didático no ensino de língua estrangeira: definições, modalidades e papéis. **Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades**, v. 8, n. 30, jul-set., 2009.

VILAÇA, Márcio Luiz Corrêa. Materiais didáticos de língua estrangeira: aspectos de análise, avaliação e adaptação. **Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades**, v. 8, n. 32, jan-mar., 2010.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

APÊNDICES

APÊNDICE A

PROPOSIÇÃO DE ATIVIDADES – COMPLEMENTAÇÃO DOS CAPÍTULOS ANALISADOS

Actividad 1

Lee el artículo que sigue abajo para contestar a las preguntas que lo siguen. Pero, antes, trata de completarlo de modo a darle sentido.

Texto I

El uso compulsivo de tu *smartphone* podría estar disparando tus niveles de estrés



¿Revisas tu *smartphone* cada cinco minutos?
¿Has sentido vibraciones fantasmas?
¿Te llevas tu celular a la mesa e _____ (cuando / pero / incluso) hasta al baño? _____ (Si / Cuando / Hoy) es así, seguramente perteneces a las millones de personas que padecen «nomofobia».

El término surgió como abreviatura de no-mobile-phone-phobia _____ (hoy / durante / mañana) un estudio realizado por la empresa inglesa de investigación demoscópica You Gov, para señalar la ansiedad y angustia que produce el estar sin celular.

Si bien la denominación «fobia» podría ser incorrecta, un estudio conducido por el psicólogo Richard Balding de la Universidad de Worcester en Reino Unido, reveló que, efectivamente, el uso constante de

estos aparatos aumenta los niveles de estrés, lo que a su vez incrementa los comportamientos compulsivos como el buscar incesantemente nuevas alertas, mensajes y actualizaciones.

Durante el experimento, se les aplicó un cuestionario y una prueba psicosomática de estrés a 100 participantes, entre ellos estudiantes universitarios y empleados de diversas categorías y ocupaciones. _____ (Si / Se / Le) confirmó la existencia de un círculo vicioso: si bien las personas adquirirían el *smartphone* para manejar su carga de trabajo, una vez que el aparato extendía virtualmente su vida social, la angustia y el estrés se disparaban.

La inhabilidad de apagar el celular, el tenerlo _____ (nunca / siempre / a veces) a la mano, el asegurarse de que _____ (nunca / siempre / a veces) se acabe la pila y el miedo a perder la señal son algunos síntomas de quienes sufren altos niveles de estrés.

En México, existen más de 190 millones de *smartphones*: el 72% de los usuarios no salen de su casa sin su celular, _____ (niega / según / pero) un informe realizado por Google, la consultora IPSOS y Mobile Marketing Association.

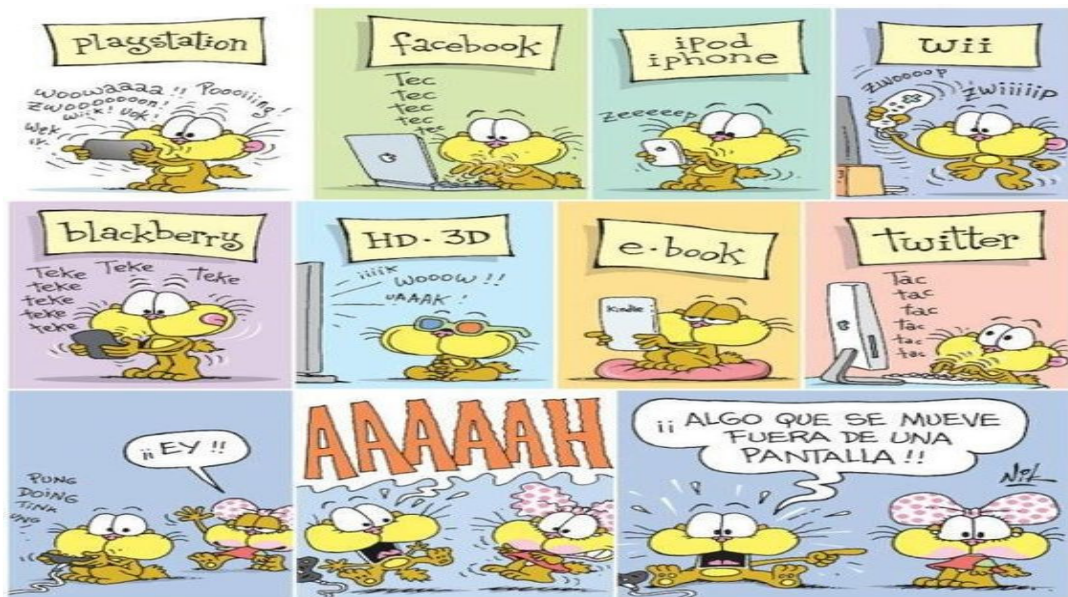
Fonte: Adaptado de Razonamiento Verbal (2014).

RAZONAMIENTO VERBAL. Atividade retirada e adaptada de: **Ejercicios de Comprensión Lectora para Bachillerato** 15 de abril de 2014. Disponível em: <<http://razonamiento-verbal1.blogspot.com.br/2014/04/ejercicios-de-comprension-lectora-para.html>>. Acesso em: 12 fev. 2016.

1. Apunta el tema central del texto.
2. ¿Cuál es la idea principal que vehicula el texto?
3. Lee una vez más un trozo del quinto párrafo: “(...) el aparato extendía virtualmente su vida social, la angustia y el estrés se disparaban.”. La palabra subrayada en la frase supone que hay el desarrollo de un proceso:
 - (A) gradual.
 - (B) armónico.
 - (C) acelerado.
 - (D) cáustico.
 - (E) complejo.
4. Resulta incompatible con la información textual afirmar que los individuos nomofóbicos:
 - (A) incrementan sus niveles de estrés debido al uso compulsivo de sus celulares.
 - (B) buscan de manera incesante nuevas actualizaciones en sus teléfonos móviles.
 - (C) acusan cierto temor ante una posible descarga del celular y la pérdida de señal.
 - (D) pueden sentir subjetivamente que el teléfono celular se encuentra vibrando.
 - (E) son completamente independientes y desinteresados de la aceptación social.
5. Es incongruente con lo señalado en el texto sostener que el público usado como objeto del experimento:
 - (A) constituía una población que realizaba las mismas actividades.
 - (B) pasó por una prueba psicosomática y la resolución de un test.
 - (C) estaba conformado parcialmente por estudiantes universitarios.
 - (D) hizo posible la confirmación de que ocurría un círculo vicioso.
 - (E) contaba, en parte, con la participación de empleados diversos.
6. Respecto de las personas que padecen nomofobia, se puede inferir que:
 - (A) ascienden a la alarmante e inopinada cifra de 190 millones solamente en México.
 - (B) llegan al extremo de perder sus empleos por la elevada atención a los mensajes.
 - (C) toman medidas muy seguras de prevención para evitar el elevado estrés y miedo.
 - (D) podrían evitar el incremento del estrés si usarán el celular solo para organizarse.
 - (E) la vida social los lleva inexorablemente a comprar *smartphones* más sofisticados.
7. ¿Qué enseñanza te ha dejado el texto?
8. ¿Por qué crees que el autor ha escrito este texto?
9. Relaciona la imagen con el texto y haz una crítica de acuerdo con lo que has entendido.

10. Lee esta viñeta. Gaturro está tan inmerso a las nuevas tecnologías que algo le pasa.

Figura 1 - Algo que se mueve fuera de una pantalla



Fonte: Trucos y Novedades de Mundo Gaturro (2011).

Ahora, contesta a las preguntas:

- ¿Qué representan socialmente las palabras “playstation”, “facebook”, “wii” y “twitter”?
- En los dos últimos cuadritos, la cara de Gaturro cambia a causa de un susto. ¿Por qué se asusta?
- ¿Qué relación crítica puedes establecer entre esta viñeta y el texto I?

11. Lee la viñeta a continuación.

Figura 2- Inadaptado Social



Fonte: Trucos y Novedades de Mundo Gaturro (2011).

- a) ¿Qué crítica hace Gaturro en la viñeta a continuación?
 b) En el penúltimo cuadrado está la palabra “celular”. ¿Puedes nombrar otro equivalente en Español?

12. Lee la viñeta a continuación.

Figura 3- Antes un contacto era... esto



Fonte: Trucos y Novedades de Mundo Gaturro (2011).

- a) La crítica de Gaturro se basa en una comparación. ¿Cuál?
 b) ¿A qué se refiere la palabra “esto” en los cuadros de la viñeta?

- c) Pon atención al quinto cuadro de la viñeta: ¿qué otro equivalente en Español podría sustituir la palabra “pero”?
- d) ¿Cuál es la función de la estructura “es que” en séptimo cuadro de la viñeta?
- e) ¿Con qué concuerda la forma verbal “me duele” (5º cuadro)?

13. Lee la viñeta a continuación.

Figura 4- Hoy queremos estar ... conectados con lo que nos rodea



Fonte: Trucos y Novedades de Mundo Gaturro (2011).

Pon atención a las siguientes frases: “Apagamos la tele”, “Apagamos los celulares”, “Apagamos internet”. Estos enunciados dejan implícito un deseo de Gaturro. ¿Cuál?

Actividad 2

Lee el artículo que sigue abajo para contestar a las preguntas que lo siguen. Pero, antes, trata de completarlo de modo a darle sentido.

Las huellas de violencia

Las medidas para mitigar la violencia hacia las mujeres forman parte de la agenda política de muchos países desde hace más de una década. _____ (En cuanto / Sin embargo / todavía), el maltrato dentro de la pareja, el acoso en el trabajo y en las escuelas, o las atrocidades cometidas en conflictos armados, prevalecen en todo el mundo. “_____ (En cuanto / Mientras / Ahora) sigan existiendo estos fenómenos, no podremos hablar de progresos reales hacia la igualdad, el desarrollo y la paz”, en palabras del Secretario General de la ONU. (TIMÓN, 2011).



La violencia machista tiene un amplio alcance, y pone en manifiesto la persistencia de la discriminación con la que siguen tropezando las mujeres. Imagen: SINC.

“Una de cada cuatro mujeres en la UE sufre malos tratos y entre el 20 y 25% de la población femenina ha sufrido violencia machista alguna vez en su vida”, según datos de la Oficina de Información en España del Parlamento Europeo. Doce años después de la declaración del Día Internacional de la Eliminación de la Violencia Contra la Mujer pocos son los progresos en la reducción de este tipo de violencia, a pesar de que cada vez se presta mayor atención a sus derechos.

El Parlamento Europeo pone cifras a la tragedia: “Estas agresiones tienen un coste de unos 33.000 millones de euros al año”. _____ (Aún / Pero / Porque), lo más importante está fuera de estos valores económicos: “los malos tratos y cualquier otra forma de abuso hacia la mujer siguen impidiendo, en siglo XXI, el adelanto pleno de la mujer”.

La sensibilización ante este fenómeno es relativamente reciente, _____ (pero / más / ahora) su persistencia es inherente a toda la historia de la humanidad. La Declaración de la ONU de 2006 define la violencia contra la mujer como “una manifestación de relaciones de poder históricamente desiguales, que han conducido a la dominación de la mujer y a la discriminación en su contra por parte del hombre. Puede asumir una forma física directa, o un abuso psicológico, o cierta privación económica”.

“Además, aunque contamina todas las sociedades y culturas, en cada una de ellas se integra de manera distinta, y es experimentada de diversos modos”, señalan desde la Secretaría General de la ONU. La raza, el origen étnico, la clase, la edad, la orientación sexual, la discapacidad, la nacionalidad, la condición jurídica, la religión y la cultura, son factores que modelan y perfilan las formas abusivas, que en muchas ocasiones pasan desapercibidas o son directamente ignoradas por la sociedad.

Datos escurridizos y orígenes inciertos

“La recopilación de datos que muestran el alcance y la magnitud de las diversas formas de dicha violencia son insuficientes”, advierte el informe *Estudio a fondo sobre todas las formas de violencia contra la mujer* de la Asamblea General de Naciones Unidas elaborado en 2006.

Para erradicar la violencia son necesarias estrategias diversas desde distintos campos como el feminismo, la criminología, el desarrollo, los derechos humanos, la salud pública y la sociología. Pero la conclusión de todas ellas es que no hay conclusión. Es decir, no hay una causa única que explique adecuadamente la violencia, sino que es la convergencia muchos factores (individuales, grupales, nacionales y mundiales).

Uno de ellos es la cultura, que alimenta parte de estas conductas. “Es cierto que algunas de las normas y prácticas culturales dan poder a las mujeres y promueven sus derechos humanos, pero también es frecuente que las costumbres, las tradiciones y los valores religiosos se utilicen para justificar la violencia contra la mujer”, señala el informe de la ONU. Algunas de las normas culturales que se señalan como factores causales de la violencia contra la mujer son las creencias vinculadas con las “prácticas tradicionales nocivas”, como la ablación o el femicidio.

Una forma de violencia extendida en todo el mundo

Cuando se habla de maltrato hacia las mujeres, se suele pensar en el doméstico. “Los abusos en la pareja son la forma de violencia machista más prevalente. Así lo indica la Encuesta Nacional de Salud de España (2006) que introduce por primera vez preguntas específicas sobre diferentes formas de violencia de género”, expone Carmen Vives Casares, autora del estudio *El efecto de la violencia en la pareja y otras formas de violencia contra las mujeres en la salud*, publicado en *Journal of Public Health*.

“Aunque la mayor prevalencia la encontramos en la pareja (128 casos sobre una muestra de 13.094 mujeres), también existe violencia fuera de ella: 75 casos de hombres conocidos por las víctimas –en el trabajo y en el ámbito familiar–, y 73 de hombres desconocidos en la calle”, detalla Vives Casares.

Las situaciones más graves de maltrato acaban en homicidio. En Colombia cada seis días una mujer muere en manos de su pareja o expareja. En Australia, Canadá, EE UU, Israel y Sudáfrica diferentes estudios sobre feminicidio indican que entre el 40% y el 70% de los asesinatos a mujeres son cometidos por el marido o el novio. De hecho, en EE UU el homicidio es la segunda causa de muerte de las adolescentes de 15 a 18 años, y el 78% de las víctimas son asesinadas por un conocido o por su pareja.

Violencia no es solo maltrato conyugal

Sin embargo, los expertos coinciden en que es importante poner de relieve los distintos escenarios de la violencia contra la mujer y distinguen entre violencia en la familia, en la comunidad, y la cometida o tolerada por el Estado.

“Las estrategias específicas para situaciones de violencia de género como la agresión o la violación perpetrada por hombres desconocidos ya existen. Ahora, sería conveniente plantear otro tipo de mecanismos referidos a otras víctimas de la violencia de género”, explica Vives Casares.

Naciones Unidas advierte: “Las formas varían según los distintos contextos sociales, económicos, culturales y políticos. Puede ocurrir que la importancia de algunas formas de violencia crezca mientras la de otras disminuye, a medida que las sociedades pasan por cambios demográficos, reestructuración económica y movimientos sociales y culturales”.

Camuflada en muchos escenarios

Dentro de la violencia contra la mujer en la familia, además de la perpetrada por la pareja, hay que destacar la impuesta como una práctica tradicional nociva, como infanticidio de las niñas y la selección prenatal del sexo, el matrimonio precoz, la violencia relacionada con la dote, la ablación, los crímenes contra la mujer cometidos en nombre del honor y el maltrato de las viudas.

El feminicidio (homicidio de una mujer por motivos de género), la violencia sexual infligida fuera de la pareja, la trata de mujeres o el acoso sexual y violencia en el lugar de trabajo también siguen presentes. Entre el 40% y el 50% de las mujeres de la Unión Europea declaran haber sufrido alguna forma de acoso sexual o comportamiento sexual no deseado en el lugar de trabajo, según el estudio *Sexual harassment at the workplace in the European Union*, de la Comisión Europea.

Todavía algunos estados siguen cometiendo, o al menos tolerando, violaciones o los abusos en celdas policiales, prisiones, instituciones de bienestar social, o centros de detención de inmigración. “En países de todo el mundo se denuncian casos de violencia contra la mujer en situaciones de privación de libertad, pero hay pocos datos cuantitativos para determinar la prevalencia”, afirma R.

Taylor, R, autor del artículo *Women in prison and children of imprisoned mothers, Preliminary research report* (New York, Quaker United Nations Office, 2004).

En los conflictos armados las mujeres siguen siendo las grandes víctimas silenciadas: las violaciones son un arma de guerra, de la misma manera que muchas otras atrocidades cometidas hacia las mujeres por los ejércitos invasores.

Violencia modelada por la sociedad

Si bien todas las manifestaciones de la violencia contra la mujer requieren más atención, algunas han sido particularmente desatendidas. “El abuso de carácter psicológico y emocional pueden asumir distintas formas, que es preciso hacer más visibles y abordar explícitamente”, advierte el informe de la ONU.

“A este respecto, actos como la reclusión de mujeres en hospitales psiquiátricos o en prisiones por no ajustarse a las expectativas sociales y culturales, las restricciones impuestas a las mujeres, como encerrarlas o imponerles el aislamiento y limitar su interacción con otros, han sido documentados de manera anecdótica pero siguen siendo en gran medida invisibles”, prosigue.

“No es solo una cuestión de derechos humanos, es también una cuestión de salud pública. En 1996, la Organización Mundial de la Salud (OMS) declaró la erradicación de la violencia en contra de las mujeres como una prioridad en la salud pública. Este tipo de abusos tienen graves consecuencias, no solo físicas y psicológicas, para las mujeres y para sus entornos”, afirma Joia Mukherjee, de la Universidad de Harvard (EE UU), autora del artículo *Violencia estructural: una barrera para conseguir los Objetivos de Desarrollo del Milenio para las mujeres*, publicado en la *Revista de Salud de las Mujeres*.

La violencia machista tiene un amplio alcance, y pone en manifiesto la persistencia de la discriminación con la que siguen tropezando las mujeres, pese a que, en muchos lugares exista un falso espejismo de igualdad. “El desafío consiste en eliminar las actitudes socioculturales discriminatorias y de las desigualdades económicas que refuerzan el lugar subordinado que ocupan las mujeres en la sociedad.”, concluye el estudio de la ONU. Así, de una vez, podrán empezar a cambiar los datos. (TIMÓN, 2011).

TIMÓN, Ágata Las huellas de la violencia. **SINC, la ciencia es noticia**, 25 nov. 2011. Disponible en: <<http://www.agenciasinc.es/Reportajes/Las-huellas-de-la-violencia>>. Acceso en: 3 mar. 2016.

1. ¿Sabes decir cuál es la importancia de la fecha 25 de noviembre el mundo? Si no lo sabes, busca información con tus compañeros o en la red para comentarlo¹³.
2. Relaciona de forma crítica el título del reportaje – Las huellas de la violencia – a la frase que hay en la imagen que acompaña el texto – Que nuestros cuerpos dejen de ser escenarios de guerra – y al trozo del texto “En los conflictos armados las mujeres siguen siendo las grandes víctimas silenciadas: las violaciones son un arma de guerra, de la misma manera que muchas otras atrocidades cometidas hacia las mujeres por los ejércitos invasores.”
3. Según Timón, la violencia machista tiene un amplio alcance. Basado en esta afirmación, ¿qué asegura la Oficina de Información en España del Parlamento Europeo con respecto a la violencia en contra las mujeres?
4. Hoy día se tiene más atención sobre los derechos de las mujeres, eso significa que la violencia ha disminuido. ¿Verdadero o falso? Justifica tu respuesta con elementos que presenta en reportaje.

13 Este tipo de atividade requer atenção do professor. No meu contexto, há duas possibilidades de realizá-la: ou levar os alunos para o Laboratório de Informática para que possam proceder à pesquisa na internet ou, ainda, permitir que lancem mão do celular em sala de aula para a consecução da tarefa.

5. Pon atención a lo que se dice en el segundo y tercer párrafo. Relaciona las informaciones de sostenidas por el Parlamento Europeo y la declaración que ha dado ONU sobre la violencia en contra la mujer.

6. De acuerdo con lo que se dice en el cuarto párrafo, ¿qué elementos están relacionados al acoso en contra las mujeres?

7. Aunque apunten, según Timón, que para erradicar la violencia son necesarias estrategias diversas, están de acuerdo que la violencia de género no tiene una explicación clara. Explica por qué.

8. ¿Por qué se considera que la violencia de género es una forma de violencia extendida en todo el mundo?

9. La violencia en contra la mujer no se restringe al maltrato conyugal. Esclarece.

10. Según Timon, la violencia en contra la mujer está camuflada en muchos escenarios. Lee el trozo del reportaje una vez más:

“Dentro de la violencia contra la mujer en la familia, además de la perpetrada por la pareja, hay que destacar la impuesta como una práctica tradicional nociva, como infanticidio de las niñas y la selección prenatal del sexo, el matrimonio precoz, la violencia relacionada con la dote, la ablación, los crímenes contra la mujer cometidos en nombre del honor y el maltrato de las viudas.”

¿Qué relación se puede hacer, según tu conocimiento de mundo, con las prácticas subrayadas en el texto?

11. Pon atención a la frase de esta campaña.

Figura 5 – Campaña en contra la violencia de género



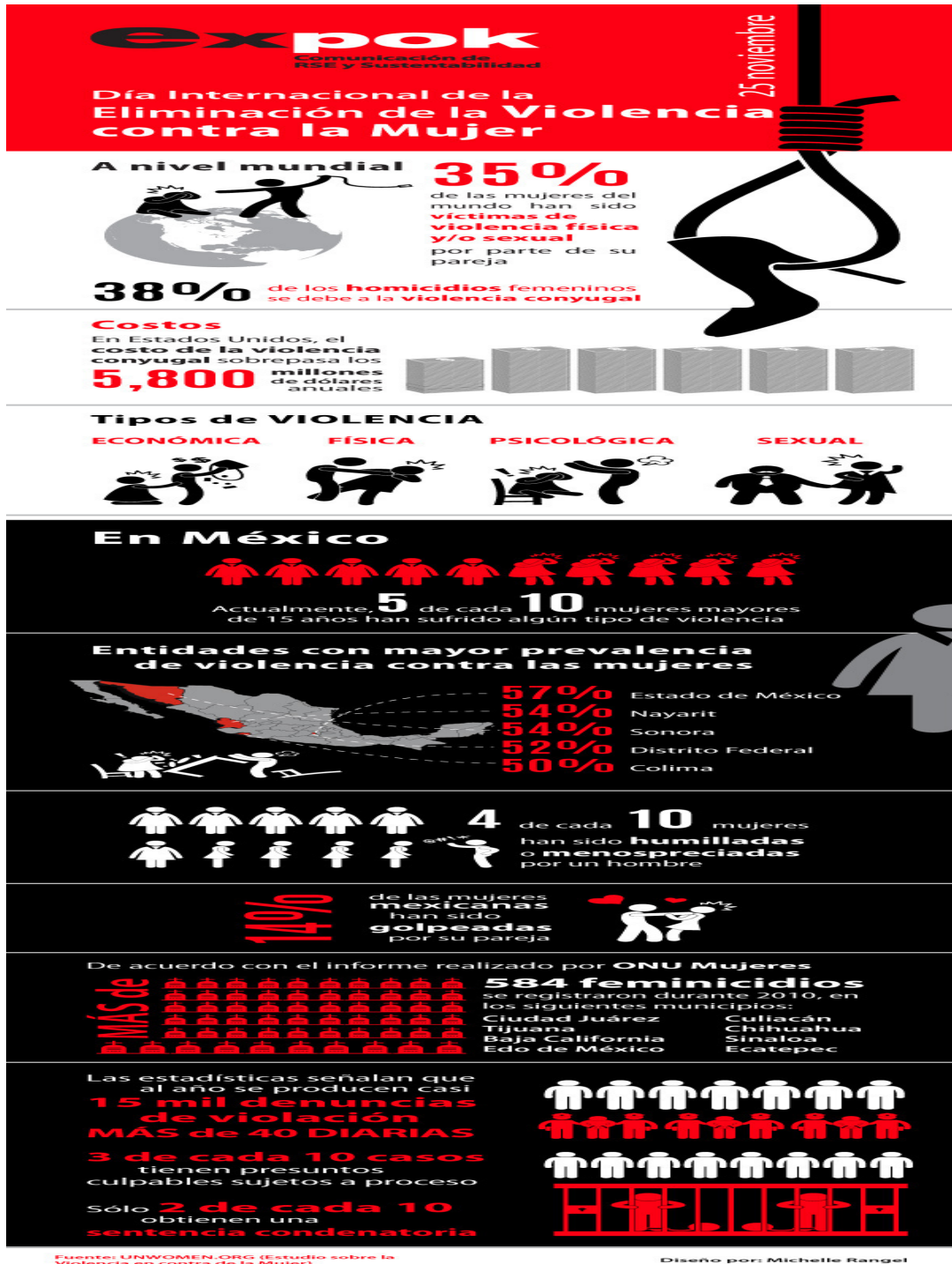
Fonte: Espanha (2015).

ESPAÑA. Ministerio de Sanidad, Servicios Sociales e Igualdad. **Campaña Contra La Violencia De Género.** 2015. Disponible en: <<http://www.msssi.gob.es/campañas/campanas15/pdf/HaySalidaUNETE.pdf>>. Acceso en: 3 mar. 2016.

- a) ¿Qué idea nos da el término “sí”?
- b) Las formas “Únete”, “Cuéntalo” y “Llama”, ¿qué idea tienen?
- c) Atención a lo destacado: “Únete”, “Cuéntalo”, “Llama” y “es gracias a ti”, ¿a qué persona del discurso se refieren estas formas verbales?
- d) Basándote en la respuesta anterior, apunta si las marcas verbales designan formalidad o informalidad en el discurso.

12. Lee estos dos infográficos. En seguida, coméntalos y compáralos, incluso con el texto del reportaje.

a)



b)

VIOLENCIA CONTRA LAS MUJERES

La violencia contra las mujeres en América Latina y el Caribe debe ser enfrentada integralmente por los Estados, considerando los factores de desigualdad económica, social y cultural que operan en la sociedad y en las relaciones de poder entre hombres y mujeres.



■ **20 países** >>  **8 países (40%)**
 cuentan con leyes de violencia contra las mujeres pero solo asignan recursos específicos en el presupuesto nacional

IMPACTO EN LA ECONOMÍA

Los costos promedio de la violencia íntima de pareja en la región varían entre:



1,6%
del PIB en
Nicaragua

hasta

3,7%
del PIB en
Perú

(Fuente: BID, 2015)

La violencia contra las mujeres en los ámbitos privado y público atenta contra su autonomía

ACOSO POLÍTICO

En **Bolivia**, único país con legislación específica contra el acoso político, se registraron en 2014

272 casos de violencia política a concejalas en **170** municipalidades
 (Fuente: ACOBOL, 2014)

En **Perú**, 4 de cada 10 autoridades mujeres fueron víctimas de acoso político en alguna de sus formas en 2012.
 (Fuente: Jurado Nacional de Elecciones, 2012)



ACOSO EN EL ESPACIO PÚBLICO

La calle

Lima
 9 de cada 10 mujeres entre 18 y 29 años han sido víctimas de acoso callejero (2013)




El transporte

Bogotá y Ciudad de México
 6 de cada 10 mujeres han vivido alguna agresión o acoso sexual en el transporte público

Santiago de Chile
 6 de cada 10 mujeres han sufrido algún tipo de acoso sexual en los espacios públicos

Las principales víctimas serían niñas y jóvenes que se movilizan en el transporte público (2012)

Recomendaciones

-  Fiscalizar la aplicación de las leyes para prevenir, sancionar y erradicar la violencia contra las mujeres.
-  Legislar sobre acoso político para garantizar el ejercicio igualitario de los derechos políticos de las mujeres.
-  Avanzar en legislación específica contra el abuso y el acoso sexual en el espacio público.



Fuente: Observatorio de Igualdad de Género de América Latina y el Caribe de la CEPAL - <http://www.cepal.org/oig/>
 Más información en: Conferencia Regional sobre la Mujer de América Latina y el Caribe - <http://www.cepal.org/12conferenciamujer/>

13. Considera el reportaje y los dos infográficos. ¿Por qué se considera que la violencia en contra las mujeres es una cuestión de salud pública?

14. ¿Y tú, qué piensas sobre la violencia que sufren las mujeres todos los días? Danos tu opinión.
15. ¿Conoces a alguna mujer que ha sufrido algún tipo de violencia? ¿Puedes comentarlo?
- 16 . Para ti, ¿qué medidas/estrategias deben ser empleadas para eliminar la violencia en contra las mujeres en el mundo? ¿Te parece posible que eso ocurra?

Actividad 3

Lee el reportaje que sigue abajo para contestar a las preguntas que lo siguen.

Luis Herrera Estrella cuestiona el despliegado de los chefs

“No existen buenas razones para oponerse al maíz transgénico”: Para el reconocido científico, impedir a los agricultores el acceso al maíz genéticamente modificado es violar sus derechos humanos.

Vicente Gutiérrez. Lunes, 30-08-2015 | 22:53

“Es una vergüenza que los chefs hablen con tanta ignorancia y lo hagan público. Ojalá se dediquen más a continuar mejorando sus platillos y menos a opinar sobre temas que desconocen”, dijo en entrevista el investigador Luis Herrera Estrella sobre la reciente polémica y protesta del Colectivo Mexicano de Cocina ante los “riesgos” del maíz transgénico en nuestro país.

En una carta enviada al presidente Enrique Peña Nieto, cerca de 80 chefs, encabezados por Enrique Olvera, piden que se mantenga en México la prohibición de siembra de maíz transgénico e instaron al gobierno a expresar “una postura firme y clara” al respecto.

“Lo que hacen estos grupos que se oponen al uso de los transgénicos es impedir que nuestros agricultores tengan acceso a una tecnología que los puede beneficiar. Son ellos quienes están violando los derechos humanos de los agricultores, no las empresas que ponen un producto en el mercado para que lo compre quien quiera”, agregó el ingeniero bioquímico, una de las 100 figuras más influyentes del mundo en el campo de la biotecnología, y la única mexicana.

La polémica decisión sobre el maíz transgénico

El tema revivió el pasado 28 de agosto después de que un juez desechara la medida precautoria sobre el otorgamiento de permisos para sembrar maíz transgénico en México.

“El cultivo de estos productos atenta contra la diversidad de nuestros maíces nativos y pone en peligro su existencia. La conservación de la biodiversidad agrícola se basa en el libre intercambio de las variedades, y en el derecho que tiene el campesino a guardar la semilla de su propia cosecha, como ha ocurrido desde hace siglos. El proceso de transgénesis no es ‘sustancialmente equivalente’ al que ocurre en el cruce natural de plantas desde hacía miles de años: se trata de un proceso con el que se intervienen y cruzan artificialmente las cadenas de ADN de diversas especies. La tecnología utilizada plantea enormes incertidumbres y efectos colaterales impredecibles”, se lee en la carta publicada por el Colectivo Mexicano de Cocina.

Pero para el director del Laboratorio Nacional de Genómica para la Biodiversidad (Langebio) del Cinvestav, lo que dice el comunicado no tiene sentido y aclaró que llevamos más de 20 años consumiendo transgénicos y no hay un solo reporte de daños a la salud humana.

“El colectivo está emitiendo una opinión con total desconocimiento de lo que son las plantas transgénicas y cuál es el impacto que pueden tener para beneficio de la salud humana, el medio ambiente y la alimentación. Están afectando a los agricultores que necesitan de esta tecnología y a muchos otros productores; están afectando a los científicos mexicanos porque también quieren que se prohíba la investigación y la experimentación que deberían desarrollar productos y tecnología para el agro mexicano y a las empresas de semillas nacionales que podrían ser más competitivas”, detalla.

Y el ingeniero bioquímico continuó con: “¿por qué no producimos nuestra propia semilla? ¿Por qué no somos competitivos? Porque el gobierno carece de una política de Estado a largo plazo que apoye y fomente la investigación y producción de semilla competitiva en México. No sembramos transgénico, pero importamos más de 10 millones de toneladas de maíz, y la mayoría es transgénico. Irónico, ¿no? No lo producimos, pero sí lo consumimos”.

“¿A quién beneficia la prohibición de la siembra de transgénicos en México? ¿Al consumidor? No, porque el maíz transgénico es igual o mejor que el tradicional. ¿Al agricultor? No, porque produce menos y le cuesta más sembrar tradicional que transgénico. ¿Al medio ambiente? No, porque el maíz tradicional necesita más insecticidas y herbicidas que el transgénico”, explica el investigador.

Los transgénicos no dañan la salud

Los chefs aseguran en su manifiesto que los agroquímicos que acompañan la siembra de maíz transgénico —fertilizantes y herbicidas— pueden representar un peligro para la salud.

“La ignorancia aquí es verdaderamente grotesca porque todos los cultivos requieren de fertilizante, de insecticidas y de otros químicos para poderse cultivar, ni siquiera los productos orgánicos están libres de estos compuestos. Si no utilizamos fertilizantes, no hay producción agrícola. Es terrible lo que ellos dicen”, explicó Herrera Estrella.

Durante la entrevista, el ingeniero bioquímico dijo que lo que plantea el Colectivo Mexicano de Cocina es un atentado a los derechos humanos de los agricultores, al no darles el acceso a la tecnología.

“Es una tecnología que tiene claros beneficios para la salud humana y está totalmente documentado, pues con los transgénicos se usan menos insecticidas y tiene grandes beneficios para la producción de alimento y para disminuir el uso de agroquímicos. Si ellos están en contra de esta tecnología... también están en contra de la protección del medio ambiente y del desarrollo agrícola en México”.

El colectivo de chefs asegura que miembros de la Unión Europea —como Austria, Francia, Bulgaria, Grecia, Alemania, Hungría o Italia— se niegan a cultivar transgénicos en sus territorios a causa de los posibles daños que dichos productos pueden provocar a la salud humana y al medio ambiente.

“Es una reverenda tontería porque lo que ellos consumen viene de Estados Unidos, Brasil y Argentina, donde 100% de su soya y cerca de 70% de su maíz es transgénico, entonces sí lo consumen, ¿dónde están los daños a la salud? Además, el ganado de esos países ¿consume esos alimentos!”, asegura.

El doctor Luis Herrera aclaró: “Todos deberíamos saber que nuestro maíz ya no es nuestro desde hace mucho tiempo. El 95% de la semilla mejorada de maíz tradicional, es decir no transgénico, lo producen y venden dos o tres empresas transnacionales (Monsanto, Pioneer y Dow). Eso mismo pasa con nuestro chile y nuestro tomate, la mayoría de esos productos que llegan a nuestros hogares se producen con semilla de esas u otras empresas. Después, el monopolio ya no es extranjero, es nacional: más de 75% de la harina de maíz para hacer tortillas lo produce Maseca”.

Podrían salvar al mundo

La batalla contra el maíz transgénico se encuentra en pausa por una demanda colectiva de los chefs mexicanos que finalmente no procedió, pues no tienen pruebas del supuesto daño que ellos dicen que provocan.

“Desde hace años está probado que los transgénicos no causan daño a la salud ni al medio ambiente y tiene muchos beneficios para los agricultores. Ahora, estamos ante una decisión política que tendrá que tomar el gobierno, que debería evaluar los beneficios y dar los permisos necesarios”, aseveró el doctor Luis Herrera Estrella.

Hace unos días, el presidente Enrique Peña Nieto presentó la Política de Fomento a la Gastronomía Nacional con la idea de potenciar la oferta gastronómica del país; en la larga cadena, los agricultores son parte primordial.

“El gobierno debe asegurar la producción de alimento para el futuro. Ahora podemos decir que hay suficiente alimento para la población mundial y que el problema que existe es de distribución; pero ¿qué va a pasar dentro de 20 o 30 años, cuando tengamos 2,000 millones más de seres humanos en el mundo?, Ya no van a poder alimentarlos si no se hace uso de los beneficios de las tecnologías.

“¿Cómo vamos a prevenir el calentamiento global y los daños al medio ambiente si no usamos las mejores tecnologías? Es muy claro que los transgénicos disminuyen el uso de emisiones de gases invernadero que están causando el calentamiento global. Los transgénicos y las tecnologías podrán salvar el mundo”, finalizó Herrera Estrella. (GUTIÉRREZ, 2015).

1. ¿Cuál es la profesión de Enrique Olvera y Luis Herrera Estrella?
2. ¿Por qué Luis Herrera Estrella tiene posición de destaque en México?
3. Según el texto, el tema de la polémica decisión sobre el maíz transgénico revivió el pasado 28 de agosto. Apunta el día de la semana correspondiente al 28 de agosto de 2015.
4. ¿Por qué el director del Laboratorio Nacional de Genómica para la Biodiversidad (Langebio) del Cinvestav, dijo que no está de acuerdo con el comunicado del Colectivo Mexicano de Cocina?
5. Según Gutiérrez, la carta publicada por el Colectivo Mexicano de Cocina destaca que “El cultivo de estos productos atenta contra la diversidad de nuestros maíces nativos y pone en peligro su existencia”. ¿Por qué?
6. ¿Cuáles son los segmentos de la sociedad, de acuerdo con el director del Laboratorio Nacional de Genómica para la Biodiversidad (Langebio) del Cinvestav, que pueden ser perjudicados si se lleva la declaración del Colectivo Mexicano de Cocina en cuenta?
7. Sobre la producción y la importación de maíz transgénico en México, ¿qué ironía apunta Herrera Estrella?
8. Según Herrera Estrella, la prohibición de la siembra de transgénicos en México no beneficia a nadie. Esclarece.
9. ¿Cuál es la justificativa principal a que los chefs se posicionen en contra la siembra de maíz transgénico en México?
10. En el penúltimo párrafo del reportaje, se da a entender que Peña Nieto tiene claro su posición. Determinala.
11. Y a ti, ¿qué te parecen los alimentos transgénicos: los usarías, los has comido alguna vez?
12. ¿Qué opinas: el agricultor familiar tendrá condiciones de aplicar y mantener la tecnología que le ayude a producir alimentos transgénicos? Aclara tu posición.
13. Manifiéstate: después de leer el texto y tomar conocimiento de las discusiones sobre los transgénicos, ¿de qué lado estás? Justifica.
14. ¿A qué se refiere lo destacado en:
 - a) “(...)impedir a los agricultores el acceso al maíz genéticamente modificado es violar **sus** derechos humanos”?
 - b) “Ojalá **se** dediquen más a continuar mejorando **sus** platillos”?
 - c) “impedir que nuestros agricultores tengan acceso a una tecnología que **los** puede beneficiar.”?
 - d) “Son **ellos** quienes están violando los derechos humanos de los agricultores”?
 - e) “No, porque produce menos y **le** cuesta más sembrar tradicional que transgénico”?

APÊNDICE B



INSTITUTO FEDERAL
MATO GROSSO DO SUL
Câmpus Dourados

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso do Sul

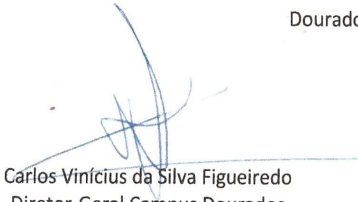
DECLARAÇÃO

Declaro para os devidos fins, ter ciência de que o docente Diogo Moreno Pereira Carvalho, Professor do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso do Sul (IFMS)–*Câmpus* Dourados, aluno regularmente matriculado no programa de Mestrado Profissional em Letras Estrangeiras Modernas, ofertado pela Universidade Estadual de Londrina, desenvolve a pesquisa intitulada O ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA MODERNA – ESPANHOL NOS CURSOS TÉCNICOS INTEGRADOS AO ENSINO MÉDIO: A QUESTÃO DO MATERIAL DIDÁTICO, tendo como objeto de sua dissertação a análise de nossos Projetos Pedagógicos de Cursos Técnicos Integrados do IFMS, sob a vertente de estudo acerca das unidades curriculares de língua estrangeira- espanhol.

Em 17 de agosto de 2015, o referido docente entrou em contato com a Pró-Reitora de Ensino e Pós-Graduação, Profa Dra Marcelina Teruko Fujii Maschio, quem, em resposta ao docente, destacou o interesse sobre a pesquisa desenvolvida, salientando ainda que haverá uma contribuição para a nossa Instituição.

Em nome da Direção-Geral do IFMS *Câmpus* Dourados, ratifico a importância, o destaque e a contribuição que tal pesquisa de Mestrado trará para o desenvolvimento e aprimoramento dos cursos ofertados pelo IFMS.

Dourados, 08 de setembro de 2015.


Carlos Vinícius da Silva Figueiredo
Diretor-Geral Câmpus Dourados
Portaria 2.127 de 18 de dezembro de 2014.



Sumario

Unidad 1 El mundo hispanohablante: ¡viva la pluralidad!

10

Transversalidad – Pluralidad cultural	11
Interdisciplinaridad – Geografía	11
¡Para empezar! – Mapa del mundo hispánico	11

Capítulo 1 Cultura latina: ¡hacia la diversidad!

12

▪ Escucha – Género: Letra de canción/ Tema: El mundo latino	12
▪ ¿Qué voy a escuchar? – “300 Kilos”, Los Coyotes	12
▪ Escuchando la diversidad de voces – Objetivo: identificar los países hispanohablantes	13
▪ Comprendiendo la voz del otro – Actividades pos escucha	14
▪ Oído perspicaz: el español suena de maneras diferentes – El alfabeto	16
▪ Vocabulario en contexto – Países y nacionalidades	17
▪ Gramática en uso – Verbos <i>ser</i> y <i>estar</i> y presente de indicativo	18
▪ Escritura – Género: Postal/Tema: Viaje	20
▪ Conociendo el género – ¿Qué caracteriza una postal?	20
▪ Planeando las ideas – Modelos de postales (México, Colombia y Honduras)	21
▪ Vocabulario en contexto – Saludos y despedidas; abreviaciones	22
▪ Gramática en uso – Verbos <i>haber</i> , <i>estar</i> y <i>tener</i>	23
▪ Taller de escritura – Objetivo: mandar noticias y comentar un viaje	25
▪ Re(escritura) – Orientaciones para revisar la postal	25

Capítulo 2 Turismo hispánico: ¡convivamos con las diferencias!

27

▪ Lectura – Género: Cédula de identidad, pasaporte y visa/Tema: Los viajes de paseo y de inmigración	27
▪ Almacén de ideas – Preparación para la lectura de los documentos oficiales	27
▪ Red (con)textual – Objetivo: identificar los datos personales en los documentos	28
▪ Tejiendo la comprensión – Actividades después de la lectura	29
▪ Vocabulario en contexto – Estado civil; nombres, apellidos y apodos; meses del año	34
▪ Gramática en uso – Los numerales; presente de indicativo	37
▪ Habla – Género: Entrevista/Tema: Viajes de estudio	40
▪ Lluvia de ideas – Preparación para el habla	40
▪ Gramática en uso – Pronombres interrogativos	41
▪ Vocabulario en contexto – Tipos de alojamiento, medios de transporte	42
▪ Rueda viva: comunicándose – Objetivo: hacer un curso de español en España	43
▪ ¡A concluir! – Reflexión de cierre	43
▪ Culturas en diálogo: nuestra cercanía Canción cubana “Guantanamera”, de Joseíto Fernández, y canción brasileña “Aquarela do Brasil”, de Ary Barroso	44
▪ ¿Lo sé todo? – Cuadro de autoevaluación del aprendizaje	46
▪ ¡Para ampliar!: ver, leer, escuchar y navegar...	46
▪ Profesiones en acción	47
▪ La lectura en las selectividades	48
▪ Proyecto 1 Literatura y espacio urbano: las palabras que emanan del entorno; producción de folleto turístico bilingüe	52

Unidad 2 El arte de los deportes: ¡salud en acción!

62

Transversalidad – Salud: deportes y drogas	63
Interdisciplinaridad – Educación Física	63
¡Para empezar! – Fotos del ciclista Lance Armstrong	63

Capítulo 3 Vivir bien: ¡sí al deporte, no a las drogas!

64

▪ Lectura – Género: Entrevista periodística/ Tema: Deporte	64
▪ Almacén de ideas – Preparación para la lectura de dos entrevistas a Blanca Manchón	64
▪ Red (con)textual – Objetivo: identificar el título de dos entrevistas	65
▪ Tejiendo la comprensión – Actividades después de la lectura	68
▪ Vocabulario en contexto – Expresiones <i>estar de menos</i> , <i>cientos por cien</i> , <i>¡qué va!</i> , <i>llevar en la sangre</i> , <i>extrañar</i> , <i>añorar</i> , <i>¡qué raro!</i>	69
▪ Gramática en uso – Pretéritos perfecto simple, perfecto compuesto e imperfecto de indicativo	70
▪ Escritura – Género: Entrevista periodística/ Tema: Deporte y drogas	73
▪ Conociendo el género – ¿Qué caracteriza una entrevista periodística?	73
▪ Gramática en uso – La raya y las comillas	73
▪ Planeando las ideas – Discusión sobre el dopaje y el deporte limpio	74
▪ Vocabulario en contexto – Sustancias químicas	75
▪ Taller de escritura – Objetivo: crear preguntas y organizar la entrevista escrita	77
▪ Re(escritura) – Orientaciones para revisar la entrevista periodística	77

Capítulo 4 Mundo futbolero: ¡fanáticos desde la cuna!

78

▪ Escucha – Género: Entrevista periodística/ Tema: Fútbol	78
▪ ¿Qué voy a escuchar? – Entrevista a Messi, en el Canal Barça TV	78
▪ Escuchando la diversidad de voces – Objetivo: comprender los asuntos principales	80
▪ Comprendiendo la voz del otro – Actividades pos escucha	80
▪ Oído perspicaz: el español suena de maneras diferentes – El dígrafo <i>ll</i> y la letra <i>y</i>	82
▪ Vocabulario en contexto – Posiciones del fútbol; tipos de medalla	83
▪ Gramática en uso – Pretérito perfecto simple de indicativo	85
▪ Habla – Género: Invitación/Tema: Deportes	88
▪ Lluvia de ideas – Preparación para el habla	88
▪ Vocabulario en contexto – Tipos de deportes	88
▪ Gramática en uso – La hora	91
▪ Rueda viva: comunicándose – Objetivo: invitar a un compañero a ver un partido	93
▪ ¡A concluir! – Reflexión de cierre	93
▪ Culturas en diálogo: nuestra cercanía Narración del gol del equipo argentino Boca Juniors frente al equipo brasileño Fluminense; barrios de Buenos Aires; equipos de fútbol brasileños	94
▪ ¿Lo sé todo? – Cuadro de autoevaluación del aprendizaje	96
▪ ¡Para ampliar!: ver, leer, escuchar y navegar...	96
▪ Profesiones en acción	97

▪ La lectura en las selectividades	98	▪ Habla – Género: Debate/ Tema: Voto obligatorio X voto voluntario	144
▪ Proyecto 2 Literatura y fútbol: los pies que inspiran las manos; producción de una antología ilustrada	102	▪ Lluvia de ideas – Preparación para el habla	144
Unidad 3 El mundo es político: ¡que también sea ético!	112	▪ Vocabulario en contexto – Glosario de derecho electoral	146
Transversalidad – Ética y ciudadanía	113	▪ Gramática en uso – Comparativos de igualdad, superioridad e inferioridad	148
Interdisciplinariedad – Historia	113	▪ Rueda viva: comunicándose – Objetivo: debatir voto obligatorio X voto voluntario	149
¡Para empezar! – Imágenes de la película <i>El gran dictador</i> , de Charles Chaplin	113	▪ ¡A concluir! – Reflexión de cierre	151
Capítulo 5 Discurso: ¡con mis palabras entraré en la historia!	114	▪ Culturas en diálogo: nuestra cercanía Cine latinoamericano: <i>La historia oficial</i> , de Luis Puenzo; <i>El año que mis padres se fueran de vacaciones</i> , de Cao Hamburger; <i>En el tiempo de las mariposas</i> , de Mariano Barroso	152
▪ Lectura – Género: Discurso político/ Tema: Dictadura chilena	114	▪ ¿Lo sé todo? – Cuadro de autoevaluación del aprendizaje	154
▪ Almacén de ideas – Preparación para la lectura del discurso de Salvador Allende	114	▪ ¡Para ampliar!: ver, leer, escuchar y navegar...	154
▪ Red (con)textual – Objetivo: identificar a quiénes se dirige Allende	116	▪ Profesiones en acción	155
▪ Tejiendo la comprensión – Actividades después de la lectura	118	▪ La lectura en las selectividades	156
▪ Vocabulario en contexto – Frases de protesta	121	▪ Proyecto 3 Quiero decir tu nombre, ¡libertad!: la narrativa y los versos que inspiran canciones; producción de un repertorio musical temático	160
▪ Gramática en uso – Futuro imperfecto de indicativo y perfrasis de futuro <i>ir a</i> + infinitivo	122	▪ Chuleta lingüística: ¡no te van a pillar! ▪ Pronombres personales sujeto	170
▪ Escritura – Género: Infográfico/Tema: Dictadura chilena	128	▪ Artículos	170
▪ Conociendo el género – ¿Qué caracteriza un infográfico?	128	▪ Numerales cardinales y ordinales	171
▪ Gramática en uso – Cuantificadores <i>muy/mucho</i>	130	▪ Presente de indicativo	174
▪ Planeando las ideas – Investigación sobre la dictadura militar chilena	130	▪ Verbos pronominales	175
▪ Vocabulario en contexto – Diferencia entre dictadura militar y régimen militar	132	▪ Por qué/por que/porqué/porque	176
▪ Taller de escritura – Objetivo: informar sobre los hechos de la dictadura militar chilena	133	▪ Dónde/donde/adónde/adonde	176
▪ Re(escritura) – Orientaciones para revisar el infográfico	133	▪ Los pasados (1)	176
Capítulo 6 Movimientos populares: ¡participemos en la política!	134	▪ Signos de puntuación	178
▪ Escucha – Géneros: Invitación y noticia/ Tema: Desapariciones en la dictadura	134	▪ Los pasados (2)	178
▪ ¿Qué voy a escuchar? – Invitación de organizaciones, agrupaciones y fundaciones argentinas, y noticia de Agencia EFE	134	▪ Las horas	179
▪ Escuchando la diversidad de voces – Objetivo: identificar datos específicos de la invitación y de la noticia	138	▪ Estar + gerundio	179
▪ Comprendiendo la voz del otro – Actividades pos escucha	139	▪ Futuro imperfecto de indicativo	179
▪ Vocabulario en contexto – Familia	140	▪ Ir + a + infinitivo	180
▪ Oído perspicaz: el español suena de maneras diferentes – La z, la s, la c + e/i	142	▪ Apócope (mucho/muy; tanto/tan; grande/gran)	180
▪ Gramática en uso – Todavía, aún	143	▪ Adverbios de tiempo	181
		▪ Los comparativos	182
		▪ Los superlativos	182
		▪ Para tocar la guitarra...	183
		▪ Glosario	190
		▪ Sitios electrónicos para información, estudio e investigación	195
		▪ Referencias bibliográficas	197



cercania

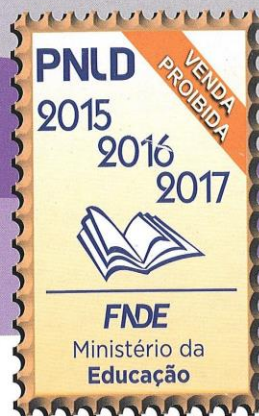
JOVEN

língua
estrangeira
moderna

espanhol

2º ano ensino médio

Manual do Professor



2



Ludmila Coimbra
Luiza Santana Chaves
Pedro Luís Barcia

Organizadora Edições SM
Editores responsáveis
Sandra Fernandez | Cleber Ferreira de João



Sumario

Unidad 1 Mosaico hispánico: ¿qué colores hay en la diversidad?	10
Transversalidad – Pluralidad cultural	11
Interdisciplinaridad – Historia, Lenguas y Literatura	11
¡Para empezar! – Imágenes que remiten a la diversidad de lenguas	11
Capítulo 1 Lenguas del mundo: ¿qué idiomas conoces?	12
▪ Lectura – Género: Reportaje / Tema: Turismo	12
▪ Almacén de ideas – Preparación para la lectura del reportaje	12
▪ Red (con)textual – Objetivo: explicar por qué el país del reportaje está al mismo tiempo cerca y lejos de Brasil	13
▪ Tejiendo la comprensión – Actividades después de la lectura	17
▪ Gramática en uso – Elementos cohesivos: los pronombres personales, los posesivos y los demostrativos	19
▪ Vocabulario en contexto – Palabras originarias del pueblo precolombino; lenguas diversas	23
▪ Habla – Género: Presentación / Tema: Puntos turísticos	28
▪ Lluvia de ideas – Preparación para el habla	28
▪ Vocabulario en contexto – Espacios turísticos en la ciudad	29
▪ Gramática en uso – Adverbios de lugar / Expresiones que indican localización	30
▪ Rueda viva: comunicándose – Objetivo: Hacer una traducción para interlocutores extranjeros	31
▪ ¡A concluir! – Reflexión de cierre	31
Capítulo 2 Lengua y literatura: ¿qué libro quieres leer?	32
▪ Escucha – Género: Entrevista / Tema: Lengua bubi	32
▪ ¿Qué voy a escuchar? – Entrevista a Justo Bolekia Boleká, en el programa <i>Afrohispanos</i>	32
▪ Escuchando la diversidad de voces – Objetivo: entender por qué se escribió el libro de poesía	33
▪ Comprendiendo la voz del otro – Actividades pos escucha	33
▪ Oído perspicaz: el español suena de maneras diferentes – La <i>d</i> , la <i>t</i> , el dígrafo <i>ch</i>	36
▪ Vocabulario en contexto – Palabras originarias de lenguas africanas	37
▪ Gramática en uso – Sufijos <i>-dad</i> y <i>-tad</i> en la formación de los sustantivos	38
▪ Escritura – Género: Sinopsis literaria / Tema: Libre	40
▪ Conociendo el género – ¿Qué caracteriza una sinopsis literaria?	40
▪ Planeando las ideas – Diferencia entre literatura indígena, indianista e indigenista	43
▪ Vocabulario en contexto – Palabras del campo semántico de la literatura	45
▪ Gramática en uso – Adjetivos	46
▪ Taller de escritura – Objetivo: Divulgar una obra literaria	47
▪ Re(escritura) – Orientaciones para revisar la sinopsis literaria	47
▪ Culturas en diálogo: nuestra cercanía	
Leyenda “La Llorona”	48
▪ ¿Lo sé todo? – Cuadro de autoevaluación del aprendizaje	50
▪ ¡Para ampliar!: ver, leer, escuchar y navegar – Sugerencia de materiales	50
▪ Profesiones en acción	51
▪ La lectura en las selectividades	52
▪ Proyecto 1 – Literatura y globalización: Don Quijote y la actualidad; producción de catálogo comentado con obras que hacen referencia al clásico español	56
Unidad 2 Consumo consciente: ¿te sientes persuadido a comprar?	64
Transversalidad – Consumo	65
Interdisciplinaridad – Sociología	65
¡Para empezar! – Fotos de tecnologías y de un desfile de moda	65
Capítulo 3 Publicidad en foco: ¿qué estrategias se pueden usar?	66
▪ Lectura – Género: Anuncio publicitario y campaña institucional / Tema: Consumo	66
▪ Almacén de ideas – Preparación para la lectura de una propaganda institucional y un anuncio publicitario	66
▪ Red (con)textual – Objetivo: descubrir qué se vende	68
▪ Tejiendo la comprensión – Actividades después de la lectura	69
▪ Vocabulario en contexto – Prendas de vestir	70
▪ Gramática en uso – Imperativo afirmativo y negativo	71
▪ Escritura – Género: Campaña institucional / Tema: Prejuicio	74
▪ Conociendo el género – ¿Qué caracteriza una campaña institucional?	74
▪ Planeando las ideas – Actividad sobre a qué tipo de público se dirigen las campañas	75
▪ Vocabulario en contexto – Portadores de textos publicitarios	76
▪ Gramática en uso – Verbos reflexivos	76
▪ Taller de escritura – Objetivo: vender una idea	77
▪ Re(escritura) – Orientaciones para revisar la campaña institucional	77
Capítulo 4 Patrones de belleza: ¿hay uno ideal?	78
▪ Escucha – Género: Letra de canción / Tema: Patrones de belleza	78
▪ ¿Qué voy a escuchar? – “Antes muerta que sencilla”, de María Isabel	78
▪ Escuchando la diversidad de voces – Objetivo: identificar vocabulario de moda y belleza y organizar la letra	80
▪ Comprendiendo la voz del otro – Actividades pos escucha	82
▪ Vocabulario en contexto – Productos y accesorios	84
▪ Gramática en uso – Verbo <i>gustar</i>	85
▪ Oído perspicaz: el español suena de maneras diferentes – La <i>r</i> y el dígrafo <i>rr</i>	88
▪ Habla – Género: Diálogo de compra y venta / Tema: Ir de compras	89
▪ Lluvia de ideas – Preparación para el habla	89
▪ Vocabulario en contexto – Prendas de vestir	90
▪ Gramática en uso – Expresiones para describir a alguien	91
▪ Rueda viva: comunicándose – Objetivo: comprar, intercambiar y vender prendas de vestir	92
▪ ¡A concluir! – Reflexión de cierre	93
▪ Culturas en diálogo: nuestra cercanía	
Elementos que identifican la cultura en productos brasileño y peruano	94
▪ ¿Lo sé todo? – Cuadro de autoevaluación del aprendizaje	96
▪ ¡Para ampliar!: ver, leer, escuchar y navegar – Sugerencia de materiales	96

▪ Profesionales en acción	97	▪ Habla – Género: Encuesta / Tema: Mercadillos x supermercados	136
▪ La lectura en las selectividades	98	▪ Lluvia de ideas – Preparación para el habla	136
▪ Proyecto 2 – Twitter y literatura: las figuras literarias en la red y en la escuela; producción de sarao en la red y en la escuela	102	▪ Vocabulario en contexto – Frutas y composición química de los alimentos	137
Unidad 3 Sabores y olores: ¿comes bien? 112		▪ Gramática en uso – Conectores copulativos y disyuntivos	137
Transversalidad – Temas locales	113	▪ Rueda viva: comunicándose – Objetivo: saber la opinión sobre las ferias	137
Interdisciplinaridad – Biología y Química	113	▪ ¡A concluir! – Reflexión de cierre	137
¡Para empezar! – Pinturas de Diego Velázquez, Frida Kahlo, Salvador Dalí y Fernando Botero	113	▪ Culturas en diálogo: nuestra cercanía Las comidas típicas de cada país: culinaria e identidad cultural	138
Capítulo 5 Alimentos transgénicos, fast food, comida sana: ¿sí o no? 114		▪ ¿Lo sé todo? – Cuadro de autoevaluación del aprendizaje	140
▪ Lectura – Género: Artículo de opinión / Tema: Transgénicos	114	▪ ¡Para ampliar!: ver, leer, escuchar y navegar – Sugerencia de materiales	140
▪ Almacén de ideas – Preparación para la lectura del artículo de opinión	114	▪ Profesionales en acción	141
▪ Red (con)textual – Objetivo: identificar si se está a favor o en contra de algo	116	▪ La lectura en las selectividades	142
▪ Tejiendo la comprensión – Actividades después de la lectura	117	▪ Proyecto 3 – Literatura y gastronomía: las odas de Pablo Neruda; producción de una oda	146
▪ Gramática en uso – Organizadores del texto o marcadores textuales	119	▪ Chuleta lingüística: ¡no te van a pillar!	156
▪ Vocabulario en contexto – Reinos de la biología; mamíferos	122	▪ Los demostrativos	156
▪ Escritura – Género: Artículo de opinión / Tema: ¿Comida sana en la merienda escolar?	124	▪ Las preposiciones de y a	156
▪ Conociendo el género – ¿Qué caracteriza un artículo de opinión?	124	▪ El plural (sustantivos y adjetivos)	157
▪ Gramática en uso – Organizadores del discurso o marcadores textuales	126	▪ Los heterogéneros	157
▪ Planeando las ideas – Investigación sobre la alimentación	126	▪ El imperativo	158
▪ Vocabulario en contexto – Alimentos industrializados y alimentos naturales	127	▪ Acentuación	160
▪ Taller de escritura – Objetivo: defender un punto de vista	129	▪ Verbos con el pronombre se	160
▪ Re(escritura) – Orientaciones para revisar el artículo de opinión	129	▪ Verbos para expresar gustos y disgustos	161
Capítulo 6 Tienditas y supermercados: ¿dónde comprar? 130		▪ Pronombres de complemento directo	162
▪ Escucha – Género: Reportaje / Tema: Tienditas x supermercados	130	▪ Organizadores del texto o marcadores textuales	163
▪ ¿Qué voy a escuchar? – Reportaje, de Radio Visión Juvenil	130	▪ Sí + presente de indicativo	165
▪ Escuchando la diversidad de voces – Objetivo: Observar las ventajas y desventajas de las tienditas	131	▪ Marcadores conversacionales	165
▪ Comprendiendo la voz del otro – Actividades pos escucha	133	▪ Para tocar la guitarra...	166
▪ Vocabulario en contexto – Alimentos en la lista de compras; medidas	133	▪ Glosario	167
▪ Oído perspicaz: el español suena de maneras diferentes – La g y la j	134	▪ Sitios electrónicos para información, estudio e investigación	173
▪ Gramática en uso – Marcadores conversacionales	135	▪ Referencias bibliográficas	174



cercania

JOVEN

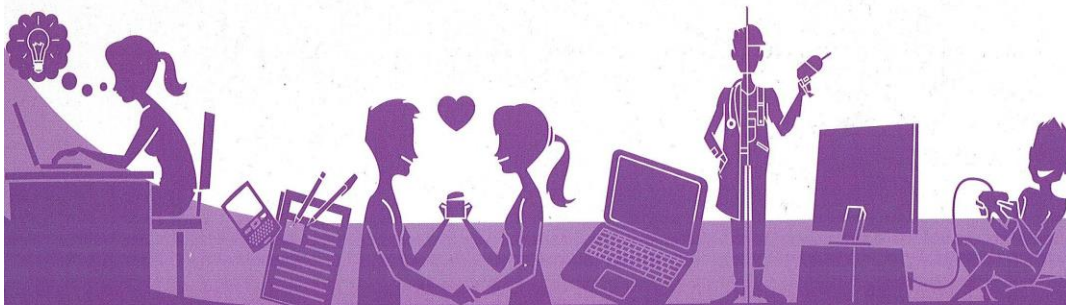
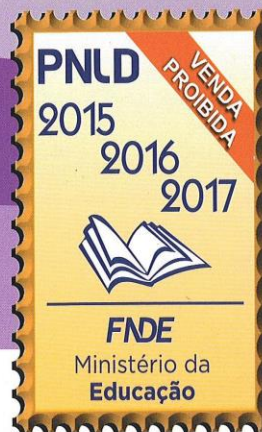
língua
estrangeira
moderna

espanhol

3º ano ensino médio

Manual do Professor

3



Ludmila Coimbra
Luiza Santana Chaves
Pedro Luis Barcia

Organizadora Edições SM
Editores responsáveis
Sandra Fernandez | Cleber Ferreira de João



Sumario

Unidad 1 Conéctate con la innovación: a reflexionar sobre los desarrollos tecnológicos 10

Transversalidad – Medio ambiente y consumo.....	11
Interdisciplinaridad – Física, Química y Geografía.....	11
¡Para empezar! – Viñetas sobre los inventos y descubrimientos de la humanidad.....	11

Capítulo 1 Tecnologías: a usarlas conscientemente 12

▪ Escucha – Género: <i>Spot</i> de campaña / Tema: Medio ambiente y sustentabilidad.....	12
▪ ¿Qué voy a escuchar? – <i>Spot</i> de campaña, del sitio Sostenibilidad.com.....	12
▪ Escuchando la diversidad de voces – Objetivo: comprender detalles del <i>spot</i> de la campaña.....	13
▪ Gramática en uso – El condicional simple.....	14
▪ Comprendiendo la voz del otro – Actividades pos escucha.....	15
▪ Vocabulario en contexto – Aparatos eléctricos y electrónicos.....	18
▪ Oído perspicaz: el español suena de maneras diferentes – Sonidos de <i>v</i> y <i>b</i>	19
▪ Escritura – Género: Viñeta / Tema: Internet y redes sociales.....	20
▪ Conociendo el género – ¿Qué caracteriza una viñeta?.....	20
▪ Vocabulario en contexto – Significados de la palabra <i>viñeta</i>	21
▪ Planeando las ideas – Discusión sobre ventajas y desventajas de las redes sociales.....	22
▪ Gramática en uso – El artículo neutro <i>lo</i>	24
▪ Taller de escritura – Objetivo: producir una viñeta crítica.....	25
▪ Re(escritura) – Orientaciones para revisar la viñeta.....	25

Capítulo 2 Información y comunicación: la tecnología también es diversión 26

▪ Lectura – Género: Editorial / Tema: Los jóvenes y los videojuegos.....	26
▪ Almacén de ideas – Preparación para la lectura del editorial.....	26
▪ Red (con)textual – Objetivo: identificar y analizar los argumentos usados para defender el punto de vista del autor y/o del medio de circulación del texto.....	27
▪ Tejiendo la comprensión – Actividades después de la lectura.....	28
▪ Vocabulario en contexto – Significado de <i>cyberpatología</i> y <i>ludopatía</i>	31
▪ Gramática en uso – Los adjetivos.....	32
▪ Habla – Género: Llamada telefónica / Tema: Ciencia y tecnología.....	34
▪ Lluvia de ideas – Preparación para el habla.....	34
▪ Vocabulario en contexto – Los pequeños y grandes inventos.....	37
▪ Gramática en uso – Llamar por teléfono.....	38
▪ Rueda viva: comunicándose – Objetivo: sacar dudas sobre la programación de una Feria de Ciencias.....	39
▪ ¡A concluir! – Reflexión de cierre.....	39
▪ Culturas en diálogo: nuestra cercanía – Tecnologías agrícolas.....	40
▪ ¿Lo sé todo? – Cuadro de autoevaluación del aprendizaje.....	42
▪ ¡Para ampliar!: ver, leer, escuchar y navegar... – Sugerencia de materiales.....	42
▪ Profesiones en acción	43
▪ La lectura en las selectividades	44

▪ Proyecto 1 Literatura y nuevas tecnologías: la sociedad del nuevo milenio; producción de un cuento.....	48
---	----

Unidad 2 Mundo laboral: mercados, voluntariado, prejuicios y desafíos 62

Transversalidad – Trabajo y ciudadanía.....	63
Interdisciplinaridad – Sociología y Filosofía.....	63
¡Para empezar! – Imagen del dios griego Hefesto.....	63

Capítulo 3 Las profesiones: el mercado y el voluntariado 64

▪ Escucha – Género: Charla de orientación vocacional / Tema: Orientación vocacional.....	64
▪ ¿Qué voy a escuchar? – Charla de orientación vocacional, del sitio <i>logrosperu.com</i>	64
▪ Escuchando la diversidad de voces – Objetivo: identificar vocabulario de profesiones y palabras intrusas.....	65
▪ Comprendiendo la voz del otro – Actividades pos escucha.....	66
▪ Vocabulario en contexto – Áreas de estudio.....	67
▪ Gramática en uso – Verbos en presente de subjuntivo.....	68
▪ Oído perspicaz: el español suena de maneras diferentes – Las consonantes nasales.....	72
▪ Habla – Género: Invitación de trabajo voluntario / Tema: Ayuda social.....	73
▪ Lluvia de ideas – Preparación para el habla.....	73
▪ Vocabulario en contexto – Expresiones que significan “ayudar a alguien”, como <i> echar una mano</i>	74
▪ Gramática en uso – Expresiones de opinión y juicio de valor con presente de subjuntivo.....	75
▪ Rueda viva: comunicándose – Objetivo: convencer a un amigo de que realice un trabajo voluntario.....	75
▪ ¡A concluir! – Reflexión de cierre.....	75

Capítulo 4 Mercado laboral: en contra de los prejuicios 76

▪ Lectura – Género: Argumentario / Tema: Prejuicios en el mercado de trabajo.....	76
▪ Almacén de ideas – Preparación para la lectura de un argumentario de la Cruz Roja Española.....	76
▪ Red (con)textual – Objetivo: encajar las frases que faltan en el lugar adecuado.....	77
▪ Tejiendo la comprensión – Actividades después de la lectura.....	80
▪ Gramática en uso – Adverbios de modo.....	83
▪ Vocabulario en contexto – Profesiones y símbolos.....	85
▪ Escritura – Género: Argumentario / Tema: Personas con discapacidad en el mundo laboral.....	86
▪ Conociendo el género – ¿Qué caracteriza un argumentario?.....	86
▪ Vocabulario en contexto – Símbolos que representan tipos de discapacidad.....	87
▪ Planeando las ideas – Actividad sobre la diferencia entre <i> estereotipo</i> y <i>prejuicio</i>	88
▪ Gramática en uso – Expresiones de cita: <i>según, de acuerdo con, conforme</i>	89
▪ Taller de escritura – Objetivo: eliminar los prejuicios.....	89
▪ Re(escritura) – Orientaciones para revisar el argumentario.....	89
▪ Culturas en diálogo: nuestra cercanía – Lienzos del pintor ecuatoriano Oswaldo Guayasamín y de los brasileños Candido Portinari y Tarsila do Amaral.....	90

▪ ¿Lo sé todo? – Cuadro de autoevaluación del aprendizaje.....	92
▪ ¡Para ampliar!: ver, leer, escuchar y navegar... – Sugerencia de materiales.....	92
▪ Profesiones en acción	93
▪ La lectura en las selectividades	94
▪ Proyecto 2 Literatura, teatro y cine: un lugar al sol en la selva de piedra; producción de una dramatización.....	98
Unidad 3 Sexualidad en discusión: diálogo y (auto)conocimiento	112
▪ Transversalidad – Sexualidad.....	113
▪ Interdisciplinaridad – Sociología y Biología.....	113
▪ ¡Para empezar! – Fotos que remiten a la diversidad sexual y a las protestas a favor del diálogo.....	113
Capítulo 5 Educación contra el sexismo: que se acabe la violencia	114
▪ Lectura – Género: Crónica periodística / Tema: Educación no sexista.....	114
▪ Almacén de ideas – Preparación para la lectura de la crónica periodística.....	114
▪ Red (con)textual – Objetivo: comprender y averiguar por qué se considera la crónica periodística “periodismo literario” y observar los puntos de vista de la autora acerca del tema.....	116
▪ Tejiendo la comprensión – Actividades pos lectura.....	118
▪ Gramática en uso – Sufijos diminutivos y aumentativos.....	124
▪ Vocabulario en contexto – Los juguetes.....	126
▪ Escritura – Género: Folletos educativos / Tema: Ley contra la violencia a la mujer y la familia.....	128
▪ Conociendo el género – ¿Qué caracterizan los folletos educativos?.....	128
▪ Planeando las ideas – Leyes contra la violencia a la mujer.....	130
▪ Vocabulario en contexto – Verbos del campo semántico de la violencia.....	131
▪ Gramática en uso – Las oraciones de relativo.....	132
▪ Taller de escritura – Objetivo: concienciar a los ciudadanos sobre la violencia de género.....	135
▪ Re(escritura) – Orientaciones para revisar el folleto educativo.....	135
Capítulo 6 Información para todos y todas: cuánto más sepamos, mejor	136
▪ Escucha – Género: Charla entre padre de alumno, directora y profesora de un colegio / Tema: Educación sexual.....	136
▪ ¿Qué voy a escuchar? – Charla en una escuela, de Radialistas.com.....	136
▪ Escuchando la diversidad de voces – Objetivo: notar las diferentes opiniones sobre educación sexual.....	137
▪ Comprendiendo la voz del otro – Actividades después de la escucha.....	139
▪ Vocabulario en contexto – Métodos anticonceptivos; infecciones de transmisión sexual (ITS).....	142
▪ Gramática en uso – Pronombres complemento objeto directo e indirecto.....	144
▪ Oído perspicaz: el español suena de maneras diferentes – Los sonidos de la x.....	148
▪ Habla – Género: Presentación oral y relato / Tema: Cambios físicos y en el estado de ánimo.....	149
▪ Lluvia de ideas – Preparación para el habla.....	149
▪ Vocabulario en contexto – Partes del cuerpo.....	149
▪ Gramática en uso – Verbos de cambio.....	150
▪ Rueda viva: comunicándose – Objetivo: relatar los cambios en la adolescencia.....	151
▪ ¡A concluir! – Reflexión de cierre.....	151
▪ Culturas en diálogo: nuestra cercanía – Esculturas de Rodin, Juan Soriano, Eduardo Úrculo, Miguel Ángel, Lola Mora.....	152
▪ ¿Lo sé todo? – Cuadro de autoevaluación del aprendizaje.....	154
▪ ¡Para ampliar!: ver, leer, escuchar y navegar... – Sugerencia de materiales.....	154
▪ Profesiones en acción	155
▪ La lectura en las selectividades	156
▪ Proyecto 3 Literatura en audio y video: ver, escuchar, crear y recitar poemas de amor; producción de audiopoema y videopoema.....	160
▪ Chuleta lingüística: ¡no te van a pillar!	
▪ Condicional simple.....	172
▪ Condicional compuesto.....	172
▪ Artículo neutro <i>lo</i>	173
▪ Adjetivos calificativos.....	174
▪ Contestar el teléfono: entonación.....	175
▪ Irregularidades del presente de subjuntivo y otros usos.....	175
▪ Pretéritos del subjuntivo.....	176
▪ Adverbios de modo.....	178
▪ Oraciones concesivas: indicativo o subjuntivo.....	178
▪ Sufijos aumentativo, diminutivo y otros sufijos.....	179
▪ Oraciones de relativo.....	180
▪ Pronombres de complemento directo y de complemento indirecto.....	181
▪ Estilo directo y estilo indirecto.....	182
▪ Glosario	184
▪ Sitios electrónicos para información, estudio e investigación	188
▪ Referencias bibliográficas	190



UNIDAD

3

Sabores y olores: ¿comes bien?



1.
La comida
(1619),
del pintor
español Diego
Velázquez
(1599-1660).
Óleo sobre
lienzo,
96 cm x 112 cm.



3.
*Naturaleza muerta
con perico y
bandera* (1951),
de la pintora
mexicana Frida
Kahlo
(1907-1954).
Óleo sobre lienzo,
25,4 cm x 29,7 cm.

Colección privada de Díaz Ortiz. Ciudad de México. Fotografía: DJBR

Shutterstock.com/DJBR

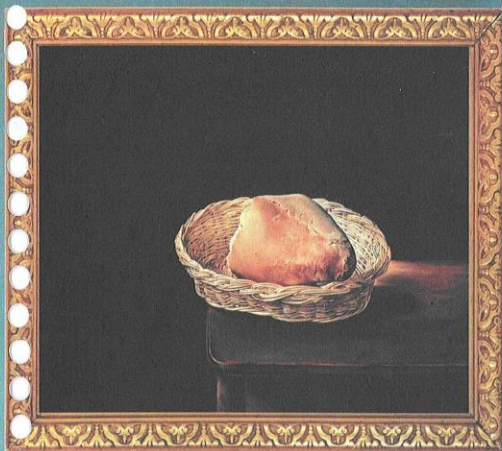
Museum of Fine Arts, Budapest, Hungary. Fotografía: DJBR

En esta unidad

- reflexionarás sobre los transgénicos, la alimentación y el hambre;
- observarás lienzos de algunos pintores hispánicos;
- leerás y producirás artículos de opinión;
- aprenderás algunos organizadores textuales y marcadores conversacionales;
- conocerás el vocabulario referente a comida y platos típicos;
- comprenderás la diferencia entre mercadillos y supermercados;
- estudiarás los sonidos de las letras *g* y *j*;
- producirás una oda literaria tras la lectura de odas del escritor chileno Pablo Neruda.

- **Transversalidad:**
Temas locales
- **Interdisciplinaridad:**
Biología y Química

1. Es importante que los alumnos expresen qué sentimientos las pinturas les provocan. Se pueden esperar respuestas como hambre, ganas de comer, extrañeza, náuseas, curiosidad, etc. Hay que hacer notar a los alumnos que las pinturas pueden provocar sentimientos diversos en los espectadores y puede ocurrir que una misma obra provoque reacciones contrarias entre los espectadores.



2. *La cesta de pan* (1945), del pintor español Salvador Dalí (1904-1989). Óleo sobre tabla, 34,7 cm x 43,5 cm.



4. *Feliz cumpleaños* (1971), del pintor colombiano Fernando Botero (1932-) Óleo sobre lienzo, 155 cm x 190 cm.

¡Para empezar!

Imagínate en un museo que está exponiendo lienzos de pintores hispánicos de diversas épocas. Obsérvalos en sus detalles.

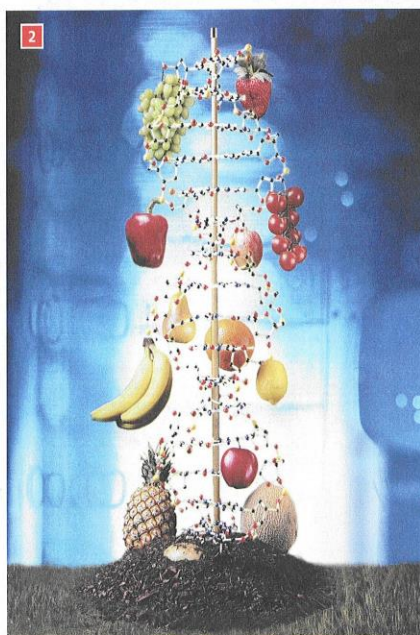
1. ¿Qué sentimientos te provocan estas pinturas?
2. Relaciona cada obra con su descripción.
 - (2) Tiene un marcado acento realista. Su fondo oscuro contrasta con la claridad de la imagen en sí.
 - (1) Tiene un marcado acento naturalista, con efectos de luz y sombra. Se la considera un bodegón, es decir, cuando se pintan objetos de uso cotidiano con naturalezas muertas.
 - (4) Presenta una mesa decorada con una rica tarta de cumpleaños, algunas botellas verdes de gaseosa, un helado rosa voluptuoso y otros alimentos destinados a los invitados de una fiesta de niña.
 - (3) Presenta un conjunto de frutas de colores vibrantes, además de la bandera mexicana, que marca la procedencia de los elementos representados en la pintura.
3. Si fueras el curador de esta muestra, ¿cómo la nombrarías?
4. ¿Qué lienzo te llamó más la atención? Descríbelo y explica la razón.
5. Si fueras a pintar un bodegón que representara la esencia de la gastronomía de tu país, región o ciudad, ¿qué elementos estarían presentes en tu pintura?
 2. En la pintura realista, se representa la realidad de forma objetiva y verosímil. Se rechaza el sentimentalismo y la temática histórica haciendo un contraste con la pintura del romanticismo. Sus temas se extraen de la realidad cotidiana, como la simplicidad de una cesta de pan. En la pintura naturalista se representan los objetos en un entorno natural y las personas como sencillas. Se busca captar de forma exacta un momento del tiempo.
 3. Respuesta personal. Se espera que los alumnos relacionen las obras con la temática de la comida y alimentación.
 4. Respuesta personal. Es importante que los alumnos describan los elementos que componen la pintura. Ejemplo, en el lienzo de Frida Kahlo se enfatiza el origen de los frutos (México) y se representa un pájaro típico de América (el perico).
 5. Respuesta personal. Se espera que los estudiantes piensen en los platos típicos de cada ciudad o región. Ejemplo, en Bahía, el *acarajé* y los frutos *coco*, *cajá*, *graviola*; en Minas Gerais, *pão de queijo*, *broa de fubá*, *goiaba*, etc.

- **Género textual:**
Artículo de opinión
- **Objetivo de lectura:**
Identificar si se está a favor o en contra de algo
- **Tema:**
Transgénicos

> Lectura

> Almacén de ideas

1. ¿Sabes qué significa la palabra **transgénico**? Señala la respuesta correcta:
 - () Parte de la biología que estudia las leyes de la herencia.
 - (x) Algo que ha sido alterado genéticamente.
 - () Ciencia que trata de los seres vivos y los estudia.
2. Observa las imágenes a continuación:



¿Por qué se puede afirmar que las imágenes representan alimentos transgénicos?

En 1, se observa a alguien inyectarle algo al tomate con una jeringuilla; en 2, hay una imagen que remite al ADN. Tanto la jeringuilla como el ADN son representativos de aquello que se modifica genéticamente.

3. ¿Sabes para qué sirven los alimentos transgénicos? ¿Por qué se plantea la idea de cultivar alimentos transgénicos si existen los no transgénicos?

Posibles respuestas: aumentar la producción, solucionar el problema del hambre, crear alimentos más resistentes a plagas, entre otros.

4. La temática de los transgénicos es muy polémica: algunos están a favor, mientras que otros están en contra. En muchos géneros textuales se exponen los puntos de vista de alguien sobre una cuestión problemática.

a) Señala los géneros que son de por sí argumentativos:

- | | | |
|---|--|--|
| <input type="checkbox"/> noticia | <input checked="" type="checkbox"/> editorial | <input type="checkbox"/> nota |
| <input checked="" type="checkbox"/> artículo de opinión | <input checked="" type="checkbox"/> propaganda | <input checked="" type="checkbox"/> carta del lector |
| <input type="checkbox"/> mapa | <input type="checkbox"/> receta de cocina | <input type="checkbox"/> salmos |

b) ¿Qué otros temas consideras polémicos? Cítalos.

Sugerencia de respuestas: el aborto, la legalización de la marihuana, la pena capital, la opción religiosa...

5. El título del artículo de opinión que leerás se titula "Los transgénicos no admiten generalizaciones". ¿Qué puede significar 'no admitir generalizaciones'?

Los alumnos formularán hipótesis sobre el significado del verbo admitir y su negación y el sustantivo generalizaciones. Se espera que observen que generalizar, en el contexto de un texto argumentativo, significa sacar una conclusión general sin argumentos. A rasgos generales, el tema de los transgénicos no se puede abordar someramente, sin una discusión consistente, por lo que "no admite generalizaciones".

Se espera saber qué conocimientos previos los alumnos tienen sobre géneros del tipo argumentativo. Probablemente han estudiado alguna vez en Lengua Portuguesa esos géneros textuales.

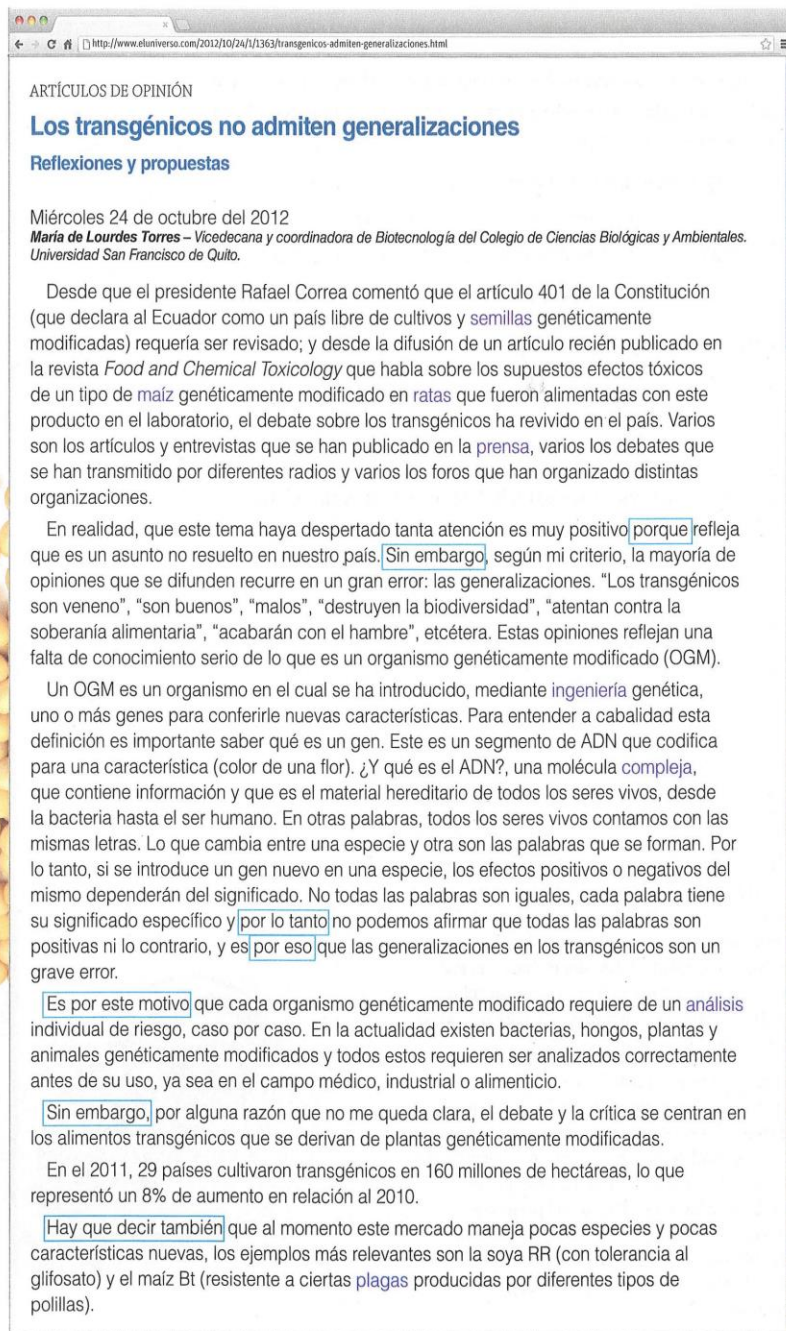
A quien no lo sepa

- Artículo de opinión, editorial y carta del lector no son lo mismo. El **editorial** es un texto en las primeras páginas de un periódico o revista que expresa la posición del periódico acerca de los hechos publicados. Marca la posición del periódico frente a los principales hechos del momento. **Carta del lector** es un texto que los lectores de un periódico escriben para opinar sobre alguna materia. No se contrata a un profesional para que opine como ocurre con el **artículo de opinión**.
- A las personas que expresan su opinión en los medios de comunicación se les llama **columnistas**. En el mundo hispánico hay columnistas muy conocidos que escriben semanalmente o mensualmente para periódicos conceptuados. Rosa Montero y Juan José Millás escriben para el periódico español *El País*; Beatriz Sarlo escribe para el periódico argentino *La Nación*; Alberto Aguilar y Maricarmen Cortés escriben para el periódico mexicano *El Universal*; Eduardo Lores y Francisco Miró Quesada escriben para el periódico peruano *El Comercio*.



► Red (con)textual

Lee el artículo de opinión de María de Lourdes Torres, columnista del periódico *El Universal*, de Quito, Ecuador. Tu objetivo de lectura es identificar si ella está a favor o en contra de los transgénicos.



ARTÍCULOS DE OPINIÓN

Los transgénicos no admiten generalizaciones

Reflexiones y propuestas

Miércoles 24 de octubre del 2012

María de Lourdes Torres – Vicedecana y coordinadora de Biotecnología del Colegio de Ciencias Biológicas y Ambientales, Universidad San Francisco de Quito.

Desde que el presidente Rafael Correa comentó que el artículo 401 de la Constitución (que declara al Ecuador como un país libre de cultivos y semillas genéticamente modificadas) requería ser revisado; y desde la difusión de un artículo recién publicado en la revista *Food and Chemical Toxicology* que habla sobre los supuestos efectos tóxicos de un tipo de maíz genéticamente modificado en ratas que fueron alimentadas con este producto en el laboratorio, el debate sobre los transgénicos ha revivido en el país. Varios son los artículos y entrevistas que se han publicado en la prensa, varios los debates que se han transmitido por diferentes radios y varios los foros que han organizado distintas organizaciones.

En realidad, que este tema haya despertado tanta atención es muy positivo porque refleja que es un asunto no resuelto en nuestro país. Sin embargo, según mi criterio, la mayoría de opiniones que se difunden recurre en un gran error: las generalizaciones. “Los transgénicos son veneno”, “son buenos”, “malos”, “destruyen la biodiversidad”, “atentan contra la soberanía alimentaria”, “acabarán con el hambre”, etcétera. Estas opiniones reflejan una falta de conocimiento serio de lo que es un organismo genéticamente modificado (OGM).

Un OGM es un organismo en el cual se ha introducido, mediante ingeniería genética, uno o más genes para conferirle nuevas características. Para entender a cabalidad esta definición es importante saber qué es un gen. Este es un segmento de ADN que codifica para una característica (color de una flor). ¿Y qué es el ADN?, una molécula compleja, que contiene información y que es el material hereditario de todos los seres vivos, desde la bacteria hasta el ser humano. En otras palabras, todos los seres vivos contamos con las mismas letras. Lo que cambia entre una especie y otra son las palabras que se forman. Por lo tanto, si se introduce un gen nuevo en una especie, los efectos positivos o negativos del mismo dependerán del significado. No todas las palabras son iguales, cada palabra tiene su significado específico y por lo tanto no podemos afirmar que todas las palabras son positivas ni lo contrario, y es por eso que las generalizaciones en los transgénicos son un grave error.

Es por este motivo que cada organismo genéticamente modificado requiere de un análisis individual de riesgo, caso por caso. En la actualidad existen bacterias, hongos, plantas y animales genéticamente modificados y todos estos requieren ser analizados correctamente antes de su uso, ya sea en el campo médico, industrial o alimenticio.

Sin embargo, por alguna razón que no me queda clara, el debate y la crítica se centran en los alimentos transgénicos que se derivan de plantas genéticamente modificadas.

En el 2011, 29 países cultivaron transgénicos en 160 millones de hectáreas, lo que representó un 8% de aumento en relación al 2010.

Hay que decir también que al momento este mercado maneja pocas especies y pocas características nuevas, los ejemplos más relevantes son la soya RR (con tolerancia al glifosato) y el maíz Bt (resistente a ciertas plagas producidas por diferentes tipos de polillas).



Pero no hay que olvidar que en muchísimos laboratorios alrededor del mundo hay desarrollos interesantísimos que van más allá de estos ejemplos y que representan iniciativas de grupos de investigación que no solo pertenecen a las grandes transnacionales.

Por citar solo uno, en pocos meses se comercializará en Brasil una variedad de fréjol genéticamente modificada, desarrollada íntegramente por una institución pública, en una variedad agrícola de interés para agricultores brasileños y con beneficios claros para el productor y el consumidor. Esta nueva variedad contribuye a la soberanía alimentaria de Brasil, no la destruye.

Entonces, no dejemos que fotografías de ratas con tumores, dibujos de plantas con modificaciones malévolas, afirmaciones alarmistas y extremistas sin sustento invadan nuestra inteligencia e imaginación.

Es hora de que el Ecuador trate este tema de forma seria, que digamos NO a la desinformación que consigue atemorizarnos, que nos liberemos de los criterios radicales y que construyamos un verdadero sistema nacional de bioseguridad. Sistema que asegure que si consumimos o utilizamos un OGM, este haya sido analizado correctamente, que no permita la entrada de OGM que no satisfagan nuestros intereses y que viabilice la investigación en este campo a nivel nacional.

Pero esto no se alcanza incorporando artículos aislados en diferentes cuerpos legales, incluyendo nuestra Constitución, **sino** siendo capaces de establecer un diálogo constructivo entre todos los sectores involucrados en esta temática.

No dejemos que la falta de claridad siga guiando este tema en el Ecuador. Seamos nosotros, los ciudadanos, quienes demandamos de las autoridades no seguir postergando las acciones que conduzcan al manejo informado y seguro de este tema.

Disponible en: <<http://www.eluniverso.com/2012/10/24/1/1363/transgenicos-admiten-generalizaciones.html>>. Acceso el 7 de diciembre de 2012.

VOCABULARIO DE APOYO

Hongo: tipo de ser vivo de reproducción generalmente asexual que suele ser parásito.

Glifosato: tipo de herbicida.

Polillas: nombre común de diversas especies de insectos lepidópteros nocturnos de pequeño tamaño.

Fréjol: lo mismo que judía, poroto, frijol o alubia en otras variedades del español.

> Tejiendo la comprensión

1. Según la autora, ¿por qué el debate sobre los transgénicos ha revivido en Ecuador?

Por dos motivos: (1) el presidente Rafael Correa comentó que el artículo 401 de la Constitución ecuatoriana (que declara al Ecuador como un país libre de cultivos y semillas genéticamente modificadas) requería ser revisado;

(2) la difusión de un artículo recién publicado en la revista *Food and Chemical Toxicology*, que habla sobre los supuestos efectos tóxicos de un tipo de maíz genéticamente modificado en ratas que fueron alimentadas con este producto en el laboratorio.

2. ¿Quién es la articulista? ¿Es una persona común o una experta en biotecnología?

Su nombre es María de Lourdes Torres. Es vicedecana y coordinadora de Biotecnología del Colegio de Ciencias Biológicas y Ambientales.

3. ¿Cuál es el objetivo principal del texto?

- () difundir los peligros de los transgénicos ya que destruyen la biodiversidad y actúan como veneno en el organismo humano.
- () defender la necesidad de que un país sea libre para cultivar los transgénicos y usarlos con el fin de acabar con el hambre en el mundo.
- (X) sostener que las generalizaciones sobre los transgénicos son un gran error, puesto que estas opiniones reflejan la falta de conocimiento serio sobre el asunto.

4. ¿Qué es un organismo genéticamente modificado (OGM)?

Según el texto, "un OGM es un organismo en el cual se ha introducido, mediante ingeniería genética, uno o más genes para conferirle nuevas características".

5. En "Para entender a cabalidad esta definición es importante saber qué es un gen", ¿qué significa la expresión "a cabalidad"?

Perfectamente, precisamente.

6. Según la autora, ¿por qué no se debe generalizar diciendo que los transgénicos son buenos o son malos?

Porque "cada organismo genéticamente modificado requiere de un análisis individual de riesgo" y "todos estos requieren ser analizados correctamente antes de su uso".

7. ¿Dónde podemos encontrar organismos genéticamente modificados?

En el campo médico, industrial o alimenticio.

8. Para la articulista, ¿cómo debe actuar su país, Ecuador, respecto a la ingeniería genética?

Para ella, Ecuador debe decir no a la desinformación y construir un verdadero sistema nacional de bioseguridad.

9. Se pueden entrever en el texto argumentos a favor y en contra de los transgénicos. Ordénalos en el cuadro.

"destruyen la biodiversidad" – "atentan contra la soberanía alimentaria" –
 "fotografías de ratas con tumores" – "contribuye a la soberanía alimentaria" –
 "acabarán con el hambre" – "dibujos de plantas con modificaciones malévolas" –
 "un país debe ser libre para investigar y cultivar los transgénicos" –
 "beneficios claros para el productor y el consumidor"

Argumentos a favor de los transgénicos	Argumentos en contra de los transgénicos
"acabarán con el hambre"	"destruyen la biodiversidad"
"contribuye a la soberanía alimentaria"	"atentan contra la soberanía alimentaria"
"un país debe ser libre para investigar y cultivar los transgénicos"	"fotografías de ratas con tumores"
"beneficios claros para el productor y el consumidor"	"dibujos de plantas con modificaciones malévolas"

10. ¿Qué piensas tú sobre este tema? ¿Estás a favor o en contra de las investigaciones sobre los transgénicos? ¿Por qué?

Respuestas personales

Organizadores del texto o marcadores textuales

En los textos argumentativos, como es el caso del artículo de opinión, se suelen usar organizadores del texto para articular la conexión entre tesis y argumentos, argumentos y contra argumentos, argumentos y conclusión. María de Lourdes Torres hace uso de las siguientes expresiones para contrastar ideas, concluir las, añadir informaciones, ejemplificar, explicar y señalar causas:

porque – sin embargo – por lo tanto – por eso – es por este motivo – por citar solo uno –
hay que decir también – pero – entonces – sino – no hay que olvidar que

1. Relee el artículo de opinión. Tu objetivo es subrayar esas expresiones en el texto y observar cómo se usan. Después, escríbelas en su grupo específico:

Grupo A: Contrastar ideas, indicando cambio de opinión	pero, sin embargo, sino
Grupo B: Concluir ideas	por lo tanto, entonces
Grupo C: Añadir informaciones	hay que decir también, no hay que olvidar que
Grupo D: Ejemplificar	por citar solo uno
Grupo E: Explicar	porque
Grupo F: Señalar causas	es por este motivo, por eso

Contrastar ideas, indicando cambio de opinión

En el artículo de opinión que leíste hay tres conectores de ideas opuestas que marcan la importancia de una idea sobre la otra: **sin embargo**, **pero** y **sino**.

Sin embargo

Se usa, normalmente, al inicio de los enunciados para contraponer ideas. Además, su uso demuestra preocupación por el lenguaje culto. Observa:

“En realidad, que este tema haya despertado tanta atención es muy positivo porque refleja que es un asunto no resuelto en nuestro país. **Sin embargo**, según mi criterio, la mayoría de opiniones que se difunden recurre en un gran error: las generalizaciones.”

2. En lugar de **sin embargo**, se puede usar también otro conector, de igual valor. Lee las dos frases a continuación y, con la ayuda de un diccionario, elige la opción en la que el contraste de ideas se mantiene:
- (x) En realidad, que este tema haya despertado tanta atención es muy positivo porque refleja que es un asunto no resuelto en nuestro país. **No obstante**, según mi criterio, la mayoría de opiniones que se difunden recurre en un gran error: las generalizaciones.
- () En realidad, que este tema haya despertado tanta atención es muy positivo porque refleja que es un asunto no resuelto en nuestro país. **Mientras que**, según mi criterio, la mayoría de opiniones que se difunden recurre en un gran error: las generalizaciones.

Pero y sino

3. Los usos de los conectores **pero** y **sino** son distintos y no se puede usar uno en lugar del otro. Observa:

“... Sistema que asegure que si consumimos o utilizamos un OGM, este haya sido analizado correctamente, que no permita la entrada de OGM que no satisfagan nuestros intereses y que viabilice la investigación en este campo a nivel nacional.

Pero esto no se alcanza incorporando artículos aislados en diferentes cuerpos legales, incluyendo nuestra Constitución, **sino** siendo capaces de establecer un diálogo constructivo entre todos los sectores involucrados en esta temática...”

Ahora, escribe el conector donde se presenta su explicación de uso:

El conector pero se usa para presentar una nueva información que contrasta con otra anterior, pero no la niega ni la corrige.

El conector sino se usa para negar o corregir una parte de la información presentada anteriormente y sustituirla.

En la *Chuleta Lingüística*, p. 163, se amplía esta sección con explicaciones y actividades sobre los usos de **sino** y **sino que**.

4. Observa este fragmento, en el que aparece el conector **pero** en el artículo:

“Hay que decir también que al momento este mercado maneja pocas especies y pocas características nuevas, los ejemplos más relevantes son la soya RR (con tolerancia al glifosato) y el maíz Bt (resistente a ciertas plagas producidas por diferentes tipos de polillas).

Pero no hay que olvidar que en muchísimos laboratorios alrededor del mundo hay desarrollos interesantísimos que van más allá de estos ejemplos y que representan iniciativas de grupos de investigación que no solo pertenecen a las grandes transnacionales”.

¿Se podría sustituirlo por el conector **sin** que haya cambios de sentido? Justifica tu respuesta.

No. Aunque el uso del conector **y** pueda señalar contraste, su fuerza es menor que la del conector **pero**. Y eso sería indeseable, pues la articulista quiere exactamente mostrar que en muchos laboratorios se desarrollan investigaciones además de lo que se hace con la soja y el maíz.

Concluir ideas

5. Relee los siguientes fragmentos del artículo de opinión en que aparecen conectores que, en el contexto, señalan idea de conclusión.

“Entonces, no dejemos que fotografías de ratas con tumores, dibujos de plantas con modificaciones malévolas, afirmaciones alarmistas y extremistas sin sustento invadan nuestra inteligencia e imaginación.”

“No todas las palabras son iguales, cada palabra tiene su significado específico y **por lo tanto** no podemos afirmar que todas las palabras son positivas ni lo contrario...”

¿Qué conectores pueden sustituir **entonces** y **por lo tanto** en estas oraciones? Señálalos:

() Al fin y al cabo () Por lo dicho () Para eso () Para que
Es importante explicar que los conectores **para eso** y **para que** articulan partes entre las que existe una relación de finalidad.

Añadir informaciones

En su artículo, María de Lourdes Torres usa las expresiones **hay que decir también** y **no hay que olvidar que** para añadir más argumentos. Lee una parte de otro artículo de opinión, intitulado “Alimentos transgénicos, ¿buenos o malos?” y señala la expresión que también agrega informaciones.

“Los alimentos modificados genéticamente son sometidos a una serie de rigurosos análisis y estudios que determinan su seguridad y que son la base para permitir su comercialización en el mercado. Además, las entidades regulatorias ejercen una especial “fiscalización” de los productos en los que ha intervenido de alguna u otra forma la biotecnología para evitar cualquier tipo de riesgo.”

Disponible en <<http://www.diariovasco.com/v/20110117/opinion/articulos-opinion/transgenicos-plato-20110117.html>>. Acceso el 3 de enero de 2011.

Ejemplificar

Se pueden usar ejemplos para argumentar en un texto de opinión.

6. ¿Qué expresiones pueden introducir un ejemplo? Señálalas:

(x) por citar solo uno (x) por ejemplo () en realidad

7. Relee el siguiente párrafo del artículo:

“Por citar solo uno, en pocos meses se comercializará en Brasil una variedad de fréjol genéticamente modificada, desarrollada íntegramente por una institución pública, en una variedad agrícola de interés para agricultores brasileños y con beneficios claros para el productor y el consumidor. Esta nueva variedad contribuye a la soberanía alimentaria de Brasil, no la destruye.”

¿Se podría sustituir la expresión **por citar solo uno** por la expresión **para ejemplificar** sin alteración de sentido? Para contestar a esta pregunta, considera que la primera expresión articula este párrafo con el anterior.

Sí, se pueden usar las dos expresiones sin alteración de sentido. Cuando se usa **para ejemplificar**, se supone que el ejemplo es uno entre varios.

Explicar y señalar la causa

En el artículo de opinión que has leído, aparecen algunas explicaciones y causas. Para explicar la causa de algo o señalarla, el operador más común es **porque**. Fíjate:

Parte 1		Parte 2
En realidad, que este tema haya despertado tanta atención es muy positivo	porque	refleja que es un asunto no resuelto en nuestro país.

8. Identifica la causa en el enunciado anterior.

La parte 2 es una explicación para el hecho enunciado en la parte 1: que el tema sea un asunto no resuelto explica el hecho de que haya despertado tanta atención.

9. ¿El conector **porque** podría cambiarse por **por eso**? ¿Por qué?

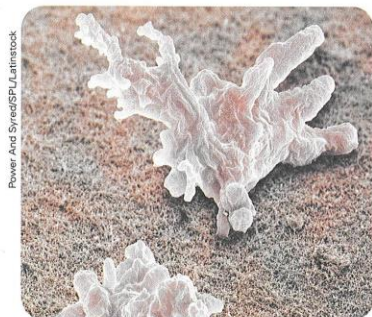
No, pues el uso del conector **por eso** señalaría una relación de causa y efecto entre las dos partes. Que el tema haya despertado tanta atención no es la causa [explicación] de que sea un asunto no resuelto, sino el efecto [la consecuencia]. El conector **por eso** introduce la consecuencia de algo, no lo que lo motiva.

Vocabulario en contexto

Reinos de la Biología

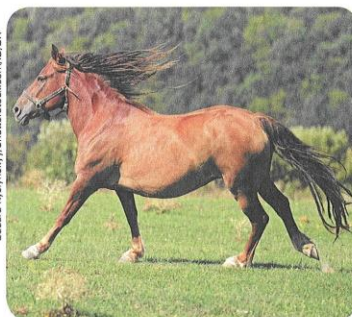
Se espera que los alumnos hayan estudiado los cinco reinos en la asignatura Biología. El objetivo de la cuestión es aprender el vocabulario en lengua española. El Reino Monera está formado por las bacterias y algas verde azules. El Reino Protocista por protozoos o protozoarios y algunas algas unicelulares. El Reino Fungi integra los hongos. El Reino Animal está compuesto por los animales vertebrados e invertebrados. El Reino Plantae integra las plantas y algas pluricelulares.

1. En el artículo de opinión, se afirma que existen bacterias, hongos, plantas y animales genéticamente modificados. Esos seres vivos pertenecen a grupos o reinos biológicos distintos que comparten características semejantes. En el ámbito de la biología, se pueden encontrar cinco reinos (Reino Monera, Reino Protocista, Reino Fungi, Reino Animal, y Reino Plantae). ¿Los conoces? Observa las imágenes de cinco seres vivos y completa las informaciones que faltan.



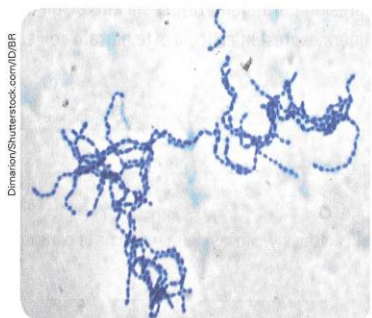
Power And Syred/SP/Latinstock

Reino: Protocista
 Ser vivo: ameba (*Amoeba proteus*)



Eduard Kyalynsky/Shutterstock.com/ID/BR

Reino: Animal
 Ser vivo: caballo



Dimension/Shutterstock.com/ID/BR

Reino: Monera
 Ser vivo: bacterias (*Streptococcus pyogenes*)



Chantal de Bruijne/Shutterstock.com/ID/BR

Reino: Fungi
 Ser vivo: seta o champiñón



Ka.Li/Shutterstock.com/ID/BR

Reino: Plantae
 Ser vivo: flor

2. El Reino Animal está compuesto por todos los animales, que pueden clasificarse en vertebrados e invertebrados. ¿Te acuerdas de tus clases de Biología? Los vertebrados se organizan en mamíferos, peces, aves, anfibios, reptiles. En tríos y con un dado de seis caras en manos, tendrán que decir a qué grupo de vertebrados pertenecen los animales de las fotos:

1 SALIDA

2 La raya Peces

3 ¡Qué alegría! Avanza 3 casillas.

4 La culebra Reptiles

5 El picaflor Aves

9 El tiburón Peces

8 El murciélago Mamíferos

7 La rana Anfibios

6 El loro Aves

10 El zorro Mamíferos

11 ¡Cede tu turno!

12 La ballena Mamíferos

13 La tortuga Reptiles

14 El cocodrilo Reptiles

20 LLEGADA

15 El águila Aves

19 El atún Peces

18 Ay, ¡qué pena! Regresa 2 casillas.

17 El delfín Mamíferos

16 El gato Mamíferos

3. ¡A estudiar los mamíferos! En una computadora con acceso a internet, visita el sitio electrónico <http://cplosangeles.juntaextremadura.net/web/edilim/curso_3/cmedio/animales vertebrados_3/mamiferos/mamiferos.html> (acceso el 21 de marzo de 2013) y haz las actividades.

En esta página web, con actividades propuestas por Florentino Sánchez Martín, se describen las características de los mamíferos con actividades de completar huecos, arrastrar etiquetas, escribir y marcar respuestas correctas y de pulsar letras.

> Escritura

> Conociendo el género

Lee el siguiente artículo de opinión y observa las características de este género discursivo:

ARTÍCULOS DE OPINIÓN

Transgénicos en el plato

17.01.11 - 02:00

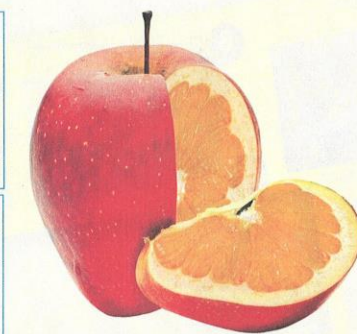
JUAN QUINTANA CAVANILLAS | DIRECTOR DE LA FUNDACIÓN ANTANA.
DR. INGENIERO AGRÓNOMO

Salimos de una época del año donde la alimentación ha jugado un papel importante en nuestros hogares. En este singular momento el debate alimentario suele tomar fuerza y, en este contexto, los alimentos transgénicos y su presencia en la cesta de la compra no pasan desapercibidos.

El consumidor se suele plantear dos cuestiones sobre este asunto: qué cantidad de alimentos transgénicos están en el mercado y si es posible diferenciarlos para poder decidir si comprarlos o no. La norma vigente en la Unión Europea exige que cualquier alimento que incorpore más del 0,9% de elementos transgénicos esté etiquetado, de acuerdo con los Reglamentos (CE) n. 1829/2003 y 1830/2003. En Estados Unidos el caso es diferente, ya que hacen valer el criterio científico de que los alimentos transgénicos son sustancialmente iguales a los convencionales, por lo que no existe obligación de informar en el etiquetado sobre la composición transgénica parcial o total.

Por otro lado, también se cuestiona si la experimentación en este tipo de alimentos es suficiente para el tiempo que llevan en el mercado. En este sentido se podría contribuir a la reflexión con un ejemplo. ¿Qué habría pasado si para aprobar el uso de la penicilina se hubieran requerido, por ejemplo, 75 años? Pues que solo hace 7 años que la utilizaríamos, y que decenas de millones de personas de todo el mundo habrían fallecido por infecciones en los tres cuartos de siglo precedentes.

Los alimentos transgénicos llevan en el mercado más de quince años, a lo que hay que añadir todos los años previos de experimentación y validación. En todo este periodo no se ha detectado ningún efecto negati-



vo para la salud humana, tal como en cada caso garantizó la ciencia antes de ser aprobados. Pero no nos olvidemos que son necesarios muchos años de investigación, experimentación y evaluación para que uno de estos productos entre en el mercado. Unas garantías que en la Unión Europea nos proporciona la Autoridad Europea de Seguridad Alimentaria (EFSA), una organización científica independiente que se encarga de que todo lo que consumimos, transgénico o no, tenga los máximos niveles de seguridad y en la que, según los últimos datos del Eurobarómetro 2010, confía más de las tres cuartas partes de la población europea.

Para finalizar, una respuesta personal a una pregunta también frecuente en este debate: ¿comería alimentos transgénicos? La respuesta para mí es sencilla. Sí, si me gusta su relación calidad/precio, como con cualquier otro alimento. En cualquier caso, la realidad en la UE es que los alimentos transgénicos son todavía una ínfima parte de la oferta gastronómica, y en cualquier caso el consumidor tiene posibilidad y libertad para no comprarlos, ya que el etiquetado existe, está regulado y se aplica.

Disponible en: <<http://www.diariovasco.com/v/20110117/opinion/articulos-opinion/transgenicos-plato-20110117.html>>. Acceso el 10 de diciembre de 2012.

- **Género textual:** Artículo de opinión
- **Objetivo de lectura:** Identificar si se está a favor o en contra de algo
- **Tema:** ¿Comida sana en la merienda escolar?
- **Tipo de producción:** Individual
- **Lectores:** Las cocineras del colegio

3. verde

3. azul

Shutterstock.com/ID/BR

3. ROSA

1. ¿Cuál es el objetivo central del texto?

- defender que no existe la obligación por parte de los gobiernos de informar en el etiquetado la composición transgénica parcial o total de un alimento, ya que son alimentos iguales a los convencionales.
- afirmar que el consumidor de todos los países tiene la posibilidad de identificar por la etiqueta qué alimentos fueron genéticamente modificados y decidir si van a comprarlos o no.
- argumentar sobre las diferencias que existen entre la UE y los EE.UU., ya que en Europa el etiquetado se utiliza y está regulado, mientras que en Estados Unidos no existe dicha obligación.

2. Identifica en el texto la expresión utilizada para organizar el discurso con la función de:

pero – por lo que – por otro lado – ya que – para finalizar

Introducir la consecuencia de uno o más hechos	por lo que
Introducir la causa de algún acontecimiento	ya que
Organizar en el texto distintos argumentos	por otro lado
Introducir una información que se opone a otra anterior	pero
Concluir una idea como cierre del texto	para finalizar

Es necesario volver al texto en cada uno de los enunciados en los que aparece la expresión usada y preguntarles a los alumnos con qué función se usó cada una. Por ejemplo, el organizador textual **pero**, ya estudiado, se usó para oponer dos informaciones. **Por otro lado** organiza el texto aportando más argumentos y equivale a **por otra parte**. Ya que expresa causa y tiene la misma función de **porque**, **debido a que**. Como consecuencia, se usó la expresión **por lo que**. Al final del texto, se inicia el último párrafo con la expresión **Para finalizar** con el fin de concluir las ideas expresadas en el texto.

3. Colorea las tres partes principales del texto argumentativo: **introducción**, **desarrollo o cuerpo argumentativo**, y **conclusión**.

4. Observa los recursos utilizados para expresar opiniones y argumentos o rebatirlos con el fin de persuadir al lector. ¿En cuál de estos enunciados el articulista explicita su posición?

- “La norma vigente en la Unión Europea exige que cualquier alimento que incorpore más del 0,9% de elementos transgénicos esté etiquetado, **de acuerdo con los Reglamentos (CE) n. 1829/2003 y 1830/2003.**”
- “En Estados Unidos el caso es diferente, **ya que** hacen valer el criterio científico de que los alimentos transgénicos son sustancialmente iguales a los convencionales (...).”
- “En cualquier caso, la realidad en la UE es que los alimentos transgénicos son todavía una ínfima parte de la oferta gastronómica, y en cualquier caso el consumidor tiene posibilidad y libertad para no comprarlos, **ya que** el etiquetado existe, está regulado y se aplica.”

En el fragmento señalado, el articulista justifica su opinión y expone las razones que lo llevan a pensar de esa manera. En los demás, en cambio, no presenta su opinión sobre el tema, sino que se limita a describir cómo se aborda el tema de los transgénicos en la Unión Europea y en los Estados Unidos.

Gramática en uso

A la hora de escribir tu texto argumentativo, se hace necesario organizarlo. Hay organizadores y marcadores textuales propios para introducir el tema, enumerar los argumentos, resumir las ideas expuestas y concluir la tesis que se quiere defender.

Fijate en los siguientes organizadores:

en primer lugar – en conclusión – voy a hablar de – en pocas palabras – vamos a ver – voy a demostrarles – para finalizar – empecemos por – por un lado – por otro lado – por una parte – por otra parte – en resumen – en segundo lugar – no hay que olvidar que – para seguir – cabe agregar – para resumir – en tercer lugar – para concluir

¿Cuáles usarías para:

a) introducir el tema?

Las respuestas son orientativas. Lo importante es que el alumno conozca estos organizadores textuales y los clasifique de manera lógica. En un texto real, el hablante puede emplearlos según sus necesidades e intenciones, por lo que esta clasificación puede variar un poco. Por poner un ejemplo, no hay nada que determine que haya que emplear "empecemos por" en el primer párrafo de un texto, aunque sea posible hacerlo, ni que un texto tenga que tener un número determinado de párrafos.

voy a hablar de – voy a demostrarles – vamos a ver – empecemos por

b) enumerar los argumentos?

en primer lugar – en segundo lugar – en tercer lugar – por un lado – por otro lado – por una parte – por otra parte – para

seguir – cabe agregar – no hay que olvidar que

c) resumir las ideas expuestas?

en pocas palabras – en resumen – para resumir

d) concluir la tesis defendida?

en conclusión – para finalizar – para concluir

En la *Chuleta Lingüística*, p. 163, se amplía esta sección con explicaciones y actividades sobre los usos de los marcadores textuales.

> Planeando las ideas

En el próximo apartado vas a escribir un artículo de opinión para defender tu punto de vista sobre los temas "¿Comida sana en la merienda escolar?" y "¿Libertad de elección de lo que comer?".

Pero antes, para ayudarte a pensar sobre el asunto, lee el siguiente artículo de opinión y observa los argumentos utilizados para justificar la afirmación de que "El venezolano está comiendo mal y nuestros niños peor". ¿Crees que pasa lo mismo en Brasil? *Respuesta personal.*

Alimentación de nuestros niños

Hoy padres e hijos se desayunan a la carrera, después de madrugar, somnolientos y apurados...

ARMANDO SCANNONE | EL UNIVERSAL

Sábado 31 de marzo de 2012 12:00 AM

EL UNIVERSAL

El venezolano está comiendo mal y nuestros niños peor. A partir de los años 50 del siglo pasado, el desarrollo democrático del país abrió a la mujer, felizmente, la posibilidad plena de ingresar en liceos y universidades e incursionar masivamente en el comercio, la industria y las denominadas profesiones liberales y ejercer la libertad de ocupar posiciones relevantes en la sociedad. Las que eran entonces amas de casa, que contribuían a transmitir oralmente los conocimientos de cocina, para preparar comida criolla, refinada, cosmopolita, succulenta, abandonaron las cocinas, así como muchas cocineras domésticas de oficio, que prefirieron otros empleos. Como consecuencia, se fue olvidando nuestra comida tradicional y, el repertorio básico de una familia, que podía ser de unos 30 platos diferentes o más, hoy no pasa de 15, desdeñando el factor más importante para lograr una alimentación nutricionalmente balanceada: la variedad.

Hoy, padre y madre suelen trabajar en horarios estresantes, con medios económicos limitados; padeciendo una inflación galopante, antes desconocida. Sufren también el crecimiento explosivo, descontrolado y permisivo de la ciudad, que genera largas distancias, las cuales deben ser recorridas a través de un tráfico congestionado y lento, para cumplir horarios inadecuados en empresas y escuelas, con una hora legal también inadecuada. Así mismo, los niños, los más perjudicados, almuerzan solos y tarde.

En la década del 60 del siglo pasado, los horarios escolares cambiaron, debido a déficit de aulas. De dos turnos, 8 a 11 am y 2 a 4 pm, se pasó a un solo turno, 7 o 7:30 am a 1:30 o 2:00 pm. En ambos casos, hay 1/2 hora de receso en total. Es decir, se pasó de 4 1/2 horas a 6 horas de clases diarias y de 24 a 30 horas semanales, aproximadamente. Sin clases los sábados.

Como consecuencia, el desayuno, quizás la comida más importante para los escolares, que deben asearse, y desayunar antes de salir del hogar, con comida variada y apetecible, en unión de los padres y familia, pues es ocasión propicia para conversar, enseñar y aprender valores, disciplina, comportamiento, rendimiento en los estudios y modales, que no son funciones del maestro, así como guardar sabores, aromas y texturas en la memoria gustativa, aprendiendo a comer todo desde la infancia. Comer no es solo alimentarse, sino disfrutarlo en un entorno feliz y distendido. Hoy padres e hijos se desayunan a la carrera, después de madrugar, somnolientos y apurados, y esperar el transporte escolar que conducirá los niños a la escuela, o llevados por uno de los padres. Otros muchos escolares se desayunan mal, a la hora de la merienda, con lo llevado en loncheras, muchas veces refrescos, jugos de fruta y chucherías industrializados, recargados de azúcar, grasas y conservantes.

El resultado es un alarmante exceso de peso, obesidad y más tarde, diabetes y otras dolencias, un problema grave que debe ser abordado de urgencia, con la presencia y opinión de los padres, y estos, fijar prioridades.

Disponible en: <<http://www.eluniversal.com/opinion/120331/alimentacion-de-nuestros-ninos>>. Acceso el 7 de diciembre de 2012.

Ahora elige tu punto de vista: ¿estás a favor o en contra de la obligatoriedad de la comida sana en la merienda escolar? ¿Qué argumentos tienes para defender tu opinión? *Respuesta personal. Se puede hacer una encuesta o una discusión informal en clase para ver las opiniones de todos y los argumentos que presenta cada uno.*

Vocabulario en contexto

Alimentos industrializados y alimentos naturales

Desafío: ¿Conoces los nombres de las bebidas y las comidas en español? Intenta escribir el nombre de cada alimento debajo de cada imagen:

ajo - yogur - pollo - jugo - helado - col - té - zanahoria - frutilla - sandía - pastel - gaseosa - pasta - palomitas - lechuga - manzana - durazno - leche - queso - naranja - jamón



pollo



helado



zanahoria



yogur



col

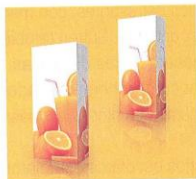


sandía



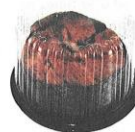
aarrows/Shutterstock.com/ID/BR

queso



Kestras Tjipes/Shutterstock.com/ID/BR

jugo (en España, se dice zumo)



mray/Shutterstock.com/ID/BR

pastel



fory lu/Shutterstock.com/ID/BR

gaseosa o refresco



Pelofoto/Shutterstock.com/ID/BR

té



K. Mini Photography/Shutterstock.com/ID/BR

pasta



mikeedev/Shutterstock.com/ID/BR

palomitas



Bine/Shutterstock.com/ID/BR

naranja



Sergii Figurny/Shutterstock.com/ID/BR

lechuga



Marek R. Swadzba/Shutterstock.com/ID/BR

manzana



Elovich/Shutterstock.com/ID/BR

ajo



Valentyn/Z/Shutterstock.com/ID/BR

frutilla (en algunos países se encuentra la voz fresa)



SimonCPhoto/Shutterstock.com/ID/BR

leche



studiogi/Shutterstock.com/ID/BR

jamón



Natlia/Shutterstock.com/ID/BR

durazno (en España, melocotón)

El español alrededor del mundo

En español algunos alimentos pueden recibir muchos nombres, según el país o zona. A lo que los brasileños conocen como *pipoca*, los hispanohablantes conocen como *pochoclo* (Argentina), *crispetas* (Colombia), *cabritas* (Chile), *canchita* o *popcor* (Perú), *pororó* (Paraguay), *rositas* (Cuba), *cotufa* (Venezuela), *palomitas* (México y España), *pipoca* (Bolivia). Al dulce de leche (Argentina, Uruguay y Venezuela) le nombran *cajeta*, en México; *manjar*, en Bolivia, Chile y Colombia; *arequipe*, específicamente en Bogotá; y *fanguito*, en Cuba.

> Taller de escritura

¡A redactar un artículo de opinión! Para eso, sigue estas orientaciones:

1. Hay que elegir, en primer lugar, el tema o el hecho que se va a tratar y definir la tesis o posición que se va a defender.
2. A continuación, se deben **elaborar cuidadosamente los argumentos** para defender la tesis.
3. Conviene, por último, organizar el artículo del siguiente modo:
 - presentación de los hechos que se van a comentar;
 - valoración personal de esos hechos;
 - **propuesta de soluciones** o de actuaciones concretas.

Para ayudarte, completa este cuadro a partir de los pasos anteriores:

PROBLEMA	
Argumentos a favor	Argumentos en contra
CONCLUSIÓN	

¡Ojo!

No te olvides de usar los organizadores del texto, tales como **a favor, en contra, ya que, por un lado, por otro lado, de acuerdo con, sin embargo, para finalizar...**

> (Re)escritura

Relee tu texto y verifica si está bien fundamentado y organizado (no te olvides de los organizadores del texto) y si no presenta errores gramaticales u ortográficos. Además, házselo leer a un compañero para que te diga si los argumentos que empleaste defienden bien tu tesis o no. Reestructúralos o sustitúyelos por otros, si hace falta.

Anexo 3

Capítulo 1 – Tecnologías: a usarlas conscientemente

UNIDAD

1

Conéctate con la innovación:
a reflexionar sobre los
desarrollos tecnológicos

Cuando el fuego era una nueva tecnología

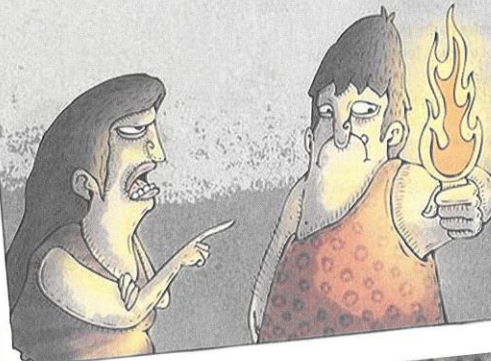
ESTE FUEGO
FUNCIONA MAL...
DA POCO CALOR
Y DEJA LA CARNE
MEDIO CRUDA



¿PROBÓ APAGARLO
Y VOLVER A
ENCENDERLO?

Daniel
PAZ

¿ASÍ QUE ESTE ES TU NUEVO "JUGUETE", KORGH?
QUE MALA COSTUMBRE LA TUYA, ESTA DE ANDAR INVIRTIENDO EN TECNOLOGÍA QUE,
SEGURAMENTE, QUEDARÁ OBSOLETA EN TRES MESES.



Moridj <http://www.aberroment.blogspot.com>

En esta unidad:

- reflexionarás sobre el papel de las tecnologías en las sociedades actuales;
- sabrás qué significa el término "basura electrónica";
- leerás viñetas críticas y producirás una haciendo una crítica social;
- aprenderás palabras relacionadas con las tecnologías;
- usarás el condicional simple;
- estudiarás la función de los adjetivos en los editoriales;
- aprenderás a pronunciar las letras b y v en español;
- producirás un cuento tras leer cuentos de Juan José Millás.

- **Transversalidad:**
Medio ambiente y consumo
- **Interdisciplinaridad:**
Física, Química y Geografía

¡Para empezar!

Observa las imágenes y las viñetas de al lado y lee este fragmento de texto:

"La historia de los inventos es en sí misma la historia de la humanidad. Una gesta que va desde las necesidades primarias del *homo sapiens*, tales como comer, situarse bajo un techo protector y defenderse de sus enemigos, hasta este mundo electrónico y sorprendente en que hoy vivimos."

Disponible en: <<http://www.librosmaravillosos.com/inventos/>>. Acceso el 7 de marzo de 2013.

Teniéndolos en cuenta, reflexiona y haz las actividades que se te proponen, 1a y 1b. **Respuestas personales.** En el ítem b se espera que los alumnos reflexionen de manera más amplia sobre los avances tecnológicos relacionados con el fuego, teniendo en cuenta, incluso,

1. **Contesta estas preguntas:** el conocimiento de otras asignaturas de su currículo. Más detalles en la sección *Desarrollo de las unidades y*

a) ¿Te imaginas cómo sería hoy en día tu vida sin el fuego? *sugerencias de actividades de este Manual.*

b) ¿Qué relación tiene el fuego con el surgimiento de otras tecnologías? Los profesores de Física, Química o Biología pueden ayudarte a reflexionar sobre dicha cuestión.

Las imágenes sugieren la invención de la rueda y el surgimiento de la escritura (imagen de fondo). Los alumnos deberán mirar

2. El fuego fue un extraordinario descubrimiento para la humanidad. Pensando en ello, ¿se te ocurren ejemplos de inventos y descubrimientos que constituyan grandes pilares para el desarrollo tecnológico de la civilización? *las imágenes y observar estos elementos. Más detalles en la*

sección *Desarrollo de las unidades y sugerencias de actividades de este Manual.*

3. ¿De qué manera se relacionan el pasado y el presente en las dos viñetas?

Las imágenes nos remiten a la prehistoria, pero los comentarios de los personajes nos hacen pensar en cosas que se dicen comúnmente hoy en día cuando nos acercamos a la tecnología. Si no estuvieran las imágenes de las viñetas, podríamos suponer que en la primera viñeta se estaría hablando de un aparato que acaba de comprarse, pero que parece no funcionar y que hay que probar apagarlo y volver a encenderlo para comprobar si no está averiado (una computadora, por ejemplo); en la segunda, se podría pensar que se está haciendo una crítica a la obsolescencia programada, es decir, a que un aparato tecnológico llegue al mercado y que, al poco tiempo, se quede obsoleto. La crítica también podría ir dirigida a los que compran nuevos aparatos a tuerto o a derecho sin necesitarlos y sin pensar en las consecuencias medioambientales que conlleva el desecho de dichos aparatos en el medio ambiente.

- **Género textual:** Spot de campaña
- **Objetivo de escucha:** Comprender detalles del spot de la campaña
- **Tema:** Medio ambiente y sustentabilidad

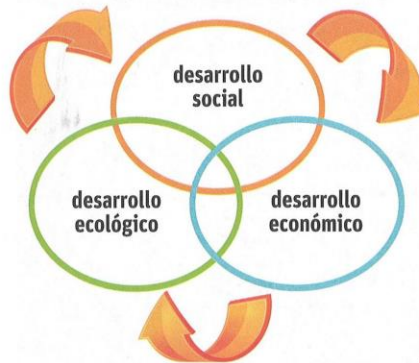
> Escucha

> ¿Qué voy a escuchar?

1. La Organización de las Naciones Unidas (ONU) propuso ocho objetivos para el milenio. El objetivo del milenio 7 es "Garantizar la sostenibilidad del medio ambiente". ¿Sabes qué es "desarrollo sostenible"? Intenta descubrirlo observando estas imágenes:

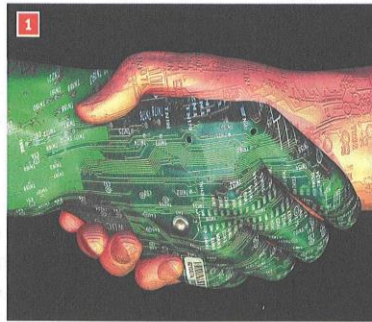


ONU México/Sistema de las Naciones Unidas México



El término **sostenibilidad** se refiere a acciones para conservar el medio ambiente.

2. Vas a escuchar una campaña sobre la sostenibilidad (o sustentabilidad). ¿Qué te sugieren estas imágenes acerca de este tema? Coméntalo con un compañero.



Tonia Per/Shutterstock.com/IDBR



Tatiana Popova/Shutterstock.com/IDBR

Las imágenes asocian el desarrollo tecnológico y nuestra forma de vivir a la conservación del medio ambiente. En la primera imagen, las manos se asemejan a los componentes internos de una computadora. Es como si el progreso y el ser humano se dieran las manos como símbolo de amistad. En la segunda, se ve una hoja dentro de la bombilla, que también alude al progreso, pero de manera sostenible, especialmente en lo que atañe al consumo de energía. Los alumnos pueden decir, por lo tanto, que la campaña tratará de la relación entre la sostenibilidad y el medio ambiente asociados al progreso y la tecnología.

A quien no lo sepa

Las Naciones Unidas son una organización internacional fundada en 1945 por 51 países, para mantener la paz y la seguridad internacionales y promover el progreso social. Hoy está compuesta por 193 países. En el sitio electrónico <<http://www.un.org/es/aboutun/>> (acceso el 13 de febrero de 2013) podrás obtener más informaciones sobre las Naciones Unidas, tales como sus objetivos principales, sus tratados y declaraciones.

1. Conéctate con la innovación: a reflexionar sobre los desarrollos tecnológicos

> Escuchando la diversidad de voces

1 Para que haya progreso, hace falta electricidad, ¿verdad? Escucharás una campaña española intitulada *Sostenibilidad* (disponible en: <http://www.youtube.com/watch?v=c4yRX6l5Dg8>; acceso el 30 de enero de 2013). Haz las actividades que se te proponen.

1. ¿Cuál de estos aparatos motiva el inicio de la discusión? Señálalo con una cruz.

() La plancha



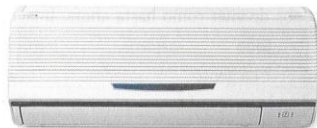
Kkuliko/Shutterstock.com/ID/BR

() La computadora o el ordenador



Dimity Malchev/Shutterstock.com/ID/BR

(x) El aire acondicionado



Maggie/Shutterstock.com/ID/BR

() La nevera o heladera



Omers/Shutterstock.com/ID/BR

El aparato es el aire acondicionado. Uno de los chavales quiere encenderlo porque hace mucho calor, lo que, según el otro, le causa grandes impactos al planeta.

2. ¿Cuántos son los participantes en la conversación? ¿Son niños, jóvenes, mayores...?

Son dos chicos jóvenes.

3. ¿Se trata de una conversación formal o informal? Justifica tu respuesta.

Es una conversación informal. En este primer momento, pueden fijarse en los sonidos de fondo, como los ruidos del videojuego y el tono informal del diálogo entre los chicos (no se trata de un debate, ni de una conferencia o de otros ámbitos formales, sino de un diálogo cotidiano, cuyo tono se va haciendo más grave y serio). No obstante, los alumnos no deben confundir la seriedad del tema con la formalidad de la discusión.

4. Mientras avanza la conversación nos damos cuenta de la seriedad del tema que se está discutiendo. ¿Qué elementos de la grabación refuerzan el tono de seriedad de lo que se dice?

El principal de ellos es la música, que deja de ser la del videojuego y pasa a ser una más grave y seria. También se escuchan otros ruidos, como el del cortocircuito, el sonido del viento y los ladridos de un perro solitario.

5. En algunos momentos, los hablantes utilizan un tono irónico a la hora de argumentar. Una de las formas de construir esa ironía es por medio de lo que llamamos preguntas retóricas, que son preguntas que se formulan sin esperar respuestas. Transcribe del audio dos preguntas retóricas.

Son muchas las preguntas retóricas utilizadas en el audio. Algunos ejemplos: "¿La nevera es imprescindible?", "¿De qué nos servirían?", "¿Qué pintaríamos en ellas?", "¿Ese es el futuro que quieres?"

6. Resume con tus palabras el punto de vista de cada uno de los hablantes.

Sugerencia: Uno de los chicos defiende que ahorrar energía y dejar de utilizar los avances alcanzados por la humanidad a nuestro favor supondría un retroceso. El otro defiende que el uso irrefrenable e irresponsable de recursos naturales puede llevarnos a la destrucción del planeta.

A quien no lo sepa

Si te gustó el audio, puedes acceder al sitio <http://www.sostenibilidad.com/home> (acceso el 9 de febrero de 2013), donde encontrarás proyectos referentes a esa temática y podrás comentar, opinar y compartir informaciones en el *blog*.

El condicional simple

1. Este es el texto del *spot* de la campaña *Sostenibilidad*, que escuchaste anteriormente. Intenta completarlo con los verbos del recuadro sin escuchar el audio. Luego, si hace falta, vuelve a escucharlo para verificar tu trabajo.

Es importante que los alumnos intenten realizar el ejercicio antes de volver a escuchar el audio. Así, su trabajo será más activo y tomarán más conciencia de los usos del tiempo verbal con el que se va a trabajar en esta sección.

tendríamos (2) – diríamos – dejaríamos – servirían (2) – abandonaría – sería –
cerrarían – perdería – pintaríamos (2) – necesitaríamos – volveríamos

–Tío, no paro de sudar. Voy a poner el aire.

–Eso, ponlo, carguémonos el planeta...

–Pero... ok, vale, no pongamos el aire. Sigamos tus teorías, ahorremos energía. Es eso, ¿no? Apaguemos todo lo que no sea imprescindible, pero... qué es imprescindible: ¿la nevera es imprescindible? Según tú, no. Para que funcione, necesitamos electricidad y, para llenarla, necesitaríamos transportes. O sea, más calentamiento global, contaminación. Así que nada: olvidémonos de vivir como hasta ahora. Imagina cómo sería ese mundo: las escuelas cerrarían, todo perdería sentido. Dejaríamos nuestros trabajos. ¿De qué nos servirían? La gente abandonaría las ciudades. ¿Qué pintaríamos en ellas? Tendríamos que abandonarlo todo. Diríamos "no" a todo el progreso conseguido durante siglos y volveríamos a vivir como nuestros antepasados. ¿Ese es el futuro que quieres?

–Ok, vale, hagamos lo que dices. Pongamos el aire, ¿vale? Adelante con el progreso. Sigamos exprimiendo los recursos que nos quedan irresponsablemente y ¿sabes qué pasará? Que se acabarán. Y cuando esto ocurra, nos preguntaremos: "¿Y qué vamos a hacer ahora sin energía, sin transportes, sin agua corriente, sin nada?" Porque llegado ese día nada funcionará y no habrá vuelta atrás. Dejaremos nuestros empleos. De qué nos servirían, ¿no? Y dejaremos las ciudades. ¿Qué pintaríamos en ellas? Tendríamos que dejarlo todo. Decir "no" a todo el progreso conseguido durante siglos y volver a vivir como nuestros antepasados. ¿Ese es el futuro que quieres?

2. Los verbos con los que rellenaste la transcripción del *spot* de la campaña indican:

(X) hipótesis en el presente o en el futuro.

() experiencias reales en los tiempos pasado, presente y futuro.

3. Este tiempo verbal se llama **condicional simple**. Dependiendo de la intención comunicativa, puede expresar **hipótesis, deseo, consejo** o **invitación**. Di qué intención comunicativa expresan las frases a continuación:

- a) Yo que tú haría un curso de turismo ambiental. → consejo
b) Ahorrarían agua si supieran como hacerlo, ¿no te parece? → hipótesis
c) ¿Te gustaría ir conmigo a la ponencia sobre sostenibilidad? → invitación
d) Me gustaría mucho contribuir al desarrollo tecnológico sostenible, pero todavía no sé cómo hacerlo. → deseo

4. Para formar el condicional simple, basta añadir las terminaciones correspondientes a cada persona al verbo en infinitivo.

- a) Indica los infinitivos de los verbos regulares en el condicional simple entresacados de la campaña:

necesitaríamos → <u>necesitar</u>	abandonaría → <u>abandonar</u>	sería → <u>ser</u>
cerrarían → <u>cerrar</u>	pintaríamos → <u>pintar</u>	volveríamos → <u>volver</u>
dejaríamos → <u>dejar</u>	perderíamos → <u>perder</u>	serviríamos → <u>servir</u>

b) Observa los verbos conjugados del ejercicio anterior y completa esta tabla con las terminaciones del condicional simple que faltan:

El infinitivo de los verbos regulares (ejemplos: estar, ser, ir)	+	terminaciones	ía (yo)
			íais (tú, vos)
			ía (él, ella, usted)
			íamos (nosotros, nosotras)
			íais (vosotros, vosotras)
			ían (ellos, ellas, ustedes)

5. Los verbos **tener** y **decir** también aparecen en el *spot* de campaña, pero son irregulares. Observa su conjugación en todas las personas y contesta: ¿presentan irregularidad en la terminación o en la raíz?

	Tener	Decir
Yo	tendría	diría
Tú, Vos	tendrías	dirías
Él, Ella, Usted	tendría	diría
Nosotros(as)	tendríamos	diríamos
Vosotros(as)	tendríais	diríais
Ellos, Ellas, Ustedes	tendrían	dirían

En la *Chuleta Lingüística*, p. 172, conocerás otros verbos irregulares en condicional simple. Además, aprenderás el uso y la forma del condicional compuesto.

Los verbos que son irregulares en el condicional presentan irregularidad en la raíz. Las desinencias no sufren cambios. Se puede mostrar a los alumnos que **ten-** se convierte en **tendr-** y **dec-** en **dir-**.

¡Ojo!

- En español hay algunas expresiones con las que el hablante le sugiere a su interlocutor cuál sería su actitud si estuviese en su lugar. Observa una de ellas:

Yo que + pronombre personal + (no) condicional simple

Ejemplos:

Para afirmar: *Yo que tú, haría lo contrario.*

Para negar: *Yo que ustedes, no viajaría el domingo.*

- También se podrían utilizar expresiones como "Yo en (tu/su/vuestro) lugar", "Si yo fuera (tú/vos/él/ella/usted, etc.)", según la persona del discurso y el nivel de formalidad, para introducir lo que se quiere sugerir.

> Comprendiendo la voz del otro

En lugar de volver a poner el audio para que los alumnos contesten estas preguntas, se les puede recomendar que lean la transcripción utilizada en *Gramática en uso*.

1. En el audio, hay dos chavales charlando entre ellos. ¿Con qué término se dirigen el uno al otro?

Uno de ellos se dirige al otro diciendo **tío**, justo al inicio de la grabación, en la frase: "Tío, no paro de sudar".

2. En este contexto, ¿esa palabra corresponde a un grado de parentesco o a una jerga coloquial?

A una jerga coloquial.

3. En portugués, ¿qué términos se asemejarían al uso de dicha palabra en español?

En portugués se asemeja a algo como **cara**, **mano**, **velho** cuando se utilizan para dirigirse a alguien de manera informal, por ejemplo.

4. Los chavales del *spot* de campaña trabajan con dos hipótesis: una vida con aire acondicionado y otra sin él, con las consecuencias que ambas conllevan.
- a) De las dos presuposiciones, ¿alguna tiene en cuenta el desarrollo sostenible? ¿Por qué?

- b) ¿Estás de acuerdo con el modo de pensar de los chicos? ¿Habría otra alternativa?

Respuesta personal. Se espera que los alumnos se den cuenta de la importancia de pensar y actuar de forma sostenible.

5. En los medios de comunicación son cada vez más frecuentes las campañas y discusiones sobre el problema de la basura electrónica. Observa estas imágenes y contesta:



- a) ¿Qué es la basura o chatarra electrónica?

Son los aparatos electrónicos (como por ejemplo, celulares, computadoras, televisores, etc.) que ya no se usan y se descartan en la naturaleza.

- b) En la basura electrónica, se encuentran muchos elementos químicos, tales como el plomo, el cadmio, el cromo y el níquel.

Investiga: ¿cómo estos elementos contaminan el medioambiente? ¿Quiénes los desechan a la naturaleza? ¿De qué manera la contaminación química afecta a la salud de los seres vivos?

- c) ¿Has descartado alguna vez algún material electrónico? ¿Cuál? ¿Dónde?

Respuesta personal.

- d) Los desechos electrónicos son uno de los mayores problemas ecológicos. ¿Por qué se puede afirmar que cada uno de nosotros es responsable de la contaminación electrónica?

5d. Porque hoy en día todos usamos varios artefactos electrónicos y la gran mayoría de las veces los desechamos para comprar otros nuevos. Debemos preocuparnos por reducir el consumo, reciclar los materiales y tirar los desechos electrónicos, tales como computadoras, televisores, móviles, pilas, etc., de forma ambientalmente correcta. Así, contribuimos al desarrollo sostenible.

A quien no lo sepa

La chatarra o basura electrónica se caracteriza por su rápido crecimiento debido a la vertiginosa rapidez de la obsolescencia de los dispositivos electrónicos y de la mayor demanda de estos en todo el mundo.

el níquel afecta a los pulmones y provoca abortos espontáneos. Para saber más se puede leer el texto "La basura electrónica: computadoras, teléfonos celulares, televisiones", de Griselda Benítez, Alberto Rísquez y María del Socorro Lara. Disponible en <<http://www.uv.mx/cienciahombre/revistae/vol23num1/articulos/basuras/index.html>>. Acceso el 31 de mayo de 2013.

4a. Ninguna de las dos hipótesis tiene en cuenta la sostenibilidad. Este concepto significa mantener el desarrollo tecnológico, político y económico sin alejarse del cuidado de la naturaleza, esto es, no significa abandonar totalmente la tecnología, sino utilizarla de forma más responsable. En otras palabras, se trata de encontrar un equilibrio entre el uso de las tecnologías y su impacto ambiental.



5b. Cuando tirados a la basura, los aparatos electrónicos provocan una enorme contaminación a causa del tipo de sustancias que se utilizan en su fabricación, tales como aditivos en los plásticos y metales pesados (plomo, mercurio, cadmio, níquel y cromo). Estos materiales contaminan el suelo, el agua, el aire y los ecosistemas en general. Representan también un problema de salud para la población. El plomo puede dañar los riñones y perturbar el sistema nervioso; el selenio causa inflamación en la piel; el cadmio genera dolor de estómago y vómito severo; el cromo daña el hígado y puede causar cáncer de pulmón;

6. Hay algunas maneras de evitar el desecho incorrecto de la basura electrónica. Lee el siguiente texto y descubre algunas.

5 ideas para disminuir la contaminación electrónica:

- ➔ 1 Regalá o prestá aparatos electrónicos que ya no uses
- ➔ 2 Si ya no sirve, donalo a una escuela especializada en ingeniería
- ➔ 3 Llevá la basura electrónica a empresas productoras de tecnología
- ➔ 4 No dejarlos tirados en la calle o en algún lugar público
- ➔ 5 Evitar comprar muchas cosas nuevas, así es como se acumula basura electrónica

Glogster 2012/D/BR

Disponible en: <<http://www.glogster.com/crisferreira/basura-electronica/g-6158rc7smk63en2goonbka0s>>. Acceso el 14 de junio de 2013.

6a. El teclado fue reciclado y se transformó en creativos portalápices; la computadora ahora se convirtió en un moderno buzón de correspondencia; las placas son usadas como posavasos futuristas, y se hizo un divertido juguete (o escultura) con ratones. De todos modos, es importante recordarles a los estudiantes que, hoy en día, muchas empresas tienen programas de reciclaje de sus productos, como los fabricantes de pilas, por ejemplo.

- a) Ahora, observa estas imágenes y di qué medidas se adoptaron para reutilizar cada uno de estos objetos antes considerados desechables, inservibles, viejos u obsoletos. ¿Se te ocurren otras ideas para reaprovechar la basura electrónica?



Disponible en: <<http://garotageeks.com/wordpress/wp-content/uploads/2012/04/188.jpg>>. Acceso el 18 de abril de 2013.



Disponible en: <http://www.lamuseandgeeks.com/wp-content/uploads/2011/02/reciclaaje_teclado.jpg>. Acceso el 13 de abril de 2013.



Nihat Ustunoglu/DBR



Disponible en: <<http://m1.gamasandgeeks.com/2010/03/seus-verre-carre-muse.jpg>>. Acceso el 13 de abril de 2013.

- b) En tu ciudad, ¿hay alguna empresa u órgano gubernamental que haga la recolección de la chatarra electrónica? Investígalo.

Respuesta personal. Se espera que los alumnos investiguen esta cuestión para saber si en la ciudad donde

viven existe algún tipo de trabajo de recolección de chatarra electrónica.

Vocabulario en contexto

Se les puede pedir a los alumnos que consulten el diccionario para hacer esta actividad o escribir los nombres en la pizarra, puesto que pueden equivocarse.

- ¿Cómo se llaman estos aparatos eléctricos y electrónicos en español? Reordena las letras de las palabras y descúbrelo. En caso de duda, consulta un diccionario.

 <p>MIQUANÁ DE CEROS</p> <p>Máquina de coser</p>	 <p>TIVENLEIÓS</p> <p>Televisión</p>	 <p>CETEFARA</p> <p>Cafetera</p>	 <p>MOCARONDIS</p> <p>Microondas</p>
 <p>LARDOAVA</p> <p>Lavadora</p>	 <p>PLACHAN</p> <p>Plancha</p>	 <p>BADOTIRA</p> <p>Batidora</p>	 <p>TODOSTARA</p> <p>Tostadora</p>
 <p>ASDORAPIRA</p> <p>aspiradora</p>	 <p>CNOCIA</p> <p>Cocina</p>	 <p>SEDACOR ED LOPE</p> <p>Secador de pelo</p>	 <p>LIDUACORA</p> <p>Licuada</p>

- Imagina tu vida sin estos objetos. ¿Lograrías decir no al progreso? ¿Cómo consumir conscientemente los aparatos eléctricos y electrónicos?

Respuesta personal.

> Oído perspicaz: el español suena de maneras diferentes

Sonidos de v y b

1. 2 En el *spot* de campaña escuchaste algunas palabras que se escriben con las letras b y v. Escúchalas nuevamente:

Grupo 1: voy – vale – nevera – olvidémonos – vivir – servirían – volveríamos – vamos
 Grupo 2: sostenibilidad – imprescindible – global – trabajos – sabes – acabarán – habrá

- a) ¿Cómo se pronuncia la v?
 () Como la v del portugués.
 (X) Como la b del español y más bien se acerca a la b del portugués.
- b) En voz alta, repite el sonido de las palabras de los grupos 1 y 2. Luego señala la respuesta correcta:
 (X) En lengua española, las letras b y v representan el mismo sonido.
 () En lengua española, las letras b y v representan sonidos distintos.
- c) 3 ¿Crees que todos los hispanohablantes pronuncian la b y la v de esa manera? Escucha algunas palabras en que tanto la b como la v están entre vocales y tiene un sonido que se aproxima al sonido escuchado anteriormente.

lavar lobo la vaca

2. Consulta el diccionario y verifica si las palabras a continuación se escriben con b o con v.

in v ierno – go b ierno – li b ro – ol v idar

3. Hay palabras diferentes en la escritura, pero iguales en la pronunciación. Consulta un diccionario y escribe el significado de cada una.

bello: bonito, hermoso	vello: pelo corto y suave
botar: arrojar, tirar	votar: dar voto
sabia: que tiene mucho conocimiento	savia: líquido de las plantas
barón: tipo de título noble	varón: hombre

4. 4 Escucha estas frases y escribe la palabra correcta en cada caso:
- a) En Brasil, los jóvenes de dieciséis años ya pueden votar.
- b) Buena solución: ustedes tomaron una sabia decisión.
- c) Aquí, donde pone "sexo", debes poner "varón".
- d) Son muy bellos los atardeceres en Río de Janeiro.
- e) Mira atentamente la fecha de caducidad de cada producto y bota todos los que ya caducaron, aunque todavía parezcan buenos.
- f) La goma que utilizamos para borrar se hace con la savia de la hevea, el árbol del caucho.
- g) A los pacientes sometidos a quimioterapia muchas veces se les cae el pelo y hasta el vello corporal.
- h) En este diccionario pone que barón es una "persona que tiene un título nobiliario inmediatamente inferior al de vizconde".

1b. La b y la v en español se pronuncian de la misma manera. La diferencia entre ambas es ortográfica. En fonética, las letras b y v se representan mediante el fonema [b] (cuando se produce la unión de los labios con bloqueo inicial de la salida de aire, para que después el sonido salga de golpe. Ejemplos: Barcelona, viajar) o con el fonema [β] (cuando se lo articula uniendo un poco los labios, sin llegar a bloquear la salida del aire; la pronunciación es más suavizada, especialmente entre vocales. Ejemplos: abanico, Oviedo). En líneas generales, la suavización de /b/ dependerá de su posición en el enunciado más que en palabras aisladas. De todos modos, en español, por lo tanto, estas letras se pronuncian igual, mientras que en portugués, no.

1c. Son semejantes. Es importante explicar que ese sonido se aproxima del sonido /b/. En fonética, se representa así: /β/. Se suele pronunciar de esa manera cuando b y v se encuentran en posición intervocálica.

> Escritura

> Conociendo el género

1. ¿Qué son viñetas? Fíjate en estos ejemplos de viñetas y formula una definición:



Disponible en: <<http://www.gaturro.com/>>. Acceso el 20 de junio de 2013.



Disponible en: <<http://manuelbartual.com/blog/redes-sociales/>>. Acceso el 20 de junio de 2013.

A partir de los conocimientos previos y de la lectura de las dos viñetas, los alumnos van a inferir el significado

del término viñeta. En la actividad de *Vocabulario en contexto*, se explicitan las acepciones de ese término en un

diccionario monolingüe.

- Género textual: Viñeta
- Objetivo de escritura: Producir una viñeta crítica
- Tema: Internet y redes sociales
- Tipo de producción: individual o en parejas
- Lectores: Internautas

b. Antes los amigos se citaban en las esquinas, en cafés, en el cine, etc., y ahora se citan en un *blog*. La pregunta es un calentamiento para el influjo tecnológico en las relaciones sociales.

2. Las viñetas publicadas en los **periódicos**, muy a menudo, tratan de hacer que el lector reflexione sobre los temas abordados en las páginas de la sección en la que están incluidas, normalmente de manera muy crítica y cargada de humor y de ironía. Contesta estas preguntas oralmente, comentándolas con un compañero:

a) ¿De qué tema tratan las viñetas críticas leídas anteriormente?

Las dos viñetas tratan sobre el papel de internet en la sociedad actual.

b) Según la primera viñeta, ¿dónde se citaban antes los amigos? ¿Dónde se reúnen hoy en día? *Antes, lo común era tener solamente un e-mail y lo extraordinario era tener un blog, pero, hoy en día, con el advenimiento de las redes sociales se multiplicaron las posibilidades de comunicación virtual.*

c) De acuerdo con la segunda viñeta, ¿por qué "internet ya no es más lo que era"?

d) ¿Cómo se nota la evolución en las formas de relacionarse socialmente por internet citadas en la primera viñeta y en la segunda?

e) Cómo te encuentras con tus amigos normalmente: ¿quedas con ellos en el mundo real o en los entornos virtuales? ¿Sueles utilizar las redes sociales para entablar nuevas amistades?

d. En la primera viñeta solo se cita el *blog*, en la segunda se muestra que hay una ampliación de formas de comunicarse en línea. Además del *e-mail* y del *blog*, ahora existen diversas redes sociales con muchos fines comunicativos (Twitter, Facebook, Fotolog, Flickr, etc.).

e. Respuesta personal. Se busca la sensibilización del alumno frente al papel de las redes sociales y de las tecnologías de la información en la sociedad actual.

Vocabulario en contexto

¿A qué acepción o acepciones de la palabra **viñeta** se refieren las viñetas que leíste anteriormente?

viñeta

(Del fr. *vignette*).

1 f. Cada uno de los recuadros de una serie en la que con dibujos y texto se compone una historieta.

2 f. Dibujo o escena impresa en un libro, periódico, etc., que suele tener carácter humorístico, y que a veces va acompañado de un texto o comentario.

3 f. Dibujo o estampa que se pone para adorno en el principio o el fin de los libros y capítulos, y algunas veces en los contornos de las planas.

Real Academia Española © Todos los derechos reservados. Disponible en: <<http://lema.rae.es/drae/?val=vi%C3%B1eta>>. Acceso el 14 de marzo de.

Al significado 2. Son dibujos humorísticos publicados en un periódico. Es recomendable, sin embargo, recordarles a los alumnos que gran parte de los periódicos y revistas publicados actualmente también publica viñetas en internet, de modo que estas no son necesariamente impresas.

El español alrededor del mundo

En español, hay una serie de términos relacionados con el universo de las historias escritas en **dibujos** dispuestos en series, siendo **historieta** el vocablo más usual en gran parte del mundo hispanohablante.

Las **historietas**, **cómics**, **tebeos** o **tiras** son narraciones dispuestas en franjas de viñetas (o recuadros) que contienen personajes, escenarios y bocadillos (también llamados globos). Varían en cuanto a la extensión: pueden ocupar una sola página o parte de ella o incluso constituir una revista o un libro con varias páginas.

La palabra **tebeo** se usa principalmente en España por influjo de una antigua revista de historietas española muy exitosa, *TBO*, que dio origen a dicha palabra.

Los vocablos **monos** y **monitos** se usan en México y en parte de Centroamérica y el término **muñequitos**, en Cuba.



> Planeando las ideas

1. La viñeta es un género de opinión y, por eso, presenta un alto grado de criticidad. No es, de ninguna manera, un texto neutral. A los dibujantes de viñetas se los considera formadores de opinión, por lo que tienen que ser muy éticos. Lee las viñetas a continuación y luego contesta oralmente a las preguntas.



Disponible en: <<http://www.jrmora.com/blog/2008/10/29/nada-ha-cambiado/>>. Acceso el 20 de junio de 2013.

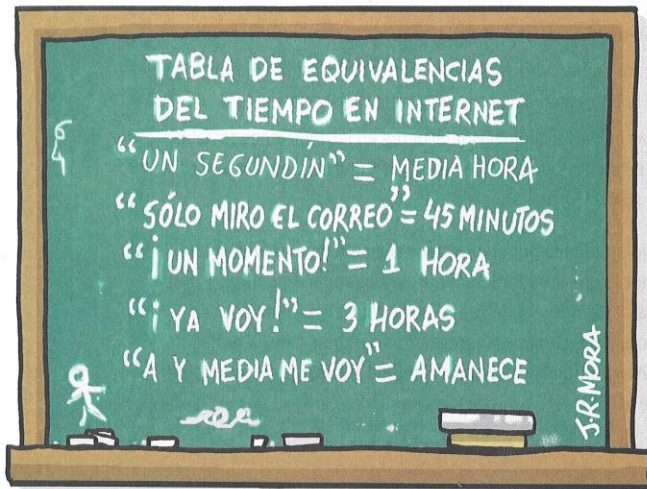


Disponible en: <<http://235grados.lainformacion.com/blog/2009/04/miercoles.html>>. Acceso el 20 de junio de 2013.



Disponible en: <<http://www.jrmora.com/blog/2008/10/04/gente-normal/>>. Acceso el 20 de junio de 2013.

4



Disponible en: <<http://www.jrmora.com/blog/2008/08/27/el-tiempo-en-internet/>>. Acceso el 20 de junio de 2013.

- ¿Por qué el personaje de la viñeta 1 afirma que no ha cambiado nada con el advenimiento de las redes sociales?
- ¿Qué reflexiones te suscitan las viñetas 2, 3 y 4? Coméntalas con tus compañeros.
- Lee atentamente siguiente texto y reflexiona:

“¿Son malas las redes sociales? ¿Producen adicción, destruyen nuestras amistades o nos convierten en seres mortecinos y pálidos que no reciben más luz que la que irradia la pantalla? Descubrir a estas alturas que los excesos son malos tiene poco de inspirado. Mucho de cualquier cosa puede matarte, sí. Pero ante un cambio, lo mejor es intentar entenderlo, observar cómo nos afecta, intentar entender por qué es así, y cómo van apareciendo y tomando forma los hábitos y costumbres relacionados con su existencia. ¿Qué queda hoy, con porcentajes de penetración superiores al 100%, de todos aquellos que decían que el teléfono móvil era malísimo y que se negaban sistemáticamente a tener uno? Pretender que todo lo relacionado con una innovación es bueno es tan absurdo como pretender que es malo.”

Disponible en: <<http://www.enriquedans.com/2009/08/sobre-redes-sociales-y-adicciones.html>>. Acceso el 23 de enero de 2013.

¿Qué relación se puede hacer entre las viñetas y este texto?

Todos los textos tratan del **influjo de las redes sociales en nuestras vidas y de las dudas que nos**

suscitan: ¿son buenas?, ¿son malas?, ¿son superfluas?, ¿son necesarias?, ¿producen adicción?,

¿cambiarán mucho nuestra forma de relacionarnos?, etc.

J. R. Mora o Juan Ramón Mora nació en Barcelona, España, en 1967. Dibujante de humor gráfico, decidido por la autopublicación en la red, publica en su sitio en internet (<www.jrmora.com>) viñetas comentadas y algunas noticias relacionadas con su oficio. Actualmente también publica en el periódico <www.lainformacion.com> (accesos el 15 de marzo de 2013).


1a. Porque los amigos imaginarios se han transformado en los amigos de las redes sociales, o sea, en amigos casi imaginarios, ya que son virtuales.

1b. En la viñeta 2, el personaje es adicto a las redes sociales (llegando al punto de divulgar en las redes todas sus acciones mientras las practica). El personaje come, sube al ómnibus, usa el cuarto de baño, y hace todo eso conectado a internet. Cuando está en el baño, finalmente se da cuenta de que está escribiendo excesivas informaciones sobre sí mismo en las redes sociales. En la viñeta 3, el personaje, quizás una madre o un padre, critica a su hijo pidiéndole que salga del mundo virtual a la vida real, pero él mismo está frente a la tele, sin comunicarse presencialmente con otras personas. Cuando el hijo sale a la calle, las personas que ve están hablando por sus teléfonos celulares, esto es, también están comunicándose a distancia. En la viñeta 4, se critica el exceso de horas que uno se pasa utilizando internet sin darse cuenta.

2a. Significa que no todo es totalmente bueno o malo, hay que averiguar las diferentes situaciones, perspectivas y situaciones de cada cuestión antes de juzgarlas y opinar sobre ellas.

2. Reflexiona sobre estas cuestiones teniendo en cuenta las relaciones sociales y coméntalas oralmente con un compañero:

- a) ¿Qué se puede comprender por medio de la frase “pretender que todo lo relacionado con una innovación es bueno es tan absurdo como pretender que es malo”?
- b) En tu opinión, ¿cómo las nuevas tecnologías interfieren en las relaciones sociales? ¿Crees que son siempre positivas, solamente negativas o que depende de la forma como cada persona conduce su vida virtual y social?

3.  Escucha un reportaje producido por el programa semanal de entrevistas televisivas *El especial*, comandado por la presentadora dominicana Colombia Alcántara, y prepara un listado con las ventajas y las desventajas de las redes sociales. Toma nota en tu cuaderno de sus avances y sus peligros y agrega otras ventajas y desventajas. (Disponible en: <<http://www.youtube.com/watch?v=oiBRvDhCu8k&feature=related>>. Acceso el 14 de marzo de 2013.) Véase la clave de respuestas de esta actividad en la sección *Desarrollo de las unidades y sugerencias de actividades* de este Manual.

2b. Respuesta personal. Se espera saber si para los alumnos las tecnologías son esencialmente positivas o negativas para las relaciones sociales. Hay que hacer que los alumnos reflexionen sobre la necesidad de equilibrio entre vida social real y mundo virtual, puesto que los medios virtuales no son más que una forma de ponernos en contacto con los demás, no un fin en sí mismos.

Gramática en uso

1. Observa el uso del artículo neutro *lo* en las frases a continuación:

“¿Qué tiempos aquellos en los que *lo* normal era tener *email* y *lo* extraordinario montarse un *blog*.”

- a) ¿Qué se consideraba normal en aquellos tiempos? Tener e-mail.
- b) ¿Qué se consideraba extraordinario en aquellos tiempos? Montarse un blog.
- c) ¿Qué clase de palabras se usa tras el artículo neutro *lo*?
() verbo () sustantivo (x) adjetivo () adverbio

¡Ojo!

Se debe hacer hincapié en el hecho de que el género del adjetivo queda neutralizado y se presenta con la terminación del masculino singular.

Es necesario diferenciar el uso del artículo determinado el del uso del artículo neutro *lo*:

El se usa ante sustantivos masculinos en singular y los determina.

Lo se usa ante adjetivos con la función de formar una expresión sustantivada de significación abstracta.

2. ¿Qué ventajas y desventajas existen en el uso de las redes sociales e internet? Elige por lo menos 5 adjetivos del recuadro a continuación para formular frases usando el artículo neutro *lo*.

bueno – malo – fantástico – terrible – confuso – básico – curioso – peligroso –
imprescindible – perfecto – imperfecto – importante – destacable – ridículo

Sugerencias: I. *Lo* bueno de la tecnología es facilitar la comunicación entre las personas. II. *Lo* perfecto de

las redes sociales es tener amistades con personas de todos los lugares. III. *Lo* fantástico de internet es la

posibilidad de escuchar radios en vivo de cualquier lugar del mundo. IV. *Lo* malo de las redes sociales es que

generalmente genera dependencia. V. *Lo* terrible de internet es la piratería.

En la *Chuleta Lingüística*, p. 173, se estudiarán otros usos del artículo neutro *lo* y se harán más actividades.

> Taller de escritura

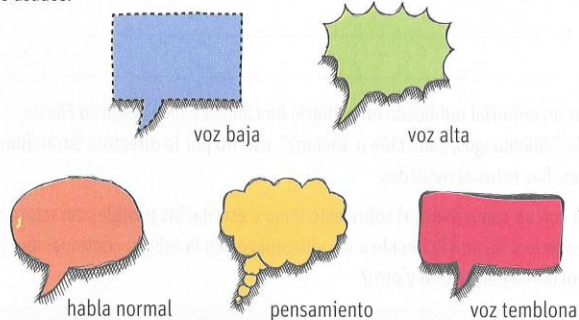
Ahora vas a crear una viñeta en la que se presente una reflexión sobre el posible papel de las redes sociales en la educación. El tema de tu viñeta debe considerar la pregunta “¿Cómo las redes sociales pueden interferir (de forma positiva y/o negativa) en la educación de los jóvenes?”.

¡A crear la viñeta! Sigue estas instrucciones:

1. Define la temática principal de tu viñeta. Reflexiona sobre la crítica que quieres hacer y la forma en que el humor aparecerá en la trama.
2. Piensa en los personajes y en los ambientes en los que transcurrirán los **hechos**.
3. Define las características físicas y comportamentales de los personajes y dibuja sus rostros con diferentes expresiones faciales. Mientras más sencillos los **rasgos** de tus personajes, más fácil será repetirlos en cada viñeta. Consejo: a través del lenguaje utilizado por los personajes (visual o escrito) se da a conocer la manera de ser, de pensar y de hablar de cada uno.
4. Elige si harás una sola viñeta o una historieta completa, con varios cuadros. Si optas por más de uno, divide el argumento en pequeñas unidades que correspondan al número de recuadros a dibujar. Recuerda que una viñeta crítica (o *charge* en portugués) generalmente tiene un solo cuadro. Cuando tiene más de uno, no se suele superar el máximo de tres cuadros (que es el formato conocido como tira).
5. Dibuja los recuadros pensando en la armonía y en los tamaños de las **escenas**. Fíjate que no es necesario enmarcar todas las viñetas y es aconsejable variar el tamaño y la posición de los recuadros. Esos recursos visuales dinamizan los dibujos.
6. Decide si harás tu viñeta en papel o por computadora. Se pueden utilizar páginas *web* gratuitas para creación de narrativas dibujadas. Un sitio muy bueno, disponible en español es <<http://www.pixton.com/es/>> (acceso el 13 de febrero de 2013).
7. Emplea en los diálogos de los personajes uno o más de los neologismos que forman parte del campo semántico de las tecnologías. Usa también la expresión “yo que tú” y los verbos en el condicional simple para aconsejar.

¡Ojo!

No te olvides: en la escritura de viñetas, existen diversos tipos de bocadillo. Algunos de los más usados:



> Re(escritura)

Vuelve a tu viñeta y verifica:

- la calidad y la riqueza de los dibujos, de los recursos visuales y lingüísticos;
- la cohesión y la coherencia entre imágenes y texto verbal;
- el uso adecuado de los globos;
- si la temática está adecuada a la propuesta: “¿Cómo las redes sociales pueden interferir (de forma positiva y/o negativa) en la educación de los jóvenes?”

Anexo 4


Capítulo 5 – Educación contra el sexismo: que se acabe la violencia

UNIDAD

3

Sexualidad en discusión: diálogo y (auto)conocimiento


Grupo A (III)



Dame Gregory/Corbis Searchlight/AGE



Pressmaster/Shutterstock.com/IDBR




E. Dugas/Getty Images


Grupo C (I)



Oliver Wong/Shutterstock.com/IDBR



Peter Casabianca/Alamy/Obvvia Images




zoran1300/Photo.com/IDBR


Grupo D (IV)



Andreas/SHUTTERSTOCK.COM/IDBR



Narindar Nandu/AGE



Florian Kopp/imagobroker/AGE/Getty Images

En esta unidad:

- reflexionarás sobre la autoestima, el respeto y la sexualidad;
- admirarás esculturas de artistas franceses, italianos, argentinos y españoles;
- estudiarás los pronombres complemento directo e indirecto;
- aprenderás a usar las oraciones de relativo;
- conocerás los efectos de sentido de uso de algunos diminutivos;
- aprenderás vocabulario específico de juguetes, partes del cuerpo y enfermedades de transmisión sexual;
- aprenderás los sonidos de la x;
- producirás videopoemas y audiopoemas tras leer poemas de Gabriela Mistral, Amado Nervo y Olavo Bilac.

- **Transversalidad:**
Sexualidad
- **Interdisciplinaridad:**
Sociología y Biología

Grupo B (II)



Pedro Gonzalez/LatinContent/Getty Images



Alfredo Estrella/DFP



Asociación de Hombres Contra la Violencia/Marizal/Neuragusa/DFP

¡Para empezar!

1. Asigne uno de estos títulos a cada grupo de fotos considerando el contexto y el tema "respeto, autoestima y sexualidad":
 - I. El amor sin prejuicios de color, edad, sexo, clase social, nacionalidad y religión
 - II. Las protestas contra el prejuicio, la homofobia, la violencia física, moral y sexual
 - III. Los adolescentes, la relación con sus padres y la prevención del embarazo precoz
 - IV. Los jóvenes y su derecho a la educación sexual para una sexualidad plena y segura
2. ¿Qué significan estos dos símbolos ilustrados en el lugar de algunas letras de la palabra **diálogos**?
Significan los sexos femenino (con la cruz) y masculino (con la flecha).

Diálogos

Las imágenes abordan el embarazo precoz, los prejuicios, la violencia sexual, las enfermedades sexualmente transmisibles. El diálogo entre las personas es fundamental para la resolución de conflictos y el alcance de una sexualidad consciente y feliz.

3. Lee el origen de la palabra **diálogo** y reflexiona: ¿cuál es la importancia del diálogo en los temas retratados en las imágenes?

La palabra **diálogo** viene del latín *dialogus*, que significa discurso racional o, ciencia (*logos*) del discurso. En filosofía, Platón es sin duda el primero que usó este método, la dialéctica o arte del diálogo, para oponer dos discursos racionales y, de esta forma, llegar a la "Verdad", la contemplación de la idea suprema del Bien desde la que todo fuera iluminado.

El uso común de esta palabra es "plática entre dos personas". [...]

Disponible en: <<http://etimologias.dechile.net/dia.logos>>. Acceso el 22 de mayo de 2013.

4. En tu opinión, ¿por qué suele ser tan difícil para algunas personas dialogar sobre el tema "cuerpo y sexualidad"?
Respuestas personales. Los alumnos pueden hablar de la cuestión de los tabúes y prejuicios, además de la vergüenza, la timidez y el desconocimiento sobre el tema.

Educación contra el sexismo: que se acabe la violencia

- **Género textual:** Crónica periodística
- **Objetivo de lectura:** Comprender y averiguar por qué se considera la crónica periodística "periodismo literario" y observar los puntos de vista de la autora acerca del tema
- **Tema:** Educación no sexista

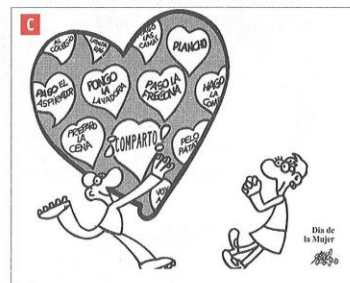
> Lectura

> Almacén de ideas

1. Lee las siguientes viñetas sobre el Día Internacional de la Mujer. Descríbelas y contesta: ¿qué estereotipos y prejuicios se critican en ellas?



Imágenes: Forges http://www.forges.com/



Disponibles en: http://www.forges.com/. Acceso el 20 de junio de 2013.

Se critica la visión machista que divide los sexos femenino y masculino por medio de papeles inmutables, prejuiciosos y estereotipados sobre cómo deben ser, portarse y actuar el hombre y la mujer. En la letra A, se ilustran los diversos quehaceres del ama de casa. La letra B le presenta al lector una cuestión bien actual: aunque existan acciones que promueven la valoración femenina (en el caso de la viñeta, es el Día Internacional de la Mujer), la mayoría de las veces, la mujer sigue siendo quien hace las tareas domésticas (tales como, en la viñeta, la limpieza de la pintura que manchó el suelo). La letra C muestra que el mejor regalo de día de la mujer que cumple la jornada laboral en casa es la división igualitaria y justa de las tareas.

2. Ahora, observa otra viñeta y contesta:



Disponible en <http://http://www.faro.info/imagenes/CHISTES/WChmes02?Acudits2006/060717.Papa.no.ayuda.jpg>. Acceso el 21 de junio de 2013.

a) ¿Qué crítica plantea el viñetista?

La viñeta critica el escaso compromiso de muchos padres en las tareas hogareñas, denuncia que son las madres las que normalmente se encargan de la crianza de los hijos, su educación escolar y doméstica.

b) ¿Qué relación establece el chico entre sus ejercicios escolares y su cotidiano familiar?

El niño (quien dice que el padre no puede ser el sujeto de la frase "yo ayudo") expresa en las entrelíneas que nota claramente esa situación desigual en su familia.

c) Y en tu casa, ¿se comparten las tareas domésticas entre todos? ¿Crees que todas las personas de la casa deben realizar por igual las tareas domésticas? ¿Por qué?

Respuestas personales. Se pretende concienciar a los estudiantes de que la realización del trabajo doméstico debe ser papel de todos los que conviven en un hogar, sean estos mujeres u hombres.

3. Las viñetas que leíste anteriormente critican la educación sexista. Vas a leer un texto cuyo título es "Juguetes: más sexistas, imposible".

a) Mira las fotos e infiere: ¿qué significa en portugués la palabra juguete?

Significa brinquedo.

b) En tu opinión, ¿qué sería un juguete sexista?

Se espera que los alumnos perciban que un juguete sexista es aquel que no favorece la posibilidad de crecer en igualdad y sin estereotipos de género.



Disponible en: <http://esiborivida.ebais.com.uy/wp-content/uploads/2010/11/juguetes.jpg>. Acceso el 10 de abril de 2013.

c) ¿En qué situaciones los juguetes de las fotos pueden ser considerados sexistas? ¿Por qué?

Los juguetes son sexistas cuando infunden en los niños y en las niñas la creencia de que existen papeles estandarizados, esto es, actividades destinadas solo al hombre y otras destinadas solo a la mujer.



Disponible en: <http://esiborivida.ebais.com.uy/wp-content/uploads/2010/11/juguetes.jpg>. Acceso el 10 de abril de 2013.

Se introduce el texto con una narrativa de las circunstancias en que se ha escrito la crónica con un tono bastante personal: el personaje principal es la propia periodista autora de la crónica, describiendo su estupor e indignación frente al tema que va a tratar en el texto y, a la vez, contextualizando para el lector de qué manera surgió su necesidad de escribir sobre el tema "juguete sexista".

> Red (con)textual

Lee esta crónica periodística y contesta: ¿qué elementos en el texto te ayudan a explicar por qué se puede considerar el género crónica "periodismo literario"?

PUBLICIDAD / COMO SI FUERA AYER

Juguetes: más sexistas, imposible

LA PERIODISTA se sienta el miércoles frente al televisor pensando que los anuncios de regalos para los pequeños habrían evolucionado, como ha sucedido en la sociedad. Y comprueba, con estupor, la misma distribución de roles

SILVIA NIETO

En un encantador anuncio navideño de la tienda barcelonesa Almacenes Alemanes, fechado en 1935, aparecen dibujados niños y niñas que interactúan con diferentes juguetes. Ellos blanden espadas, conducen coches y construyen mecanos. Uno, disfrazado de indio, monta a lomos de su padre, que le hace de caballo. En cuanto a las niñas, varias transportan muñecos entre los brazos, una empuja un cochecito de bebé y otra cocina castañas. Incluso hay una que sirve un cóctel a un niño disfrazado de cazador. Pues bien: la (mala) noticia es que el actual panorama no es muy distinto. Los fabricantes de juguetes y sus respectivas agencias de publicidad siguen empeñados en utilizar la diferencia de género como herramienta de venta a toda costa, tal que si el tiempo se hubiese detenido para ellos en 1935.

La última en alertar de la situación ha sido la Confederación Española de Organizaciones de Amas de Casa, Consumidores y Usuarios (CEACCU): "Sobre el género, persiste en las campañas promocionales la narración sexista: a pesar de que preferentemente el protagonista es mixto, la publicidad de juguetes en su conjunto reproduce un discurso sexista".

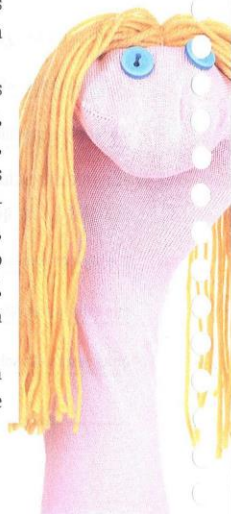
Un niño español ve una media de 49 anuncios al día (cifra que aumenta extraordinariamente en el periodo cercano a la Navidad, con sesiones de más de 20 anuncios seguidos en cada pausa entre programas). Según Norminanda Montoya Vilar, profesora de la Universidad Autónoma de Barcelona y autora de la investigación *El papel de la voz en la publicidad audiovisual dirigida a los niños*, el bombardeo publicitario es especialmente crítico en la etapa que va desde los cuatro hasta los siete años, cuando la personalidad no está definida y resulta más influenciable. Según estudios realizados por el especialista en psicología infantil Kenneth O'Bryan, los anuncios se convierten en un eficaz instrumento de enseñanza para grabar cualquier idea relativamente simple en la mente infantil. Y en ese mundo de las ideas están integradas las actitudes y los valores. Así, la publicidad de juguetes ejerce un poderoso influjo sobre la descripción que el niño se hace de su sexo y del contrario.

El lenguaje no es un vehículo menos poderoso para estos prejuicios. El de los anuncios para niñas es eminentemente cursi, con superabundancia de diminutivos (pastelitos, casita, perrito, dedito...) y expresiones de ternura (te quiero tanto, necesitaba mi amor...), mientras que en los dirigidos a los varones los rasgos dominantes son los aumentativos (acción sin límites, las posturas más arriesgadas...) y la utilización de expresiones ligadas a la competitividad (tú tienes el poder, acabar con tu máximo oponente...). Además, mientras en los primeros predominan las voces suaves femeninas, en los segundos lo hacen las masculinas de tono autoritario (tipo Constantino Romero). "La voz masculina", indica Montoya Vilar, "representa la autoridad y el refuerzo de la autoridad, reflejado en una voz adulta, es muy importante para los niños a la hora de decidir".

Las representaciones del universo adulto propias de cada género tampoco se quedan mancas en lo que a enfoque sexista se refiere. Mientras Action Man (el héroe más grande



Imágenes: Shutterstock.com/IDBR



de todos los tiempos) lucha en las calles contra el Doctor X, Barbie lava a su perrito o prepara "pastelitos y gelatina" en su cocina mágica. Un mundo bipolar cuyos extremos son aparentemente irreconciliables (a pesar de que hoy, defenestrado Ken, Action Man se configure como la mejor opción posible para Barbie) cuyos límites, para ellas, se quedan entre los muros del hogar, y, para ellos... inalcanzables, porque el universo lúdico de los varones es un auténtico macrocosmos donde abundan los mundos fantásticos (Bionicle, Alien Attack, Castillo de Crayskull...).

Cuando la muñeca no está en la cocina, aparece convertida en todo un objeto sexual. Así, las Bratz, con los labios y ojos pintados y "tan atrevidas como tú", prometen a sus compradoras brillar "en la pista y por la noche". Eso sí: como buen objeto, la niña-mujer persiste en su ancestral actitud pasiva. Y como muestra, un botón. Hasbro invita a jugar a Línea Directa así: "Descubre quién te va a pedir salir, adivina quién es el chico misterioso y organiza la fiesta más divertida". Además, se incide en un característico patrón comunicativo femenino, el de la ocultación: "Cuéntale tus secretos a tus amigas".

No se trata de adoptar una postura integrista, falsamente progre y obligar a que los niños jueguen con Barbie Sirenas y las niñas con Hulk (a menos que quieran, claro). De hecho, el problema no está tanto en los juguetes en sí mismos, como en la forma en que la publicidad encaminada a promocionarlos orienta su uso a solo uno de ambos géneros. El marketing infantil es una disciplina muy desarrollada (empresas como Ericsson tienen departamentos específicos para la investigación de nuevos productos dirigidos exclusivamente a niños) que a veces roza lo maquiavélico. La industria juguetera apuesta por la diferenciación de género porque así su *target* (público objetivo) está mucho más definido, lo que evita el riesgo de diluir el mensaje. No debemos olvidar que la publicidad no transforma la realidad, sino que se hace eco de ella. Según Raúl Peralba, presidente de la empresa de *marketing* Positioning System, "la industria juguetera se enfrenta a un dilema: quienes compran los juguetes no son los niños, sino sus padres, y lo que quieren estos es que sus hijos tengan actitudes de adulto, las que ellos consideran aceptables. Solo una empresa arriesgada, capaz de superar los prejuicios y los estereotipos, podría vencer este escollo. ¿Cómo? Con responsabilidad social y pensando primero en el niño, en qué le divierte (y no, como se hace ahora, en el margen comercial y en convencer al padre)". Afortunadamente, la sociedad se mueve y algunos fabricantes son conscientes de ello. Como Scalextric (Tecní Toys), en cuyo nuevo anuncio aparecen un niño y una niña jugando con idénticas actitudes. ¿Por qué esta apuesta? La propia experiencia de Peralba da respuesta: "Tengo cuatro hijas y todas han jugado con coches por la sencilla razón de que a mí me gustan mucho y eso se transmite".

Y si Tecní Toys lo ha hecho, ¿por qué no MB (Action Man) o Mattel (Barbie)? Es sencillo: quienes compran los juguetes, los adultos, no estarían muy de acuerdo con tamaña liberalización de las costumbres. La mitad de los padres, según las encuestas, creen que hay juguetes propios de niño y juguetes propios de niña.

Disponible en: <<http://www.elmundo.es/cronica/2003/424/1070273711.html>>. Acceso el 7 de abril de 2013.



Scalextric.

Jamie D Trewin/DK Stock/Corbis/Latinstock

VOCABULARIO DE APOYO

Progre: forma reducida de "progresista".
Escollo: obstáculo.

A quien no lo sepa

El periódico electrónico español *elmundo.es* es de publicación diaria y presenta informaciones sobre España, principalmente Madrid, Andalucía, Baleares, Barcelona, Castilla y León, Comunidad Valenciana y País Vasco. Se puede informarse sobre deporte, economía, cultura, ciencia, salud, tecnología, entre otras temáticas.

> Tejiendo la comprensión

1. Observa:

1a. Se refiere a la acepción "Artículo periodístico o información radiofónica o televisiva sobre temas de actualidad". Se puede explicar que las crónicas periodísticas son la narración de una noticia en la que se incorporan elementos de valoración e interpretación. Se acerca al lenguaje literario, tiene como temas de

crónica

(Del lat. *chronica*, y este del gr. *χρονικά* [βιβλία], [libros] en que se refieren los sucesos por orden del tiempo).

- 1 f. Historia en que se observa el orden de los tiempos.
- 2 f. Artículo periodístico o información radiofónica o televisiva sobre temas de actualidad.

Real Academia Española © Todos los derechos reservados

crónico, ca.

(Del lat. *chronicus*, y este del gr. *χρονικός*).

- 1 adj. Dicho de una enfermedad: larga.
- 2 adj. Dicho de una dolencia: habitual.
- 3 adj. Dicho de un vicio: inveterado.
- 4 adj. Que viene de tiempo atrás.
- 5 m. crónica.

Real Academia Española © Todos los derechos reservados

escritura el registro de lo circunstancial, de lo cotidiano, con tono más personal, íntimo, confidencial y mayor libertad expresiva en el uso del lenguaje, hasta el punto de el cronista desarrollar un estilo propio y personal. El tiempo es la principal dimensión que encierra el concepto de crónica: su abordaje observa un sentido temporal en el relato, que no necesariamente es lineal, pero que está íntimamente conectado con un orden cronológico, aun cuando no se relate en un orden secuencial estricto. Es un género híbrido, que agrega rasgos de los géneros informativos, argumentativos, interpretativos y narrativos.

a) ¿Cuál de las acepciones de **crónica** clasifica mejor el texto que acabas de leer?

b) Se dice que la crónica es "periodismo literario", "vivir en voz alta y por escrito", "una visión más profunda y personal de las noticias", "contar un acontecimiento de interés general, de acuerdo con un orden temporal, que no necesariamente es lineal", etc. Señala con una cruz los elementos que definen ese género periodístico:

- () Las crónicas se destinan a un público muy restringido.
- (X) Las crónicas se destinan a un público amplio.
- (X) Es un género híbrido, que agrega rasgos de los géneros informativos, argumentativos, interpretativos y narrativos.
- () Es un discurso con características totalmente propias, que no agrega rasgos de ningún otro género discursivo.
- (X) La crónica presenta cierta continuidad y determinada periodicidad, ya sea por la recurrencia de crónicas de un mismo periodista que la firma o por la temática que trata.
- () La crónica está aislada del cotidiano, es un texto con relación estrictamente atemporal.

A quien no lo sepa

La crónica no nace con el periodismo, sino que este aprovecha una tradición literaria e histórica de largo y espléndido desarrollo para adaptarla a las páginas de la prensa. En las primeras décadas del siglo XIX, los periodistas denominaban crónica a cualquier noticia y los historiadores así eran llamados desde la Edad Media. Cuando el periodismo se convierte justamente en periódico, el antiguo cronista, recolector de 'aquello que pasó', se convierte en periodista.

De su origen histórico-literario hereda la crónica periodística atributos que le permiten recrear la realidad sin violar la veracidad de los hechos. Es un género literario en virtud del cual el cronista relata hechos históricos, según un orden temporal, y añade que se narra algo al propio tiempo que se juzga lo narrado, y es un género periodístico porque es eminentemente informativa. El objetivo principal de la crónica es iluminar determinado hecho o acontecimiento sin acudir a una argumentación rigurosa, formal, directa, sino mediante la descripción de la realidad misma, de alguna pincelada valorativa y del manejo de factores de tipo emocional.

Fuente: RODRIGUEZ BETANCOURT, Miriam. La crónica periodística: un género tan polémico como imprescindible. *La Jiribilla*, La Habana, Cuba, 2011. Disponible en: <http://www.lajiribilla.cu/2011/n527_06/527_31.html>. Acceso el 7 de abril de 2013.

2. ¿Cuál es el tema central de la crónica de Silvia Neto?

La publicidad de los juguetes sexistas.

3. El texto empieza con el siguiente enunciado: "LA PERIODISTA se sienta el miércoles frente al televisor pensando que los anuncios de regalos para los pequeños habrían evolucionado, como ha sucedido en la sociedad. Y comprueba, con estupor, la misma distribución de roles".

a) Reflexiona: ¿cuál puede ser el objetivo de las mayúsculas en "LA PERIODISTA"?

(X) Evidenciar las implicaciones personales y afectivas de la cronista ante el tema del texto que firma.

() Identificar el carácter objetivo, impersonal y argumentativo de la autora ante el texto y al tema tratado.

b) ¿Qué viene a ser "comprobar algo con estupor"?

Averiguar y corroborar la veracidad de un hecho que se creía cambiado, diferente y sentir asombro, sorpresa,

estupefacción ante el análisis de la realidad.

c) ¿Qué significa la expresión "distribución de roles"?

Compartir y desempeñar papeles preestablecidos, conductas y actividades.

4. La cronista cita anuncios publicitarios ubicados en diferentes épocas cronológicas: ¿qué relación establece Silvia Neto entre los dos anuncios? ¿Qué hecho le causa estupor y sorpresa?

En 1935: "Ellos blanden espadas, conducen coches y construyen mecánicos. Uno, disfrazado de indio, monta a lomos de su padre, que le hace de caballo. En cuanto a las niñas, varias transportan muñecos entre los brazos, una empuja un cochecito de bebé y otra cocina castañas. Incluso hay una que sirve un cóctel a un niño disfrazado de cazador."

Actualmente: "Mientras Action Man (el héroe más grande de todos los tiempos) lucha en las calles contra el Doctor X, Barbie lava a su perrito o prepara 'pastelitos y gelatina' en su cocina mágica". "Cuando la muñeca no está en la cocina, aparece convertida en todo un objeto sexual. Así, las Bratz, con los labios y ojos pintados y 'tan atrevidas como tú', prometen a sus compradoras brillar 'en la pista y por la noche'."

A pesar del paso del tiempo, los anuncios de juguetes infantiles siguen siendo sexistas: venden la imagen de que la violencia y la aventura les toca a los niños y ser ama de casa y aferrarse a la belleza sexualmente estereotipada a las niñas.

5. Lee el siguiente fragmento de la crónica y haz una lectura intertextual con el folleto a continuación:

Según estudios realizados por el especialista en psicología infantil Kenneth O' Bryan, los anuncios se convierten en un eficaz instrumento de enseñanza para grabar cualquier idea relativamente simple en la mente infantil. Y en ese mundo de las ideas están integradas las actitudes y los valores. Así, la publicidad de juguetes ejerce un poderoso influjo sobre la descripción que el niño se hace de su sexo y del contrario.



Disponible en: http://cjyl.es/web/cjyl/Familia/es/Plantilla100Detalle/1246988963464/_/1284249062581/Comunicacions. Acceso el 21 de junio de 2013.

- a) ¿Qué papeles sexistas y características estereotipadas se **pregonan** en los medios de comunicación (gran parte de la publicidad de juguetes, ciertos dibujos animados, muchas telenovelas, canciones, películas y algunos libros infantojuveniles) de “cómo son o deben ser” los hombres y las mujeres?
- Las publicidades de juguetes siguen con la idea prejuiciosa de que la mujer es el ama de casa, la cuidadora de niños, la que cocina, busca cuidar excesivamente la apariencia (en detrimento de la inteligencia) y de que el hombre es el que trabaja fuera de casa, proveedor de la familia, el que se ocupa de las guerras y luchas, entre otras cosas.
- b) ¿Por qué tanto la mujer como el hombre aparecen en jaulas?
- La imagen muestra a niños presos en las jaulas de los estereotipos: la niña es la que debe jugar con las muñecas y el niño debe jugar con las armas. Las jaulas significan que tanto las niñas como los niños son prisioneros de los roles sociales que deben cumplir. Se hace una crítica a ese modelo.
6. En la crónica, se hace una crítica a los mensajes sexistas publicitarios. A partir de lo que leíste y de tus conocimientos de mundo, insiere lo que caracteriza un anuncio de juguetes para niños y para niñas:

lenguaje de aumentativos – color predominantemente rosa – escenas de acción y aventura – lenguaje de diminutivos – expresiones de autoridad y competición – expresiones de ternura

Para niños: lenguaje de aumentativos, escenas de acción y aventura, expresiones de autoridad y competición

Para niñas: lenguaje de diminutivos, color predominantemente rosa, expresiones de ternura

7. La cronista afirma que: "No se trata de adoptar una postura integrista, falsamente progresista y obligar a que los niños jueguen con Barbie Sirenas y las niñas con Hulk (a menos que quieran, claro)". En ese sentido:

a) ¿Qué significa educar a las niñas y a los niños en igualdad?

Sugerencia: Significa garantizar una igualdad de derechos en el universo lúdico de los juguetes y no imponer patrones estereotipados como siendo los únicos posibles. Es importante que los alumnos expresen sus opiniones de forma crítica, a fin de romper prejuicios y estereotipos.

b) ¿Qué tipo de productos los educadores (familia y escuela) y la sociedad en general deberían valorar y exigir a los medios de comunicación?

Los medios de comunicación deberían contribuir a una educación no sexista, para que niños y niñas tengan las mismas oportunidades, condiciones y formas de trato, sin dejar a un lado las particularidades de cada uno(a) de ellos(as).

8. Lee la narración de algunas situaciones en que se evidencian la presencia y la enseñanza de valores sexistas.

Se oyen gritos en el parque: un niño y una niña se han caído de una rueda que iba toda velocidad. Felizmente, ninguno ha resultado herido, pero se han hecho daño al caer al suelo. El padre de la niña corre a levantarla, la consuela y saca unos pañuelos de papel para limpiarle las lágrimas. El padre del chico lo coge en sus brazos, le hace una carantoña, lo abraza y le dice: ¡vamos, no llores como una niña, que tú eres un chico!

Carmen quiere hacer boxeo tailandés: su madre le dice que eso es cosa de chicos. Pedro baila claqué, ¡le encanta! sus amigos le dicen que es una nenaza, que la danza es cosa de chicas. María está en un equipo de fútbol femenino, juega muy bien y mete muchos goles; sus amigos dicen que es un verdadero chicazo. A David le encanta peinar a las muñecas de su hermana: a su padre no le gusta demasiado, y David se ha dado cuenta de que cada vez que lo hace, su padre le propone jugar al scalextric para que deje de jugar a las muñecas...

Fuente: LARRE, Brigitte; PUECH, Michel. Los chicos y las chicas. Disponible en: <<http://sinalefa2.wordpress.com/about/educar-en-valores-la-igualdad-de-genero/>>. Acceso el 5 de abril de 2013.

Ahora, contesta:

a) ¿Has presenciado situaciones como esas relatadas anteriormente? Cuéntales alguna a tus compañeros.

Respuesta personal. El objetivo es hacer que los estudiantes analicen las situaciones donde existe prejuicio o discriminación basada en el sexo o género. El sexismo actúa como ideología condicionante de las ideas que se difunden sobre los hombres y las mujeres.

b) ¿Qué opinas de lo que desea hacer Carmen? ¿Qué piensas sobre la opinión de su madre? ¿Te parece incorrecto que Pedro quiera ser bailarín? ¿Crees que debe persistir en su sueño?

Estas preguntas tienen como objetivo generar reflexión en los estudiantes, que deben percibir la aceptación de una educación sexista que se manifiesta como el establecimiento de una jerarquía sexual que, bajo argumentos pseudocientíficos-biológicos, oculta pensamientos tradicionales y prejuiciosos.

9. Los amigos de Pedro le dicen que es una "nenaza" porque le gusta el baile y los amigos de María le dicen "chicazo" por ser buena futbolista. Lee el siguiente comentario entresacado de un *blog* sobre los términos "nenaza" y "chicazo":

MIÉRCOLES, 3 DE DICIEMBRE DE 2008

Chicazos y nenazas

La mayoría de mis amigas son de las que dicen que toda su infancia han sido un poco "chicazos"; que preferían los juegos de chicos a las muñecas y que incluso a lo largo de la vida han tenido más amigos chicos que chicas. Yo también soy así; probablemente haberme criado entre tres hermanos lo explique en parte.

Pero lo que a mí me resulta curioso es que decimos que hemos sido "chicazos" con el pecho henchido de orgullo... ¿¡Orgullo por qué?! ¡Ellos no estarían orgullosos de haber sido un poco "nenazas"! Parece que a algunas tías nos han hecho creer que ellos son mejores que nosotras y que ser como ellos mola. Nos han hecho creer desde pequeñitas que las tías son unas débiles, unas cursis y unas dóciles, y aunque somos una de ellas y no cumplimos el estereotipo, en vez de cuestionarlo, seguimos creyéndonos el cuento, pensando que debemos de ser la excepción; como no somos sensibleras y sumisas, y somos más independientes, debemos de ser un poco "como un chico".

Disponible en: <<http://cotidianas-laura.blogspot.com.br/2008/12/chicazos-y-nenazas.html>>. Acceso el 5 de abril de 2013.

Recuerda el relato de los gustos de Pedro y María: "Pedro baila claqué, ¡le encanta! sus amigos le dicen que es una nenaza, que la danza es cosa de chicas. María está en un equipo de fútbol femenino, juega muy bien y mete muchos goles, sus amigos dicen que es un verdadero chicazo". Ahora, señala la respuesta que se acerca al sentido dado por los amigos de Pedro y de María a los vocablos **nenaza** y **chicazo**.

En el contexto de Pedro, el término **nenaza** se usa de forma:

- (X) despectiva (para describir a un hombre a quien se considera, ofensivamente, "afeminado", con rasgos y actitudes de nena).
() afectiva (para elogiar al otro por sus características amables y sensibles).

En el contexto de María, el término **chicazo** se usa de forma:

- (X) afectiva (para elogiar a la mujer por sus habilidades físicas y/o intelectuales semejantes a las que generalmente se atribuyen a los hombres).
() despectiva (para referirse discriminatoriamente a una mujer que se juzga dueña de rasgos físicos y comportamentales masculinos).

10. ¿Conoces chicas a quienes les gusta ver, jugar o ser hincha de fútbol y chicos a los que les gusta bailar?

a) ¿A todos los muchachos les gusta el fútbol? ¿A todas las muchachas les gusta la danza?

Las actividades tienen como objetivo desmontar los tópicos que se pueden tener sobre gustos y disgustos

basados en los roles de género.

A quien no lo sepa

Existen diferencias entre lo que suele llamarse "roles sexuales" y lo que se dice "roles de género". "Los roles sexuales se refieren a los comportamientos que están determinados por el sexo biológico de cada individuo (como menstruación, erección, orgasmo, embarazo, lactancia, etc.). Los roles de género son expectativas socialmente creadas sobre el comportamiento masculino y femenino: los hombres no lloran y las mujeres son más sensibles, etc."

Disponible en: <http://www.juntadeandalucia.es/averroes/~11700949/Coeducacion/Documentos/Roles_masc_feme.pdf>. Acceso el 8 de abril de 2013.



Disponible en: <<http://generoyeducacion.blogspot.com.br/2011/04/los-estereotipos-sexistas.html>>. Acceso el 21 de junio de 2013.

Disponible en: <<http://generoyeducacion.blogspot.com.br/2011/04/los-estereotipos-sexistas.html>>. Acceso el 21 de junio de 2013.

- b) Al padre de David no le gusta demasiado que el niño peine las muñecas de la hermanita. ¿Por qué muchas madres y padres tienen miedo de que sus hijas jueguen a la pelota o al cochecito y de que sus hijos jueguen con niñas de casita o con muñecas?

Probablemente por miedo a que sus hijas e hijos no sigan los patrones determinados socialmente, como roles de sexo y roles de género, muchas familias siguen reproduciendo desde la niñez los roles sexistas que posteriormente se trasladarán a la vida adulta. Las madres y los padres deberían sensibilizarse sobre la importancia de una educación no sexista, en que niños y niñas sean verdaderamente libres para elegir con qué jugar, para, con eso, exigir de los medios de comunicación una reflexión sobre el contenido sexista y violento de muchos dibujos animados, películas, músicas, juegos y juguetes. Se debe contribuir al desarrollo de actitudes y comportamientos de cooperación y respeto a las diferencias y relaciones de igualdad de derechos entre niñas y niños.

11. Observa:

"Todas y todos. Diferentes, pero iguales. Iguales pero diferentes. Todas/os iguales, todas/os diferentes. Diferencias sí, desigualdades no."

- a) ¿Qué conexión se puede establecer entre estas expresiones, los roles de género y los roles de sexo?

Respuesta personal. Sugerencia: Los hombres y mujeres deben ser iguales en lo que

respecta a los derechos y deberes (tienen ciudadanía), son iguales por ser humanos,

etc. Son diferentes en las características físicas, en el tiempo de madurez, etc.

- b) En la sociedad actual, ¿crees que todavía persisten los prejuicios que desean perpetrar la división entre los roles tradicionalmente atribuidos a las mujeres y otros defendidos como exclusivos de los hombres? Esto es, ¿ha cambiado totalmente la "distribución de roles" entre los géneros femenino y masculino?

Los alumnos deben notar que desgraciadamente, a pesar de los cambios históricos y

sociales, todavía sigue existiendo la imposición de estereotipos de géneros.

A quien no lo sepa

Para saber más sobre educación sexista y no sexista puedes acceder a la campaña *Éranse muchas veces: jugar, contar, crecer*, del Ministerio de Educación de España, donde se afirma: "Los juegos, los juguetes y los cuentos son herramientas, medios para conocer el mundo pero también para recrearlo, conformarlo, y cambiarlo. Muchos juguetes, y la gran mayoría de sus anuncios, presentan una sociedad desigual, caduca, patriarcal, irresponsable con el entorno. Y no muestran la sociedad que podemos crear, ni la que estamos construyendo, donde mujeres y hombres estamos en el camino de la igualdad".

Disponible en: <http://www.youtube.com/watch?feature=player_embedded&v=q1w9zWSDtY#>. Acceso el 8 de abril de 2013.



Disponible en: <<http://www.capellarevista.com/equidad-de-genero>>. Acceso el 20 de junio de 2013.

Nano/Disponible en: <<http://www.capellarevista.com/equidad-de-genero>>. Acceso el 20 de junio de 2013.

12. ¿Cómo actúa tu familia frente a la educación sexista: está a favor o en contra de la igualdad de derechos entre géneros? Esto es, ¿en tu hogar prevalece la equidad o la inequidad entre mujeres y hombres?

Se espera que las alumnas y los alumnos reconozcan si en su hogar existe inequidad de género.

13. La cuestión del sexismo en el Brasil actual no está presente solamente en la publicidad. ¿Dónde más se la verifica?

En Brasil hay todavía varios ejemplos de actitudes sexistas: la publicidad (principalmente las de coches y de cerveza), las telenovelas y los programas mediáticos que divulgan ideas sexistas y machistas (las ideas erróneas y discriminatorias de que los hombres no lloran, de que traicionar es aceptable cuando lo hace el hombre, pero no la mujer; los prejuicios respecto a la capacidad laboral femenina, con ideas machistas de que las mujeres son frágiles, de que todas ellas gastan mucho, dependen económicamente de los hombres y hablan demasiado, etc.).

14. ¿Crees que la igualdad de derechos entre mujeres y hombres debe ser defendida y garantizada? ¿Por qué?

Es importante averiguar si los alumnos y las alumnas se dan cuenta de que la equidad de género es un valor que debe ser defendido, ya que implica: garantizar el cumplimiento de derechos y deberes; combatir el prejuicio y la violencia de género; favorecer la convivencia rica, sana, feliz entre mujeres y hombres. Para profundizar en los temas de esta unidad, el profesor puede consultar los sitios <<http://www.educandoenigualdad.com/>>, <<http://www.aulaintercultural.org/noracismoysexismo/>> y <<http://www.educacionenvalores.org/spip.php?rubrique186>> (accesos el 21 de mayo de 2013).

Gramática en uso

Sufijos diminutivos y aumentativos

1. Según la autora de la crónica:

El lenguaje no es un vehículo menos poderoso para estos prejuicios. El de los anuncios para niñas es eminentemente cursi, con superabundancia de **diminutivos** (pastelitos, casita, perrito, dedito...) y expresiones de ternura (te quiero tanto, necesitaba mi amor...), mientras que en los dirigidos a los varones los rasgos dominantes son los **aumentativos** (acción sin límites, las posturas más arriesgadas...) y la utilización de expresiones ligadas a la competitividad (tú tienes el poder, acabar con tu máximo oponente...).

- a) Observa los anuncios de juguetes a continuación. En su lenguaje, ¿hay superabundancia de diminutivos o aumentativos? Aporta ejemplos.



Muñequitas Nica Llorona

Juega a ser mamá con Nica Llorona. Si le quitas el chupete llora como un bebé de verdad. Si tiene hambre, ponle su babero y dale el biberón. Cuando le acuestas cierra los ojitos.

Disponible en: <<http://juguetos.com/es/productos/nica-llorona>>. Acceso el 8 de abril de 2013.

El sufijo **-ito** se escribe con una sola letra **t**. Sin embargo, aquí forma parte del nombre del producto.



Nancy de compras con su hermanita

De compras con su hermanita Lesly, Nancy va a la tienda a comprar lo necesario para la bebé. Vestida con *legging* de color plata, jersey rosa, bufanda, manguitos, diadema, botas y bolso, empuja del carrito de compra con asiento para bebés.

Disponible en: <http://holacaracola.es/catalog/product_info.php?products_id=4132>. Acceso el 8 de abril de 2013.



Disponible en: <<http://www.cocinasdejuguete.com/>>
Acceso el 10 de abril de 2013.

Cocinita electrónica

Las niñas imitarán a su mamá y cocinarán deliciosos platos con esa moderna cocinita.

Disponible en: <<http://www.cocinasdejuguete.com/>>. Acceso el 8 de abril de 2013.



Disponible en: <http://juguetos.com/es/productos/perrito-blanco-bolso-rosa?utm_campaign=test_recomendador&utm_medium=enlace&utm_source=recomendador>. Acceso el 10 de abril de 2013.

Perrito blanco en bolso rosa

¡Qué perrito tan simpático! Llévalo siempre contigo este bonito bolsito rosa.

Disponible en: <http://juguetos.com/es/productos/perrito-blanco-bolso-rosa?utm_campaign=test_recomendador&utm_medium=enlace&utm_source=recomendador>. Acceso el 8 de abril de 2013.

Hay superabundancia de diminutivos: muñequitas, ojitos, hermanita, manguitos, carrito, cocinita, perrito, bolsito.

b) Los sufijos se añaden al final de una palabra para formar otras. ¿Qué sufijo aparece en esas palabras?

-ito.

c) Los sufijos pueden añadir diversos significados. Señala el significado que aporta el sufijo -ito:

() cariño () admiración () desprecio

d) Escribe la palabra que da origen a:

- | | |
|------------------------------|-----------------------------|
| ▪ muñequitas: <u>muñecas</u> | ▪ hermanita: <u>hermana</u> |
| ▪ carrito: <u>carro</u> | ▪ perrito: <u>perro</u> |
| ▪ ojitos: <u>ojos</u> | ▪ manguitos: <u>mangas</u> |
| ▪ cocinita: <u>cocina</u> | ▪ bolsito: <u>bolso</u> |

e) ¿Qué significa decir que un lenguaje es "cursi"? Señala la alternativa correcta según el significado de la expresión en el texto:

- () lenguaje de una persona que presume de fina y elegante sin serlo.
 () lenguaje de alguien que tiene ropas, objetos y actitudes de mal gusto.
 () lenguaje afectado y excesivamente delicado, amable y débil.

2. Observa las palabras destacadas en las frases siguientes.

- I. Me gusta mucho mi **abuelita**. La quiero de montón.
- II. Pelé fue un **jugadorazo**: conquistó tres mundiales con la camiseta de Brasil.
- III. ¡Todavía tienes ese **celularucho**! ¿Por qué no te compras uno más moderno?

a) ¿En qué contexto aparecen diminutivos?

En las frases I y III: -ita, -ucho.

b) ¿En qué contexto aparecen aumentativos?

En la frase II: -azo.

c) ¿En qué contexto se presenta un sufijo despectivo, que expresa burla o desprecio?

En la frase III. Cuando se añade el sufijo aumentativo **-ucho**, se quiere expresar burla o desprecio. En el ejemplo, el celular es antiguo, nada moderno.

d) ¿En qué contexto se expresa admiración por las acciones de alguien?

En la frase II. El sufijo aumentativo **-azo** demuestra que el jugador era muy bueno.

3. ¡A usar el aumentativo **-azo**! Formula frases en que se añada el sufijo aumentativo **-azo** a los sustantivos a continuación con el objetivo de expresar admiración:

- a) coche b) gol

En la *Chuleta Lingüística*, p. 179, se amplía esta sección con otros sufijos (aumentativos, diminutivos y despectivos).

Sugerencias: ¡Qué lindo modelo! Es un cochazo.

¡Mi equipo venció el último partido! El atacante hizo un golazo.

4. Indica qué palabras presentan necesariamente significado despectivo:

- a) pueblito – pueblucho b) flaquéisimo – flacucho c) adornito – adornucho

Las palabras con valor despectivo son las que terminan en **-ucho**: pueblucho, flacucho, adornucho.

5. ¿Qué son sufijos diminutivos y aumentativos? Completa las definiciones:

a) Los **diminutivos** se utilizan para indicar tanto la disminución del tamaño como para incorporar otros aspectos, tales como: afectividad e inferioridad. Pueden referirse a: tamaño, afecto, desprecio o uso peyorativo sobre lo que se habla. Los más comunes son: **-ito, -ita** (gordita); **-ico, -ica** (perrico); **-illo, -illa** (mayorcilla), **-ete, -eta** (amiguete), **-ín, -ina** (poquitín).

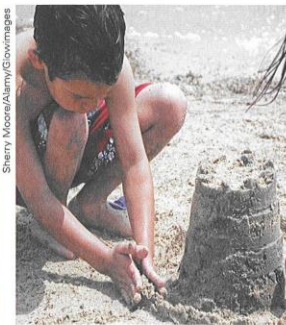
b) Los **aumentativos** se utilizan para aumentar el tamaño de algo y también para dar un significado superior al objeto o persona de la que se habla. Pueden referirse a: tamaño y fuerza, pero en algunos contextos tienen también un uso despectivo. Los más comunes son: **-ote, ota** (grandote); **-on, ona** (plátón); **-azo, -aza** (pelotazo)

Vocabulario en contexto

Los juguetes

Relaciona los juguetes del recuadro con las fotos a continuación:

columpio – rayuela – cubito de playa – rompecabezas – canicas – jugar a la casita – pelota – videojuego – saltar la cuerda o la comba – escondite – cometa – hula-hula



cubito de playa



columpio



hula-hula



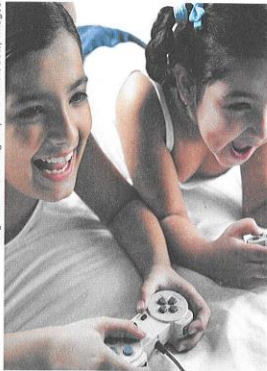
jugar a la casita



pelota



saltar a la cuerda o a la comba



videojuego



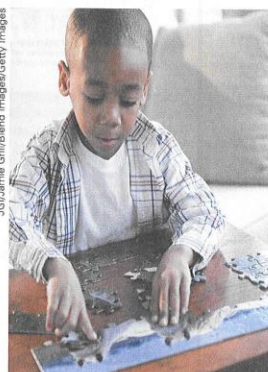
canicas



escondite



cometa



rompecabezas



rayuela

> Escritura

> **Conociendo el género** Va dirigido a la sociedad en general para incentivarla a no silenciar ante la violencia. Ser cómplice es permitir o favorecer la realización de un crimen.

1. Reflexiona y discute oralmente sobre el mensaje de este afiche: ¿A quién va dirigido? ¿Con qué finalidad se produjo? ¿Qué significa ser "cómplice" de algo?



Disponible en: <http://2.bp.blogspot.com/_...> de abril del 2013.

2. Frases como las de ese afiche tienen un papel educativo y son comunes en folletos de campañas. ¿Qué es un folleto educativo? Antes de contestar, observa este folleto educativo distribuido por el Gobierno de Canarias, España (disponible en: <http://www.gobcan.es/opencms8/opencms/igualdad/resources/documentacion/ICM-FOLLETO-VIOLENCIA-es.pdf>; acceso el 14 de junio de 2013).

- **Género textual:** Folletos educativos
- **Objetivo de escritura:** Concienciar a los ciudadanos sobre la violencia de género
- **Tema:** Ley contra la violencia a la mujer y la familia
- **Tipo de producción:** En grupos de cuatro
- **Lectores:** A elección de los alumnos

FRENTE A LA VIOLENCIA DE GÉNERO ¡NO ESTÁS SOLA! INFÓRMATE

RED CANARIA DE SERVICIOS Y CENTROS DE ATENCIÓN A MUJERES VÍCTIMAS DE VIOLENCIA

EN CANARIAS EXISTE UNA RED DE SERVICIOS, PARA LA ATENCIÓN A LAS MUJERES VÍCTIMAS DE VIOLENCIA DE GÉNERO. EN ESTA RED ENCONTRARÁS:

ATENCIÓN INMEDIATA
Servicio de Atención a la Mujer del 112 y Dispositivo de Emergencia para Mujeres Agredidas (DE.M.A.). Estos servicios están disponibles las veinticuatro horas del día. A través de ellos recibirás acompañamiento, información, asesoramiento y acogida inmediata si fuera necesaria.

SI HAS SUFRIDO UNA AGRESIÓN, O TE ENCUENTRAS EN SITUACIÓN DE RIESGO, LLAMA AL TELÉFONO 112. RECIBIRÁS ATENCIÓN INMEDIATA EN LA ISLA DONDE TE ENCUENTRES.

INFORMACIÓN, ASESORAMIENTO Y ATENCIÓN ESPECIAL
Estos servicios están disponibles en: Mujeres, Servicio de Apoyo Integral, Ayuntamientos, Asociación, encontrarás atención individualizada y social.

ACUDE A ELLOS SI BUSCAS AYUDA. SABES CÓMO AFRONTARLA.

ACOGIDA TEMPORAL
Si te encuentras expuesta a tu vida o integridad psíquica, la red dispone de centros para las menores que están a tu custodia y atención inmediata.

SI NO PUEDES PERMANECER EN EL CENTRO DE ATENCIÓN A LA MUJER, LOS PASOS QUE DEBES SEGUIR SON:

• TODOS ESTOS SERVICIOS DISPONEN DE UN EQUIPO DE ASISTENTES SOCIALES Y ACTUAN EN COLABORACIÓN CON LA POLICÍA, SERVICIOS SANITARIOS Y SERVICIOS SOCIALES.

SERVICIO DE APOYO INTEGRAL A LA MUJER: 900 506 968

OPORNAS INSULARES DE ATENCIÓN A LA MUJER:

Cabildo Insular de Gran Canaria	908 31 41 00
Cabildo Insular de Fuerteventura	908 53 05 37
Cabildo Insular de Lanzarote	908 82 49 70
Cabildo Insular de Tenerife	902 84 31 42
Cabildo Insular de La Palma	902 42 00 78
Cabildo Insular de La Gomera	902 87 00 92
Cabildo Insular de El Hierro	902 55 00 78

SI HAS SUFRIDO UNA AGRESIÓN O CORRES EL RIESGO DE SUFRIRLA, LLAMA AL 112
Recuerda que tienes derecho a vivir con DIGNIDAD, RESPETO Y LIBERTAD. Nunca te des por vencida, aunque vuelvas atrás, la próxima vez puede que consigas la solución dignifica.

SERVICIO DE APOYO INTEGRAL A LA MUJER: 900 506 968

OPORNAS INSULARES DE ATENCIÓN A LA MUJER:

Cabildo Insular de Gran Canaria	908 31 41 00
Cabildo Insular de Fuerteventura	908 53 05 37
Cabildo Insular de Lanzarote	908 82 49 70
Cabildo Insular de Tenerife	902 84 31 42
Cabildo Insular de La Palma	902 42 00 78
Cabildo Insular de La Gomera	902 87 00 92
Cabildo Insular de El Hierro	902 55 00 78

SI HAS SUFRIDO UNA AGRESIÓN O CORRES EL RIESGO DE SUFRIRLA, LLAMA AL 112
Recuerda que tienes derecho a vivir con DIGNIDAD, RESPETO Y LIBERTAD. Nunca te des por vencida, aunque vuelvas atrás, la próxima vez puede que consigas la solución dignifica.

SERVICIO DE APOYO INTEGRAL A LA MUJER: 900 506 968

OPORNAS INSULARES DE ATENCIÓN A LA MUJER:

Cabildo Insular de Gran Canaria	908 31 41 00
Cabildo Insular de Fuerteventura	908 53 05 37
Cabildo Insular de Lanzarote	908 82 49 70
Cabildo Insular de Tenerife	902 84 31 42
Cabildo Insular de La Palma	902 42 00 78
Cabildo Insular de La Gomera	902 87 00 92
Cabildo Insular de El Hierro	902 55 00 78

LAS MUJERES VÍCTIMAS DE VIOLENCIA DE GÉNERO, TIENEN DERECHO A:

- Ser informadas y asesoradas.
- Recibir asistencia social integral (psicológica, de acogida y de recuperación integral).
- Disponer de asistencia jurídica gratuita en caso de insuficiencia de recursos.
- Escobalización inmediata de los hijos/as si cambia el domicilio habitual.
- Acceso prioritario a viviendas protegidas y residencias públicas para mayores.
- En el ámbito laboral:
 - Reducción o reordenación del tiempo de trabajo.
 - Movilidad geográfica.
 - Cambio de centro de trabajo.
 - Suspensión de la relación laboral con reserva de puesto.
 - La extinción del contrato con derecho a situación legal de desempleo.
- Percibir una ayuda económica de pago único cuando, dispendio de Orden de Protección, los ingresos sean inferiores al 75% del Salario Mínimo Interprofesional y existan especiales dificultades para obtener un empleo.

(Ley Orgánica 15/2004, de 18 de abril, de medidas de protección integral contra la violencia de género)

ESTE FOLLETO SE ENCUENTRA TRADUCIDO A VARIOS IDIOMAS EN LA PÁGINA WEB
www.gobiernodecanarias.org/icmujer

INSTITUTO CANARIO DE LA MUJER GOBIERNO DE CANARIAS

ANTE LA VIOLENCIA NO TE PARES, EJERCE TUS DERECHOS

3 Sexualidad en discusión: diálogo y (auto)conocimiento

PARA ACCEDER A LA RED DE APOYO EN TU ISLA, PUEDES DIRIGIRTE A:

GRAN CANARIA
CENTRO INSULAR DE ATENCIÓN A LA MUJER
C/ San Brigida Castello (Centro San Antonio), Vegueta
39001 Las Palmas de Gran Canaria
Tel.: 928 31 42 00 - 928 31 47 00
Fax: 928 33 66 08

FUERTEVENTURA
CENTRO INSULAR DE INFORMACIÓN Y ASESORAMIENTO A LA MUJER
C/ Teniente, 54
39000 Punto del Rosario,
Tel.: 928 53 06 37 - 928 86 20 30
Fax: 928 53 15 61

LANZAROTE
CENTRO INSULAR DE ATENCIÓN A LA MUJER
C/ Salvador Allende, s/n
Tel.: 928 82 49 20 - 928 82 49 77
Fax: 928 82 42 00

TENERIFE
UNIDAD ORGANICA DE VIOLENCIA DE GÉNERO
C/ Diego Almagro, 1
38000 Santa Cruz de Tenerife
Tel.: 922 84 31 42
Fax: 922 84 39 77

LA PALMA
OFICINA INSULAR DE INFORMACIÓN Y ORIENTACIÓN A LA MUJER
C/ Virgen de la Luz, nº 7
91000 Santa Cruz de La Palma
Tel.: 922 42 00 78 - 922 40 23 93
Fax: 922 42 04 98 - 922 40 23 93

LA GOMERA
CENTRO INSULAR DE ATENCIÓN A LA MUJER
Ave. Quinto Centenario, Edif. "Zeus II"
98000 San Sebastián de la Gomera
Tel.: 922 87 03 92
Fax: 922 87 05 08

EL IERRO
CONSEJERÍA DE SERVICIOS SOCIALES Y SANIDAD
C/ Constitución, 29 (Botiquín Hospital)
39000 Valverde
Tel.: 922 55 00 78
Fax: 922 55 20 42

INFORMATE Y ACUDE

SI HAS SUFRIDO UNA AGRESIÓN O CORRES EL RIESGO DE SUFRIRLA, LLAMA AL 112
Recuerda que tienes derecho a vivir con **DIGNIDAD, RESPETO Y LIBERTAD**. Nunca te des por vencida, aunque sufras estos, la próxima vez puede que consigas la solución definitiva.

SERVICIO DE APOYO INTEGRAL A LA MUJER: 900 506 968

OPCIONES INSULARES DE ATENCIÓN A LA MUJER:
Cabildo Insular de Gran Canaria 928 31 42 00
Cabildo Insular de Fuerteventura 928 53 06 37
Cabildo Insular de Lanzarote 928 82 49 70
Cabildo Insular de Tenerife 922 84 31 42
Cabildo Insular de La Palma 922 42 00 78
Cabildo Insular de El Hierro 922 55 00 78

SI HAS SUFRIDO O CORRES EL RIESGO DE SUFRIRLA LLAMA AL 112
Recuerda que tienes derecho a vivir con dignidad, respeto y libertad. Nunca te des por vencida, aunque sufras estos, la próxima vez puede que consigas la solución definitiva.

SERVICIO DE APOYO INTEGRAL A LA MUJER: 900 506 968

OPCIONES INSULARES DE ATENCIÓN A LA MUJER:
Cabildo Insular de Gran Canaria 928 31 42 00
Cabildo Insular de Fuerteventura 928 53 06 37
Cabildo Insular de Lanzarote 928 82 49 70
Cabildo Insular de Tenerife 922 84 31 42
Cabildo Insular de La Palma 922 42 00 78
Cabildo Insular de El Hierro 922 55 00 78

SI HAS SUFRIDO O CORRES EL RIESGO DE SUFRIRLA LLAMA AL 112
Recuerda que tienes derecho a vivir con dignidad, respeto y libertad. Nunca te des por vencida, aunque sufras estos, la próxima vez puede que consigas la solución definitiva.

LA VIOLENCIA DE GÉNERO ADOPTA MÚLTIPLES FORMAS:

- Malos tratos físicos, psicológicos (amenazas, humillaciones, vejaciones) y sexuales (abuso sexual, imposición de relaciones sexuales no consentidas).
- Acoso sexual, en el medio laboral y educativo.
- Tráfico o utilización de mujeres con fines de explotación sexual.
- Mutilación genital femenina.
- Violencia contra los derechos sexuales y reproductivos de las mujeres.
- Maltrato económico.
- Cualquier otra forma que lesione o sea susceptible de lesionar la dignidad, integridad o libertad de la mujer.

QUÉ HACER SI HAS SUFRIDO UNA AGRESIÓN O CORRES EL RIESGO DE SUFRIRLA

LLAMA AL TELÉFONO 112, existe un servicio de atención a la mujer que activará, si fuera necesario, el Dispositivo de Emergencia para Mujeres Agredidas (D.E.M.A.) de tu isla.

Si tienes lesiones físicas o psicológicas, o crees que puedes tenerlas, **ACUDE A LOS SERVICIOS SANITARIOS Y PIDE UNA COPIA DEL PARTO MÉDICO DE LESIONES**. En caso de haber sufrido una agresión sexual, no debes lavarte ni cambiarte la ropa hasta después del reconocimiento médico y la interposición de la denuncia.

PRESENTA LA CORRESPONDIENTE DENUNCIA, en la Comisaría de Policía, Cuartel de la Guardia Civil o Juzgado de Guardia más cercano. Aporta el parte médico de lesiones. La denuncia debe ser lo más detallada posible, mencionando agresiones sufridas con anterioridad. Declara todo lo que consideres importante. Informa si habías testigo. No ocultes ni omitas detalles, pueden ser imprescindibles. Antes de firmar lee, el texto. No olvides pedir tu copia.

SOLICITA, en la propia denuncia la **ORDEN DE PROTECCIÓN** si existe una situación objetiva de riesgo para ti.

SI TEMES POR TU SEGURIDAD, SAL DE TU DOMICILIO SIN MIEDO A PERDER TUS DERECHOS. NO OLVIDES LLEVAR CONTIGO:

- La documentación personal (documento de identidad, libro de familia, tarjetas sanitarias, ...).
- Datos sobre las cuentas bancarias.
- Nómina de la persona con la que convives, o copia de la declaración de la renta (IRPF).
- Contrato de arrendamiento de la vivienda o escrituras de propiedad.
- Medicinas habituales y enseres personales.

RECUERDA, NO ESTÁS SOLA, APOYATE EN LA RED

En España, una de cada diez mujeres mayores de 18 años es maltratada. Esto representa 1.865.000 mujeres, de las que el 40% sufren agresiones por parte de su pareja o ex pareja. (Informe "El maltrato contra las mujeres" elaborado por el ICAI)

Instituto Canario de la Mujer/Gobierno de Canarias/CI/BR

- a) Señala las características de un folleto educativo a partir de lo que observaste anteriormente.
- Es un impreso con pocas hojas que sirve para divulgar y concienciar sobre algún tema de interés social.
 - Es un impreso con pocas hojas que sirve para vender un producto o un servicio.
 - Presenta imágenes y palabras que objetivan narrar una historia.
 - Presenta imágenes y palabras que objetivan informar al lector.
 - Tiene distribución y gran circulación en lugares públicos, tales como escuelas, hospitales, etc., para garantizar un alcance mayor de las informaciones.
 - Tiene distribución y gran circulación en lugares públicos, para garantizar el éxito de las ventas y la ampliación del número de clientes.

b) ¿Qué tema aborda la campaña?

La violencia contra la mujer.

c) ¿A qué público se destina?

A las mujeres que sufren violencia.

> Planeando las ideas

Vas a producir un folleto educativo contra la violencia a la mujer. Pero, antes, hay que planear las ideas. Lee el título preliminar y cuatro artículos de la ley n. 103 – *Ley contra la violencia a la mujer y la familia*, de Ecuador, e infórmate sobre qué es violencia a la mujer y cuáles son sus tipos.

Ecuador – Eliminación de la violencia contra la Mujer

Ley contra la Violencia a la Mujer y la Familia

Ley n. 103

Congreso Nacional
El Plenario de las Comisiones Legislativas

Considerando:

En ejercicio de sus facultades constitucionales, expide la siguiente

Título Preliminar

Artículo 1. Fines de la Ley

La presente ley tiene por objeto proteger la integridad física, psíquica y la libertad sexual de la mujer y los miembros de su familia, mediante la prevención y la sanción de la violencia intrafamiliar y los demás atentados contra sus derechos y los de su familia. Sus normas deben orientar las políticas del Estado y la comunidad sobre la materia.

Artículo 2. Violencia intrafamiliar

Se considera Violencia intrafamiliar toda acción u omisión que consista en maltrato físico, psicológico o sexual, ejecutado por un miembro de la familia, en contra de la mujer o demás integrantes del núcleo familiar.

Artículo 3. Ámbito de Aplicación

Para los criterios de esta Ley se consideran miembros del núcleo familiar a los cónyuges, ascendientes, descendientes, hermanos y sus parientes hasta el segundo grado de afinidad. La protección de esta Ley se hará extensiva a los excónyuges, convivientes, exconvivientes, a las personas con quienes se mantenga o se haya mantenido una relación consensual de pareja, así como a quienes comparten el hogar del agresor o del agredido.

Artículo 4. Formas de violencia intrafamiliar

Para los efectos de esta Ley, se considera:

- a) Violencia física.– Todo acto de fuerza que cause daño, dolor o sufrimiento físico en las personas agredidas cualquiera que sea el medio empleado y sus consecuencias, sin considerarse el tiempo que se requiera para su recuperación.
- b) Violencia psicológica.– Constituye toda acción u omisión que cause daño, dolor, perturbación emocional, alteración psicológica o disminución de la autoestima de la mujer o el familiar agredido. Es también la intimidación o amenaza mediante la utilización del apremio moral sobre otro miembro de la familia infundiendo miedo o temor a sufrir un mal grave o inminente en su persona o en la de sus descendientes o afines hasta el segundo grado; y
- c) Violencia sexual.– Sin perjuicio de los casos de violación y otros delitos contra la libertad sexual, se considera violencia sexual todo maltrato que constituya imposición en el ejercicio de la sexualidad de una persona, y que la obligue a tener relaciones u otras prácticas sexuales con el agresor o con terceros, mediante el uso de la fuerza física, amenazas o cualquier otro medio coercitivo.

[...]

Disponible en: <http://www.ministeriodelinterior.gob.ec/dinago/ley_contra_la_violencia_a_la_mujer_y_a_la_familia.html>. Acceso el 22 de febrero de 2013.

- a) ¿A qué clase de lectores se destina la Ley n. 103?

En el artículo 1 se afirma que las "normas deben orientar las políticas del Estado y la comunidad sobre la

materia". Se infiere que la Ley N. 103 se destina a todos los ciudadanos y ciudadanas de la nación que

deben tener conciencia de la violencia familiar y sus características, sabiendo que existen sanciones a quienes no cumplan los derechos y deberes pregonados en sus artículos.

- b) El artículo 1 menciona el carácter preventivo y la existencia de sanciones a quienes no respeten la ley:

La presente ley tiene por objeto proteger la integridad física, psíquica y la libertad sexual de la mujer y los miembros de su familia, mediante la prevención y la sanción de la violencia intrafamiliar y los demás atentados contra sus derechos y los de su familia.

Concluye: ¿qué significado tienen estas palabras en la Ley n. 103?

Remite a las medidas para evitar que los derechos de las mujeres no sean respetados y los amenace la violencia.

- c) ¿Por qué es necesaria la prevención en favor de los derechos de las mujeres?

Porque las mujeres siguen sufriendo prejuicio y discriminación que culminan en la desigualdad de derechos y en la violencia de género.

- d) ¿Qué géneros textuales se pueden utilizar para informar y concienciar a la población de la existencia de la ley?

Se puede hacer una campaña comunitaria que englobe carteles, folletos educativos, anuncios impresos, en videos o audios divulgados por televisión, en programas de radio, por internet, etc.

A quien no lo sepa

Ley Maria da Penha – Ley número 11 340

Cohíbe la violencia doméstica y familiar contra la Mujer

“El 7 de agosto de 2006 el Presidente de la República sancionó la Ley 11 340/06 –la Ley Maria da Penha. [...] Han sido muchos años de lucha para que las mujeres pudieran disponer de este instrumento legal y para que el Estado brasileño pasara a ver la violencia doméstica y familiar contra la mujer. [...] ¿Cuántas mujeres cargaron con ellas mismas la culpa de ser víctimas de violencia durante muchos años? ¿A cuántos silencios se habrán ellas sometido? ¿Cuánta violencia no ha sido justificada en los tribunales por la ‘defensa del honor’ masculino? No son pocos los cambios que la Ley Maria da Penha establece, tanto en la definición de los crímenes de violencia contra la mujer, como en los procedimientos judiciales y de la autoridad policíaca. Ella define la violencia doméstica como una de las formas de violación de los derechos humanos. Altera el Código Penal y permite que agresores sean presos en flagrante, o tengan su prisión preventiva decretada, cuando amenacen la integridad física de la mujer. Prevé, además, inéditas medidas de protección para la mujer que corre riesgo de vida, como el alejamiento del agresor del domicilio y la prohibición de su aproximación física a la mujer agredida y a los hijos. [...]”

Para continuar leyendo ese texto y saber más sobre esa ley, su texto está disponible, también en español, en la página web: <<http://www.spm.gov.br/legislacao-1/lei-maria-da-penha/ley-maria-penha.pdf>> (acceso el 2 de abril de 2013).

Vocabulario en contexto

1. Lee la siguiente campaña y la viñeta y di qué tipo de discurso está difundido en ellas.



El discurso contra la agresión a la mujer.



La idea de que los niños aprenden con los ejemplos, sean estos buenos o malos.

2. En la campaña y en la viñeta, aparecen los verbos **maltratar** y **pegar**. Fíjate en los siguientes verbos y expresiones. Vas a necesitarlos para la producción del folleto educativo.

pegar – maltratar – gritar – silenciar – callar – ignorar – decir palabrotas – insultar – golpear – herir – hacer sufrir – matar – asesinar – molestar – acorralar – intimidar – acobardar – causar dolor – dañar – abusar – importunar – machacar – deformar – aniquilar – rendir – atemorizar – infundir miedo – destruir – luchar – guerrear – ejecutar – torturar – omitir – hacer llorar – violar – tratar con indiferencia

a) En el contexto de esta unidad, ¿de qué campo semántico forman parte estos verbos?

Del campo semántico de la violencia. Son verbos cargados de fuerza y expresan violencias físicas o morales.

b) ¿Cómo la viñeta de al lado usa estos verbos para enumerar las cosas que las mujeres no desean sufrir?

En la viñeta se usan formas negativas de los verbos

gritar, insultar, ignorar, pegar, violar y matar (no me

grites, no me insultes, no me ignores, no me pegues,

no me violes, no me mates) a fin de instar a que se deje

de practicar esos actos.



Disponible en: <http://www.forgas.com>. Acceso el 20 de junio de 2013.

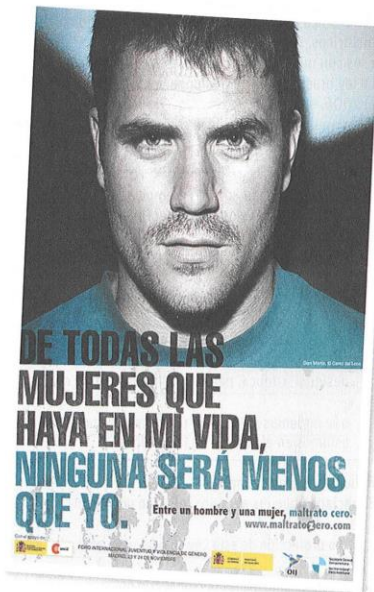
Gramática en uso

Las oraciones de relativo

Las oraciones relativas se denominan oraciones subordinadas porque son constitutivas de otra oración llamada principal. Van introducidas por un **pronombre relativo** que opera como elemento de enlace entre la oración subordinada y la oración principal. Observa los ejemplos:



Disponible en: <http://galeria.ramenparados.com/albums/userpics/10023/7534_1164045594974_1642905541_401492_2084084_n.jpg>. Acceso el 17 de junio de 2013.



Ministerio de Igualdad/Agencia Española de Cooperación Internacional para el Desarrollo (AECID)/10/13R

Disponible en: <http://paraeldesarrollo.files.wordpress.com/2009/11/camp_vg_01.jpg>
Accesol el 17 de junio de 2013.

Ahora, busca en los textos de esta unidad oraciones con los pronombres relativos y completa las partes vacías del recuadro:

Pronombres relativos y ejemplos de oraciones de relativo	
QUE	<p>"De todos los hombres que haya en mi vida, ninguno será más que yo." "De todas las mujeres que haya en mi vida, ninguna será menos que yo." "Se considera Violencia intrafamiliar toda acción u omisión que consista en maltrato físico, psicológico o sexual, ejecutado por un miembro de la familia en contra de la mujer o demás integrantes del núcleo familiar."</p> <p>Ejemplos encontrados por ti:</p> <p><u>"La publicidad de juguetes ejerce un poderoso influjo sobre la descripción que el niño se hace de su sexo y del contrario."</u></p> <p>_____</p> <p>_____</p>
EL QUE, LA QUE, LOS QUE, LAS QUE, LO QUE	<p>Rellena este espacio con por lo menos dos ejemplos.</p> <p>Enunciados que los alumnos deberán encontrar:</p> <p><u>"La industria juguetera apuesta por la diferenciación de género porque así su target (público objetivo) está mucho más definido, lo que evita el riesgo de diluir el mensaje."</u></p> <p><u>"La industria juguetera se enfrenta a un dilema: quienes compran los juguetes no son los niños, sino sus padres, y lo que quieren éstos es que sus hijos tengan actitudes de adulto, las que ellos consideran aceptables."</u></p> <p><u>"La mayoría de mis amigos son de las que dicen que toda su infancia han sido un poco 'chicazos'; que preferían los juegos de chicos a las muñecas y que incluso a lo largo de la vida han tenido más amigos chicos que chicas."</u></p> <p><u>"Pero lo que a mí me resulta curioso es que decimos que hemos sido "chicazos" con el pecho henchido de orgullo."</u></p>

<p>EL CUAL, LA CUAL, LOS CUALES, LAS CUALES, LO CUAL</p>	<p>"La crónica periodística es un género literario en virtud del cual el cronista relata hechos históricos, según un orden temporal". Esos son mis amigos de los cuales te hablé. La ley brasileña Maria da Penha, en torno a la cual hubo tanta polémica, fue sancionada el 2006. Se promulgaron nuevas leyes entre las cuales se establecen nuevas sanciones a los maltratadores de mujeres y niños.</p>
<p>DONDE</p>	<p>Rellena este espacio con dos ejemplos. Enunciados que los alumnos deberán encontrar:</p> <p>"El universo lúdico de los varones es un auténtico macrocosmos donde abundan los mundos fantásticos (Bionicle, Alien Attack, Castillo de Crayskull...)"</p> <p>"Muchos juguetes, y la gran mayoría de sus anuncios, presentan una sociedad desigual, caduca, patriarcal, irresponsable con el entorno. Y no muestran la sociedad que podemos crear, ni la que estamos construyendo, donde mujeres y hombres estamos en el camino de la igualdad".</p>
<p>QUIEN, QUIENES</p>	<p>Rellena con tres ejemplos. Enunciados que los alumnos deberán encontrar:</p> <p>"La protección de esta Ley se hará extensiva a los excónyuges, convivientes, exconvivientes, a las personas con quienes se mantenga o se haya mantenido una relación consensual de pareja, así como a quienes comparten el hogar del agresor o del agredido."</p> <p>"La industria juguetera se enfrenta a un dilema: quienes compran los juguetes no son los niños, sino sus padres".</p> <p>"Es sencillo: quienes compran los juguetes, los adultos, no estarían muy de acuerdo con tanta liberalización de las costumbres."</p>
<p>CUANDO</p>	<p>"Cuando maltratas a una mujer, dejas de ser un hombre."</p> <p>"Altera el Código Penal y permite que agresores sean presos en flagrante, o tengan su prisión preventiva decretada, cuando amenacen la integridad física de la mujer."</p> <p>"El bombardeo publicitario es especialmente crítico en la etapa que va desde los cuatro hasta los siete años, cuando la personalidad no está definida y resulta más influenciable."</p> <p>"Cuando la muñeca no está en la cocina, aparece convertida en todo un objeto sexual".</p>
<p>CUANTO, CUANTA, CUANTOS, CUANTAS, CUANTO</p>	<p>Todo cuanto tenía se lo entregué, ahora sé que no debería haberlo hecho.</p> <p>Mi madre me ha contado como ella y mi padre se han conocido. Creo que es la más linda historia de amor de cuantas ya se han escrito o vivido.</p> <p>Algún día te recompensaré por todo cuanto has hecho por mí.</p>
<p>CUYO, CUYA, CUYOS, CUYA</p>	<p>Rellena este espacio con dos ejemplos. Ejemplos que los alumnos deberán encontrar:</p> <p>"Un mundo bipolar cuyos extremos son aparentemente irreconciliables (a pesar de que hoy, defenestrado Ken, Action Man se configure como la mejor opción posible para Barbie) cuyos límites, para ellas, se quedan entre los muros del hogar, y, para ellos... inalcanzables, porque el universo lúdico de los varones es un auténtico macrocosmos".</p> <p>"Como Scalextric (Tecní Toys), en cuyo nuevo anuncio aparecen un niño y una niña jugando con idénticas actitudes".</p>

En la *Chuleta Lingüística*, p. 180, se amplía esta sección con más actividades para practicar las oraciones de relativo.

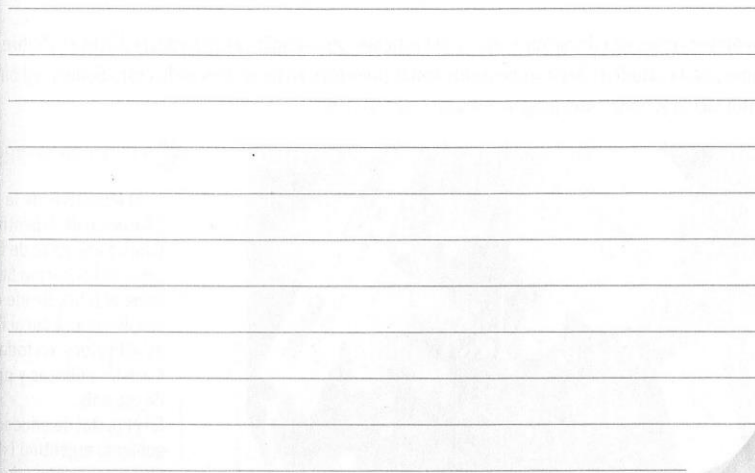
► Taller de escritura

Los alumnos van a dividirse en grupos de cuatro personas y cada grupo va a producir un folleto educativo. Cada componente del grupo debe leer atentamente estas instrucciones para hacer el folleto educativo contra la violencia de género.

Fijate en las instrucciones, que debes seguir junto con el grupo:

1. Seleccionar los asuntos más importantes que deberán ser divididos en subtemas.
2. Elaborar un eslogan (un título principal) para el folleto. Toda campaña se centra en una frase de impacto, responsable de atraer o sorprender las personas.
3. Agregar los asuntos semejantes y las informaciones sobre el mismo campo semántico en apartados (o cuadros de texto), titular cada uno. Esto puede basarse en preguntas clave (como en el folleto que leíste del Gobierno de Canarias), ejemplo: ¿Qué hacer si has sufrido una agresión o corres el riesgo de sufrirla?
4. Usar los verbos que expresan varios tipos de violencias físicas y psicológicas para caracterizar las agresiones existentes.
5. Redactar las informaciones del folleto educativo, haciendo uso de las estructuras de relativos. Utiliza este espacio para tomar nota de las primeras ideas:

¿Cómo nace la violencia contra las mujeres?



6. Decidir con el grupo la mejor manera de ilustrar el folleto, cuál será el tamaño y el tipo de las letras, los colores que se usarán y qué formato va a tener el folleto (con o sin pliegues, vertical u horizontal, etc.)
7. Elegir el material que se va a emplear en la producción si se hace a mano o en la computadora.

► Re(escritura)

Relee tu folleto y verifica los siguientes aspectos:

- ¿Se aborda claramente el tema?
- ¿Las informaciones divulgadas son relevantes?
- ¿El texto está bien ordenado, con división por temas y títulos expresivos?
- ¿Se mencionaron los tipos de acciones violentas, sean físicas o morales?
- ¿Se usaron correctamente las oraciones de relativo?
- ¿Las fotos, imágenes y subtítulos son adecuados y creativos?
- ¿El lenguaje y el diseño gráfico atienden al público objetivo del folleto?

Al final, tu grupo presentará el material producido ante la clase y deberá divulgarlo en la comunidad escolar.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso do Sul



PROJETO DO CURSO DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL TÉCNICA DE NÍVEL MÉDIO INTEGRADO EM AGROPECUÁRIA

CÂMPUS NOVA ANDRADINA
2010

Reitor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso do Sul
Marcus Aurélius Stier Serpe

Pró-Reitora de Ensino e Pós-Graduação
Marcelina Teruko Fujii Maschio

Coordenação de Educação Básica
Liliam Cristina Caldeira
Francisco Antonio Siebra Lacerda
Lindayane dos Santos Amorim de Sá

Diretor-Geral do Câmpus Nova Andradina
Jarbas Magno Miranda

Diretora de Ensino, Pesquisa e Extensão
Eloá Jane Fernandes Mateus

**Comissão de elaboração do Curso Técnico de Educação Profissional Técnica de Nível
Médio Integrado em Agropecuária**
Presidente: Marcio Lustosa Santos
Membros: Marcel Hastenpflug
Clovis Roberto dos Santos

Nome da Unidade:	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso do Sul – Câmpus Nova Andradina
CNPJ/CGC	10.673.078/0002-01
Data:	11/01/2010. Atualizado em novembro de 2012.

Projeto do Curso de Educação Profissional Técnica de Nível Médio Integrado em Agropecuária

Diplomação:	Técnico em Agropecuária
-------------	--------------------------------

Carga Horária:	4600 h/a – 3450 h/r
----------------	----------------------------

Estágio - Horas	320 h/a – 240 h/r
-----------------	--------------------------

SUMÁRIO

1	JUSTIFICATIVA.....	5
1.1	INTRODUÇÃO.....	5
1.2	CARACTERÍSTICAS SOCIOECONÔMICAS DO ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL.....	7
1.3	CARACTERÍSTICAS SOCIOECONÔMICAS DO MUNICÍPIO DE NOVA ANDRADINA	8
1.4	DEMANDA E QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL	10
2	OBJETIVOS	12
2.1	OBJETIVO GERAL.....	12
2.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	12
3	REQUISITO DE ACESSO	12
3.1	PÚBLICO-ALVO	12
3.2	FORMA DE INGRESSO	13
3.3	REGIME DE ENSINO	13
3.4	REGIME DE MATRÍCULA	13
3.5	IDENTIFICAÇÃO DO CURSO	13
4	PERFIL PROFISSIONAL DE CONCLUSÃO	13
4.1	ÁREA DE ATUAÇÃO	14
5	ORGANIZAÇÃO CURRICULAR DO CURSO.....	15
5.1	FUNDAMENTAÇÃO GERAL.....	15
5.2	ESTRUTURA CURRICULAR	17
5.3	MATRIZ CURRICULAR	18
5.4	DISTRIBUIÇÃO DA CARGA HORÁRIA	19
5.5	EMENTAS E BIBLIOGRAFIAS.....	21
6	METODOLOGIA	57
6.1	ESTÁGIO OBRIGATÓRIO.....	59
6.2	APROVEITAMENTO DE CONHECIMENTOS E EXPERIÊNCIAS ANTERIORES	59
7	AValiação DA APRENDIZAGEM.....	59
8	INFRAESTRUTURA	60
8.1	INSTALAÇÕES E EQUIPAMENTOS	60
8.1.1	ÁREA FÍSICA DOS LABORATÓRIOS:	60
8.2	UNIDADES CURRICULARES CONTEMPLADAS EM CADA LABORATÓRIO	61
9	PESSOAL DOCENTE.....	61
10	DIPLOMA.....	65

1 JUSTIFICATIVA

A proposta de implantação e execução do Curso de Educação Profissional Técnica de Nível Médio Integrado em Agropecuária vem ao encontro dos objetivos do Instituto Federal de Mato Grosso do Sul.

A implantação em conformidade com a Lei e Diretrizes da Educação Brasileira – LDB constitui um instrumento precioso para o contexto da realidade socioeconômica do país, expandindo o ensino na área tecnológica em menor espaço de tempo e com qualidade. Não se trata apenas de implantar cursos novos, mas de criar uma nova sistemática de ação, fundamentada nas necessidades da comunidade para a melhoria da condição de vida.

Com a aprovação da LDB e com o Decreto n.º 5154 de 23 de julho de 2004 que regulamentou os artigos da LDB referentes à educação profissional e tecnológica, consolidaram-se os mecanismos para a reestruturação de Cursos Técnicos, permitindo a utilização de todo o potencial que lhe é característico.

Ancorado pela Resolução CNE/CE n. 04/99, que instituiu as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional de Nível Técnico - DCN, aprovada pelo CNE em 26 de novembro de 1999, a atual proposta aqui exposta é a caracterização efetiva de um novo modelo de organização curricular que privilegia as atuais exigências do mundo do trabalho cada vez mais competitivo e dinâmico, no sentido de oferecer à sociedade uma formação profissional compatível com os ciclos tecnológicos.

1.1 INTRODUÇÃO

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso do Sul (IFMS), Câmpus Nova Andradina, ao definir seu campo de atuação, na formação inicial e continuada do trabalhador, na educação de jovens e adultos, no ensino médio técnico, na graduação ou na pós-graduação, fez opção por tecer o seu trabalho educativo na perspectiva de romper com a prática tradicional e conservadora que a cultura da educação impõe na formação técnica.

Neste sentido, reflete a educação de jovens como um campo de práticas e reflexões que ultrapassam o limite da escolarização em sentido estrito. Primeiramente, porque abarca processos formativos diversos, no qual podem ser incluídas iniciativas visando à qualificação profissional, ao desenvolvimento comunitário, à formação política e a inúmeras questões culturais pautadas em outros espaços que não o escolar.

Assim, formulando objetivos coerentes com a missão que chama para si enquanto instituição integrante da rede federal de educação profissional e tecnológica, pensando e

examinando o social global, planeja uma atuação incisiva na perspectiva da transformação da realidade local e regional, em favor da construção de uma sociedade, menos desigual. Neste sentido, o currículo globalizado e interdisciplinar converte-se em uma categoria capaz de agrupar uma ampla variedade de práticas educacionais desenvolvidas nas salas de aula e nas unidades educativas de produção contribuindo para melhorar os processos de ensino e aprendizagem.

O IFMS, Câmpus Nova Andradina, ao construir o Projeto Pedagógico Curricular para o Curso Técnico em Agropecuária, estará oportunizando a construção de uma aprendizagem contextualizada e não fragmentada, proporcionando ao estudante uma formação ativa e crítica.

O Projeto deste curso é fruto do levantamento da demanda mercadológica e de audiência pública. Respalda-se no conhecimento da realidade local educacional e profissional que assegurou a maturidade necessária para definir prioridades e desenhar suas linhas de atuação.

O compromisso social do curso é dar respostas rápidas que possam concorrer para o desenvolvimento local e regional; as responsabilidades com que assume suas ações traduzem sua concepção de educação tecnológica e profissional não apenas como instrumentalizadora de pessoas para o trabalho determinado por um mercado que impõe os seus objetivos, mas como modalidade de educação potencializadora do indivíduo no desenvolvimento de sua capacidade de gerar conhecimentos a partir de uma prática interativa e uma postura crítica diante da realidade sócio-econômica, política e cultural.

A opção por desenvolver um trabalho pedagógico em sintonia com a sociedade coaduna com iniciativas que concorrem para o desenvolvimento sócio-cultural. Sem desprezar a sua principal função de instituição de formação profissional, o IFMS busca atuar em níveis diferenciados de ensino como: na qualificação profissional de trabalhadores rurais, comércio e indústria, no Nível Médio Técnico, no Nível Superior e na Pesquisa e Extensão.

O IFMS Câmpus Nova Andradina elege como uma de suas principais metas ocupar-se de forma substantiva de um trabalho construtivo, voltado para o desenvolvimento regional, entendendo esse desenvolvimento como a melhoria do padrão de vida da população de uma extensa região de pequenos agricultores nas áreas de suas abrangências, em especial a população excluída dos processos educacionais formais, e que, buscam a Instituição com o objetivo de resgatar a sua cidadania, a partir de uma formação que amplie os seus horizontes e perspectivas de inserção no mundo do trabalho. Neste universo, não ficam à margem os trabalhadores que retornam à Instituição com vistas

à requalificação profissional, imposta pelas profundas e complexas mudanças dos modos de produção contemporâneos.

1.2 CARACTERÍSTICAS SOCIOECONÔMICAS DO ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL

O estado de Mato Grosso do Sul é uma das 27 unidades federativas do Brasil. Está localizado ao sul da região Centro-Oeste. Tem como limites os estados de Goiás a nordeste, Minas Gerais a leste, Mato Grosso (norte), Paraná (sul) e São Paulo (sudeste), além da Bolívia (oeste) e o Paraguai (oeste e sul). Sua população estimada em 2010 é de 2.449.024 habitantes. Possui uma área de 357.145,532 km², sendo ligeiramente maior que a Alemanha.

Figura1: Localização de Grosso do Sul



Fonte: *Wikipedia*

Sua capital e maior cidade é Campo Grande, e outros municípios de importantes são Dourados, Três Lagoas, Corumbá, Ponta Porã, Aquidauana, Nova Andradina e Naviraí.

Tem como bebida típica o tereré, considerado o estado-símbolo dessa bebida sendo maior produtor de erva-mate da região Centro-Oeste do Brasil. O uso desta bebida, derivada da erva-mate (*Ilex paraguariensis*), nativa do Planalto Meridional do Brasil, é de origem pré-colombiana. O Aquífero Guaraní compõe parte do subsolo do estado, sendo o Mato Grosso do Sul detentor da maior porcentagem do Aquífero dentro do território brasileiro.

O estado constituía a parte meridional do estado do Mato Grosso, do qual foi desmembrado por lei complementar de 11 de outubro de 1977 e instalado em 1 de janeiro de 1979, porém a história e a colonização da região, onde hoje está a unidade federativa, é bastante antiga remontando ao período colonial antes do Tratado de Madri, em 1750, quando passou a integrar a coroa portuguesa. Durante o século XVII, foram instaladas duas reduções jesuíticas, Santo Inácio de Caaguaçu e Santa Maria da Fé do Taré, entre os índios

Guarani na região, então conhecida como Itatim. Uma parte do antigo estado estava localizada dentro da Amazônia legal, cuja área, que antes ia até o paralelo 16, estendeu-se mais para o sul, a fim de beneficiar com seus incentivos fiscais a nova unidade da federação. Historicamente vinculado à região Centro-Oeste, Mato Grosso do Sul teve na pecuária, na extração vegetal e mineral e na agricultura, as bases de um acelerado desenvolvimento iniciado no século XIX.

1.3 CARACTERÍSTICAS SOCIOECONÔMICAS DO MUNICÍPIO DE NOVA ANDRADINA

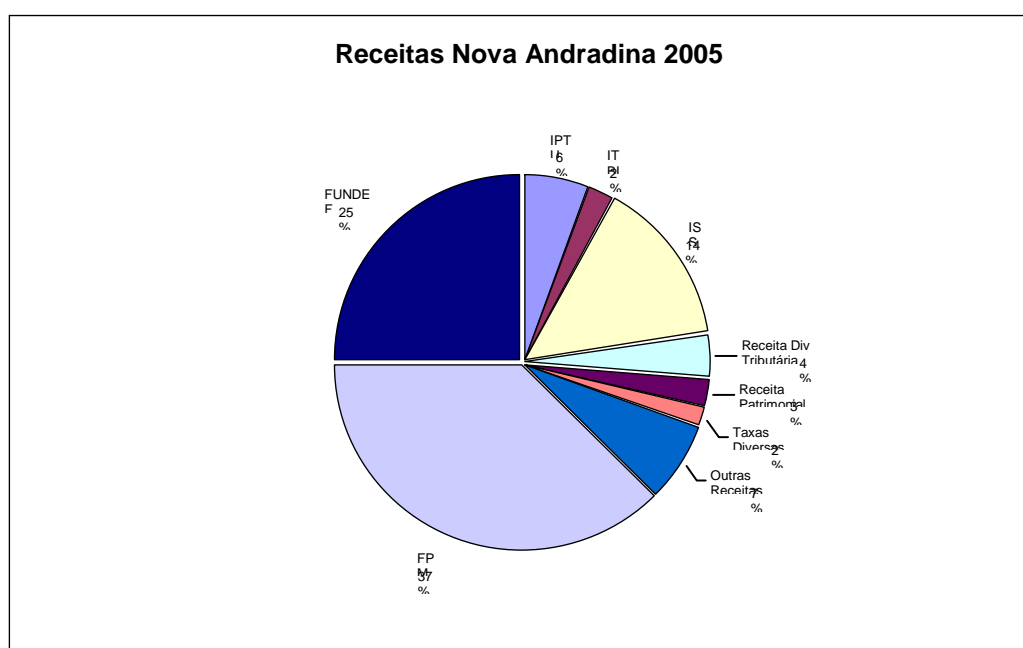
O município de Nova Andradina foi criado em 1958, por Antônio Joaquim de Moura Andrade. Nova Andradina é resultado do trabalho e perseverança daqueles que idealizaram uma cidade moldada para se viver bem. Sua vocação iminentemente voltada para o agronegócio, no entanto apresenta um comércio forte e industrialização em expansão, e, nos últimos anos tem se consolidado como polo estudantil, graças aos investimentos no setor educacional, atraindo estudantes de toda região.

A agropecuária é um segmento extremamente importante dentro da economia do município. A região possui mais de 600 mil cabeças de gado, contando com um abate de 1.500 cabeças/dia visando à exportação de carne bovina, como um dos produtos mais fortes da economia local. Além disso, há ainda a industrialização do couro (cerca de cinco mil peças/dia), a produção de leite (cerca de 90.000 litros/dia), a agricultura conta com algumas culturas que se destacam, tais como: cana-de-açúcar (15.000 ha), soja (4.000 ha), mandioca (1.055 ha), milho (1.000 ha), dentre outros.

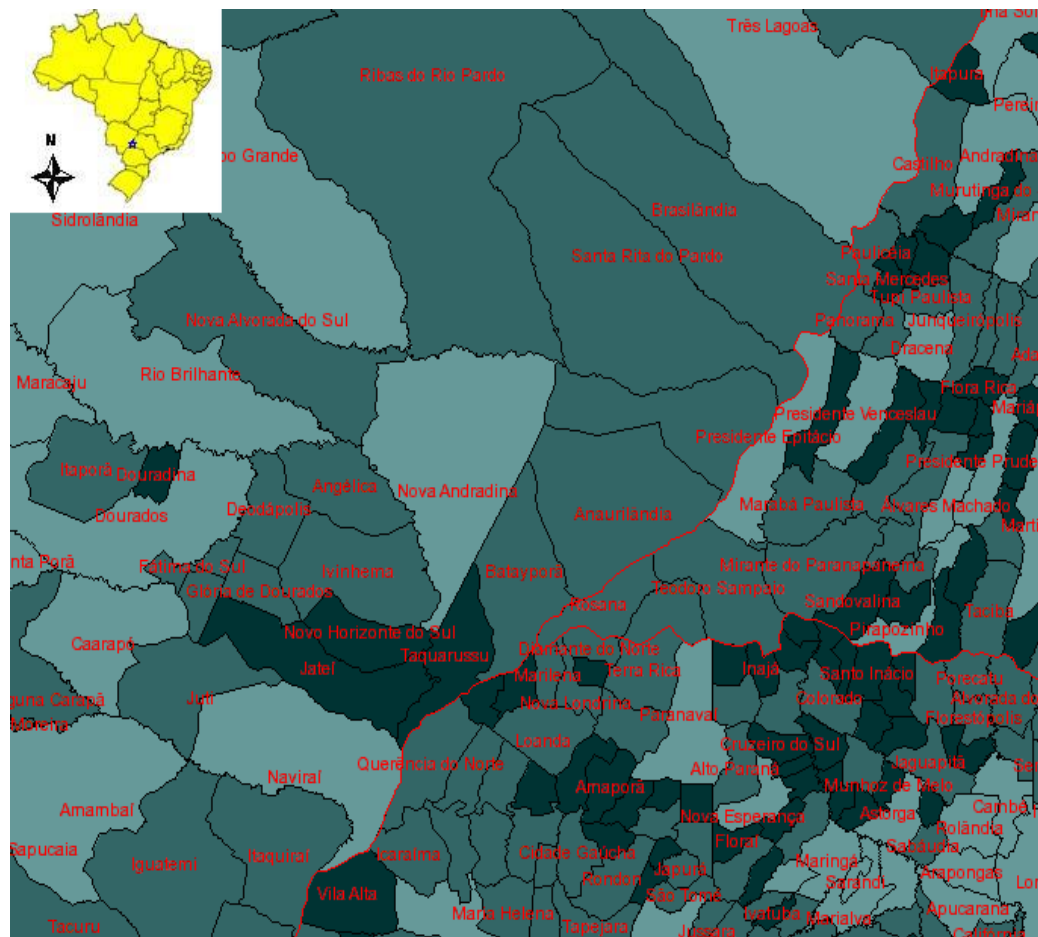
O município de Nova Andradina, código do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, 500620, está localizado a sudeste do estado do Mato Grosso do Sul, ilustração quadro 02 perto da fronteira do estado com São Paulo. A população segundo a contagem do IBGE (2007) é de 43.508 habitantes, que representa um crescimento de 23% aproximadamente em relação ao censo 2000 (35.381 habitantes). Segundo Ministério da Educação - MEC, 97.07% das crianças de 7 a 14 estão frequentando a escola. O principal ramo de atividade industrial é minerais não-metálicos e metalúrgicos com 14 empresas no município em 2006.

Sua área de abrangência inclui, além do Município de Nova Andradina-MS, sede do Câmpus Nova Andradina, outros municípios tais como: Campo Grande, Bataiporã, Taquarussu, Ivinhema, Anaurilândia, Angélica, Deodópolis, Glória de Dourados, Fátima do Sul, Bataguassu, Dourados, Novo Horizonte do Sul, Nova Alvorada do Sul, Rio Brillhante, dentre outros.

Existe, segundo levantamento de 2006, 544 estabelecimentos comerciais entre atacadistas e varejistas. Em 2005 o quadro de rendas, receitas do município está distribuídas conforme apresentado no Quadro 1. Retirando os valores referentes às transferências constitucionais FPM e FUNDEB, a maior fonte de renda advém do ISS. Assim considerando o crescimento populacional, perfil de arrecadação, proximidade de centros consumidores do oeste paulista e noroeste paranaense, propõe-se a criação de um Curso Técnico em Agropecuária para atender as demandas do município, com possibilidade de abrir novos mercados de trabalho.



Quadro 1 - Distribuição Receita Nova Andradina - Tesouro Nacional / Indicadores Básicos Municipais



Quadro 2 - Localização Nova Andradina - MS - MI Social / MDS

1.4 DEMANDA E QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL

O Estado de Mato Grosso do Sul encontra-se em franco desenvolvimento econômico e social. O mesmo possui um cenário econômico que se baseia na agricultura, pecuária, indústria sucroalcooleira, metal mecânica, manufatura de alimentos, turismo e na extração mineral. Destaca-se aí a pecuária contando com um rebanho de bovinos com 17.405.345 cabeças, suínos com 860.598 cabeças, ovinos com 343.328 cabeças e aves com 39.157.272 cabeças, conforme dados do CENSO DE 2006 – IBGE. A agricultura também conta com diversas culturas que potencializam a economia do Estado tais como: soja, milho, cana-de-açúcar, arroz, café, trigo, feijão, mandioca, algodão e amendoim.

Diante deste universo cabe ao IFMS Câmpus Nova Andradina, se empenhar na construção de um modelo de formação profissional, cujo perfil possa atender ao exigente mundo do trabalho.

Surge assim a necessidade de desenvolver uma estrutura curricular, de acordo com o currículo de Formação Profissional baseado na concepção de uma abrangência maior das competências, habilidades e conteúdos mínimos. O descrito na Lei nº 9.394/96 dispõe sobre

a Educação Profissional e Tecnológica, e junto com o estudo do mundo do trabalho atual dão o devido suporte à configuração de novas propostas curriculares, invertendo o eixo da oferta-procura e majorando a importância da demanda como alavancadora do processo de construção dos novos modelos.

O cenário atual privilegia as relações do mundo do trabalho, no meio produtivo e suas várias interrelações, o que promove a busca do atendimento aos arranjos produtivos que se configuram e reconfiguram, levando as instituições de ensino a pensar em formar profissionais empreendedores e para postos de trabalho existentes e emergentes, tendo um perfil profissional adequado à demanda evidenciada e, conseqüentemente, um currículo que corresponda à efetiva necessidade profissional. Os conhecimentos requeridos para os novos profissionais passam a ser a espinha dorsal de um sistema de valores e saberes tecnológicos que se agrupam em um formato estético que, uma vez instrumentalizado, passa a representar a essência do modelo de formação dos novos técnicos. Estes, uma vez inseridos no mundo do trabalho, passam a exercer o papel que lhes é reservado nos processos de produção.

A formação de Técnico em Agropecuária pauta na emergência de um cenário industrial ainda mais promissor para o centro-oeste brasileiro, notadamente para o Estado do Mato Grosso do Sul.

Assim, pode-se perceber que, a oferta do Curso Técnico em Agropecuária está intimamente ligada às demandas do mundo do trabalho e às prospecções de aproveitamento dos profissionais “de campo”, os quais, oriundos de um processo de formação baseada em competências, estarão aptos a fazer frente às necessidades geradas e estimuladas pelos arranjos das diversas cadeias produtivas.

Diante do exposto, a proposta de implantação do Curso de Educação Profissional Técnica de Nível Médio Integrado em Agropecuária, é justificado, pois no município de Nova Andradina e no estado do Mato Grosso de Sul, existe a necessidade de se formar profissionais capacitados para atuarem em processos no ramo da Agropecuária que além de abrangente, é uma área que se encontra em contínuo e acelerado crescimento. A formação de Técnico em Agropecuária, pauta na emergência de um mercado ainda mais promissor para o Centro-Oeste brasileiro, notadamente para o Estado de Mato Grosso do Sul.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

O Curso de Educação Profissional Técnica de Nível Médio Integrado em Agropecuária tem como objetivo formar profissionais capazes de participar de forma responsável, ativa, crítica e criativa na solução de problemas na área da agricultura, da pecuária e da agroindústria, sendo ainda, capaz de continuar aprendendo e adaptando-se com flexibilidade às diferentes condições do mundo do trabalho. Além do domínio dos saberes tecnológicos, pressupõe-se a formação de um profissional crítico, criativo e autônomo do processo de aprendizagem, historicamente situado em seu contexto e capaz de articular com as demais áreas do conhecimento.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- formar profissionais na área técnica e científica da agropecuária, que o capacite a atuar nos níveis de planejamento, execução, acompanhamento e fiscalização de todas as fases dos projetos agropecuários;
- administrar propriedades rurais; elaborar, aplicar e monitorar programas preventivos de sanitização na produção animal, vegetal e agroindustrial;
- fiscalizar produtos de origem vegetal, animal e agroindustrial; realizar medição, demarcação e levantamentos topográficos rurais e atuar em programas de assistência técnica, extensão rural e pesquisa.
- formar profissional para atuar no mundo do trabalho globalizado, empreendedor, que seja possuidor de um pensamento sistêmico, mais aberto, criativo, e intuitivo, capaz de adaptar-se às rápidas mudanças sociais e tecnológicas.

3 REQUISITO DE ACESSO

3.1 PÚBLICO-ALVO

O Curso de Educação Técnica de Nível Médio Integrado em Agropecuária, será ofertado para estudantes que possuam certificado de conclusão do Ensino Fundamental, ou equivalente, que pretendam realizar curso de educação profissional técnica de nível médio de forma integrada, conforme a legislação vigente.

3.2 FORMA DE INGRESSO

O ingresso se dará por processo seletivo, em conformidade com edital aprovado pelo IFMS.

3.3 REGIME DE ENSINO

O curso será desenvolvido em regime semestral, sendo o ano civil dividido em dois períodos letivos de, no mínimo, 100 dias de trabalho escolar efetivo cada um.

3.4 REGIME DE MATRÍCULA

A matrícula será feita por unidades curriculares no conjunto que compõem o período para o qual o estudante estiver sendo promovido. Será efetuada nos prazos previstos em calendário do Câmpus Nova Andradina, respeitando o turno de opção do estudante ao ingressar no sistema de ensino do IFMS.

3.5 IDENTIFICAÇÃO DO CURSO

Denominação: Curso de Educação Profissional Técnica de Nível Médio Integrado em Agropecuária

Titulação conferida: Técnico em Agropecuária

Modalidade do curso: Técnico de Nível Médio Integrado

Duração do Curso: 07 períodos ou 3,5 anos

Eixo Tecnológico: Recursos Naturais

Forma de ingresso: Processo Seletivo, em conformidade com edital aprovado pelo IFMS

Número de vagas oferecidas: Conforme edital

Turno previsto: Previsto em edital

Ano e semestre de início de funcionamento do Curso: 2010, 1º semestre.

4 PERFIL PROFISSIONAL DE CONCLUSÃO

A formação de um profissional Técnico em Agropecuária deve estar ancorada em uma base de conhecimentos científico-tecnológico, relacionamento interpessoal, comunicação oral, pensamento crítico e racional, capacidade para resolver problemas de ordem técnica, capacidade criativa e inovadora, capacidade de gestão e visão estratégica em operações dos sistemas de produção animal, vegetal e agroindustrial.

Como função profissional, o Técnico em Agropecuária deve ser capaz de compreender as atividades de produção animal, vegetal, paisagística e agroindustrial, estruturadas e aplicadas de forma sistemática para atender as necessidades de organização e produção dos diversos segmentos da cadeia produtiva do agronegócio, visando à qualidade e à sustentabilidade econômica, ambiental e social. O egresso, além disso, deverá ser capaz de utilizar as ferramentas de gestão, sustentabilidade, irrigação e drenagem, topografia, mecanização agrícola, extensão rural, legislação e políticas agropecuárias.

No campo de atuação, o profissional Técnico em Agropecuária pode atuar no acompanhamento de todas as fases das diferentes atividades da produção vegetal, animal e agroindustrial com ética e em conformidade com a legislação vigente.

4.1 ÁREA DE ATUAÇÃO

O Curso de Educação Profissional Técnica de Nível Médio Integrado em Agropecuária tem suas atribuições genéricas e atua no acompanhamento das diferentes atividades da produção vegetal, animal e agroindustrial.

1. O mercado de trabalho que mais absorve este profissional da área de agropecuária é composto principalmente por: Pequenas, médias e grandes propriedades rurais que atuam no ramo da produção vegetal, animal e agroindustrial;
2. Empresas de produção, distribuição e comercialização de produtos destinados à lavoura, à pecuária e à agroindústria;
3. Empresas que atuam na compra, beneficiamento, industrialização e comercialização dos produtos oriundos da produção da agropecuária;
4. Órgãos de defesa sanitária vegetal e animal;
5. Secretarias municipais de agricultura e meio ambiente;
6. Empresas públicas e privadas que trabalham com assistência técnica e pesquisas, nas áreas de produção vegetal, animal e agroindustrial.

Além desses campos de atuação, o profissional Técnico em Agropecuária, formado no IFMS Câmpus Nova Andradina, estará preparado para atuar acima de tudo, como empreendedor, pois o mesmo planeja, executa e avalia projetos de produção vegetal, animal e agroindustrial, durante o período em que permanece na escola.

O profissional formado em técnico agropecuária ao concluir o curso terá as seguintes competências:

- 1- Planejar, executar, acompanhar e fiscalizar todas as fases dos projetos agropecuários;

- 2- Administrar propriedades rurais;
- 3- Elaborar, aplicar e monitorar programas preventivos de sanitização na produção animal, vegetal e agroindustrial;
- 4- Fiscalizar produtos de origem vegetal, animal e agroindustrial;
- 5- Realizar medição, demarcação e levantamentos topográficos rurais;
- 6- Atuar em programas de assistência técnica, extensão rural e pesquisa.

Conhecimentos Específicos:

- diagnosticar as potencialidades do mercado de produtos agropecuários;
- analisar e avaliar as características, propriedades e condições da matéria prima para a agroindústria, pecuária e agricultura (ou seja, agropecuária como um todo);
- planejar, orientar, avaliar e acompanhar o processo de industrialização de produtos de origem animal e vegetal;
- gerenciar os processos agropecuários, determinando medidas para redução dos custos e maximização da qualidade;
- supervisionar as atividades referentes à manutenção e reparo de equipamentos utilizados na produção vegetal, animal e agroindustrial;
- auxiliar a pesquisa e desenvolvimento de novos produtos agrícolas, zootécnicos e agroindustriais;
- desenvolver tecnologias alternativas no aproveitamento de produtos e subprodutos agropecuários;
- gerenciar, comercializar e divulgar produtos agropecuários;
- prestar assistência técnica a projetos agropecuários;
- desempenhar outras atividades compatíveis com sua formação profissional.

5 ORGANIZAÇÃO CURRICULAR DO CURSO

5.1 FUNDAMENTAÇÃO GERAL

Os Cursos de Educação Profissional Técnica de Nível Médio do IFMS obedecem ao disposto na Lei nº 9394, que “Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, de 20 de dezembro de 1996; na Portaria do MEC nº 1.005, de 10 de setembro de 1997; no Parecer CNE/CEB nº 17/1997, que “Estabelece as Diretrizes Operacionais para a Educação Profissional em Nível Nacional, de 03 de dezembro de 1997; no Decreto nº 5.154, que “Regulamenta o § 2º do art. 36 e os artigos. 39 a 41 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de

1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e dá outras providências”, de 23 de julho de 2004; na Resolução CNE/CEB nº 04/1999, que “Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional de Nível Técnico”, de 22 de dezembro de 1999; no Parecer nº 16, que trata das “Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional de Nível Técnico”, de 05 de outubro de 1999; no Parecer CNE/CEB nº 39/2004, que trata da “Aplicação do Decreto nº 5.154/2004 na Educação Profissional Técnica de Nível Médio e no Ensino Médio”, de 08 de dezembro de 2004; na Resolução CNE/CEB nº 1, que “Atualiza as Diretrizes Curriculares Nacionais definidas pelo Conselho Nacional de Educação para o Ensino Médio e para a Educação Profissional Técnica de nível médio às disposições do Decreto nº 5.154/2004, de 03 de fevereiro de 2005; Resolução CEB nº 3, que “Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio”, de 26 de junho de 1998; no Parecer CNE/CEB 15/1998, que trata das “Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio”, de junho de 1998; na Lei 10.639, que trata da obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, de 09 de janeiro de 2003 e a Lei 11.645, de 10 de março de 2008 que altera a LDB 9.394 de 1996 ao incluir obrigatoriamente a temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena” no currículo da Educação Básica; na Lei 11.161, “Dispõe sobre o Ensino da Língua Espanhola”, de 05 de agosto de 2005; na Resolução nº 2, que “Define Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio”, de 30 de janeiro de 2012; na Resolução nº 1, que “Estabelece Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos”, de 30 de maio de 2012; na Resolução nº 5, que “Define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena na Educação Básica”, de 22 de junho de 2012, nas demais normas específicas, expedidas pelos órgãos competentes.

A organização curricular tem por característica:

- I - atendimento às demandas dos cidadãos, do mundo do trabalho e da sociedade;
- II - conciliação das demandas identificadas com a vocação, à capacidade institucional e os objetivos do IFMS;
- III - estrutura curricular que evidencie os conhecimentos gerais da área profissional e específicos de cada habilitação, organizados em unidades curriculares;
- IV - articulação entre formação técnica e formação geral;
- V - estágio obrigatório, a partir do 5º período.

O projeto curricular do Curso de Educação Profissional Técnica de Nível Médio Integrado em Agropecuária do IFMS, Câmpus Nova Andradina, tem sua essência referenciada na pesquisa de mercado identificando a demanda para a qualificação profissional, das características econômicas e do perfil agropecuário da região e do Estado de Mato Grosso do Sul e da Pesquisa de Emprego e Desemprego na Região de Nova Andradina.

5.2 ESTRUTURA CURRICULAR

A estrutura curricular dos Cursos de Educação Profissional Técnica de Nível Médio Integrado em Agropecuária do IFMS apresenta bases científicas, tecnológicas e de gestão de nível médio, dimensionadas e direcionadas à área de formação. Estas bases são inseridas no currículo, ou em unidades curriculares específicas, ou dentro das unidades curriculares de base tecnológica no momento em que elas se fazem necessárias.

A estrutura curricular é composta de um conjunto de unidades curriculares da formação específica, e de um conjunto de unidades curriculares comum em todos os cursos de educação profissional técnica de nível médio do IFMS, voltadas a área de gestão que devem totalizar o mínimo de horas estabelecido pela legislação vigente. A conclusão deste ciclo com o estágio obrigatório propicia ao estudante a diplomação como Técnico em Agropecuária, e tem por objetivo dar-lhe uma formação generalista e prepará-lo para sua inserção no mundo do trabalho. A organização do currículo obedecerá às orientações emanadas, para cada curso, das resoluções do Conselho de Ensino do IFMS.

5.3 MATRIZ CURRICULAR

1º PERÍODO	2º PERÍODO	3º PERÍODO	4º PERÍODO	5º PERÍODO	6º PERÍODO	7º PERÍODO
LP11A 4 0 Ling. Port. e Lit. Bras. 1	LP12A 3 0 Ling. Port. e Lit. Bras. 2	LP13A 3 0 Ling. Port. e Lit. Bras. 3	LP14A 3 0 Ling. Port. e Lit. Bras. 4	LP15A 2 0 Ling. Port. e Lit. Bras. 5	LP16A 2 0 Ling. Port. e Lit. Bras. 6	LP17A 2 0 Ling. Port. e Lit. Bras. 7
MA11B 4 0 Matemática 1	MA12B 3 0 Matemática 2	MA13B 3 0 Matemática 3	MA14B 3 0 Matemática 4	MA15B 3 0 Matemática 5	MA16B 3 0 Matemática 6	LP17B 2 0 Comunicação Técnica
FL11C 1 0 Filosofia 1	FL12C 1 0 Filosofia 2	FL13C 1 0 Filosofia 3	FL14C 1 0 Filosofia 4	FL15C 1 0 Filosofia 5	FL16C 1 0 Filosofia 6	AP17C 4 0 Projeto Integrador 3
SO11D 1 0 Sociologia 1	SO12D 1 0 Sociologia 2	SO13D 1 0 Sociologia 3	SO14D 1 0 Sociologia 4	SO15D 1 0 Sociologia 5	SO16D 1 0 Sociologia 6	MA17D 2 0 Estatística
IN11E 1 1 Informática Aplicada	FI12E 2 1 Física 1	FI13E 2 1 Física 2	FI14E 2 1 Física 3	FI15E 2 1 Física 4	FI16E 2 1 Física 5	FI17E 2 1 Física 6
QU11F 1 1 Química 1	QU12F 2 1 Química 2	QU13F 1 1 Química 3	QU14F 2 1 Química 4	QU15F 1 1 Química 5	QU16F 1 1 Química 6	AP17F 2 2 Culturas Anuais 2
EF11G 1 1 Educação Física 1	EF12G 1 1 Educação Física 2	EF13G 1 1 Educação Física 3	EF14G 1 1 Educação Física 4	EF15G 0 1 Educação Física 5	EF16G 0 1 Educação Física 6	AP17G 1 1 Bovinocultura de Leite
BI11H 1 1 Biologia 1	BI12H 1 1 Biologia 2	BI13H 1 1 Biologia 3	BI14H 1 1 Biologia 4	BI15H 1 1 Biologia Aplicada	AP16H 1 1 Olericultura 2	AP17H 1 1 Ovinocultura
GE11I 2 0 Geografia 1	GE12I 2 0 Geografia 2	GE13I 2 0 Geografia 3	GE14I 2 0 Geografia 4	GT15I 2 0 Sist. Integr. de Gestão	GT16I 2 0 Empreendedorismo	AP17I 2 1 Criações Alternativas
LE11J 2 0 Ling. Estrang. Moderna 1	LE12J 2 0 Ling. Estrang. Moderna 2	LE13J 2 0 Ling. Estrang. Moderna 3	LE14J 2 0 Ling. Estrang. Moderna 4	AP15J 1 0 Projeto Integrador 1	GT16J 2 0 Gestão Rural	AP17J 1 1 Silvicultura
AR11K 2 0 Arte	AP12K 2 1 Solos 2	HI13K 2 0 História 1	HI14K 2 0 História 2	HI15K 2 0 História 3	HI16K 2 0 História 4	AP17K 1 1 Fruticultura Tropical
AP11L 2 1 Introdução à Pecuária	AP12L 1 1 Apicultura	AP13L 2 1 Mecanização Agrícola 2	AP14L 3 0 Nutrição Animal	AP15L 1 1 Suinocultura	AP16L 1 1 Topografia 2	AP17L 1 1 Agroindustrialização de alimentos
AP11M 3 0 Solos 1	AP12M 2 1 Mecanização Agrícola 1	AP13M 1 1 Instalações Rurais	AP14M 2 1 Irrigação e Drenagem	AP15M 2 1 Avicultura	AP16M 1 1 Defensivos Agrícolas	AP17M 1 1 Floricultura, Jardinagem e Plantas Medicinais
		AP13N 1 1 Agrostologia		AP15N 2 1 Olericultura 1	AP16N 2 1 Culturas Anuais 1	
				AP15O 1 1 Topografia 1	AP16O 1 1 Bovinocultura de Corte	
					AP16P 2 0 Projeto Integrador 2	
				Estágio a partir do 5º Período		
FG= 30/600 FE = 0/0 TOTAL= 30/600	FG = 25/500 FE = 5/100 TOTAL = 30/600	FG = 25/500 FE = 5/100 TOTAL = 30/600	FG = 24/480 FE = 6/120 TOTAL = 30/600	FG = 20/400 FE = 10/200 TOTAL = 30/600	FG = 23/460 FE = 9/180 TOTAL = 32/640	FG = 13/260 FE = 19/380 TOTAL = 32/640

LEGENDA:

1	2	3
4		

1 - CÓDIGO DA UNIDADE
2 - CARGA HORÁRIA SEMANAL TEÓRICA
3 - CARGA HORÁRIA SEMANAL PRÁTICA
4 - UNIDADE CURRICULAR

CARGA HORÁRIA TEÓRICA E PRÁTICA	4280	h/a	3210	h/r
CARGA HORÁRIA DO ESTÁGIO OBRIGATÓRIO	320	h/a	240	h/r
CARGA HORÁRIA TOTAL DO CURSO	4600	h/a	3450	h/r

5.4 DISTRIBUIÇÃO DA CARGA HORÁRIA

Quadro 1 – Distribuição da carga horária do Curso Técnico de Nível Médio Integrado em Agropecuária												
Eixos	Unidade Curricular	Período							Carga horária	Carga horária total hora/aula (h/a)	Carga horária total hora/relogio (h/r)	
		1.º	2.º	3.º	4.º	5.º	6.º	7.º				
Linguagens, Códigos e suas Tecnologias	LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA BRASILEIRA	4	3	3	3	2	2	2	19	380	285	Mínimo 2400 horas
	LÍNGUA ESTRANGEIRA MODERNA	2	2	2	2				8	160	120	
	EDUCAÇÃO FÍSICA	2	2	2	2	1	1		10	200	150	
	ARTE	2							2	40	30	
	Total do Eixo	10	7	7	7	3	3	2	39	780	585	
Ciências Humanas e suas Tecnologias	HISTÓRIA			2	2	2	2		8	160	120	
	GEOGRAFIA	2	2	2	2				8	160	120	
	FILOSOFIA	1	1	1	1	1	1		6	120	90	
	SOCIOLOGIA	1	1	1	1	1	1		6	120	90	
	Total do Eixo	4	4	6	6	4	4	0	28	560	420	
Ciências da Natureza Matemática e suas Tecnologias	MATEMÁTICA	4	3	3	3	3	3		19	380	285	
	FÍSICA		3	3	3	3	3	3	18	360	270	
	QUÍMICA	2	3	2	3	2	2		14	280	210	
	BIOLOGIA	2	2	2	2				8	160	120	
	Total do Eixo	8	11	10	11	8	8	3	59	1180	885	
CARGA HORÁRIA PARCIAL 1		22	22	23	24	15	15	5	126	2520	1890	
Parte Diversificada	COMUNICAÇÃO TÉCNICA							2	2	40	30	
	EMPREENDEDORISMO							2	2	40	30	
	ESTATÍSTICA							2	2	40	30	
	INFORMÁTICA APLICADA	2							2	40	30	
	PROJETO INTEGRADOR					1	2	4	7	140	105	
	SISTEMA INTEGRADO DE GESTÃO					2			2	40	30	
	GESTÃO RURAL						2		2	40	30	
	DEFENSIVOS AGRÍCOLAS						2		2	40	30	
	INTRODUÇÃO À PECUÁRIA	3							3	60	45	
	SOLOS	3	3						6	120	90	
	BIOLOGIA APLICADA					2			2	40	30	
	INSTALAÇÕES RURAIS			2					2	40	30	
Total do Eixo	8	3	2	0	5	8	8	34	680	510		
CARGA HORÁRIA PARCIAL 2		30	25	25	24	20	23	13	160	3200	2400	
Formação Específica	APICULTURA		2						2	40	30	
	MECANIZAÇÃO AGRÍCOLA		3	3					6	120	90	
	AGROSTOLOGIA			2					2	40	30	
	NUTRIÇÃO ANIMAL				3				3	60	45	
	IRRIGAÇÃO E DRENAGEM				3				3	60	45	
	SUINOCULTURA					2			2	40	30	
	AVICULTURA					3			3	60	45	
	OLERICULTURA					3	2		5	100	75	
	TOPOGRAFIA					2	2		4	80	60	
	CULTURAS ANUAIS						3	4	7	140	105	
	BOVINOCULTURA DE CORTE						2		2	40	30	
	BOVINOCULTURA DE LEITE							2	2	40	30	

OVINOCULTURA							2	2	40	30
CRIAÇÕES ALTERNATIVAS							3	3	60	45
SILVICULTURA							2	2	40	30
FRUTICULTURA TROPICAL							2	2	40	30
AGROINDUSTRIALIZAÇÃO DE ALIMENTOS							2	2	40	30
FLORICULTURA, JARDINAGEM E PLANTAS MEDICINAIS							2	2	40	30
Total do Eixo	0	5	5	6	10	9	19	54	1080	810
CARGA HORÁRIA PARCIAL 3	30	30	30	30	30	32	32	214	4280	3210
<i>Estágio Obrigatório</i>									320	240
CARGA HORÁRIA TOTAL DO CURSO									4600	3450

5.5 EMENTAS E BIBLIOGRAFIAS

1º Período		
Unidade Curricular: LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA 1	80 h/a	60 h/r
<p>Ementa: Leitura e produção de textos. Estudo do gênero crônica. Noção de argumentatividade. Reflexão linguística. Conceitos de gênero e tipologia textuais. Paragrafação. Regras de acentuação. Classes de palavras. Conceito de Literatura. Lusofonia. Origens da Literatura Portuguesa. Trovadorismo. Humanismo. Classicismo.</p>		
<p>Bibliografia Básica: BECHARA, E. Moderna Gramática Portuguesa. São Paulo: Nova Fronteira, 2010. CEREJA, W. Literatura Portuguesa em diálogo com outras literaturas de língua portuguesa. São Paulo: Atual, 2009. _____; MAGALHÃES, T. C. Português: Linguagens. São Paulo: Atual, 2003. KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. Ler e compreender: os sentidos do texto. São Paulo: Contexto, 2007. _____. Ler e escrever: estratégias de produção textual. São Paulo: Contexto, 2009.</p>		
<p>Bibliografia Complementar: MARCUSCHI, L. A. Produção textual, análise de gêneros e compreensão. São Paulo: Parábola, 2009. NICOLA, J. Literatura Brasileira: das origens aos nossos dias. São Paulo: Scipione, 2002. _____. Literatura Portuguesa: das origens aos nossos dias. São Paulo: Scipione, 2002.</p>		
Unidade Curricular: LÍNGUA ESTRANGEIRA MODERNA - INGLÊS 1	40h/a	30 h/r
<p>Ementa: Desenvolvimento das habilidades de compreensão oral e escrita e das funções comunicativas com atividades de prática de comunicação em situações contextualizadas. Desenvolvimento das estruturas necessárias à leitura e compreensão de textos técnicos da área de interesse dos estudantes. Leitura e compreensão dos diversos gêneros textuais e práticas sociais envolvidas em suas áreas de atuação. Aplicação dos Conteúdos gramaticais de forma contextualizada: estudo dos aspectos e usos dos tempos contínuos (Present and Past Continuous), elementos gramaticais como referentes contextuais: (Pronomes, numerais e palavras que indicam ordem e exemplificação, artigos).</p>		
<p>Bibliografia Básica: COSTA, Marcelo B. Globetrekker. São Paulo: Macmillan, 2008. MURPHY, Raymond. Essential Grammar in Use. Cambridge: Cambridge University Press, 2003. RICHARDS, J. et al. New Interchange Intro. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. RICHARDS, J. et al. New Interchange 1. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. SWAN, Michael, WALTER, Catherine. The Good Grammar Book. Oxford: Oxford University Press, 2003.</p>		
<p>Bibliografia Complementar: CRUZ, Décio T. et al. Inglês.com.textos para informática. São Paulo: Disal, 2001. GLENDINNING, Eric H.; McEWAN, John. Basic English for Computing. Oxford: Oxford University Press, 1999. SOUZA, Adriana G. F. et al. Leitura em Língua Inglesa: Uma abordagem instrumental. São Paulo: Disal, 2005.</p>		
Unidade Curricular: LÍNGUA ESTRANGEIRA MODERNA ESPANHOL 1	40h/a	30 h/r
<p>Ementa: Estudo em nível básico da fonética e da fonologia da língua espanhola. Estudo das estruturas básicas gramaticais em situações comunicativas. Alfabeto. Pronomes. Substantivo. Artigos. Verbos no modo indicativo. Presente. Léxico temático. Prática das habilidades linguísticas.</p>		
<p>Bibliografia Básica: CARVALHO, Jacira P. de; ROMANOS, Henrique. Espanhol – Expansión. Col. Delta. Caderno de Atividades. São Paulo: FTD, 2004. Diccionario Bilingüe Escolar Español-portugués/Português-español. Nuevo Acuerdo Ortográfico. São Paulo: SBS, 2010.</p>		

MARTÍN, Iván. **Espanhol**. Série Novo Ensino Médio. São Paulo: Ática, 2009.
 MARZANO, Fabio M. **Como não ficar embarcado em Espanhol** - Dicionário Espanhol - Português de Falsas Semelhanças. São Paulo: Campus, 2007.
 MENÓN, Lorena; JACOBI, Claudia C. B.; MELONE, Enrique. **Clave Español para El Mundo** - Ensino Médio – Colección 1a, 1b, 2a, 2b. São Paulo: Santillana – Moderna, 2008.

Bibliografia Complementar:

Colección Apartamento para dos 1 y apartamento para 2 – DVD. Multimídia. São Paulo: EDELSA, 2005.
 MALDONADO, Concepción. **Diccionario de Español para Extranjeros** - Con el Español que se habla hoy. 2. ed. São Paulo: Sm (Brasil), 2002.
 MILANI, Esther M. **Gramática de Espanhol para Brasileiros**. 3. ed. reformulada. São Paulo: Saraiva, 2006.

Unidade Curricular: EDUCAÇÃO FÍSICA 1	40h/a	30 h/r
--	--------------	---------------

Ementa: Estudo da história da Educação Física e a cultura corporal. Investigação sobre os conhecimentos do corpo, aptidão física e saúde. Compreensão da importância do alongamento como forma de aquecimento e treinamento da flexibilidade.

Bibliografia básica:

DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. (Coords.). **Educação Física na escola**: implicações para a prática pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.
 LIMA, Valquíria de. **Ginástica Laboral** - Atividade Física no Ambiente de Trabalho. São Paulo: Phorte, 2003.
 MATTOS, Mauro G. de; NEIRA, Marcos G. **Educação Física na Adolescência**. São Paulo: Phorte, 2004.
 MELO, Victor A. de. **História da Educação Física e do Esporte Brasil** - Panorama e Perspectivas. São Paulo: Ibrasa, 2006.
 PAES, Roberto R.; BALBINO, Hermes F. **Pedagogia do Esporte**: contextos e perspectivas. Rio de Janeiro: Guanabara, 2005.

Bibliografia complementar:

ABDALLAH, A. J. **Flexibilidade e alongamento**: saúde e bem-estar. São Paulo: Manole, 2009.
 FENSTERSEIFER, Paulo E.; GONZÁLEZ, Fernando J. **Dicionário Crítico de Educação Física** - Col. Educação Física. Ijuí: Unijui, 2005.
 MACPHERSON, Brian; ROSS, Lawrence M.; GILROY, Anne M. **Atlas de anatomia**. Rio de Janeiro: Guanabara, 2008.

Unidade Curricular: ARTE	40h/a	30 h/r
---------------------------------	--------------	---------------

Ementa: Conceito de Arte. O papel da arte na formação humana. A arte como forma de conhecimento: música, artes visuais, teatro e dança. Manifestações artísticas ao longo da história: Pré-História, Idade Média, Renascimento, Barroco, Classicismo, Romantismo, Século XX e XXI. Estudo da cultura Afro-Brasileira. Apreciação Musical. Conceitos iniciais de teoria musical: timbre, duração, intensidade, e altura; pauta, claves, figuras musicais, compassos.

Bibliografia Básica:

BENNETT, Roy. **Uma Breve História da Música**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1996.
 CONDURU, Roberto. **Arte Afro-Brasileira**. Coleção Didática. Belo Horizonte: Editora C/Arte, 2007.
 GOMBRICH, Ernst H. J. **A História da Arte**. São Paulo: LTC, 2000.
 MARIZ, Vasco. **História da Música no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.
 PROENÇA, Graça. **História da Arte**. São Paulo: Ática, 2007

Bibliografia Complementar:

DONDIS, Donis A. **Sintaxe da Linguagem Visual**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
 GRAHAM-DIXON, Andrew. **O guia visual definitivo da arte**: da pré-história ao século XXI. São Paulo: Publifolha, 2011.
 GROUT, Donald J.; PALISCA, Claude V. **História da Música Ocidental**. Lisboa: Gradiva, 2001.

Unidade Curricular: GEOGRAFIA 1	40h/a	30 h/r
Ementa: Origem e evolução da ciência geográfica. As categorias básicas da geografia; espaço geográfico, paisagem, território, lugar e região. Astronomia: Sistema Solar, posição e movimentos da Terra e da Lua, solstício e equinócio, estações do ano. Cartografia: leitura e interpretação de mapas, cartas e plantas. Fusos Horários. Projeções Cartográficas; orientação, coordenadas, legenda, escalas, curvas de nível. Problemas Ambientais Globais. Destruição da camada de ozônio, efeito estufa, ilhas de calor, degradação dos solos e dos recursos hídricos, processo de desertificação e problemas ambientais rurais e urbanos. Os caminhos do problema ambiental.		
Bibliografia Básica: ALMEIDA, Lúcia M. A.; RIGOLIN, Tércio. Fronteiras da Globalização: Geografia Geral e do Brasil. São Paulo: Ática, 2004. COELHO, M. A.; TERRA, L. Geografia Geral, O Espaço Natural e socioeconômico. São Paulo: Moderna, 2002. MAGNOLI, D. Geografia para o Ensino Médio. Conforme a Nova Ortografia. São Paulo: Saraiva, 2008. MOREIRA, João C.; SENE, Eustáquio de. Geografia Geral e do Brasil: Espaço Geográfico e Globalização. São Paulo: Scipione, 2007. TERRA, Lygia; GUIMARAES, Raul B.; ARAÚJO, Regina. Conexões – Estudos de Geografia Geral e do Brasil. São Paulo: Moderna, 2008.		
Bibliografia Complementar: GUERRA, A. T. Novo dicionário geológico-geomorfológico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. MOREIRA, João C.; SENE, Eustáquio de. Geografia para o Ensino Médio. São Paulo: Scipione, 2007. TEREZO, Claudio F. Novo Dicionário de Geografia. São Paulo: LivroPronto, 2008.		

Unidade Curricular: FILOSOFIA 1	20h/a	15 h/r
Ementa: Introdução à filosofia. Princípios lógicos fundamentais. Teorias do Conhecimento. Teorias da Realidade e Concepções de Verdade.		
Bibliografia Básica: ARANHA, M. L. de A.; MARTINS, M. H. P. Filosofando: introdução à Filosofia. 4. ed. São Paulo: Moderna, 2009. BRENNAN, Andrew; GOLDSTEIN, Lawrence; DEUSTCH, Max. Lógica. Porto Alegre: Artmed, 2007. CHAUI, Marilena de S. Convite à filosofia. 14. ed. São Paulo: Ática, 2010. HESSEN, Johannes. Teoria do conhecimento. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. OLIVA, Alberto. Teoria do conhecimento. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.		
Bibliografia Complementar: DESCARTES, René. Meditações sobre filosofia primeira. Trad. Fausto Castilho. Campinas: Unicamp, 2004. DESCARTES, René. Discurso do método. Trad. Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2008. PLATÃO. A república. Trad. Maria Helena da R. Pereira. 9. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.		

Unidade Curricular: SOCIOLOGIA 1	20h/a	15 h/r
Ementa: O surgimento da sociologia como ciência. As correntes teóricas do pensamento sociológico. A Sociologia enquanto método singular de olhar para a realidade. A sociologia e o trabalho do sociólogo. Socialização primária. Socialização secundária. Trabalho e sociedade.		
Bibliografia Básica: AZZOLIN, Cida. Te Liga. Antologia sociológica. 2. ed. Tapera: Lew, 2010. COSTA, Cristina. Sociologia: Introdução à Ciência da Sociedade. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2005. FREIRE-MEDEIROS, Bianca; BOMENY, Helena. Tempos Modernos, Tempos de Sociologia. São Paulo: Editora do Brasil, 2010. Col. Aprender Sociologia. GIDDENS, Antony. Sociologia. Porto Alegre: Artmed, 2006. OLIVEIRA, Pérsio. Introdução à sociologia. Série Brasil. 25. ed. São Paulo: Ática, 2004.		
Bibliografia Complementar:		

MARTINS, Carlos B. **O que é sociologia?** São Paulo: Brasiliense, 2004.
 ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional.** São Paulo: Brasiliense, 2003.
 TOMAZI, Nelson D. et al. **Iniciação à sociologia.** 2. ed. São Paulo: Atual, 2000.

Unidade Curricular: MATEMÁTICA 1	80h/a	60 h/r
Ementa: Conjuntos numéricos. Intervalos. Funções. Domínio de funções reais. Sistema cartesiano ortogonal. Função do 1º grau. Trigonometria do triângulo retângulo.		
Bibliografia Básica: DANTE, Luiz R. Matemática Contexto e Aplicações. São Paulo: Ática, 2000. 1 v. GIOVANNI, José R.; BONJORNO, José R. Matemática Fundamental: Uma nova abordagem. São Paulo: FTD, 2001. IEZZI, G.; HAZZAN, S. Fundamentos de Matemática Elementar. São Paulo: Atual, 2004. 1, 3 v. MACHADO, Antonio dos S. Matemática Temas e Metas. São Paulo: Atual, 1986. PAIVA, Manoel. Matemática. São Paulo: Moderna, 2005. 1 v.		
Bibliografia Complementar: DOLCE, Osvaldo. Matemática. São Paulo: Atual. 2007. FACCHINI, Walter. Matemática. São Paulo: Saraiva. 1997. GOULART, Marcio C. Matemática no Ensino Médio. São Paulo: Scipione, 1999. 1 v.		

Unidade Curricular: QUÍMICA 1	40h/a	30 h/r
Ementa: Introdução ao Estudo da Química. Sistemas, substâncias e misturas. Estrutura atômica. Classificação periódica. Ligações químicas, polaridade, forças intermoleculares. Propriedades e aplicações das substâncias.		
Bibliografia Básica: FELTRE, Ricardo. Química. 7. ed. São Paulo: Moderna, 2008. 1 v. FONSECA, M. R. M. Interatividade Química. São Paulo: FTD, 2003. FRANCO, D. Química – processos naturais e tecnológicos. São Paulo: FTD, 2010. PERUZZO, F. M.; CANTO, E. L. Química na abordagem do cotidiano. 4. ed. São Paulo: Moderna, 2007. USBERCO, J.; SALVADOR, E. Química Geral. 12. ed. São Paulo: Saraiva, 2006.		
Bibliografia Complementar: CHRISPINO, A. Manual de química experimental. Campinas: Alínea e Átomo, 2010. GREENBERG, A. Uma breve história da Química. São Paulo: Edgard Blucher, 2010. VANIN, J. A. Alquimistas e Químicos: O passado, o presente e o futuro. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2005.		

Unidade Curricular: BIOLOGIA 1	40h/a	30 h/r
Ementa: Introdução à Biologia. Diversidade biológica. Níveis de Organização. Citologia. célula vegetal. Mecanismos de duplicação, transcrição e tradução. Membrana plasmática: composição química, estrutura e função. Permeabilidade. Hialoplasma: composição química e função. Orgânulos do citoplasma. Estudo do Núcleo Celular. Diferentes estados do DNA no ciclo celular. Conceitos. Divisão celular: mitose e meiose.		
Bibliografia Básica: AMABIS, J. M.; MARTHO, G. R. Biologia. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2004. 1, 2 e 3 v. CHEIDA, L. E. Biologia Integrada. São Paulo: FTD, 2002. LOPES, S. BIO. São Paulo: Saraiva, 2004. SILVA, Jr. C.; SASSON, S. Biologia. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 2007. UZURIAN, A.; BIRNER, E. Biologia. 3. ed. São Paulo: Harbra, 2008.		
Bibliografia Complementar: BORÉM, A; SANTOS, F. R. Biologia Simplificada. Viçosa: Suprema, 2001. GEWANDSZNAJDER, F. Sexo e reprodução. São Paulo: Ática, 2000. GIANANTI, R. O desafio do desenvolvimento sustentável. São Paulo: Atual, 1999.		

Unidade Curricular: INFORMÁTICA APLICADA	40 h/a	30 h/r
Ementa: Conceitos gerais do Sistema Operacional Windows, instalação e manutenção do sistema. Processador de textos. Planilhas eletrônicas. Programa de apresentação.		
Bibliografia Básica: VELLOSO, F. C. Informática: Conceitos Básicos . 7. ed. São Paulo: Campus, 2004. LAMAS, M. OpenOffice.org: ao Seu Alcance . São Paulo: Letras & Letras, 2004. COX, J.; FRYE, C.; LAMBERT, S. et al. Microsoft Office System 2007 . 7. ed. São Paulo: Artmed, 2008. GASPAR, J. Google Sketchup Pro 6: Passo a Passo . 2. ed. São Paulo: Vetor, 2010. KATORI, R. AutoCAD 2011: Projetos em 2D . São Paulo: Senac, 2010.		
Bibliografia Complementar: BROOKSHEAR, J. Glen. Ciência da Computação: uma visão abrangente . 7. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.		

Unidade Curricular: SOLOS I	60 h/a	45 h/r
Ementa: A formação do planeta Terra. Noções gerais sobre a forma, relevo, massa do planeta, constituição interna do globo terrestre. Noções gerais sobre magma vulcânico, terremotos e origem das montanhas e planícies. Noções gerais sobre geologia. Generalização sobre minerais e suas propriedades químicas. Conhecimentos sobre rochas constituintes do planeta. Formação dos solos agrícolas. Noções gerais sobre a classificação e capacidade de uso dos solos agrícolas. Noções gerais sobre propriedades físicas e biológicas dos solos: textura, estrutura, porosidade, capacidade de retenção de água, matéria orgânica. Noções gerais sobre erosão, uso, manejo e conservação dos solos.		
Bibliografia Básica: BRADY, N. C. Natureza e propriedade dos solos . 7. ed. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1989. EMBRAPA/CNPS. Sistema brasileiro de classificação de solos . 2. ed. Rio de Janeiro: EMBRAPA Solos, 2006. KIEL, E.J. Manual de Edafologia: relações solo-planta . São Paulo: Agronômica Ceres Ltda, 1974. BERTONI, J.; LOMBARDI NETO, F. Conservação do solo . 5. ed. São Paulo: Ícone, 2005. LEINZU, V.; Amaral, S.E. Geologia Geral . São Paulo: Companhia editora Nacional, 1998.		
Bibliografia Complementar: LEMONS, R. C. de; SANTOS, R. D. dos. Manual de descrição e coleta de solo no campo . Viçosa: SBCS, 2002. PRUSKI, F. F. Conservação de Solo e Água: Práticas Mecânicas para o Controle da erosão Hídrica . 2. ed. Viçosa: UFV, 2009. VIEIRA, L. S. Manual da Ciência do Solo . 2. ed. São Paulo: Agronômica Ceres Ltda, 1988.		

Unidade Curricular: INTRODUÇÃO À PECUÁRIA	60 h/a	45 h/r
Ementa: Relação da zootecnia com as ciências. Reconhecimento da zootecnia na sua evolução histórica na atividade produtiva, econômica e social. Identificação e diferenciação dos animais domésticos. Identificação adequada da nomenclatura zootécnica. Avaliação dos aspectos externos dos animais domésticos. Conceituação e classificação correta dos alimentos. Orientação do processo reprodutivo dos animais.		
Bibliografia Básica: ANDRIGUETO, J.M. Nutrição animal . São Paulo: Nobel, 2002. 1 v. LANA, R.P. Nutrição e alimentação animal: mitos e realidades . 2. ed. Viçosa: UFV, 2002. MIES, A. Reprodução dos animais . 6. ed. Porto Alegre: Sulina, 1987. 1 v. MARQUES, Dorcimar da Costa. Criação de Bovino . Consultoria Veterinária e Publicações: Belo Horizonte, 2003. LEDIC, Ivan Luz. Manual de bovinocultura leiteira . São Paulo: Varela, 2002.		
Bibliografia Complementar: PEREIRA, J.C.C. Melhoramento genético aplicado à produção animal . 5. ed. Belo Horizonte: UFMG/FEP MVZ, 2008.		

RIET-CORREA, F.; SCHILD, A.L.; MÉNDEZ, M.C. **Doenças de ruminantes e equinos**. Pelotas: Editora Universitária, UFPel, 1998.
TEIXEIRA, A. **Alimentos e Alimentação Animal**. Lavras: Universidade Federal de Lavras, 1998.

2º Período

Unidade Curricular: LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA 2	60 h/a	45 h/r
Ementa: Leitura e produção de textos. Gêneros da ordem do expor. Textos de divulgação científica. Resumo. Relatório. Reflexão lingüística. Coesão e coerência. Processo de sumarização. Articuladores textuais. Termos essenciais da oração. Literatura de Viagem. Barroco. Arcadismo.		
Bibliografia Básica: BECHARA, E. Moderna Gramática Portuguesa . São Paulo: Nova Fronteira, 2010. CEREJA, W. Literatura Portuguesa em diálogo com outras literaturas de língua portuguesa . São Paulo: Atual, 2009. _____.; MAGALHÃES, T. C. Português: Linguagens . São Paulo: Atual, 2003. KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. Ler e compreender: os sentidos do texto . São Paulo: Contexto, 2007. MACHADO, A. R. et al. Resumo . São Paulo: Parábola, 2009.		
Bibliografia Complementar: FARACO, C.; TEZZA, C. Oficina de texto . Petrópolis: Vozes, 2010. NICOLA, J. Literatura Brasileira: das origens aos nossos dias . São Paulo: Scipione, 2002. _____. Literatura Portuguesa: das origens aos nossos dias . São Paulo: Scipione, 2002.		

Unidade Curricular: LÍNGUA ESTRANGEIRA MODERNA- INGLÊS 2	40h/a	30 h/r
Ementa: Desenvolvimento das habilidades de compreensão oral e escrita e das funções comunicativas com atividades de prática de comunicação em situações contextualizadas. Desenvolvimento das estruturas necessárias à leitura e compreensão de textos técnicos da área de interesse dos estudantes. Leitura e compreensão dos diversos gêneros textuais e práticas sociais envolvidas em suas áreas de atuação. Aplicação dos conteúdos gramaticais de forma contextualizada: estudo dos aspectos e usos dos tempos simples e contínuos (Present and Past Simple, Future Simple and Immediate – Going to Referentes contextuais: Determiners).		
Bibliografia Básica: COSTA, Marcelo B. Globetrekker . São Paulo: Macmillan, 2008. MURPHY, Raymond. Essential Grammar in Use . Cambridge: Cambridge University Press, 2003. RICHARDS, J. et al. New Interchange Intro . Cambridge: Cambridge University Press, 2001. RICHARDS, J. et al. New Interchange 1 . Cambridge: Cambridge University Press, 2001. SWAN, Michael, WALTER, Catherine. The Good Grammar Book . Oxford: Oxford University Press, 2003.		
Bibliografia Complementar: CRUZ, Décio T. et al. Inglês.com.textos para informática . São Paulo: Disal, 2001. GLENDINNING, Eric H.; McEWAN, John. Basic English for Computing . Oxford: Oxford University Press, 1999. SOUZA, Adriana G. F. et al. Leitura em Língua Inglesa: Uma abordagem instrumental . São Paulo: Disal, 2005.		

Unidade Curricular: LÍNGUA ESTRANGEIRA MODERNA ESPANHOL 2	40h/a	30 h/r
Ementa: Estudo de estruturas básicas gramaticais em situações comunicativas. Orações interrogativas e exclamativas diretas e indiretas. Adjetivos. Acentuação. Numerais. Verbos no modo indicativo. Pretéritos. Léxico temático. Introdução ao estudo da grafia. Morfologia e sintaxe de textos de diferentes tipos e gêneros em língua espanhola. Prática das quatro habilidades linguísticas.		
Bibliografia Básica: CARVALHO, Jacira P. de; ROMANOS, H. Espanhol - Expansión - Col. Delta - Caderno de Atividades . São Paulo: FTD, 2004. Diccionario Bilingüe Escolar Español-portugués / Português-español . Nuevo Acuerdo Ortográfico. São		

Paulo: SBS, 2010.

MARTÍN, Iván. **Espanhol**. Série Novo Ensino Médio. São Paulo: Ática, 2009.

MARZANO, Fabio M. **Como não ficar embarazado em Espanhol** - Dicionário Espanhol - Português de Falsas Semelhanças. São Paulo: Campus, 2007.

MENÓN, Lorena; JACOBI, Claudia C. B.; MELONE, Enrique. **Clave Español para El Mundo** - Ensino Médio – Colección 1a, 1b, 2a, 2b. São Paulo: Santillana – Moderna, 2008.

Bibliografia Complementar:

MALDONADO, Concepción. **Diccionario de Español para Extranjeros** - Con el Español que se habla hoy. 2. ed. São Paulo: Sm (Brasil), 2002.

MILANI, Esther M. **Gramática de Espanhol para Brasileiros**. 3. ed. reformulada. São Paulo: Saraiva, 2006.

Colección APARTAMENTO PARA DOS1 y APARTAMENTO PARA DOS 2 – DVD. Multimídia. São Paulo: EDELSA, 2005.

Unidade Curricular: EDUCAÇÃO FÍSICA 2	40h/a	30 h/r
--	--------------	---------------

Ementa: Investigação sobre os conhecimentos do corpo, aptidão física e saúde. Retomada e fundamentação das principais características de um esporte convencional. Introdução as principais características de um esporte diversificado. Desenvolvimento de conhecimentos sobre a mídia e a sua relação com os esportes e os padrões de beleza trabalhados.

Bibliografia básica:

DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. (Coords.). **Educação Física na escola:** implicações para a prática pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

LIMA, Valquíria de. **Ginástica Laboral** - Atividade Física no Ambiente de Trabalho. São Paulo: Phorte, 2003.

MATTOS, Mauro G. de; NEIRA, Marcos G. **Educação Física na Adolescência**. São Paulo: Phorte, 2004.

MELO, Victor A. de. **História da Educação Física e do Esporte Brasil** - Panorama e Perspectivas. São Paulo: Ibrasa. 2006.

PAES, Roberto R.; BALBINO, Hermes F. **Pedagogia do Esporte:** contextos e perspectivas. Rio de Janeiro: Guanabara, 2005.

Bibliografia complementar:

ABDALLAH, A. J. **Flexibilidade e alongamento:** saúde e bem-estar. São Paulo: Manole, 2009.

FENSTERSEIFER, Paulo E.; GONZÁLEZ, Fernando J. **Dicionário Crítico de Educação Física** - Col. Educação Física. Ijuí: Unijui, 2005.

MACPHERSON, Brian; ROSS, Lawrence M.; GILROY, Anne M. **Atlas de anatomia**. Rio de Janeiro: Guanabara, 2008.

Unidade Curricular: FÍSICA 1	60h/a	45 h/r
-------------------------------------	--------------	---------------

Ementa: Estudo das Grandezas Físicas, suas unidades de medida e o Sistema Internacional de Unidades. Estudo dos conceitos de Cinemática. Fundamentação da Dinâmica através das Leis de Newton. Aplicação de Dinâmica através dos conceitos relacionados à estática do ponto material.

Bibliografia Básica:

BARRETO, M. **Física** - Newton para o ensino médio. Campinas: Papyrus, 2002.

GASPAR, A. **Física** - Série Brasil. São Paulo: Ática, 2004.

GONÇALVES, A.; TOSCANO, C. **Física e Realidade**. São Paulo: Scipione, 2003.

MÁXIMO, A.; ALVARENGA, B. **Curso de Física**. São Paulo: Scipione, 2008. 1, 2 e 3 v.

SAMPAIO, J. L.; CALÇADA, C. S. **Física**. São Paulo: Atual, 2003.

Bibliografia Complementar:

HALLIDAY, D.; RESNICK, R. **Fundamentos de Física**. 8. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

HEWITT, P. G. **Física Conceitual**. 9. ed. Porto Alegre: Bookman, 2008.

NUSSENZVEIG, M. H. **Curso de Física Básica**. 4. ed. São Paulo: Edgard Blucher, 2009.

Unidade Curricular: GEOGRAFIA 2	40h/a	30 h/r
--	--------------	---------------

Ementa: Evolução do modo de produção capitalista e os principais países capitalistas desenvolvidos. O modo de produção socialista, avanço e declínio do socialismo. Mundo bipolar: oposição entre capitalismo e socialismo. Guerra Fria. Pacto de Varsóvia e OTAN. Os principais conflitos étnicos e geopolíticos no mundo contemporâneo. Nova ordem mundial. Globalização; aspectos gerais; empresas transnacionais; redes de circulação e informação. Mudanças nas relações de trabalho; a era da informação. Blocos econômicos; interesses políticos. Órgãos internacionais. Neoliberalismo. Geopolítica ambiental; desenvolvimento e preservação. O Brasil e as questões geopolíticas internacionais.

Bibliografia Básica:

ALMEIDA, Lúcia M. A.; RIGOLIN, Tércio. **Fronteiras da Globalização:** Geografia Geral e do Brasil. São Paulo: Ática, 2004.

COELHO, M. A.; TERRA, L. **Geografia Geral, O Espaço Natural e socioeconômico.** São Paulo: Moderna, 2002.

MAGNOLI, D. **Geografia para o Ensino Médio.** Conforme a Nova Ortografia. São Paulo: Saraiva, 2008.

MOREIRA, João C.; SENE, Eustáquio de. **Geografia Geral e do Brasil:** Espaço Geográfico e Globalização. São Paulo: Scipione, 2007.

TERRA, Lygia; GUIMARAES, Raul B.; ARAÚJO, Regina. **Conexões - Estudos de Geografia Geral e do Brasil.** São Paulo: Moderna, 2008.

Bibliografia Complementar:

GUERRA, A. T. **Novo dicionário geológico-geomorfológico.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

MOREIRA, João C.; SENE, Eustáquio de. **Geografia para o Ensino Médio.** São Paulo: Scipione, 2007.

TEREZO, Claudio F. **Novo Dicionário de Geografia.** São Paulo: Livro Pronto, 2008.

Unidade Curricular: FILOSOFIA 2	20h/a	15 h/r
Ementa: Definições conceituais básicas (Arte, Técnica, Ciência, Engenharia e Tecnologia). Progresso Científico e Tecnológico. A civilização tecnológica.		
Bibliografia Básica:		
ALVES, Rubem. Filosofia da ciência: introdução ao jogo e suas regras. 14. ed. São Paulo: Loyola, 2009.		
DUSEK, Val. Filosofia da tecnologia. Trad. Luiz C. Borges. São Paulo: Loyola, 2009.		
FOUREZ, Gérard. A construção das ciências: introdução à filosofia e a ética das ciências. São Paulo: Unesp, 1995.		
MORAIS, João F. R. de. Filosofia da ciência e da tecnologia: introdução metodológica e crítica. 8. ed. Campinas: Papyrus, 2007.		
OLIVA, Alberto. Teoria do Conhecimento. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.		
Bibliografia Complementar:		
ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. Dialética do Esclarecimento. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.		
HABERMAS, Jürgen. Técnica e ciência como ideologia. Trad. Artur Mourão. Lisboa: Edições 70, 1997.		
LÉVY, Pierre. As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática. Trad. Carlos I. da Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.		

Unidade Curricular: SOCIOLOGIA 2	20h/a	15 h/r
Ementa: A construção social da identidade. Relações e interações sociais na vida cotidiana. Etnocentrismo e relativismo cultural. O homem e a cultura.		
Bibliografia Básica:		
AZZOLIN, Cida. Te Liga. Antologia sociológica. 2. ed. Tapera: Lew, 2010.		
GIDDENS, Antony. Sociologia. Porto Alegre: Artmed, 2006.		
LARAIA, Roque de B. Cultura: um conceito antropológico. 23 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.		
OLIVEIRA, Pérsio. Introdução à sociologia. Série Brasil. 25. ed. São Paulo: Ática, 2004.		
STRAUSS, Alsem. Espelhos e máscaras: a busca de identidade. São Paulo: EDUSP, 1999.		

Bibliografia Complementar:

MARTINS, Carlos B. **O que é sociologia?** São Paulo: Brasiliense, 2004.
 ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional.** São Paulo: Brasiliense, 2003.
 TOMAZI, Nelson D. et al. **Iniciação à sociologia.** 2. ed. São Paulo: Atual, 2000.

Unidade Curricular: MATEMÁTICA 2	60 h/a	45 h/r
Ementa: Produtos notáveis e fatoração. Função do 2º grau. Função Modular. Função exponencial e logarítmica. Geometria básica (Área e volume de figuras).		
Bibliografia Básica: DANTE, Luiz R. Matemática Contexto e Aplicações. São Paulo: Ática, 2000. 1 v. GIOVANNI, José R.; BONJORNO, José R. Matemática Fundamental: Uma nova abordagem. São Paulo: FTD, 2001. IEZZI, G.; HAZZAN, S. Fundamentos de Matemática Elementar. São Paulo: Atual, 2004. 1, 2 e 9 v. MACHADO, Antonio dos S. Matemática Temas e Metas. São Paulo: Atual, 1986. PAIVA, Manoel. Matemática. São Paulo: Moderna, 2005. 1 v.		
Bibliografia Complementar: DOLCE, Osvaldo. Matemática. São Paulo: Atual, 2007. FACCHINI, Walter. Matemática. São Paulo: Saraiva, 1997. GOULART, Marcio C. Matemática no Ensino Médio. São Paulo: Scipione, 1999. 1v.		

Unidade Curricular: QUÍMICA 2	60 h/a	45 h/r
Ementa: Substâncias inorgânicas. Reações químicas. Estudo sucinto sobre os principais elementos. Aspectos quantitativos das reações químicas. Cálculo Estequiométrico.		
Bibliografia Básica: FELTRE, Ricardo. Química. 7. ed. São Paulo: Moderna, 2008. 1 v. FONSECA, M. R. M. Interatividade Química. São Paulo: FTD, 2003. FRANCO, D. Química – processos naturais e tecnológicos. São Paulo: FTD, 2010. PERUZZO, F. M.; CANTO, E. L. Química na abordagem do cotidiano. 4. ed. São Paulo: Moderna, 2007. 1 v. USBERCO, J.; SALVADOR, E. Química Geral. 12. ed. São Paulo: Saraiva, 2006.		
Bibliografia Complementar: CANTO, E. L. Minerais, Minérios, Metais: De onde vêm? Para onde vão? 2. ed. São Paulo: Moderna, 2008. POSTMA, James M. Química no laboratório. 5. ed. São Paulo: Manole, 2009. SOUZA, S. A. Composição química dos açós. São Paulo: Edgard Blucher, 2001.		

Unidade Curricular: BIOLOGIA 2	40h/a	30 h/r
Ementa: Introdução e histórico da Genética. Alelos múltiplos e análise da herança dos grupos sanguíneos. Transfusões sanguíneas e herança do fator Rh. Cromossomos sexuais. Herança ligada ao sexo. Herança influenciada pelo sexo. Herança restrita ao sexo. Segunda Lei de Mendel. Formação de gametas e Segunda Lei de Mendel. Meiose e Segunda Lei. Genes Ligados. Mutações Gênicas estruturais e numéricas (aberrações cromossômicas). Noções de Biotecnologia. Hipóteses sobre a origem da Vida. Evolução Biológica. Evolução segundo Lamarck. Evolução segundo Darwin. Neodarwinismo. Evidências da evolução.		
Bibliografia Básica: AMABIS, J. M.; MARTHO, G. R. Biologia. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2004. 1, 2 e 3 v. CHEIDA, L. E. Biologia Integrada. São Paulo: FTD, 2002. LOPES, S. BIO. São Paulo: Saraiva, 2004. SILVA, Jr. C.; SASSON, S. Biologia. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 2007. UZURIAN, A.; BIRNER, E. Biologia. 3. ed. São Paulo: Harbra, 2008.		
Bibliografia Complementar:		

BORÉM, A; SANTOS, F. R. **Biotecnologia Simplificada**. Viçosa: Suprema, 2001.
 GEWANDSZNAJDER, F. **Sexo e reprodução**. São Paulo: Ática, 2000.
 GIANANTI, R. **O desafio do desenvolvimento sustentável**. São Paulo: Atual, 1999.

Unidade Curricular: MECANIZAÇÃO AGRÍCOLA I	60 h/a	45 h/r
<p>Ementa: Introdução, histórico e importância da mecanização agrícola e sua perspectiva na agricultura brasileira. Fontes de energia na agricultura. Motores de combustão interna ciclo Otto e ciclo Diesel. Elementos constituintes. Princípio de funcionamento e diferença entre ciclo. Combustíveis e Lubrificantes. Sistemas – alimentação, lubrificação e arrefecimento. Potência do motor – teórica, indicada e efetiva. Trator agrícola como fonte de potência na propriedade rural. Classificação dos tratores. Elementos constituintes do trator agrícola – sistema de transmissão, sistema hidráulico, sistema de tração e rodado. Cuidados e manutenção dos tratores agrícolas. Manejo de tratores agrícolas. Preparo do trator para o trabalho. Verificação de instrumentos e controle. Colocando o motor em funcionamento. Trator em movimento. Escalonamento de velocidade. Acoplamento de implementos montados. Operação com o trator e implemento. Comando do sistema hidráulico. Principais cuidados a serem observado na utilização da TDP. Dimensionamento do trator em função do equipamento. Normas de segurança na utilização de máquinas e implementos agrícolas. Riscos do trabalho rural. Precauções de segurança. Manejo de implementos de preparo do solo, cultivo, semeadura, adubação e transporte. Vida útil, depreciação, custos fixos e variáveis de máquinas e implementos agrícolas.</p>		
<p>Bibliografia Básica: BALASTREIRE, Luiz Antônio. Máquinas Agrícolas. São Paulo: Manole LTDA, 1987, GADANHA JR, C. D.; MOLIN, J. P.; COELHO, J. L. D. et al. Máquinas e implementos agrícolas do Brasil. São Paulo: Instituto de Pesquisas Tecnológicas do Estado de São Paulo S. A.,1991. MIALHE, Luiz Geraldo. Máquinas Motoras na Agricultura. São Paulo: EDUSP, 1980. 1 v. MIALHE, L.G. Máquinas agrícolas ensaios e certificações. Piracicaba: Shekinah, 1996. SILVEIRA, G.M. Máquinas para a pecuária. São Paulo: Nobel, 1997.</p>		
<p>Bibliografia Complementar: MIALHE, L.G. Máquinas agrícolas: arados e grades. Piracicaba: ESALQ, 1967. 1 v. SAAD, O. Máquinas e técnicas de preparo inicial do solo. São Paulo: Nobel, 1989. SILVEIRA, G.M. O preparo do solo: implementos corretos. Rio de Janeiro: Globo, 1989.</p>		

Unidade Curricular: SOLOS II	60 h/a	45 h/r
<p>Ementa: Procedimentos para coletar amostragem de solos e encaminhamento para análises laboratoriais. Interpretação de laudos de análises de solo. Propriedades químicas dos solos: CTC, CTA, acidez, alcalinidade, matéria orgânica. Biogeoquímica dos solos. Noções gerais sobre corretivos e fertilizantes. Recomendações de adubação e calagem para as principais espécies cultivadas na região. Sistema de plantio direto: conceito, importância, fundamentos.</p>		
<p>Bibliografia Básica: BISSANI, C. A.; GIANELLO, C.; TEDESCO, M. J.; CAMARGO, F. A. O. (Eds) Fertilidade dos Solos e manejo da adubação de culturas. Porto Alegre: Gênese, 2008. CARVALHO, A. M.; AMABILE R. F. Cerrado – Adubação Verde. Planaltina: EMBRAPA, 2006. FERNANDES, M. S.(Eds). Nutrição mineral de plantas. Viçosa: SBCS, 2006. GUERRA, A. J. T.; SILVA, A. S.; BOTELHO, R. G. M. Erosão e conservação dos solos: conceitos, temas e aplicações. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009. SOUZA, D. M. G.; LOBATO, E. Cerrado: correção do solo e adubação. 2. ed. Brasília: EMBRAPA, 2004.</p>		
<p>Bibliografia Complementar: NOVAIS, R. F. et al. (Eds) Fertilidade dos solos. Viçosa: SBCS, 2007. PRUSKI, F. F. Conservação de solo e água: práticas mecânicas para o controle da erosão hídrica. 2. ed. Viçosa: UFV, 2009,. VITTI, G. C.; LUZ, P. H. C. Utilização agrônômica de corretivos agrícolas. Piracicaba: FEALQ, 2004.</p>		

Unidade Curricular: APICULTURA	40 h/a	30 h/r
---------------------------------------	---------------	---------------

Ementa: Identificar e manejar abelhas do gênero *Apis* nos sistemas de criação. Utilizar dos diversos equipamentos necessários para o processo produtivo da apicultura. Elaborar técnicas na apicultura. Executar a extração de produtos oriundos da criação racional de abelhas. Identificar e implantar pastagens apícolas. Identificar doenças e inimigos naturais das abelhas. Executar projetos de implantação de apiários e casas do mel.

Bibliografia Básica:

COSTA, Paulo Sérgio Cavalcanti. **Manejo do apiário: mais mel com qualidade**. Viçosa: CPT.
 COSTA, Paulo Sérgio Cavalcanti. **Planejamento e implantação de apiário**. Viçosa: CPT.
 COSTA, Paulo Sérgio Cavalcanti. **Processamento de mel: puro e composto**. Viçosa: CPT.
 COSTA, Paulo Sérgio Cavalcanti. **Produção de pólen e geleia real**. Viçosa: CPT.
 COSTA, Paulo Sérgio Cavalcanti. **Produção e processamento de própolis e cera**. Viçosa: CPT.

Bibliografia Complementar:

FREE, J.B. **A Organização Social das Abelhas (Apis)**. São Paulo: EPU, 1980.
 SILVA, Etelvina Conceição Almeida da. **Produção de rainhas e multiplicação de enxames**. Viçosa: CPT.
 WINSTON, Mark L. **A biologia da abelha**. Ribeirão Preto: FUNPEC, 2003.

3º Período

Unidade Curricular: LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA 3

60 h/a

45 h/r

Ementa: Leitura e produção de textos. Estudo de gêneros da esfera publicitária. Reflexão linguística. Uso do imperativo. Intertextualidade. Pontuação. Variantes linguísticas. Recurso linguísticos e não-linguísticos do anúncio publicitário. Termos integrantes da oração. Termos acessórios da oração. Romantismo.

Bibliografia Básica:

BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. São Paulo: Nova Fronteira, 2010.
 BOSI, A. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1991.
 CEREJA, W. **Literatura Portuguesa em diálogo com outras literaturas de língua portuguesa**. São Paulo: Atual, 2009.
 _____; MAGALHÃES, T. C. **Português: Linguagens**. São Paulo: Atual, 2003.
 KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. **Ler e escrever: estratégias de produção textual**. São Paulo: Contexto, 2009.

Bibliografia Complementar:

FARACO, C.; TEZZA, C. **Oficina de texto**. Petrópolis: Vozes, 2010.
 NICOLA, J. **Literatura Brasileira: das origens aos nossos dias**. São Paulo: Scipione, 2002.
 _____. **Literatura Portuguesa: das origens aos nossos dias**. São Paulo: Scipione, 2002.

Unidade Curricular: LÍNGUA ESTRANGEIRA MODERNA- INGLÊS 3

40 h/a

30 h/r

Ementa: Desenvolvimento das habilidades de compreensão oral e escrita e das funções comunicativas com atividades de prática de comunicação em situações contextualizadas. Desenvolvimento das estruturas necessárias à leitura e compreensão de textos técnicos da área de interesse dos estudantes. Leitura e compreensão dos diversos gêneros textuais e práticas sociais envolvidas em suas áreas de atuação. Aplicação dos conteúdos gramaticais de forma contextualizada: estudos dos aspectos e usos dos tempos simples (Conditional Would), contínuos (Future Continuous) e perfeitos (Present and Past) Referência contextual: Adverbs and Word order.

Bibliografia Básica:

COSTA, Marcelo B. **Globetrekker**. São Paulo: Macmillan, 2008.
 MURPHY, Raymond. **Essential Grammar in Use**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
 RICHARDS, J. et al. **New Interchange Intro**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
 RICHARDS, J. et al. **New Interchange 1**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
 SWAN, Michael; WALTER, Catherine. **The Good Grammar Book**. Oxford: Oxford University Press, 2003.

Bibliografia Complementar:

CRUZ, Décio T. et al. **Inglês.com.textos para informática**. São Paulo: Disal, 2001.

GLENDINNING, Eric H.; McEWAN, John. **Basic English for Computing**. Oxford: Oxford University Press, 1999.
 SOUZA, Adriana G. F. et al. **Leitura em Língua Inglesa: Uma abordagem instrumental**. São Paulo: Disal, 2005.

Unidade Curricular: LÍNGUA ESTRANGEIRA MODERNA – ESPANHOL 3	40h/a	30 h/r
Ementa: Estudo de aspectos linguísticos fundamentais da língua espanhola e da língua portuguesa. Formas de tratamento. Pronomes. Uso de formas e tempos verbais. Heterosemânticos, heterogenéricos, heterotônicos. Estudo de estruturas frasais em situações comunicativas. Verbos no modo subjuntivo. Contraste de uso dos modos indicativo e subjuntivo. Estudo das estruturas verbais do Futuro. Prática das habilidades linguísticas.		
Bibliografia Básica: MENÓN, Lorena; JACOBI, Claudia C. B.; MELONE, Enrique. Clave Español para El Mundo - Ensino Médio – Colección 1a, 1b, 2a, 2b. São Paulo: Santillana – Moderna, 2008. CARVALHO, Jacira P de; ROMANOS, Henrique. Espanhol - Expansión - Col. Delta - Caderno de Atividades. São Paulo: FTD, 2004. MARTÍN, Iván. Espanhol . Série Novo Ensino Médio. São Paulo: Ática, 2009. MARZANO, Fabio M. Como não ficar embaraçado em Espanhol - Dicionário Espanhol - Português de Falsas Semelhanças. São Paulo: Campus, 2007. Dicionário Bilingüe Escolar Español-portugués/Português-espanhol . Nuevo Acuerdo Ortográfico. São Paulo: SBS, 2010.		
Bibliografia Complementar: MILANI, Esther M. Gramática de Espanhol para Brasileiros . 3. ed. Reformulada. São Paulo: Saraiva, 2006. MALDONADO, Concepción. Diccionario de Español para Extranjeros - Con el Español que se habla hoy. 2. ed. São Paulo: Sm (Brasil), 2002. Colección APARTAMENTO PARA DOS1 y APARTAMENTO PARA DOS 2 – DVD . Multimídia. São Paulo: EDELSA, 2005.		

Unidade Curricular: EDUCAÇÃO FÍSICA 3	40 h/a	30 h/r
Ementa: Explicação dos princípios técnicos e táticos do esporte do segundo período. Investigação sobre os conhecimentos do corpo. Elaboração de conhecimentos sobre o trabalho, lazer e qualidade de vida. Estudo do conceito de jogo e suas possibilidades: desenvolver a percepção do lúdico e o resgate de jogos e brincadeiras baseados em diferentes culturas, tempos e espaços históricos.		
Bibliografia básica: DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. (Coords.). Educação Física na escola : implicações para a prática pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. LIMA, Valquíria de. Ginástica Laboral - Atividade Física no Ambiente de Trabalho. São Paulo: Phorte, 2003. MATTOS, Mauro G. de; NEIRA, Marcos G. Educação Física na Adolescência . São Paulo: Phorte, 2004. MELO, Victor A. de. História da Educação Física e do Esporte Brasil - Panorama e Perspectivas. São Paulo: Ibrasa, 2006. PAES, Roberto R.; BALBINO, Hermes F. Pedagogia do Esporte : contextos e perspectivas. Rio de Janeiro: Guanabara, 2005.		
Bibliografia complementar: ABDALLAH, A. J. Flexibilidade e alongamento : saúde e bem-estar. São Paulo: Manole, 2009. FENSTERSEIFER, Paulo E.; GONZÁLEZ, Fernando J. Dicionário Crítico de Educação Física - Col. Educação Física. Ijuí: Unijui, 2005. MACPHERSON, Brian; ROSS, Lawrence M.; GILROY, Anne M. Atlas de anatomia . Rio de Janeiro: Guanabara, 2008.		

Unidade Curricular: FÍSICA 2	60 h/a	45 h/r
Ementa: Estudo do Momento de uma força, e suas aplicações quanto à Estática do Corpo Extenso.		

Caracterização do Conceito de Conservação de Energia. Estudos e aplicações dos conceitos relacionados aos Fluidos. Organização dos conceitos da Gravitação Universal.

Bibliografia Básica:

BARRETO, B. F.; SILVA, C. X. **Física aula por aula**. São Paulo: FTD, 2010. 1 v.
 GASPAR, A. **Física Série Brasil**. São Paulo: Ática, 2004.
 GONÇALVES, A.; TOSCANO, C. **Física e Realidade**. São Paulo: Scipione, 2003.
 MÁXIMO, A.; ALVARENGA, B. **Curso de Física**. São Paulo: Scipione, 2008. 1, 2 e 3 v.
 SAMPAIO, J. L.; CALÇADA, C. S. **Física**. São Paulo: Atual, 2003.

Bibliografia Complementar:

HALLIDAY, D.; RESNICK, R. **Fundamentos de Física**. 8. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
 HEWITT, P. G. **Física Conceitual**. 9. ed. Porto Alegre: Bookman, 2008.
 NUSSENZVEIG, M. H. **Curso de Física Básica**. 4. ed. São Paulo: Edgard Blucher, 2009.

Unidade Curricular: GEOGRAFIA 3	40 h/a	30 h/r
--	---------------	---------------

Ementa: Estrutura interna da Terra; evolução geológica e placas tectônicas, tempo histórico e tempo geológico. Agentes internos e externos de formação do relevo terrestre. Estrutura geológica e riquezas mineiras do Brasil. Aspectos geomorfológicos do Brasil e classificação do Relevo Brasileiro. Atmosfera: climas e sua dinâmica; classificação climática do Brasil. Fitogeografia e Ecossistemas Brasileiros. Domínios morfoclimáticos brasileiros. Hidrosfera. Bacias Hidrográficas Brasileiras. As fontes de energia.

Bibliografia Básica:

ALMEIDA, Lúcia M. A.; RIGOLIN, Tércio. **Fronteras da Globalização: Geografia Geral e do Brasil**. São Paulo: Ática, 2004.
 COELHO, M. A.; TERRA, L. **Geografia Geral, O Espaço Natural e socioeconômico**. São Paulo: Moderna, 2002.
 MAGNOLI, D. **Geografia para o Ensino Médio**. Conforme a Nova Ortografia. São Paulo: Saraiva, 2008.
 MOREIRA, João C.; SENE, Eustáquio de. **Geografia Geral e do Brasil: Espaço Geográfico e Globalização**. São Paulo: Scipione, 2007.
 TERRA, Lygia; GUIMARAES, Raul B.; ARAÚJO, Regina. **Conexões - Estudos de Geografia Geral e do Brasil**. São Paulo: Moderna, 2008.

Bibliografia Complementar:

GUERRA, A. T. **Novo dicionário geológico-geomorfológico**. Rio de Janeiro: Bertrandt Brasil, 1997.
 MOREIRA, João C.; SENE, Eustáquio de. **Geografia para o Ensino Médio**. São Paulo: Scipione, 2007.
 TEREZO, Claudio F. **Novo Dicionário de Geografia**. São Paulo: Livro Pronto, 2008.

Unidade Curricular: FILOSOFIA 3	20 h/a	15 h/r
--	---------------	---------------

Ementa: A condição humana. Existencialismo. Essencialismo. Materialismo Histórico.

Bibliografia Básica:

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Trad. de Roberto Raposo. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.
 ARLT, Gerhard. **Antropologia Filosófica**. Petrópolis: Vozes, 2008.
 COLETTE, Jacques. **Existencialismo**. Trad. Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2009.
 HABERMAS, Jürgen. **O futuro da natureza humana: a caminho de uma eugenia liberal?** São Paulo: Martins Fontes, 2004.
 LEFEBVRE, Henri. **Marxismo**. Trad. William Lagos. Porto Alegre: L&PM, 2009.

Bibliografia Complementar:

CAMUS, Albert. **O homem revoltado**. Trad. Valerie Rumjanek. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 1999.
 CAMUS, Albert. **O estrangeiro**. Trad. Valerie Rumjanek. 23. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.
 NIETZSCHE, Friedrich. **Ecce homo: como cheguei a ser o que sou**. Trad. Pietro Nassetti. São Paulo: Martin Claret, 2000.

Unidade Curricular: SOCIOLOGIA 3	20 h/a	15 h/r
Ementa: Homem e natureza. O trabalho como mediação. Divisão social do trabalho. Mundo do trabalho: emprego e desemprego na atualidade.		
Bibliografia Básica: AZZOLIN, Cida. Te Liga . Antologia sociológica. 2. ed. Tapera: Lew Editora, 2010. CARMO, Paulo S. do. A ideologia do trabalho . São Paulo: Moderna, 2005. FREIRE-MEDEIROS, Bianca.; BOMENY, Helena. Tempos Modernos, Tempos de Sociologia . São Paulo: Editora do Brasil, 2010. Col. Aprender Sociologia. GIDDENS, Antony. Sociologia . Porto Alegre: Artmed, 2006. OLIVEIRA, Pérsio. Introdução à sociologia . Série Brasil. 25. ed. São Paulo: Ática, 2004.		
Bibliografia Complementar: MARTINS, Carlos B. O que é sociologia? São Paulo: Brasiliense, 2004. ORTIZ, Renato. Cultura brasileira e identidade nacional . São Paulo: Brasiliense, 2003. TOMAZI, Nelson D. et al. Iniciação à sociologia . 2. ed. São Paulo: Atual, 2000.		

Unidade Curricular: MATEMÁTICA 3	60h/a	45 h/r
Ementa: Trigonometria. Funções circulares. Operações com arcos.		
Bibliografia Básica: DANTE, Luiz R. Matemática Contexto e Aplicações . São Paulo: Ática, 2000. 2 v. GIOVANNI, José R; BONJORNO, José R. Matemática Fundamental: Uma nova abordagem . São Paulo: FTD, 2001. IEZZI, G.; HAZZAN, S. Fundamentos de Matemática Elementar . 7. ed. São Paulo: Atual, 2004. 3 v. MACHADO, Antonio dos S. Matemática Temas e Metas . São Paulo: Atual, 1986. 2 v. PAIVA, Manoel. Matemática . São Paulo: Moderna, 2005. 2 v.		
Bibliografia Complementar: DOLCE, Osvaldo. Matemática . São Paulo: Atual, 2007. FACCHINI, Walter. Matemática . São Paulo: Saraiva, 1997. GOULART, Marcio C. Matemática no Ensino Médio . São Paulo: Scipione, 1999. 2 v.		

Unidade Curricular: QUÍMICA 3	40 h/a	30 h/r
Ementa: Soluções. Propriedades coligativas. Eletroquímica.		
Bibliografia Básica: FELTRE, Ricardo. Química . 7. ed. São Paulo: Moderna, 2008. 2 v. FONSECA, M. R. M. Interatividade Química . São Paulo: FTD, 2003. FRANCO, D. Química – processos naturais e tecnológicos . São Paulo: FTD, 2010. PERUZZO, F. M.; CANTO, E. L. Química na abordagem do cotidiano . 4. ed. São Paulo: Moderna, 2007. 2 v. USBERCO, J.; SALVADOR, E. Físico-química . 12. ed. São Paulo: Saraiva, 2006.		
Bibliografia Complementar: CHRISPINO, A. Manual de química experimental . Campinas: Alínea e Átomo, 2010. RIBEIRO, E. P.; SERAVALLI, E. A. G. Química de alimentos . 2. ed. São Paulo: Edgard Blucher, 2007. TUNDISI, H. da S. F. Usos de Energia, sistemas, fontes e alternativas: do fogo aos gradientes de temperatura oceânicas . 15. ed. São Paulo: Atual, 1991. Série meio ambiente.		

Unidade Curricular: BIOLOGIA 3	40 h/a	30 h/r
Ementa: Especiação. Classificação Biológica e importância da filogenia. Regras para nomenclatura das espécies. Sistema hierárquico de Lineu. Estudo dos Vírus e parasitoses humanas relacionadas. Estudo das Bactérias e parasitoses humanas relacionadas. Estudo dos Fungos. Estudo das Algas. Botânica: briófitas, pteridófitas, gimnospermas e angiospermas. Morfologia e Histologia Vegetal. Fisiologia Vegetal.		

Bibliografia Básica:

AMABIS, J. M.; MARTHO, G. R. **Biologia**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2004. 1, 2 e 3 v.
 CHEIDA, L. E. **Biologia Integrada**. São Paulo: FTD, 2002.
 LOPES, S.. **BIO**. São Paulo: Saraiva, 2004.
 SILVA, Jr. C.; SASSON, S. **Biologia**. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 2007.
 UZURIAN, A.; BIRNER, E. **Biologia**. 3. ed. São Paulo: Harbra, 2008.

Bibliografia Complementar:

BORÉM, A; SANTOS, F. R. **Biotecnologia Simplificada**. Viçosa: Suprema, 2001.
 GEWANDSZNAJDER, F. **Sexo e reprodução**. São Paulo: Ática, 2000.
 GIANSANTI, R. **O desafio do desenvolvimento sustentável**. São Paulo: Atual, 1999.

Unidade Curricular: HISTÓRIA 1**40 h/a****30 h/r**

Ementa: Trabalho, política e cidadania. Introdução aos Estudos da História. Pré-História. Antiguidade Oriental. Creta. Antiguidade Clássica. O Império Bizantino. Civilização Muçulmana. Idade Média. Os Estados Nacionais e o Absolutismo. O Mercantilismo.

Bibliografia Básica:

ARRUDA, José J. de A.; PILETTI, Nelson. **Toda a história** - história geral e do Brasil. São Paulo: Ática, 2007.
 KOSHIBA, Luiz. **História do Brasil no contexto da História Ocidental**: ensino médio. 8. ed. rev., atual e ampl. São Paulo: Atual, 2003.
 MOTA, Myriam B.; BRAICK, Patrícia R. **História das cavernas ao Terceiro Milênio**. São Paulo: Moderna, 2004.
 VICENTINO, Cláudio. **História Geral**: ensino médio. São Paulo: Scipione, 2002.
 VICENTINO, Cláudio; DORIGO, Gianpaolo. **História Geral e do Brasil**. São Paulo: Scipione, 2010.

Bibliografia Complementar:

CAMPOS, Flávio de; DOLHNIKOFF, Miriam. **Atlas – História do Brasil**. São Paulo: Scipione, 1998.
 FRANCO, Jr. Hilário; ANDRADE, Filho Ruy de O. **Atlas – História Geral**. São Paulo: Scipione, 1997.
 SOUZA, Marina de M. **África e Brasil africano**. São Paulo: Ática, 2006.

Unidade Curricular: MECANIZAÇÃO AGRÍCOLA II**60 h/a****45 h/r**

Ementa: Ensaio de máquinas e implementos - distribuidores e semeadoras, pulverizadores, tratores agrícolas. Análise operacional em mecanização agrícola - estudo da capacidade de trabalho das máquinas e implementos agrícolas, capacidade requerida para o desempenho das máquinas agrícolas. Rendimento operacional das máquinas e implementos agrícolas - rendimento do operador, perdas de tempo, de velocidade e de largura útil da área de trabalho, tempo operacional. Avaliação da capacidade de trabalho das máquinas e implementos. Fatores que afetam o desempenho das máquinas agrícolas. Uso econômico das máquinas agrícolas. Métodos de trabalho no campo. Administração e controle da maquinaria. Operações agrícolas mecanizadas - operação isolada, em cadeia e conjugadas. Colheita mecanizada - Colhedoras de arrasto e automotrizes.

Bibliografia básica:

BALASTREIRE, Luiz Antônio. **Máquinas Agrícolas**. São Paulo: Manole LTDA, 1987.
 MIALHE, L. G. **Manual de mecanização agrícola**. São Paulo: Agronômica Ceres Ltda, 1974.
 SILVEIRA, G. M. **O preparo do solo – implementos corretos**. Rio de Janeiro: Globo, 1988.
 SAAD, Odilon. **Máquinas e Técnicas de Preparo Inicial do Solo**. 4. ed. São Paulo: Livraria Nobel, 1986.
 MACHADO, A. L. T.; REIS, A. V. dos; MORAES, M. L. B. de.; ALONÇO, A. S. **Máquinas para preparo do solo, semeadura, adubação e tratamentos culturais**. Pelotas: Editora universitária UFPEL, 2005.

Bibliografia complementar:

MORAES, M. L. B. de.; REIS, A. V. dos; MACHADO, A. L. T. **Máquinas para colheita e processamento de grãos**. Pelotas: Editora universitária UFPEL, 2005.
 MIALHE, L. G. **Máquinas motoras na agricultura**. São Paulo: EDUSP/EPV, 1980. 1 v.
 MIALHE, L. G. **Máquinas motoras na agricultura**. São Paulo: EDUSP/EPV, 1980. 2 v.

Unidade Curricular: AGROSTOLOGIA	40 h/a	30 h/r
<p>Ementa: Adubação em pastagens. Classificação de forrageiras segundo interesse econômico e alimentar. Carga animal, massa de forragem, disponibilidade e resíduo de forragem, oferta de forragem, lotação e pressão de pastejo. Estabelecimento de pastagens (características das sementes, germinação, emergência, crescimento inicial). Composição bromatológica e palatabilidade das pastagens. Sistemas de pastejo. Gramíneas anuais de estação fria. Leguminosas temperadas. Pastagens consorciadas. Gramíneas anuais de estação quente. Leguminosas tropicais. Campo nativo.</p>		
<p>Bibliografia Básica: AGUIAR, de Paula Almeida. Recuperação de pastagens. Viçosa: CPT, 2010. ALMEIDA, Adilson de Paula; ALMEIDA, Bianca Franco. Formação de pastagens. Viçosa: CPT, 1999. ATAÍDE JÚNIOR, Josvaldo. Produção de silagem. Viçosa: CPT, 2007. DERESZ. Produção de leite a pasto. Viçosa: CPT, 2008. FERREIRA, Lino Roberto; FREITAS, Francisco Cláudio; JAKELAITIS, Adriano. Formação de pastagens com braquiária em consórcio com milho. Viçosa: CPT.</p>		
<p>Bibliografia Complementar: PIRES, W. et al. Manual de Pastagem – Formação, Manejo e Recuperação. Viçosa: Aprenda Fácil – Grupo CPT, 2006. RESENDE, Humberto; BRUSCHI, Henrique. Formação e manejo de capineira. Viçosa: CPT. VILELA, H. Pastagem: seleção de plantas forrageiras, implantação e adubação. Viçosa: Aprenda Fácil, 2005.</p>		

Unidade Curricular: INSTALAÇÕES RURAIS	40 h/a	30 h/r
<p>Ementa: Desenho técnico - materiais e técnicas de desenho, projeção ortogonal, desenho em três vistas, cortes e projeto arquitetônico. Construções rurais - materiais básicos de construção (aglomerantes, agregados, argamassas, concretos, cerâmicas e madeiras), introdução às fundações e às estruturas de concreto armado, prática de pequenas obras, sistemas de cobertura, ambiência. Construções de interesse no meio rural.</p>		
<p>Bibliografia Básica: BAETA, F. C. Ambiência em edificações rurais: conforto animal. Viçosa: UFV, 1997. BORGES, A. de C. Prática das pequenas construções. 9. ed. São Paulo: Edgard Blücher, 2009. 1 v. LAZZARINI, N. S. Instalações e benfeitorias. 2. ed. Viçosa: Aprenda Fácil, 2000. MAGUIRE, D. E.; SIMMONS, C. H. Desenho técnico. São Paulo: Hemus, 2004. PEREIRA, Milton Fisher. Construções rurais. São Paulo: Nobel, 1986.</p>		
<p>Bibliografia Complementar: BORGES, A. de C. Prática das pequenas construções. 5. ed. São Paulo: Edgard Blücher, 2000. 2 v. PEIXOTO, V. V. Manual básico de desenho técnico. 5.ed. Florianópolis: UFSC, 2009. PEREIRA, M.F. Construções Rurais. 4. ed. São Paulo: Nobel, 1986.</p>		

4º Período

Unidade Curricular: LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA 4	40 h/a	30 h/r
<p>Ementa: Leitura e produção de textos. Estudo de gêneros da esfera acadêmica. Resenha. Seminário. Reflexão linguística. O princípio da não-contradição. Concordância verbal. Concordância nominal. Regência verbal. Regência nominal. Realismo. Naturalismo. Simbolismo. Parnasianismo.</p>		

Bibliografia Básica:

BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. São Paulo: Nova Fronteira, 2010.
 BOSI, A. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1991.
 KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2007.
 _____. **Ler e escrever: estratégias de produção textual**. São Paulo: Contexto, 2009.
 MACHADO, A. R. et al. **Resenha**. São Paulo: Parábola, 2009.

Bibliografia Complementar:

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2009.
 NICOLA, J. **Literatura Brasileira: das origens aos nossos dias**. São Paulo: Scipione, 2002.
 _____. **Literatura Portuguesa: das origens aos nossos dias**. São Paulo: Scipione, 2002.

Unidade Curricular: LÍNGUA ESTRANGEIRA MODERNA - INGLÊS 4**40 h/a****30 h/r**

Ementa: Desenvolvimento das habilidades de compreensão oral e escrita e das funções comunicativas com atividades de prática de comunicação em situações contextualizadas. Desenvolvimento das estruturas necessárias à leitura e compreensão de textos técnicos da área de interesse dos estudantes. Leitura e compreensão dos diversos gêneros textuais e práticas sociais envolvidas em suas áreas de atuação. Aplicação dos conteúdos gramaticais de forma contextualizada: Modal Verbs, Question tags, Passive Voice, Reported Speech, If Clauses (Conditional Sentences).

Bibliografia Básica:

COSTA, Marcelo B. **Globetrekker**. São Paulo: Macmillan, 2008.
 MURPHY, Raymond. **Essential Grammar in Use**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
 RICHARDS, J. et al. **New Interchange Intro**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
 RICHARDS, J. et al. **New Interchange 1**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
 SWAN, Michael; WALTER, Catherine. **The Good Grammar Book**. Oxford: Oxford University Press, 2003.

Bibliografia Complementar:

CRUZ, Décio T. et al. **Inglês.com.textos para informática**. São Paulo: Disal, 2001.
 GLENDINNING, Eric H.; McEWAN, John. **Basic English for Computing**. Oxford: Oxford University Press, 1999.
 SOUZA, Adriana G. F. et al. **Leitura em Língua Inglesa: Uma abordagem instrumental**. São Paulo: Disal, 2005.

Unidade Curricular: LÍNGUA ESTRANGEIRA MODERNA ESPANHOL 4**40 h/a****30 h/r**

Ementa: Estudo de estruturas frasais em situações comunicativas. Verbos no modo imperativo. Concordância verbal e nominal. Conectores discursivos. Colocação pronominal. Prática do letramento. Abordagem multicultural da língua espanhola. Produção de textos em diversos gêneros. Prática das quatro habilidades linguísticas.

Bibliografia Básica:

MENÓN, Lorena; JACOBI, Claudia C. B.; MELONE, Enrique. **Clave Español para El Mundo** - Ensino Médio – Colección 1a, 1b, 2a, 2b. São Paulo: Santillana – Moderna, 2008.
 CARVALHO, Jacira P. de; ROMANOS., Henrique. **Espanhol** - Expansión - Col. Delta - Caderno de Atividades. São Paulo: FTD, 2004.
 MARTÍN, Iván. **Espanhol**. Série Novo Ensino Médio. São Paulo: Ática, 2009.
 MARZANO, Fabio M. **Como não ficar embaraçado em Espanhol** - Dicionário Espanhol - Português de Falsas Semelhanças. São Paulo: Campus, 2007.
Diccionario Bilingüe Escolar Español-portugués / Português-espanhol. Nuevo Acuerdo Ortográfico. São Paulo: SBS, 2010.

Bibliografia Complementar:

MILANI, Esther M. **Gramática de Espanhol para Brasileiros**. 3. ed. reformulada. São Paulo: Saraiva, 2006.
 MALDONADO, Concepción. **Diccionario de Español para Extranjeros** - Con el Español que se habla hoy. 2.

ed. São Paulo: Sm (Brasil), 2002.

Colección APARTAMENTO PARA DOS1 y APARTAMENTO PARA DOS 2 – DVD. Multimídia. São Paulo: EDELSA, 2005.

Unidade Curricular: EDUCAÇÃO FÍSICA 4	40 h/a	30 h/r
<p>Ementa: Introdução as características de uma luta (Boxe, Caratê, Judô, Capoeira, Jiu-jitsu, Esgrima). Investigação sobre os conhecimentos do corpo, aptidão física e saúde: conceito de esforço, intensidade e frequência. Retomada e fundamentação das principais características de um esporte convencional não trabalhado. Estimular a comunicação e a interação social, explorando as possibilidades de expressão e movimentação individual e coletiva por meio do estudo de uma atividade rítmica.</p>		
<p>Bibliografia básica: DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. (Coords.). Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. LIMA, Valquíria de. Ginástica Laboral - Atividade Física no Ambiente de Trabalho. São Paulo: Phorte, 2003. MATTOS, Mauro G. de; NEIRA, Marcos G. Educação Física na Adolescência. São Paulo: Phorte, 2004. MELO, Victor A. de. História da Educação Física e do Esporte Brasil - Panorama e Perspectivas. São Paulo: Ibrasa, 2006. PAES, Roberto R.; BALBINO, Hermes F. Pedagogia do Esporte: contextos e perspectivas. Rio de Janeiro. Guanabara, 2005.</p>		
<p>Bibliografia complementar: ABDALLAH, A. J. Flexibilidade e alongamento: saúde e bem-estar. São Paulo: Manole, 2009. FENSTERSEIFER, Paulo E.; GONZÁLEZ, Fernando J. Dicionário Crítico de Educação Física - Col. Educação Física. Ijuí: Unijui, 2005. MACPHERSON, Brian; ROSS, Lawrence M.; GILROY, Anne M. Atlas de anatomia. Rio de Janeiro: Guanabara, 2008.</p>		

Unidade Curricular: FÍSICA 3	60 h/a	45 h/r
<p>Ementa: Estudo das Propriedades e dos Processos Térmicos. Elaboração do conceito de calor como Energia responsável pela variação de temperatura ou pela mudança de estado físico. Estudo dos conceitos de Termodinâmica e descrição do funcionamento das máquinas térmicas.</p>		
<p>Bibliografia Básica: BARRETO, B. F.; SILVA, C. X. Física aula por aula. São Paulo: FTD, 2010. 2 v. GASPAR, A. Física Série Brasil. São Paulo: Ática, 2004. GONÇALVES, A.; TOSCANO, C. Física e Realidade. São Paulo: Scipione, 2003. MÁXIMO, A.; ALVARENGA, B. Curso de Física. São Paulo: Scipione, 2008. 1, 2 e 3 v. SAMPAIO, J. L.; CALÇADA, C. S. Física. São Paulo: Atual, 2003.</p>		
<p>Bibliografia Complementar: HALLIDAY, D.; RESNICK, R. Fundamentos de Física. 8. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008. HEWITT, P. G. Física Conceitual. 9. ed. Porto Alegre: Bookman, 2008. NUSSENZVEIG, M. H. Curso de Física Básica. 4. ed. São Paulo: Edgard Blucher, 2009.</p>		

Unidade Curricular: GEOGRAFIA 4	40 h/a	30 h/r
<p>Ementa: Formação territorial brasileira. Processo de ocupação litorânea e interiorização. Ciclos geoeconômicos: pau-brasil, cana-de-açúcar, mineração, pecuária, café, borracha e indústria. Expansão e ocupação da fronteira agrícola. As regiões brasileiras: características e contrastes. Organização e distribuição mundial da população; principais fluxos migratórios e suas causas. Teorias demográficas, estrutura da população, modelo de transição demográfica; crescimento e distribuição da população. Setores da economia e sua (re)produção no espaço territorial brasileiro; agricultura e pecuária; atividades extrativistas; indústria e comércio. Geografia agrária; O futuro dos espaços agrários, a globalização a modernização da agricultura no período técnico-científico informacional. Geografia urbana. Espaço urbano brasileiro, problemas sociais e impactos ambientais.</p>		

Bibliografia Básica:

ALMEIDA, Lúcia M. A.; RIGOLIN, Tércio. **Fronteiras da Globalização**: Geografia Geral e do Brasil. São Paulo: Ática, 2004.

COELHO, M. A.; TERRA, L. **Geografia Geral, O Espaço Natural e socioeconômico**. São Paulo: Moderna, 2002.

MAGNOLI, D. **Geografia para o Ensino Médio**. Conforme a Nova Ortografia. São Paulo: Saraiva, 2008.

MOREIRA, João C.; SENE, Eustáquio de. **Geografia Geral e do Brasil: Espaço Geográfico e Globalização**. São Paulo: Scipione, 2007.

TERRA, Lygia; GUIMARAES, Raul B.; ARAÚJO, Regina. **Conexões - Estudos de Geografia Geral e do Brasil**. São Paulo: Moderna, 2008.

Bibliografia Complementar:

GUERRA, A. T. **Novo dicionário geológico-geomorfológico**. Rio de Janeiro: Bertrandt Brasil, 1997.

MOREIRA, João C.; SENE, Eustáquio de. **Geografia para o Ensino Médio**. São Paulo: Scipione, 2007.

TEREZO, Claudio F. **Novo Dicionário de Geografia**. São Paulo: Livro Pronto, 2008.

Unidade Curricular: FILOSOFIA 4**20 h/a****15 h/r****Ementa:** Teorias Éticas e Morais. Determinismo. Liberdade. Consciência Moral.**Bibliografia Básica:**

BOFF, Leonardo. **Ethos mundial**: um consenso mínimo entre os humanos. Rio de Janeiro: Record, 2009.

ESQUIROL, Josep M. **O respeito ou o olhar atento**: uma ética para a era da ciência e da tecnologia. Trad. Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

HABERMAS, Jürgen. **Consciência moral e agir comunicativo**. Trad. Guido de Almeida. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

SANCHEZ-VAZQUEZ, Adolfo. **Ética**. 26. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

TUGENDHAT, Ernst. **Lições sobre ética**. Trad. Grupo de doutorandos do curso de pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; revisão e org. da tradução Ernildo Stein. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

Bibliografia Complementar:

MARCONDES, Danilo. **Textos básicos de ética**: de Platão a Foucault. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

MARTINEZ, Emilio; CORTINA, Adela. **Ética**. São Paulo: Loyola, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da moral**: uma polêmica. Trad. Paulo C. de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

Unidade Curricular: SOCIOLOGIA 4**20 h/a****15 h/r****Ementa:** A formação da diversidade. Consumo versus consumismo. Jovens, cultura e consumo.**Bibliografia Básica:**

AZZOLIN, Cida. **Te Liga**. Antologia sociológica. 2. ed. Tapera: Lew, 2010.

COSTA, Cristina. **Sociologia**: Introdução à Ciência da Sociedade. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2005.

FREIRE-MEDEIROS, Bianca; BOMENY, Helena. **Tempos Modernos, Tempos de Sociologia**. São Paulo: Editora do Brasil, 2010. Col. Aprender Sociologia.

GIDDENS, Antony. **Sociologia**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

OLIVEIRA, Pérsio. **Introdução à sociologia**. Série Brasil. 25. ed. São Paulo: Ática, 2004.

Bibliografia Complementar:

MARTINS, Carlos B. **O que é sociologia?** São Paulo: Brasiliense, 2004.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

TOMAZI, Nelson D. et al. **Iniciação à sociologia**. 2. ed. São Paulo: Atual, 2000.

Unidade Curricular: MATEMÁTICA 4	60 h/a	45 h/r
Ementa: Progressões aritméticas e geométricas. Análise combinatória. Matrizes. Determinantes.		
Bibliografia Básica: DANTE, Luiz R. Matemática Contexto e Aplicações . São Paulo: Ática, 2000. 2 v. IEZZI, G.; HAZZAN, S. Fundamentos de Matemática Elementar . São Paulo: Atual, 2004. 4 e 5 v. GIOVANNI, José R.; BONJORNO, José R. Matemática Fundamental: Uma nova abordagem . São Paulo: FTD, 2001. MACHADO, Antonio dos S. Matemática Temas e Metas . São Paulo: Atual, 1986. PAIVA, Manoel. Matemática . São Paulo: Moderna, 2005. 2 v.		
Bibliografia Complementar: DOLCE, Osvaldo. Matemática . São Paulo: Atual, 2007. FACCHINI, Walter. Matemática . 2. ed. São Paulo: Saraiva, 1997. GOULART, Marcio C. Matemática no Ensino Médio . São Paulo: Scipione, 1999. 2 v.		

Unidade Curricular: QUÍMICA 4	60 h/a	45 h/r
Ementa: Termoquímica. Cinética Química. Equilíbrio Químico. Radioatividade.		
Bibliografia Básica FELTRE, R. Química . 7. ed. São Paulo: Moderna, 2008. 2 v. FONSECA, M. R. M. Interatividade Química . São Paulo: FTD, 2003. FRANCO, D. Química – processos naturais e tecnológicos . São Paulo: FTD, 2010. PERUZZO, F. M.; CANTO, E. L. Química na abordagem do cotidiano . 4. ed. São Paulo: Moderna, 2007. 2 v. USBERCO, J.; SALVADOR, E. Físico-química . 12. ed. São Paulo: Saraiva, 2006.		
Bibliografia Complementar MORTIMER, E. F.; MACHADO, A. H. Química para o ensino médio . São Paulo: Scipione, 2002. SOARES, P. T.; RAMALHO JUNIOR, F.; FERRARO, N. G. Química 2 - Química na abordagem do cotidiano . São Paulo: Moderna, 2010. USBERCO, J.; SALVADOR, E. Química . 7. ed. São Paulo: Saraiva, 2006.		

Unidade Curricular: BIOLOGIA 4	40 h/a	30 h/r
Ementa: Protozoários e parasitoses humanas relacionadas. Embriologia. Conceitos embriológicos utilizados para a classificação animal. Zoologia. Morfofisiologia Humana: sistema digestório, sistema respiratório, sistema circulatório, sistema excretor, sistema nervoso e fisiologia hormonal. Controle hormonal da reprodução e gametogênese. Ecologia: conceitos básicos. Fluxo de energia, cadeias e teias tróficas. Pirâmides ecológicas. Relações ecológicas harmônicas e desarmônicas. Ciclos biogeoquímicos. Ecologia da conservação e impactos humanos sobre os ecossistemas.		
Bibliografia Básica: AMABIS, J. M.; MARTHO, G.R. Biologia . 2. ed. São Paulo: Moderna, 2004. 1, 2 e 3 v. CHEIDA, L. E. Biologia Integrada . São Paulo: FTD, 2002. LOPES, S. BIO . São Paulo: Saraiva, 2004. SILVA, Jr. C.; SASSON, S. Biologia . 4. ed. São Paulo: Saraiva, 2007. UZURIAN, A.; BIRNER, E. Biologia . 3. ed. São Paulo: Harbra, 2008.		
Bibliografia Complementar: BORÉM, A; SANTOS, F. R. Biotecnologia Simplificada . Viçosa: Suprema, 2001. GEWANDSZNAJDER, F. Sexo e reprodução . São Paulo: Ática, 2000. GIANSANTI, R. O desafio do desenvolvimento sustentável . São Paulo: Atual, 1999.		

Unidade Curricular: HISTÓRIA 2	40 h/a	30 h/r
Ementa: Conflitos culturais e políticos. A Expansão Marítima Comercial Europeia. O Humanismo. O Renascimento Cultural. As Reformas Religiosas A Montagem da Colonização Europeia na América. O Sistema Colonial Espanhol. O Sistema Colonial Francês. O Sistema Colonial Inglês. O Período Pré-Colonial. A Estrutura Político-Administrativa Colonial Portuguesa. Economia Colonial. A Expansão Territorial. Rebeliões Coloniais. O Iluminismo. As Revoluções Inglesas. A Revolução		

Industrial. As doutrinas sociais e econômicas O Liberalismo. O Evolucionismo e o Positivismo. A Independência dos Estados Unidos da América.

Bibliografia Básica:

ARRUDA, José J. de A.; PILETTI, Nelson. **Toda a história** - história geral e do Brasil. São Paulo: Ática, 2007.

KOSHIBA, Luiz. **História do Brasil no contexto da História Ocidental**: ensino médio. 8. ed. rev., Atual e ampl. São Paulo: Atual, 2003.

MOTA, Myriam B.; BRAICK, Patrícia R. **História das cavernas ao Terceiro Milênio**. São Paulo: Moderna, 2004.

VICENTINO, Cláudio. **História Geral**: ensino médio. São Paulo: Scipione, 2002.

VICENTINO, Cláudio; DORIGO, Gianpaolo. **História Geral e do Brasil**. São Paulo: Scipione, 2010.

Bibliografia Complementar:

CAMPOS, Flávio de; DOLHNIKOFF, Miriam. **Atlas – História do Brasil**. São Paulo: Scipione, 1998.

FRANCO, Jr. Hilário; ANDRADE, Filho R. de O. **Atlas – História Geral**. São Paulo: Scipione, 1997.

SOUZA, Marina de M. **África e Brasil africano**. São Paulo: Ática, 2006.

Unidade Curricular: IRRIGAÇÃO E DRENAGEM

60 h/a

45 h/r

Ementa: Histórico da irrigação. Água requerida pelas culturas. O solo como um reservatório de água. Características físicas e hídricas do solo. Disponibilidade de água no solo. Qualidade da água para irrigação. Relação solo-água-planta. Fontes de suprimento de água. Medição de água para irrigação (hidrometria). Captação, elevação e aproveitamento de água. Estimativa da evapotranspiração e balanço hídrico. Determinação da velocidade de infiltração da água no solo. Fatores climáticos que afetam a disponibilidade de água às plantas. Sistemas de irrigação: características, manejo, vantagens e desvantagens. Fatores a serem considerados na escolha de um sistema de irrigação. Funcionamento de aspersores. Sistemas de drenagem e tipos de drenos. Abertura, dimensionamento e manutenção de drenos.

Bibliografia básica:

REICHARDT, K. **A água em sistemas agrícolas**. São Paulo: Manoele Ltda, 1990.

VIEIRA, D.B. **As técnicas de irrigação**. São Paulo: 2. ed. Globo, 1995.

KLAR, A. E. **Irrigação**: Frequência e quantidade de aplicação. São Paulo: Nobel, 1991.

BERNARDO, S. **Manual de Irrigação**. 6. ed. Viçosa: UFV, 1995.

VILELLA, L. A. A.; SILVA, A. M. (Ed.). **Manejo da irrigação**. Lavras: UFLA/Sociedade Brasileira de Engenharia Agrícola, 2006.

Bibliografia Complementar:

CARRIJO, O. A.; OLIVEIRA, C. A. da S. **Irrigação de hortaliças em solo cultivados sob proteção de plástico**. Brasília: CNPH, 1998.

ZIMMERMANN, F.J.P. **Estatística aplicada à pesquisa agrícola**. Santo Antonio de Goiás: Embrapa Arroz e Feijão, 2004.

OLITTA, A. F.L. **Os métodos de irrigação**. 11. ed. São Paulo: Nobel, 1984.

Unidade Curricular: NUTRIÇÃO ANIMAL

60 h/a

45 h/r

Ementa: Evolução da nutrição animal. Composição química e classificação dos alimentos. Exigências nutricionais dos animais: aves, suínos, bovinos de corte, bovinos de leite e ovinos. Anatomia do Aparelho digestivo. Fisiologia da digestão e absorção de nutrientes. Medidas do valor nutritivo dos alimentos. Nutrientes e suas funções. Métodos de cálculo de rações. Limitações de uso dos alimentos. Apresentação dos alimentos e rações. Microingredientes de ração. Programas de alimentação animal.

Bibliografia Básica:

ANDRIGUETTO, J. M. **Nutrição Animal**. São Paulo: Nobel, 1981. 1 v.

ANDRIGUETTO, J. M. **Nutrição Animal**. São Paulo: Nobel, 1983. 2 v.

MAYNARD, L. A.; LOOSLI, J.K. et al. **Nutrição animal**. 3. ed. São Paulo: Freitas Barros, 1984.

NUNES, I.J. **Nutrição animal básica**. Belo Horizonte, 1995.

BERTECHINI, Antônio Gilberto. **Nutrição de Monogástricos**. Lavras: UFLA, 2006.

Bibliografia Complementar:

BRASIL. Ministério da agricultura e do abastecimento. **Normas e padrões de nutrição e alimentação animal**; revisão 2000. Brasília: MA/SARC/DFPA, 2000.

BUTOLO, J.E. **Qualidade de ingredientes na alimentação animal**. Campinas: Colégio Brasileiro de Nutrição Animal, 2002.

ROSTAGNO, H. S. **Tabelas Brasileiras para Aves e Suínos**: Composição de alimentos e exigências nutricionais. Viçosa: UFV, Imprensa Universitária, 2000.

5º Período

Unidade Curricular: LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA 5	40 h/a	30 h/r
Ementa: Leitura e produção de textos. Gêneros da esfera jornalística. Tipologia argumentativa como editorial. Artigo de opinião. Charge. Reflexão linguística. O discurso citado. Operadores argumentativos. Período composto por coordenação e subordinação. Tendências pré-modernistas.		
Bibliografia Básica: BECHARA, E. Moderna Gramática Portuguesa . São Paulo: Nova Fronteira, 2010. BOSI, A. História Concisa da Literatura Brasileira . São Paulo: Cultrix, 1991. CEREJA, W. Literatura Portuguesa em diálogo com outras literaturas de língua portuguesa . São Paulo: Atual, 2009. KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. Ler e compreender : os sentidos do texto. São Paulo: Contexto, 2007. _____. Ler e escrever : estratégias de produção textual. São Paulo: Contexto, 2009.		
Bibliografia Complementar: FARACO, C.; TEZZA, C. Oficina de texto . Petrópolis: Vozes, 2010. NICOLA, J. Literatura Brasileira : das origens aos nossos dias. São Paulo: Scipione, 2002. _____. Literatura Portuguesa : das origens aos nossos dias. São Paulo: Scipione, 2002.		

Unidade Curricular: SISTEMA INTEGRADO DE GESTÃO	40 h/a	30 h/r
Ementa: Sistemas de informação. Conceitos de gestão integrada. Fundamentos legais, normas e conceitos. Sistemas integrados de Gestão: Modelos e Instrumentos; Sistemas de Gestão: ERP, SCM, WMS, CRM.		
Bibliografia Básica: CAMPOS, V. F. Gerencia da qualidade total . São Paulo: Fundação Cristiano Ottoni, 1989. CERQUEIRA, Jorge P. Sistemas de gestão integrados . 2. ed. São Paulo: Qualitymark, 2010. CHIAVENATO, I. Introdução a Teoria Geral da Administração – Edição compacta. 3. ed. Rio de Janeiro: Campus, 2004. CORNACHIONE, Edgard B. JR. Sistemas integrados de gestão : uma abordagem da tecnologia da informação aplicada à gestão econômica (gecon). São Paulo: Atlas, 2006. RODRI, Marcos V C. Ações para a qualidade . São Paulo: Qualitymark, 2004.		
Bibliografia Complementar: CORRÊA, H.L.; GIANESI, I.G.N.; CAON, M. Planejamento, programação e controle da produção : MRP II / ERP: conceitos, uso e implantação. São Paulo: Atlas, 2002. TAVARES, José C.; RIBEIRO NETO, João B.; HOFFMANN, Silvana C. Sistemas integrados de Qualidade, meio ambiente e responsabilidade social . São Paulo: Senac, 2008. MAXIMINIANO, A. C. A. Introdução à administração . São Paulo: Atlas, 2003.		

Unidade Curricular: EDUCAÇÃO FÍSICA 5	20 h/a	15 h/r
Ementa: Explicitação dos princípios técnicos e táticos do esporte do quarto período. Investigação sobre os conhecimentos do corpo, aptidão física e saúde. Estudo de um esporte diversificado ainda não trabalhado. Desenvolvimento do esporte e as olimpíadas.		
Bibliografia básica: DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. (Coords.). Educação Física na escola : implicações para a prática pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. LIMA, Valquíria de. Ginástica Laboral - Atividade Física no Ambiente de Trabalho. São Paulo: Phorte, 2003. MATTOS, Mauro G. de; NEIRA, Marcos G. Educação Física na Adolescência . São Paulo: Phorte,		

2004.

MELO, Victor A. de. **História da Educação Física e do Esporte Brasil** - Panorama e Perspectivas. São Paulo: Ibrasa, 2006.

PAES, Roberto R.; BALBINO, Hermes F. **Pedagogia do Esporte: contextos e perspectivas**. Rio de Janeiro: Guanabara, 2005.

Bibliografia complementar:

ABDALLAH, A. J. **Flexibilidade e alongamento: saúde e bem-estar**. São Paulo: Manole, 2009.

FENSTERSEIFER, Paulo E.; GONZÁLEZ, Fernando J. **Dicionário Crítico de Educação Física** - Col. Educação Física. Ijuí: Unijui, 2005.

MACPHERSON, Brian; ROSS, Lawrence M.; GILROY, Anne M. **Atlas de anatomia**. Rio de Janeiro: Guanabara, 2008.

Unidade Curricular: FÍSICA 4	60 h/a	45 h/r
Ementa: Estudo da Óptica Geométrica, análise do funcionamento dos instrumentos ópticos e do olho humano. Caracterização do Som e da Luz como uma onda, e aplicação dos conceitos de Ondulatória em fenômenos sonoros e luminosos.		
Bibliografia Básica:		
BARRETO, B. F.; SILVA, C. X. Física aula por aula . São Paulo: FTD, 2010. 2 v.		
GASPAR, A. Física Série Brasil . São Paulo: Ática, 2004.		
GONÇALVES, A.; TOSCANO, C. Física e Realidade . São Paulo: Scipione, 2003.		
MÁXIMO, A.; ALVARENGA, B. Curso de Física . São Paulo: Scipione, 2008. 1, 2 e 3 v.		
SAMPAIO, J. L.; CALÇADA, C. S. Física . São Paulo: Atual, 2003.		
Bibliografia Complementar:		
HALLIDAY, D.; RESNICK, R. Fundamentos de Física . 8. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008.		
HEWITT, P. G. Física Conceitual . 9. ed. Porto Alegre: Bookman, 2008.		
NUSENZVEIG, M. H. Curso de Física Básica . 4. ed. São Paulo: Edgard Blucher, 2009.		

Unidade Curricular: PROJETO INTEGRADOR 1	20 h/a	15 h/r
Ementa: A ser indicado pelo professor responsável de acordo com a proposta do estudante		
Bibliografia Básica:		
ANDRADE, M. M. de. Introdução a metodologia do trabalho científico . 10. ed. São Paulo: Atlas, 2010.		
LAVILLE, C.; DIONNE, J. A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas . Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.		
LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas . São Paulo: EPU, 1986.		
MATTAR, JOÃO. Metodologia Científica na era da informática . 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2005.		
MINAYO, Maria Cecília de Souza. Pesquisa social: teoria, método e criatividade . 24. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1993.		
Bibliografia Complementar:		
SAMPIERI, R. H. Metodologia da pesquisa . 3. ed. MCGRAW HILL – ARTMED, 2006.		
LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marins de Andrade. Metodologia do trabalho científico . 7. ed. Atlas, 2007.		
MALHEIROS, B. T. Metodologia da pesquisa em educação . LTC, 2011.		

Unidade Curricular: FILOSOFIA 5	20 h/a	15 h/r
Ementa: Filosofia Política. Formação Política. Poder; Formas de Governo e de Estado. Teorias da Justiça.		
Bibliografia Básica:		
BOBBIO, Norberto. Estado, governo e sociedade . 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1990.		
CAILLÉ, Alain; LAZZERI, Christian; SENELLART, Michel (Orgs.). História argumentada da filosofia moral e política: a felicidade e o útil . Trad. Alessandro Zir. São Leopoldo: Unisinos, 2004.		
DUSO, Giuseppe (Org.). O poder: história da filosofia política moderna . Trad. Andrea Ciacchi; Líssia		

<p>Cruz e Silva; Giuseppe Tosi. Petrópolis: Vozes, 2005. LEBRUN, Gérard. O que é poder. São Paulo: Brasiliense, 2005. MAQUIAVEL, Nicolau. O príncipe. Trad. Roberto Grassi. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.</p> <p>Bibliografia Complementar: ARISTÓTELES. A política. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006. FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir. 36. ed. Petrópolis: Vozes, 2007. OLIVEIRA, Nythamar de. Rawls. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.</p>

Unidade Curricular: SOCIOLOGIA 5	20 h/a	15 h/r
Ementa: Desigualdade social. Desigualdade de classes. Estudos sobre a globalização. Gênero de desigualdade.		
Bibliografia Básica: AZZOLIN, Cida. Te Liga . Antologia sociológica. 2.ed. Tapera: Lew, 2010. FREIRE-MEDEIROS, Bianca; BOMENY, Helena. Tempos Modernos, Tempos de Sociologia . São Paulo: Editora do Brasil, 2010. GIDDENS, Antony. Sociologia . Porto Alegre: Artmed, 2006. OLIVEIRA, Pérsio. Introdução à sociologia . Série Brasil. 25. ed. São Paulo: Ática, 2004. PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla (org.). História da cidadania . São Paulo: Contexto, 2003.		
Bibliografia Complementar: MARTINS, Carlos B. O que é sociologia? São Paulo: Brasiliense, 2004. ORTIZ, Renato. Cultura brasileira e identidade nacional . São Paulo: Brasiliense, 2003. TOMAZI, Nelson D. et al. Iniciação à sociologia . 2. ed. São Paulo: Atual, 2000.		

Unidade Curricular: MATEMÁTICA 5	60 h/a	45 h/r
Ementa: Sistemas Lineares; Geometria plana. Geometria Espacial.		
Bibliografia Básica: DANTE, Luiz R. Matemática Contexto e Aplicações . São Paulo: Ática, 2000. 3 v. GIOVANNI, José R.; BONJORNO, José R. Matemática Fundamental: Uma nova abordagem . São Paulo: FTD, 2001. IEZZI, G.; HAZZAN, S. Fundamentos de Matemática Elementar . São Paulo: Atual, 2004. 4, 9 e 10 v. MACHADO, Antonio dos S. Matemática Temas e Metas . São Paulo: Atual, 1986. PAIVA, Manoel. Matemática . São Paulo: Moderna, 2005.		
Bibliografia Complementar: DOLCE, Osvaldo. Matemática . 4. ed. São Paulo: Atual, 2007. FACCHINI, Walter. Matemática . São Paulo: Saraiva, 1997. GOULART, Marcio C. Matemática no Ensino Médio . São Paulo: Scipione, 1999. 3 v.		

Unidade Curricular: QUÍMICA 5	40 h/a	30 h/r
Ementa: Introdução à Química Orgânica. Hidrocarbonetos. Funções Orgânicas. Isomeria Plana e Espacial.		
Bibliografia Básica FELTRE, R. Química . 7. ed. São Paulo: Moderna, 2008. 2 v. FONSECA, M. R. M. Interatividade Química . São Paulo: FTD, 2003. FRANCO, D. Química – processos naturais e tecnológicos . São Paulo: FTD, 2010. PERUZZO, F. M.; CANTO, E. L. Química na abordagem do cotidiano . 4. ed. São Paulo: Moderna, 2007. 2 v. USBERCO, J.; SALVADOR, E. Físico-química . 12. ed. São Paulo: Saraiva, 2006.		
Bibliografia Complementar CORTEZ, L. A. B.(coord.). Bioetanol de Cana-de-Açúcar . São Paulo: Edgard Blucehr, 2010. FARIAS, R. B. Introdução à química do petróleo . São Paulo: Ciência Moderna, 2009.		

NUVOLARI, A; TELLES, D. D. A.; RIBEIRO, J. T. et al. **Esgoto Sanitário**. 2. ed. rev., atual. e ampliada. São Paulo: Edgard Blucher, 2011.

Unidade Curricular: BIOLOGIA APLICADA	40 h/a	30 h/r
Ementa: Conceito e importância, características botânicas, estabelecimento e propagação, ciclo de vida, estágios de crescimento, danos às culturas, competição, interação com o clima. Insetos e Ácaros: nomenclatura zoológica, morfologia, anatomia, taxonomia. Sintomatologia e diagnose. Interação do hospedeiro-patógeno. Ciclo das relações patógeno-hospedeiro. Características das principais famílias e identificação das principais plantas daninhas. Herbário: conceito, importância, métodos e técnicas de montagem. Alelopatia. Manejo e métodos de controle das plantas daninhas. Controle químico de plantas daninhas. Epidemiologia. Fisiologia do parasitismo. Toxicologia. Entomologia Veterinária.		
Bibliografias Básica: ALFENAS, A. C.; MAFIA, R. G. Métodos em Fitopatologia . Viçosa: UFV, 2007. GALLO, D. et al. Manual de Entomologia Agrícola . São Paulo: Agronômica Seres, 1978. GAZZONI, D. L. et al. Manual de Fitopatologia . 3. ed. Piracicaba: Agronômica Ceres. 1997. 2 v. LORENZI, H. Manual de identificação e controle de plantas daninhas: plantio direto e convencional . Nova Odessa: Plantarum, 1994.		
Bibliografia Complementar: ALVES, S.B. Controle Microbiano de Insetos . São Paulo: Manole, 1986. MOSCARDI, F. Efeito de aplicações de Bacillus thuringiensis sobre populações de Anticarsia gemmatalis em soja . In Seminário Nacional de Pesquisa de Soja, 3, Campinas: 1984. Anais. Embrapa, Centro Nacional de Pesquisa de Soja, Documentos 7.		

Unidade Curricular: HISTÓRIA 3	40 h/a	30 h/r
Ementa: Movimentos sociais, imaginários e representações políticas. A Revolução Francesa. A Política de Restauração. Revoluções Liberais e Nacionais. Os movimentos precursores da Independência do Brasil. A América Latina no início do século XIX. A Independência da América Espanhola. A Independência do Primeiro Reinado no Brasil. Os Estados Unidos no Século XIX. Hispano-América. Período Regencial. O Brasil (1840-1870) Política Interna e Externa O Brasil (1840-1870) Evolução Econômica e Social. O Brasil (1870-1889). Unificação da Itália. Unificação da Alemanha. O Capitalismo no Século XIX. A Era Vitoriana O Imperialismo.		
Bibliografia Básica: ARRUDA, José J. de A.; PILETTI, Nelson. Toda a história - história geral e do Brasil . São Paulo: Ática, 2007. KOSHIBA, Luiz. História do Brasil no contexto da História Ocidental: ensino médio . 8. ed. rev., atual e ampl. São Paulo: Atual, 2003. MOTA, Myriam B.; BRAICK, Patrícia R. História das cavernas ao Terceiro Milênio . São Paulo: Moderna, 2004. VICENTINO, Cláudio. História Geral: ensino médio . São Paulo: Scipione. 2002. VICENTINO, Cláudio; DORIGO, Gianpaolo. História Geral e do Brasil . São Paulo: Scipione, 2010.		
Bibliografia Complementar: CAMPOS, Flávio de; DOLHNIKOFF, Miriam. Atlas – História do Brasil . São Paulo: Scipione, 1998. FRANCO, Jr. Hilário; ANDRADE, Filho R. de O. Atlas – História Geral . São Paulo: Scipione, 1997. SOUZA, Marina de M. África e Brasil africano . São Paulo: Ática, 2006.		

Unidade Curricular: AVICULTURA	60 h/a	45 h/r
Ementa: Importância Social, econômica e ambiental da avicultura de corte e de postura. Aspectos anatômicos e fisiológicos das aves. Reprodução das aves. Sistemas de produção e criação de frangos de corte, de matrizes e poedeiras comerciais. Instalações e equipamentos para granjas de frangos de corte, matrizes e poedeiras comerciais. Manejo geral de frangos de corte, matrizes de corte e poedeiras comerciais. Água na produção de aves. Ambiência na criação de aves. Manejo sanitário e profilático em avicultura. Biossegurança em granjas avícolas.		
Bibliografia básica:		

ALBINO, Luiz Fernando Teixeira. **Como montar e operar um pequeno abatedouro de frangos**. Viçosa: CPT.
 ARENALES, Maria do Carmo. **Criação orgânica de frangos de corte e aves de postura**. Viçosa: CPT.
 BERTECHINI, Antonio Gilberto. **Nutrição de monogástricos**. Lavras: UFLA/FAEPE, 2006.
 CAMPOS, Egladson João. **Avicultura: razões, fatos e divergências**. Belo Horizonte: MG FEP-MVZ, 2000.
 COTTA, Tadeu. **Produção de frangos de corte**. Viçosa: CPT.

Bibliografia Complementar:

MALAVAZZI, G. **Manual de criação frango de corte**. 2. ed. São Paulo: Nobel, 1992.
 MENDES, Ariel Antônio; NÄÄS, Irenilza de Alencar; MACARI, Marcos. **Produção de frangos de corte**. Campinas: FACTA, 2004.
 PUPA, Júlio Maria Ribeiro. **Galinhas poedeiras cria e recria**. Viçosa: CPT.

Unidade Curricular: TOPOGRAFIA I	40 h/a	30 h/r
Ementa: Introdução à topografia. Sistemas de coordenadas. Superfícies de referência. Classificação dos erros de observação. Unidades de medida utilizadas em topografia. Escalas. Normas para execução de levantamentos topográficos e de georreferenciamento. Cartas, mapas e plantas. Medição de distâncias. Medição de direções. Orientação e goniometria. Planimetria. Levantamento topográfico planimétrico. Cálculo de áreas. Memorial descritivo.		
Bibliografia Básica:		
CASACA, J. M.; MATOS, J. L.; DIAS, J. M. B. Topografia Geral . 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2007.		
COMASTRI, J. A. Topografia Aplicada: medição, divisão e demarcação . Viçosa: UFV, 2002.		
FITZ, P.R. Cartografia Básica . São Paulo: Oficina de Textos, 2008.		
GARCIA, G. J.; PIEDADE, G. C. R. Topografia Aplicada às ciências agrárias . 5. ed. São Paulo: 1984.		
MCCORMAC, J. Topografia . 5. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2007.		
Bibliografia Complementar:		
BORGES, A. de C. Exercícios de Topografia . 3. ed. São Paulo: Edgard Blucher, 2001.		
ESPARTEL, L. Curso de topografia . 7. ed. Porto alegre, Globo, 1980.		
VEIGA, L. A. K.; ZANETTI, M. A. Z.; FAGGION, P. L. Fundamentos de Topografia . Apostila. Curitiba: UFPR, 2007.		

Unidade Curricular: OLERICULTURA I	60 h/a	45 h/r
Ementa: Introdução à olericultura (importância, divisões da fitotecnia, explorações olerícolas, classificação comercial das olerícolas). Influências dos fatores climáticos. Métodos de propagação de hortaliças. Nutrição mineral de hortaliças. Plasticultura. Principais aplicações do plástico na agricultura. Principais tipos de estufas, manejo das estufas. Cultivo hidropônico. Métodos de produção de hortaliças: folhas, hastes e flores. Cultura das compostas – alface, almeirão, e chicória (importância econômica e alimentar, descrição botânica, cultivares, exigências climáticas, solo e seu preparo, época de plantio, nutrição e adubação, tratos culturais, colheita, classificação e embalagem, comercialização). Cultura das brássicas - repolho, couve-flor, brócolo e couve de folha (importância econômica e alimentar, descrição botânica, cultivares, exigências climáticas, solo e seu preparo, época de plantio, nutrição e adubação, tratos culturais, colheita, classificação e embalagem, comercialização).		
Bibliografia Básica:		
ABREU JÚNIOR, E. coord. Práticas Alternativas de controle de Pragas e doenças . Campinas: EMOPI, 1998.		
EMBRAPA-CNPQ. Boletins informativos sobre cultivos Olerícolas . Ministério de Agricultura e Abastecimento. Brasília: 2000.		
EMBRAPA-CNPQ. Principais Cultivos Olerícolas . Ministério de Agricultura e Abastecimento. Brasília: 1997.		
FILGUEIRA, F.A.R. Manual de Olericultura . São Paulo: Agronômica Ceres, 2003.		
Ministério da Agricultura. AGROFIT . Brasília: 2005.		
SOUZA, J. L.; RESEA, P. Manual de Horticultura Orgânica . 2. ed. Aprenda fácil. Viçosa: 2006.		

Bibliografia Complementar:

SOUZA, J. L.; RESEA, P. **Manual de Horticultura Orgânica**. 2. ed. Viçosa: Aprenda fácil, 2006.
 YOSHIMURA, A.; YOSHIDA, A.; JAMPANI, MG. **Plasticultura** - uma nova Tecnologia. Biritiba Mirim, 1995. (Apostila mimeografada)
 CHITARRA, M. I. F.; CHITARRA, A. B. **Pós-Colheita de Frutos e Hortalças**: Fisiologia e Manuseio. Lavras: ESALQ/FAEPE, 1990.

6º Período**Unidade Curricular: LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA 6****40 h/a****30 h/r**

Ementa: Leitura e produção de textos. Critérios de produção e recepção de textos para o ENEM. Reflexão linguística. Estratégias de argumentação. Operadores argumentativos. O Modernismo no Brasil, em Portugal e nos Países Africanos.

Bibliografia Básica:

ABREU, A. S. **A arte de argumentar**: gerenciando razão e emoção. Cotia: Ateliê Editorial, 2006.
 CEREJA, W. **Literatura Portuguesa em diálogo com outras literaturas de língua portuguesa**. São Paulo: Atual, 2009.
 CITELLI, A. **O texto argumentativo**. São Paulo: Scipione, 1994.
 _____. **Linguagem e persuasão**. São Paulo: Ática, 2000.
 KOCH, I. V. **Argumentação e Linguagem**. São Paulo: Contexto, 1996.

Bibliografia Complementar:

COSTA VAL, M. T. **Redação e textualidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
 NICOLA, J. **Literatura Brasileira**: das origens aos nossos dias. São Paulo: Scipione, 2002.
 _____. **Literatura Portuguesa**: das origens aos nossos dias. São Paulo: Scipione, 2002.

Unidade Curricular: EMPREENDEDORISMO**40 h/a****30 h/r**

Ementa: Mercado atual e laboralidade. Bases do empreendedorismo. Modelo de negócio. Ambientes de apoio ao empreendedorismo. Planos de negócios.

Bibliografias Básica:

CHIAVENATO, I. **Introdução a Teoria Geral da Administração** – Edição compacta. 3. ed. Rio de Janeiro: Campus, 2004.
 DOLABELA, F. **Oficina do Empreendedor**- A Metodologia de Ensino Que Ajuda a Transformar Conhecimento em Riqueza. Rio de Janeiro: Sextante, 2008.
 DORNELAS, J. C. A. **Empreendedorismo**: transformando idéias em negócios. 2. ed. Rio de Janeiro: Campus, 2005.
 DRUCKER, P. **Inovação e espírito empreendedor**: entrepreneurship - prático e princípios. São Paulo: Pioneira Thompson, 2003.
 PASSOS, C. R. M. NOGAMI, O. **Princípios de economia**. São Paulo: Pioneira, 2005.

Bibliografia Complementar:

DOLABELA, F. **Oficina do Empreendedor** - A Metodologia de Ensino Que Ajuda a Transformar. São Paulo: Cultura, 1999.
 DORNELAS, J. C. A. **Planos de Negócios que dão certo**. Rio de Janeiro: Campus, 2007.
 DOLABELA, F.; FILION, L. J. **Boa Idéia! E Agora?** São Paulo: Cultura, 2000.

Unidade Curricular: PROJETO INTEGRADOR 2**40 h/a****30 h/r**

Ementa: A ser indicada pelo professor responsável de acordo com a proposta do aluno.

Bibliografia Básica:

ANDRADE, M. M. de. **Introdução a metodologia do trabalho científico**. 10. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
 LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber**: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.
 LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo:

EPU, 1986.
 MATTAR, JOÃO. **Metodologia Científica na era da informática**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2005.
 MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 24. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1993.

Bibliografia Complementar:

SAMPIERI, ROBERTO HERNANDES. **Metodologia da pesquisa**. 3. ed. MCGRAW HILL – ARTMED, 2006.
 LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia do trabalho científico**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2007.
 MALHEIROS, B. T. **Metodologia da pesquisa em educação**. LTC, 2011.

Unidade Curricular: EDUCAÇÃO FÍSICA 6	20 h/a	15 h/r
Ementa: Explicitação dos princípios técnicos e táticos de um ou dois esportes não trabalhados. Investigação sobre os conhecimentos do corpo, aptidão física e saúde: alimentação. Trabalho de urgência e emergência técnicas de primeiros socorros. Produção e organização de um evento esportivo.		
Bibliografia básica: DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. (Coords.). Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica . Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. LIMA, Valquíria de. Ginástica Laboral - Atividade Física no Ambiente de Trabalho . São Paulo: Phorte, 2003. MATTOS, Mauro G. de; NEIRA, Marcos G. Educação Física na Adolescência . São Paulo: Phorte, 2004. MELO, Victor A. de. História da Educação Física e do Esporte Brasil - Panorama e Perspectivas . São Paulo: Ibrasa, 2006. PAES, Roberto R; BALBINO, Hermes F. Pedagogia do Esporte: contextos e perspectivas . Rio de Janeiro: Guanabara, 2005.		
Bibliografia complementar: ABDALLAH, A. J. Flexibilidade e alongamento: saúde e bem-estar . São Paulo: Manole, 2009. FENSTERSEIFER, Paulo E.; GONZÁLEZ, Fernando J. Dicionário Crítico de Educação Física - Col. Educação Física . Ijuí: Unijui, 2005. MACPHERSON, Brian; ROSS, Lawrence M.; GILROY, Anne M. Atlas de anatomia . Rio de Janeiro: Guanabara, 2008.		

Unidade Curricular: FÍSICA 5	60 h/a	45 h/r
Ementa: Estudo dos conceitos de eletricidade estática e dinâmica, suas aplicações e consequências no dia-a-dia. Reconhecimento das instalações elétricas residenciais.		
Bibliografia básica BARRETO, B. F.; SILVA, C. X. Física aula por aula . São Paulo: FTD, 2010. 3 v. GASPARELLO, A. Física Série Brasil . São Paulo: Ática, 2004. GONÇALVES, A.; TOSCANO, C. Física e Realidade . São Paulo: Scipione, 2003. MÁXIMO, A.; ALVARENGA, B. Curso de Física . São Paulo: Scipione, 2008. 1, 2 e 3 v. SAMPAIO, J. L.; CALÇADA, C. S. Física . São Paulo: Atual, 2003.		
Bibliografia complementar HALLIDAY, D.; RESNICK, R. Fundamentos de Física . 8. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008. HEWITT, P. G. Física Conceitual . 9. ed. Porto Alegre: Bookman, 2008. NUSSENZVEIG, M. H. Curso de Física Básica . 4. ed. São Paulo: Edgard Blucher, 2009.		

Unidade Curricular: GESTÃO RURAL	40 h/a	30 h/r
Ementa: Teorias da administração, administração e economia rural: área, função e níveis; áreas empresariais: produção, finanças, recursos humanos, comercialização e marketing. Introdução a economia: Teoria do valor, macroeconomia (agregados econômicos, política cambial, tributária e fiscal) e microeconomia. Características peculiares do setor rural. O contexto das empresas rurais –		

ambiente interno, operacional e geral. Pontos fortes e pontos fracos da empresa rural. Recursos de produção. Depreciação. Cálculo da renda bruta, margem bruta e lucro. Análise de viabilidade – valor presente líquido. Canais de distribuição. Desenvolvimento agrário (nacional e regional). Transformação da sociedade brasileira. Associativismo e cooperativismo: Conceitos, organização e legislação. Metodologias participativas de planejamento rural. Agronegócio e agricultura familiar: Organização e importância. Extensão rural: Conceitos, importância, comunicação, métodos e técnicas de extensão. Política agrícola: crédito, comercialização (conceitos, processos, níveis e canais – BMF), preço mínimo, estoques reguladores, pesquisa, assistência técnica, seguro agrícola, projetos agropecuários de custeio e investimento (elaboração).

Bibliografia Básica:

HOFFMAN, R. **Administração Empresa Agrícola**. São Paulo: Pioneira, 1984.
 MENDES, J. T. G. **Economia agrícola: princípios básicos e aplicações**. 15. ed. Curitiba: SCIENTIA ET LABOR, 1989.
 NORONHA, J.F. **Projetos Agropecuários: Administração Financeira, Orçamentação e Administração Econômica**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1987.
 REIS, A. J. **Custo de produção agrícola**. Belo Horizonte: Inf. Agropecuário, 1996.
 VEIGA, J. E. da. **O desenvolvimento agrícola**. São Paulo: HUCITEC, 1991.

Bibliografia Complementar:

LIMA, A. P. de; et al. **Administração da unidade de produção familiar: modalidade de trabalho com agricultores**. Ijuí: UNIJUI, 1995.
 REIS, A. J.; CARVALHO, F. A. P. **Comercialização agrícola no contexto agroindustrial**. Lavras: UFLA/FAEP, 1999.
 ZYLBERSZTAJN, D.; NEVES, M. **Economia e gestão dos negócios agroalimentares**. São Paulo: Pioneira, 2000.

Unidade Curricular: FILOSOFIA 6	20 h/a	15 h/r
Ementa: Estética Filosófica. A questão do gosto artístico; Indústria Cultural.		
Bibliografia Básica:		
ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. Dialética do Esclarecimento . Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.		
BAYER, Raymond. História da estética . Trad. José Saramago. Lisboa: Estampa, 1995.		
JIMENEZ, Marc. O que é estética? São Leopoldo: Unisinos, 1999. (Focus).		
LACOSTE, Jean. A filosofia da arte . Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.		
ROSENFELD, Kathrin H. Estética . Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.		
Bibliografia Complementar:		
ADORNO, Theodor W. Indústria cultural e sociedade . 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.		
EAGLETON, Terry. Ideologia da estética . Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.		
NIETZSCHE, Friedrich. O nascimento da tragédia: ou helenismo e pessimismo . 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.		

Unidade Curricular: SOCIOLOGIA 6	20h/a	15 h/r
Ementa: Instituições sociais. Cidadania e política. A formação da concepção de cidadania moderna. Direitos civis, políticos, sociais e humanos.		
Bibliografia Básica:		
AZZOLIN, Cida. Te Liga . Antologia sociológica. 2. ed. Tapera: Lew, 2010.		
FREIRE-MEDEIROS, Bianca; BOMENY, Helena. Tempos Modernos, Tempos de Sociologia . São Paulo: Editora do Brasil, 2010. Col. Aprender Sociologia.		
GIDDENS, Antony. Sociologia . Porto Alegre: Artmed, 2006.		
OLIVEIRA, Pérsio. Introdução à sociologia . Série Brasil. 25. ed. São Paulo: Ática, 2004.		
PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla (org.). História da cidadania . São Paulo: Contexto, 2003.		
Bibliografia Complementar:		
MARTINS, Carlos B. O que é sociologia? São Paulo: Brasiliense, 2004.		
ORTIZ, Renato. Cultura brasileira e identidade nacional . São Paulo: Brasiliense, 2003.		
TOMAZI, Nelson D. et al. Iniciação à sociologia . 2. ed. São Paulo: Atual, 2000.		

Unidade Curricular: MATEMÁTICA 6	60 h/a	45 h/r
Ementa: Polinômios. Equações polinomiais. Números complexos. Matemática Financeira.		
Bibliografia Básica: DANTE, Luiz R. Matemática Contexto e Aplicações . São Paulo: Ática, 2000. 3 v. GIOVANNI, José R.; BONJORNO, José R. Matemática Fundamental: Uma nova abordagem . São Paulo: FTD, 2001. IEZZI, G.; HAZZAN, S. Fundamentos de Matemática Elementar . 7. ed. São Paulo: Atual, 2004. 6 e 11v. MACHADO, Antonio dos S. Matemática Temas e Metas . São Paulo: Atual, 1986. PAIVA, Manoel. Matemática . São Paulo: Moderna, 2005. 3 v.		
Bibliografia Complementar: DOLCE, Osvaldo. Matemática . 4. ed. São Paulo: Atual. 2007. FACCHINI, Walter. Matemática . 2. ed. São Paulo: Saraiva, 1997. GOULART, Marcio C. Matemática no Ensino Médio . São Paulo: Scipione, 1999. 3 v.		

Unidade Curricular: QUÍMICA 6	40 h/a	30 h/r
Ementa: Reações Orgânicas. Bioquímica (Aminoácidos, proteínas, ácidos nucléicos, carboidratos e lipídeos). Polímeros. Petróleo e Hulha.		
Bibliografia Básica FELTRE, Ricardo. Química . 7. ed. São Paulo: Moderna, 2008. 2 v. FONSECA, M. R. M. Interatividade Química . São Paulo: FTD, 2003. FRANCO, D. Química – processos naturais e tecnológicos . São Paulo: FTD, 2010. PERUZZO, F. M.; CANTO, E. L. Química na abordagem do cotidiano . 4. ed. São Paulo: Moderna, 2007. 2 v. USBERCO, J.; SALVADOR, E. Físico-química . 12. ed. São Paulo: Saraiva, 2006.		
Bibliografia Complementar KNOTHE, G.; KRAHL, J.; GERPEN, J.V.; RAMOS, L. P. Manual de Biodiesel . São Paulo: Edgard Blucher, 2006. MANO, E. B.; MENDES, L. C. Introdução a Polímeros . 2. ed. São Paulo: Edgard Blucher, 1999. MORITA, T.; ASSUMPCÃO, R. M. V. Manual de Soluções, Reagentes e Solventes . 2. ed. revista. São Paulo: Edgard Blucher, 2007.		

Unidade Curricular: BOVINOCULTURA DE CORTE	40 h/a	30 h/r
Ementa: Situação atual e perspectivas para a bovinocultura de corte nacional e regional. Principais raças produtoras de carne. Escore de condição corporal. Manejo nutricional. Sistemas de criação. Controle zootécnico da criação - conceito, importância, métodos. Sistemas de identificação dos animais. Manejo das diversas fases de criação – cria, recria e terminação. Ambiente e comportamento animal. Preparo de animais para leilões, exposições. Dimensão e manejo das instalações e equipamentos para diferentes categorias de gado de corte. Manejo e controle sanitário. Procedimentos de limpeza de instalações e equipamentos. Manejo reprodutivo: inseminação artificial, capacidade de ganho de peso.		
Bibliografia Básica: EMBRAPA. Coletânea das Pesquisas - Gado de Corte . EMPRESA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA BRASILEIRA. Bagé: 1987. LANA, R.P. Nutrição e alimentação animal: mitos e realidades . 2. ed. Viçosa: UFV, 2002. LAZZARINI NETO, S. Engorda a pasto . Paraíso: SDF, 1994. OSÓRIO, P.O.C. Bovinos de corte . UFPEL, 1993. MARQUES, Dorcimar da Costa. Criação de Bovino . Consultoria Veterinária e Publicações: Belo Horizonte, 2003.		
Bibliografia Complementar: SANTOS, R. Nelore a vitória brasileira . Uberaba: Agropecuária tropical, 2000. ROVIRA, J. Reproduccion y manejo de los rodeos de cria . Hemisferio Sur, 1974. MIES, A. Reprodução dos animais . 6. ed. Porto Alegre: Sulina, 1987. 1 v.		

Unidade Curricular: HISTÓRIA 4	40 h/a	30 h/r
Ementa: Ciência, técnicas e tecnologias. A Organização da República (1889-1894). A República Oligárquica. As Revoltas Populares na República Oligárquica. Economia e Sociedade na República Velha. A Primeira Guerra Mundial. A Revolução Russa. A Crise da Sociedade Liberal. A Crise da República Oligárquica. O Governo Provisório (1930 - 1934). O Período Constitucional. Estado Novo. A Segunda Guerra Mundial. Brasil de Dutra a Juscelino Os governos Jânio Quadros e João Goulart. Governos Militares. Os Governos Sarney e Collor. Os Governos Itamar Franco, Fernando Henrique Cardoso e Luiz Inácio Lula da Silva. A Guerra Fria. A Descolonização. Países Periféricos. A Crise do Socialismo. Globalização.		
Bibliografia Básica: ARRUDA, José J. de A.; PILETTI, Nelson. Toda a história - história geral e do Brasil. São Paulo: Ática, 2007. KOSHIBA, Luiz. História do Brasil no contexto da História Ocidental : ensino médio. 8. ed. rev., atual e ampl. São Paulo: Atual, 2003. VICENTINO, Cláudio. História Geral : ensino médio. São Paulo: Scipione, 2002. VICENTINO, Cláudio; DORIGO, Gianpaolo. História Geral e do Brasil . São Paulo: Scipione, 2010. MOTA, Myriam B.; BRAICK, Patrícia R. História das cavernas ao Terceiro Milênio . São Paulo: Moderna, 2004.		
Bibliografia Complementar: CAMPOS, Flávio de; DOLHNIKOFF, Miriam. Atlas – História do Brasil . São Paulo: Scipione. 1998. FRANCO, Jr. Hilário; ANDRADE Filho, R. de O. Atlas – História Geral . São Paulo: Scipione, 1997. SOUZA, Marina de M. África e Brasil africano . São Paulo: Ática, 2006.		

Unidade Curricular: DEFENSIVOS AGRÍCOLAS	40 h/a	30 h/r
Ementa: Conceito de defensivos agrícola. Importância, classificação toxicológica e grupos químicos dos defensivos. Época de aplicação. Atividade ou seletividade dos defensivos. Toxicologia dos defensivos. Formulações. Tecnologia de aplicação.		
Bibliografia Básica: ANDREI, E. (Ed). Compêndio de defensivos agrícolas . 6. ed. São Paulo: Andrei, 1999. DEUBER, R. Ciência das plantas daninhas : Fundamentos. Jaboticabal: FUNEP, 1992. 1 v. DEUBER, R. Ciência das plantas infestantes : Manejo. Campinas: 1997. 2 v. BASCH, E. Aplicação de herbicidas em pastagens . In: HERTWIG, K. von. Manual de herbicidas, desfolhantes, dessecantes e fitorreguladores. São Paulo: Agronômica Ceres, 1977. LORENZI, H. Manual de identificação e controle de plantas daninhas : plantio direto e convencional. 4. ed. Nova Odessa: Plantarum, 1994.		
Bibliografia Complementar: LORENZI, H. Plantas daninhas do Brasil : terrestres, aquáticas, parasitas e tóxicas. 3. ed. Nova Odessa: Plantarum, 2000. TOKARNIA, C. H.; DÖBEREINER, J.; PEIXOTO, P. V. Plantas tóxicas do Brasil . Rio de Janeiro: Helianthus, 2000. BURG, C.I.; MAYER, H.P. 1999. Alternativas ecológicas para prevenção e controle de pragas e doenças . Francisco Beltrão: Pr. GRAFIT, 1999.		

Unidade Curricular: CULTURAS ANUAIS I	60 h/a	45 h/r
Ementa: Culturas: Arroz, Milho, Trigo, Cana-de-Açúcar e Algodão: origem, taxonomia, hábito de crescimento, exigências climáticas, exigências nutricionais, produção de sementes, cultivares, instalação da lavoura, regulagem; de semeadora/adubadora, manejo de pragas, manejo de invasoras, manejo de doenças e colheita.		
Bibliografia básica: BELTRÃO, N. E. de M. (Org.). O Agronegócio do Algodão no Brasil . Brasília: Embrapa-CTT/EMBRAPA-CNPA. 1999. 1 e 2 v. CASAGRANDE, A. A. Tópicos de morfologia e fisiologia da cana-de-açúcar . Jaboticabal: FUNEP, 1991. FANCELLI, A. L.; DOURADO NETO, D. Produção de milho . Guaíba: Agropecuária, 2004. FORNASIERI FILHO, D.; FORNASIERI, J. L. Manual da cultura do arroz . Jaboticabal: FUNEP,		

1993.

KERSMANN, K. G. **Problemas sanitários da cultura de trigo**. São Paulo: BASF, 1977.**Bibliografia Complementar:**CIA, E.; FREIRE, E. C.; SANTOS, W. J. **Cultura do Algodoeiro**. Piracicaba: Potafos, 1999.LIMA, G. A. **Cultura do milho**. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 1976.OSÓRIO, E.A. **A cultura do trigo**. São Paulo: Globo, 1992.

Unidade Curricular: TOPOGRAFIA II	40 h/a	30 h/r
Ementa: Altimetria ou Nivelamento. Levantamento topográfico planialtimétrico. Construção de perfil topográfico. Sistematização de terreno. Construção de curva de nível. Utilização de sistema de posicionamento global. Cálculo de coordenadas. Levantamentos através de sistema de posicionamento global. Modelos numéricos de terrenos. Uso do sistema de informação geográfica. Noções de sensoriamento remoto.		
Bibliografia Básica:		
ASSAD, E.; SANO, E. E. Sistema de Informações Geográficas: Aplicações na Agricultura . Brasília: EMBRAPA, 1998.		
COMASTRI, J. A.; TULER, J. C. Topografia: altimetria . Viçosa: Imprensa Universitária, 1980.		
FITZ, P.R. Cartografia Básica . São Paulo: Oficina de Textos, 2008.		
LAMPARELLI, R. A. C.; ROCHA, J. V.; BORGHI, E. Geoprocessamento e agricultura de precisão. Fundamentos e aplicações . Guaíba: Agropecuária, 2001.		
MCCORMAC, J. Topografia . 5. Ed. Rio de Janeiro: LTC, 2007.		
Bibliografia Complementar:		
CASACA, J. M.; MATOS, J. L.; DIAS, J. M. B. Topografia Geral . 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2007.		
ESPARTEL, L. Curso de topografia . 7. ed. Porto alegre: Globo, 1980.		
VEIGA, L. A. K.; ZANETTI, M. A. Z.; FAGGION, P. L. Fundamentos de Topografia . Apostila. Curitiba: UFPR, 2007.		

Unidade Curricular: OLERICULTURA II	40 h/a	30 h/r
Ementa: Métodos de produção de hortaliças: Cultura das solanáceas - tomate, pimentão, pimentas, berinjelas etc. (importância econômica e alimentar, descrição botânica, cultivares, exigências climáticas, solo e seu preparo, época de plantio, nutrição mineral, adubação, tratos culturais, colheita, classificação e embalagem, comercialização). Cultura das cucurbitáceas - abóbora, moranga, melancia, pepino e melão etc. (importância econômica e alimentar, descrição botânica, exigências climáticas, solo e seu preparo, época de plantio, nutrição e adubação, tratos culturais, colheita, classificação e embalagem, comercialização). Cultura de batata (importância econômica e alimentar, descrição botânica, variedades, exigências climáticas, solo e seu preparo, época de plantio, nutrição e adubação, tratos culturais, colheita, classificação e embalagem, comercialização). Cultura das umbelíferas - cenoura e mandioquinha salsa (importância econômica e alimentar, descrição botânica, variedades, exigências climáticas, solo e seu preparo, época de plantio, nutrição e adubação, tratos culturais, colheita, classificação e embalagem, comercialização). Cultura da cebola (importância econômica e alimentar, descrição botânica, variedades, exigências climáticas, solo e seu preparo, época de plantio, nutrição e adubação, tratos culturais, colheita, classificação e embalagem, comercialização). Cultura do alho (importância econômica e alimentar, descrição botânica, variedades, exigências climáticas, solo e seu preparo, época de plantio, nutrição e adubação, tratos culturais, colheita, classificação e embalagem, comercialização). Cultura da beterraba (importância econômica e alimentar, descrição botânica, variedades, exigências climáticas, solo e seu preparo, época de plantio, nutrição e adubação, tratos culturais, colheita, classificação e embalagem, comercialização).		
Bibliografia Básica:		
BORNE, H. R. Produção de mudas de hortaliças . Guaíba: Agropecuária, 1999.		
EMBRAPA-CNPB. Boletins informativos sobre cultivos Olerícolas . Ministério de Agricultura e Abastecimento. Brasília: 2000.		
EMBRAPA-CNPB. Principais Cultivos Olerícolas . Ministério de Agricultura e Abastecimento. Brasília: 1997.		
FILGUEIRA, F. A. R. Novo Manual de Olericultura – Agrotecnologia moderna na produção e		

comercialização de hortaliças. 3. ed. Viçosa: UFV, 2008.
 TORRES, M. A. P.; TORRES, P. G. V. **Guia do Horticultor**. Porto Alegre: Rigel, 2009.

Bibliografia Complementar:

EMBRAPA-CNPQ. **Boletins informativos sobre Olericultura**. Brasília: 1997.
 DE LIZ, R. S.; CARRIJO, O. A. **Substratos para produção de mudas e cultivos de hortaliças**. Embrapa, 2008.
 SOUZA, J. L.; RESEA, P. **Manual de Horticultura Orgânica**. 2. ed. Viçosa: Aprenda fácil, 2006.

7º Período

Unidade Curricular: LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA 7	40 h/a	30 h/r
Ementa: Leitura e produção de textos. Critérios de produção e recepção de textos para o ENEM. Reflexão lingüística. Estratégias de argumentação. Elementos de coesão e coerência no texto argumentativo. Tendências contemporâneas na literatura. Poesia marginal. Tropicalismo. Poesia concreta. Infopoesia. Autores renomados da atualidade: Mia Couto (moçambicano), José Saramago (português) e Manoel de Barros (brasileiro).		
Bibliografia Básica: ABREU, A. S. A arte de argumentar: gerenciando razão e emoção . São Paulo: Ateliê Editorial, 2006. CEREJA, W. Literatura Portuguesa em diálogo com outras literaturas de língua portuguesa . São Paulo: Atual, 2009. CITELLI, A. O texto argumentativo . São Paulo: Scipione, 1994. _____. Linguagem e persuasão . São Paulo: Ática, 2000. KOCH, I. V. Argumentação e Linguagem . São Paulo: Contexto, 1996.		
Bibliografia Complementar: COSTA VAL, M. T. Redação e textualidade . São Paulo: Martins Fontes, 2006. NICOLA, J. Literatura Brasileira: das origens aos nossos dias . São Paulo: Scipione, 2002. _____. Literatura Portuguesa: das origens aos nossos dias . São Paulo: Scipione, 2002.		

Unidade Curricular: COMUNICAÇÃO TÉCNICA	40 h/a	30 h/r
Ementa: Texto técnico. Texto dissertativo. Texto argumentativo. Elementos do texto. Normas de metodologia científica.		
Bibliografia Básica: MAGALHÃES, G. Introdução a metodologia da pesquisa: caminhos da ciência e tecnologia . São Paulo: Ática, 2005. MACHADO, A. R. Planejar gêneros acadêmicos . São Paulo: Parábola Editorial, 2005.		

Unidade Curricular: PROJETO INTEGRADOR 3	80 h/a	60 h/r
Ementa: A ser indicada pelo professor responsável de acordo com a proposta do aluno.		
Bibliografia Básica: ANDRADE, M. M. de. Introdução a metodologia do trabalho científico . 10. ed. São Paulo: Atlas, 2010. LAVILLE, C.; DIONNE, J. A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas . Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999. LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas . São Paulo: EPU, 1986. MATTAR, J. Metodologia Científica na era da informática . 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2005. MINAYO, M. C. de S. Pesquisa social: teoria, método e criatividade . 24 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1993.		
Bibliografia Complementar: SAMPIERI, R. H. Metodologia da pesquisa . 3. ed. MCGRAW HILL – ARTMED, 2006. LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. DE A. Metodologia do trabalho científico . 7. ed. Atlas, 2007. MALHEIROS, B. T. Metodologia da pesquisa em educação . LTC, 2011.		

Unidade Curricular: CRIAÇÕES ALTERNATIVAS	60 h/a	45 h/r
Ementa: Importância social, econômica e ambiental de criações alternativas, baseadas na vocação regional; Estudo das características morfológicas e fisiológicas das várias alternativas de espécies; Ambiência inerente a cada criação; Manejo aplicado as diferentes criações. Controle sanitário e profilático.		
Bibliografia Básica: ADAMS, H. Richard. Farmacologia e terapêutica em veterinária . 8. ed. São Paulo: Guanabara Koogan, 2003. ANDRIGUETTO, José Milton; PERLY, L. Nutrição animal . São Paulo: Nobel. 1 e 2 v. BUFARAH, Paulo Bardauil; ALCANTARA Gilberto. Plantas forrageiras: gramíneas e leguminosas . 5. ed. São Paulo: Nobel, 2004. HOSKEN, Fábio Morais. Criação de Pacas . Cuiabá: SEBRAE MT, 1999. LANA, Rogério de Paula. Sistema Viçosa de Formulação de Rações . Viçosa: UFV, 2009.		
Bibliografia Complementar: PINHEIRO, Max Silva; SILVA, Júlio José Centeno da; RODRIGUES, Rubens Cassel. Utilização sustentável e domesticação da capivara . Pelotas: EMBRAPA RS, 2001. PINHEIRO, Max Silva. Conservação, manejo e utilização comercial dos Crocodilianos, com ênfase para o Brasil . Pelotas: EMBRAPA RS, 2000. SOUZA, E. Ceci P. M. de; TEIXEIRA FILHO, Alcides R. Piscicultura fundamental . 3. ed. São Paulo: Nobel, 1985.		

Unidade Curricular: OVINOCULTURA	40 h/a	30 h/r
Ementa: Introdução, situação e perspectivas da ovinocultura nacional e mundial. Finalidades da ovinocultura. Características das diferentes raças e aptidões dos ovinos. Manejo dos animais do nascimento ao abate em diferentes sistemas de produção. Manejo reprodutivo dos ovinos para as diferentes categorias. Manejo nutricional dos ovinos. Fatores ambientais que afetam a ovinocultura. Estudo da lã e das formas de tosquia em ovinos. Condutas de manejo leiteiro para ovinos. Cronogramas de implantação e de manejo de cabanhas. Diagnóstico, profilaxia e tratamento das principais doenças.		
Bibliografia Básica: ANDRIGUETTO, J.M. Nutrição animal . 1. ed. São Paulo: Nobel, 2002. 1 e 2 v. COIMBRA, F. A. Técnicas de criação de ovinos . 2. ed. Guaíba: Agropecuária, 1997. JARDIM, W. R. Os ovinos . 4. ed. São Paulo: Nobel, 1983. MIES, A. Reprodução dos animais . 6. ed. Porto Alegre: Sulina, 1987. 1 v. PEREIRA, J. C. C. Melhoramento genético aplicado à produção animal . 5. ed. Belo Horizonte: UFMG/FEP MVZ, 2008.		
Bibliografia Complementar: CORRADELLO, E. F. A. Criação de ovinos: antiga e continua atividade lucrativa . Col. Brasil Agrícola, São Paulo: Ícone, 1998. LANA, R. P. Nutrição e alimentação animal: mitos e realidades . 2. ed. Viçosa: UFV, 2002. SOUZA, I. G. A ovelha, manual prático zootécnico . Porto Alegre: Pallotti, 1994.		

Unidade Curricular: FÍSICA 6	60 h/a	45 h/r
Ementa: Estudo dos conceitos relacionados ao Magnetismo e Eletromagnetismo, e descrição do funcionamento dos motores elétricos e geração de energia elétrica. Análise das questões sobre Relatividade Restrita e Estrutura da Matéria.		
Bibliografia Básica: BARRETO, B. F.; SILVA, C. X. Física aula por aula . São Paulo: FTD, 2010. 3 v. GASPAR, A. Física Série Brasil . São Paulo: Ática, 2004. GONÇALVES, A.; TOSCANO, C. Física e Realidade . São Paulo: Scipione, 2003. MÁXIMO, A.; ALVARENGA, B. Curso de Física . São Paulo: Scipione, 2008. 1, 2 e 3 v. SAMPAIO, J. L.; CALÇADA, C. S. Física . São Paulo: Atual, 2003.		
Bibliografia Complementar: BONJORNO, R. A.; BONJORNO, J. R.; BONJORNO, V.; RAMOS C.M. Física Fundamental . São		

Paulo: FTD, 1999.
 HALLIDAY, D.; RESNICK, R. **Fundamentos de Física**. 8. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
 YOUNG, H. D.; FREEDMAN, R. A. **Física I, II, III e IV**. 12. ed. São Paulo: Addison Wesley, 2008.

Unidade Curricular: AGROINDUSTRIALIZAÇÃO	40 h/a	30 h/r
<p>Ementa: Aspectos físico-químico e microbiológico dos alimentos. Segurança alimentar. Controle de qualidade: APPCC. Aspectos sanitários e higiênicos dos alimentos. Qualidade da água. Conservação de alimentos pelo frio e pelo calor, pelo controle de atividade de água, por defumação, por fermentação e por irradiação. Uso de aditivos. Estudo da matéria-prima vegetal. Tecnologia de frutas: conservas de frutas: frutas carnosas, suculentas e secas. Tecnologia de hortaliças: conserva de legumes e picles. Embalagens. Legislação vigente. Classificação das carnes. Manejo de abate. Qualidade da carne e seus atributos. Rígor mortis, maturação e decomposição. Cortes de carne. Embutidos. Legislação para produtos cárneos. Composição do leite. Obtenção higiênica do leite. Pasteurização e ultra pasteurização. Determinação de conservadores e fraudes no leite. Produção dos derivados do leite.</p>		
<p>Bibliografia Básica: ABREU, Luiz Ronaldo de. Processamento de leite e tecnologia de produtos lácteos. Lavras: UFLA/FAEPE. ALTERTHUM, Flávio; TRABULSI, Luiz Rachid. Microbiologia. 5. ed. Rio de Janeiro: Atheneu, 2008. ANDRADE, N.J.; MACÊDO, J.A.B. Higienização na Indústria de Alimentos. São Paulo: Varela, 1996. ARAÚJO, Júlio Maria A. Química de alimentos. 4.ed. Minas Gerais: UFV, 2008. BOBBIO, P. A.; BOBBIO, F. O. Química do Processamento de Alimentos. 2. ed. São Paulo: Varela, 1995.</p>		
<p>Bibliografia Complementar: CHITARRA, M. I. F. Processamento mínimo de frutos e hortaliças. Viçosa: CPT. CRUZ, G. A. Desidratação de Alimentos. 2. ed. São Paulo: Globo, 1989. RIEDEL, G. Controle Sanitário dos Alimentos. 2. ed. São Paulo: Livraria Atheneu, 1992.</p>		

Unidade Curricular: SILVICULTURA	40 h/a	30 h/r
<p>Ementa: Código florestal brasileiro (conhecimento e suas aplicações). Identificação as características das diferentes essências florestais nativas de nossa região. Levantamento, caracterização das diferentes essências florestais nativas e reconhecimento da importância das mesmas no aspecto econômico e conservacionista.</p>		
<p>Bibliografia básica: CARVALHO, P. E. R. Espécies Arbóreas Brasileiras. Embrapa, 2003. 1 v. COSTA, E. C. Entomologia Florestal. Santa Maria: UFSM, 2008. COSTA, M. A. S. Silvicultura geral. Lisboa: Francisco Franco Lola, 1980. GALVÃO, A. P. M. Reflorestamento de propriedades rurais para fins produtivos e ambientais. Embrapa, 2000. MACEDO, R. L. G.; DO VALE, A. B.; VENTURIN, N. N. Eucalipto em sistemas agroflorestais. Lavras: Alfa, 2010.</p>		
<p>Bibliografia complementar: ANDRADE, E. N. O eucalipto e suas aplicações. São Paulo: Typ. Brasil de Rothschild & Cia, 1928. HOSOKAWA, R. T. Introdução ao manejo e economia de florestas. Curitiba: UFPR, 1998. NENNEWITZ, I.; NUTSCH, W.; PESCHEL, P.; SEIF, G. Manual de Tecnologia da Madeira. São Paulo: Edgard Blucher, 2008.</p>		

Unidade Curricular: ESTATÍSTICA	40 h/a	30 h/r
<p>Ementa: Estatística Descritiva. Variáveis Aleatórias Discretas e Contínuas. Distribuições de Probabilidade, Correlação e Dispersão. Regressão Linear. Controle Estatístico de Processo.</p>		
<p>Bibliografia Básica: BUSSAB; MORETTIN. Métodos Quantitativos – Estatística Básica. 4. ed. São Paulo: Atual, 1987. MARTINS E DONAIRE. Princípios de Estatística. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1990.</p>		

Bibliografia Complementar:

SPIEGHEL, M. **Estatística**. 5. ed. São Paulo: Macgraw-Hill, 1993.
 COSTA NETO, P.L. **Estatística**. 2. ed. São Paulo: Edgard Blucher, 2002.

Unidade Curricular: FLORICULTURA, JARDINAGEM E PM	40 h/a	30 h/r
<p>Ementa: Definição, de plantas medicinais e seu valor fitoterapêutico. Histórico das plantas medicinais no Brasil e distribuição geográfica. Importância das plantas medicinais no Brasil. Implantação e manejo de hortas medicinais. Fitoquímica e química de plantas medicinais. Manipulação de produtos naturais. Formas de utilização de plantas medicinais e cultivo de plantas medicinais. Pesquisas de modelos e estilos de: jardins residenciais e públicos, praças/parques, fachadas, espaços promocionais, pomar e horta. Tecnologia de: equipamentos, ferramentas, manutenção de jardins, harmonia na aplicação das cores. Técnicas de: símbolos, gráficos, convenções, tabelas.</p>		
<p>Bibliografia básica: COELHO, S. J. Iniciação à jardinocultura. Jaboticabal: FUNEP, 2000. BARNES, ANDERSON, PHILLIPSON. Fitoterápicos. 3. ed. Artmed, 2011. LAMEIRA, O. A.; PINTO, E. B. P. Plantas medicinais: do cultivo, manipulação e uso à recomendação popular. Embrapa, 2008. LORENZI, H. Plantas ornamentais no Brasil: arbustivas, herbáceas e trepadeiras. 3. ed. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2001. PAIVA, P. D.O. Implantação e manutenção de jardins. Lavras: UFLA/FAEPE, 2001.</p>		
<p>Bibliografia Complementar: GREENWOOD, P. Dicas & Sugestões de jardinagem. São Paulo: Nobel, 2008. MORELLI, M. S. Guia de produção para plantas medicinais aromáticas e flores comestíveis. Embrapa, 2008. BARBOSA, J. G.; LOPES, L. C. Propagação de Plantas Ornamentais. Viçosa: UFV, 2007.</p>		

Unidade Curricular: BOVINOCULTURA DE LEITE	40 h/a	30 h/r
<p>Ementa: Situação atual e perspectivas para a bovinocultura nacional e regional. Raças bovinas especializadas para a produção leiteira. Morfologia da vaca leiteira. Criação da bezerra leiteira. Manejo pré e pós parto da vaca leiteira. Manejo de ordenha. Fisiologia da glândula mamária. Manejo nutricional. Controle zootécnico da criação: conceito, importância, métodos. Sistemas de identificação dos animais. Ambiência. Comportamento animal. Preparo de animais para leilões, exposições. Dimensão e manejo das instalações e equipamentos para diferentes categorias de gado de leite. Manejo e controle sanitário. Manejo reprodutivo. Anestro- causas e consequências. Produtividade leiteira individual e por área.</p>		
<p>Bibliografia Básica: KIRCHOF, B. Alimentação da vaca leiteira. Guaíba: Agropecuária, 1997. KRUG, E. E. B. Alimentação do gado leiteiro. Rio Grande do Sul: DITEC-CCGL, 1985. LUCCI, C. S. Bovinos leiteiros jovens. São Paulo: Nobel, 1989. MARQUES, Dorcimar da Costa. Criação de Bovino. Consultoria Veterinária e Publicações: Belo Horizonte, 2003. LEDIC, Ivan Luz. Manual de bovinocultura leiteira. São Paulo: Varela, 2002.</p>		
<p>Bibliografia Complementar: ATHIÊ, F. Gado leiteiro: uma proposta de manejo. São Paulo: Nobel, 1988. HOLMES, C.; WILSON, G. Produção de leite à pasto. Instituto campineiro de Ensino Agrícola, 1989. TEIXEIRA, A. Alimentos e Alimentação Animal. Lavras: Universidade Federal de Lavras, 1998. WYLEN, Gordon J. Van. Fundamentos da Termodinâmica Clássica. 4. ed. São Paulo: Edgard Blucher, 2003.</p>		

Unidade Curricular: FRUTICULTURA	40 h/a	30 h/r
<p>Ementa: Introdução, situação e perspectivas. Propagação de plantas frutíferas. Implantação de viveiros. Implantação de pomar. Ecofisiologia das plantas. Poda e condução de frutíferas. Fisiologia</p>		

pós-colheita de frutos. Colheita, transporte e armazenamento. Frutíferas de clima tropical. Análise econômica.

Bibliografia Básica:

AWAD, M. **Fisiologia pós-colheita de frutos**. São Paulo: Nobel, 1993.

MANICA, I. **Fruticultura em pomar doméstico – Planejamento, formação e cuidados**. 2. ed. Porto Alegre: Rigel, 2004.

CASTRO, P. R. C.; KLUGUE R. A. **Ecofisiologia de Fruteiros – Abacateiro, Aceroleira, Macieira, Pereira e Videira**. Ceres, 2003.

FACHINELLO, J. C.; HOFFMANN, A.; NACHTIGAL, E. J. C. **Propagação de Plantas Frutíferas**. Embrapa, 2005.

PENTEADO, S. R. **Enxertia e poda de fruteiras – como fazer mudas e podas**. 2. ed. Via Orgânica, 2010.

Bibliografia Complementar:

ANDERSON, O; ANDERSON, V. **As frutas silvestres brasileiras**. São Paulo: Globo, 1989.

CASTRO, P. R.C. **Ecofisiologia de frutíferas tropicais**. São Paulo: Nobel, 1998.

CÉSAR, H. P. **Manual prático do enxertador**. São Paulo: Nobel, 1996.

Unidade Curricular: CULTURAS ANUAIS II

80 h/a

60 h/r

Ementa: CULTURAS – Soja, Feijão, Girassol, Café, Mandioca: origem, taxonomia, hábito de crescimento, exigências climáticas, exigências nutricionais, produção de sementes, cultivares, instalação da lavoura, regulação de semeadora/adubadora, manejo de pragas, manejo de invasoras, manejo de doenças, colheita.

Bibliografia Básica:

ALBUQUERQUE, M.; CARDOSO, E. M. R. A. **Mandioca no trópico úmido**. Brasília: Editerra, 1980.

ARANTES, N. E.; SOUZA, P. I. M. **Cultura da soja no cerrados**. Piracicaba: Potafós, 1993.

ARAÚJO, R. S. **A cultura do feijoeiro comum no Brasil**. Piracicaba: Potafós, 1996.

CASTRO, P. R. C.; KLUGE, R. A. **Ecofisiologia de cultivos anuais: trigo, milho, soja, arroz e mandioca**. São Paulo: Nobel, 1999.

DOURADO NETO, D.; FANCELLI, L.A. **Produção de feijão**. Guaíba: Agropecuária, 2000.

Bibliografia Complementar:

MALAVOLTA, E. **Nutrição mineral e adubação do cafeeiro**. São Paulo: Agronômica Ceres, 1993.

MOREIRA, J. A. A.; STONE, L. F.; BIAVA, M. **Feijão: o produtor pergunta a Embrapa responde**. Brasília: Embrapa Informação Tecnológica, 2003.

RENA, A.B.; MALAVOLTA, E.; ROCHA, M.; YAMADA, T. **Cultura do Cafeeiro: fatores que afetam a produtividade**. Piracicaba: Potafós, 1988.

6 METODOLOGIA

As Estratégias Pedagógicas para o desenvolvimento da metodologia educacional estão caracterizadas conforme o quadro abaixo. As estratégias pedagógicas dos componentes curriculares devem prever não só a articulação entre as bases tecnológicas como também o desenvolvimento do raciocínio na aplicação e na busca de soluções tecnológicas. As mesmas devem estar inseridas no documento: Plano de Ensino e Plano de Aula da unidade curricular do curso.

TÉCNICA DE ENSINO	RECURSO DIDÁTICO	FORMA DE AVALIAÇÃO
1. Expositiva dialogada	Slides	Prova Objetiva
2. Atividades de Laboratório	DVD	Prova Dissertativa
3. Trabalho Individual	Computador	Prova Prática
4. Trabalho em grupo	Mapas/ Catálogos	Palestra

5. Pesquisa	Laboratório	Projeto
6. Dramatização	Impressos (apostilas)	Relatório
7. Projeto	Quadro Branco	Seminário
8. Debate	Projektor Multimídia e outros	Outros
9. Estudo de Caso		
10. Seminário		
11. Visita Técnica		

A metodologia proposta para desenvolver o currículo deverá:

- ter critérios de referência, para que haja desenvolvimento do ensino ;
- dar ênfase ao que o estudante já sabe, não em suas faltas;
- ter sentido de diversidade e não de homogeneidade;
- levar à aprendizagem pessoal.

A escolha de projetos de trabalho para desenvolver a aprendizagem, no currículo organizado por competências, tem como objetivo favorecer a criação de estratégias de organização dos conhecimentos:

- em relação ao tratamento da informação;
- na interação dos diferentes conteúdos em torno de problemas ou hipóteses que facilitam a construção de conhecimentos;
- na transformação das informações, oriundas dos diferentes saberes disciplinares, em conhecimento próprio.

A metodologia adotada para os Cursos de Educação Profissional Técnica de Nível Médio do IFMS, é buscar a atualização e significação do espaço escolar como elemento facilitador e não apenas gerador da informação, alguns paradigmas precisam ser analisados, assim como novos paradigmas necessitam ser entendidos e difundidos, e uma nova metodologia de formação profissional deve-se inserir à nova dinâmica pedagógica onde a preparação para o trabalho seja um dos enfoques do itinerário formativo integrado às atividades e experiências que objetivam a preparação de cidadãos para a vida.

O IFMS, embasado no princípio de que “a educação é um processo de vida”, propõe metodologias de ensino compatíveis ao cotidiano do estudante possibilitando questionamentos das práticas realizadas embasando-se no conteúdo teórico, gerando uma força capaz de compreender novas situações apresentadas, capacitando o alunado a resolver problemas novos, tomar decisões, ter autonomia intelectual, comunicar ideias em um contexto de respeito às regras de convivência democrática.

6.1 ESTÁGIO OBRIGATÓRIO

O estágio, baseado na lei n. 11.788 de 25 de setembro de 2008 e no Regulamento da Organização Didático-Pedagógica do IFMS é uma atividade curricular obrigatória dos

cursos de Educação Profissional Técnica de Nível Médio do IFMS. O estágio deverá ser iniciado a partir do 5º período e seguirá regras e normalizações próprias constante no Regulamento do Estágio dos Cursos da Educação Profissional Técnica de Nível Médio, sendo finalizado com a apresentação a uma banca examinadora.

6.2 APROVEITAMENTO DE CONHECIMENTOS E EXPERIÊNCIAS ANTERIORES

Poderá haver aproveitamento de conhecimentos adquiridos na Educação Profissional, inclusive no trabalho, para fins de prosseguimento e de conclusão de estudos:

- de disciplinas ou módulos cursados em outra habilitação profissional;
- de estudos da qualificação básica;
- de estudos realizados fora do sistema formal;
- de conhecimentos adquiridos no trabalho.

Quando o estudante demonstrar, previamente, o domínio dos conhecimentos de uma unidade curricular, o respectivo professor poderá orientar o estudante à requerer a avaliação antecipada desses conhecimentos, considerar-se a aprovado o estudante que demonstrar aproveitamento igual ou superior ao estabelecido no Regulamento da Organização Didático Pedagógico do IFMS. O estudante indicado para o exame de suficiência só poderá requerer avaliação em, no máximo, três unidades curriculares por período letivo. Entende-se por período letivo o período de um semestre ou um ano.

7 AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM

A avaliação do rendimento do estudante do Curso de Educação profissional Técnica de Nível Médio do IFMS abrange o seguinte:

- I. verificação de frequência;
- II. avaliação do aproveitamento.

Considerar-se-á aprovado por média o estudante que tiver frequência às atividades de ensino de cada unidade curricular igual ou superior a 75% da carga horária e média final igual ou superior a 7,0 (sete).

O estudante com Média Final inferior a 7,0 (sete) e/ou com frequência inferior a 75% será considerado reprovado.

As notas finais deverão ser publicadas em locais previamente comunicados aos estudantes até a data-limite prevista em calendário escolar.

8 INFRAESTRUTURA

8.1 INSTALAÇÕES E EQUIPAMENTOS

8.1.1 Área Física dos Laboratórios:

- 1 Laboratório de Química;
- 1 Laboratório de Biologia;
- 1 Laboratório de Física;
- 1 Laboratório de Informática;
- 4 Sala de aulas;
- 1 Alojamento com capacidade para 68 estudantes
- 1 Lavanderia
- 1 Vestiário
- 1 Quadra Poliesportiva
- 1 Biblioteca
- 1 Refeitório

5 Unidades de Ensino, sendo:

Suinocultura:

- 1 sala ambiente (sala de aula): capacidade para 40 estudantes
- 1 pocilga (contemplando todos os estágios da produção)
- 1 abatedouro de suínos

Bovinocultura:

- 1 sala ambiente (sala de aula): capacidade para 40 estudantes
- 1 sala de ordenha
- 1 abatedouro de bovinos

Avicultura:

- 1 sala ambiente (sala de aula): capacidade para 40 estudantes
- 1 barracão para criação de galinhas poedeiras
- 1 barracão para criação de frango de corte

Mecanização Agrícola

- 1 sala ambiente (sala de aula): capacidade para 40 estudantes
- 1 barracão para mecânica e garagem dos tratores e implementos agrícolas

1 lavador de implementos agrícolas

Holericultura:

1 sala ambiente (sala de aula): capacidade para 40 estudantes

Área de cultivo com irrigação.

8.2 UNIDADES CURRICULARES CONTEMPLADAS EM CADA LABORATÓRIO

Os estudantes do Curso Técnico em Agropecuária contam com laboratórios montados para as áreas de conhecimento em Biologia, Química, Matemática, Física e Informática Aplicada prevista na grade curricular.

9 PESSOAL DOCENTE

Unidade Curricular	Docente	Formação
LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA BRASILEIRA	Adriane Roberta Ribeiro de Macedo	Graduação em Letras Português – UEPG; Especialização em Língua Portuguesa e Literatura – UEPG; Especialização em Metodologia do Ensino da Arte – FACINTER; Mestrado: Literaturas e Crítica Literária – PUCSP.
LÍNGUA ESTRANGEIRA MODERNA - INGLÊS	André Suehiro Matsumoto	Graduação em Letras – UEMS.
	Diogo Moreno Pereira Carvalho	Bacharelado e Licenciatura em Letras – UFRJ.
EDUCAÇÃO FÍSICA	Tiago Amaral Silva	Licenciatura em Educação Física - Universidade Estadual de Goiás. Especialista em Docência Universitária pela Faculdade de Ciências e Educação de Rubiataba - Go.
ARTE	Tamires Mendes Sousa	Licenciatura em Artes Visuais - Centro Universitário da Grande Dourados. Especialização em Artes - FIJ; Especialização em "Estudo de Gênero e Interculturalidade" - UFGD.
HISTÓRIA	Igor Vitorino da Silva	Graduação em História - Universidade Federal do Espírito Santo.
GEOGRAFIA	Ecio Aparecido Ricci	Graduação em Licenciatura em Geografia – USP; Mestrado em Geografia.
FILOSOFIA	Volmar Meia Casa	Graduação em Filosofia pela Universidade do Sagrado Coração; Mestrado em Educação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.
SOCIOLOGIA	Leonardo Borges Reis	Mestrado em Filosofia Política pela Universidade Estadual Paulista; Graduação em Ciências Sociais – UFMS.
MATEMÁTICA	Rogério Sanches Gonçalves	Graduação em Matemática pela faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Imaculada Conceição; Mestrado em Física – UFMS.
FÍSICA	Agnaldo Nogueira Turina.	Graduação em Física - Universidade Estadual de Londrina; Mestrado em Ciências e Práticas Educativas pela Universidade de Franca.

Unidade Curricular	Docente	Formação
	Mauro Vanderlei de Amorim	Graduação em Física – UFMS; Mestrado em Engenharia Elétrica pela Universidade Estadual de Campinas; Doutorado em desenvolvimento.
QUÍMICA	Juliana Cardoso Pereira	Graduação em Licenciatura Plena em Química – UFPEL; Especialista em Educação com Ênfase no Ensino de Ciências – UFPEL; Mestrado em Educação – UFPEL.
BIOLOGIA	Manoel Sebastião da Costa Lima Junior	Licenciatura e Bacharelado em Ciências Biológicas – UCDB; Pós-graduação lato sensu em Biologia molecular, Mestrado em Ciência Animal - UFMS. Doutorado em doenças infecciosas e parasitárias – UFMS.
SISTEMA INTEGRADO DE GESTÃO	Carlos Alberto Dettmer	Graduado em Licenciatura Plena nas áreas de Agricultura e Zootecnia - UNIJUÍ/RS; Graduação em Administração de Empresas - UNICRUZ/RS; Especialização em Tecnologia Ambiental - UPF/RS.
EMPREENDEDORISMO	Carlos Alberto Dettmer	Graduado em Licenciatura Plena nas áreas de Agricultura e Zootecnia - UNIJUÍ/RS; Graduação em Administração de Empresas - UNICRUZ/RS; Especialização em Tecnologia Ambiental - UPF/RS.
PROJETO INTEGRADOR	Cláudio Zarate Sanavria	Bacharelado em Análise de Sistemas – UFMS; Pedagogia – UNIGRAN; Especialização em Engenharia de Websites – UFMS; Mestrado em Educação - UCDB.
ESTATÍSTICA	Rogério Sanches Gonçalves	Graduação em Matemática - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Imaculada Conceição; Mestrado em Física – UFMS.
COMUNICAÇÃO TÉCNICA	Adriane Roberta Ribeiro de Macedo	Graduação em Letras – UEPG; Especialização: Língua Portuguesa e Literatura – UEPG; Especialização: Metodologia do Ensino da Arte – FACINTER; Mestrado: Literaturas e Crítica Literária – PUCSP.
INFORMÁTICA APLICADA	Rafael Divino Ferreira Feitosa	Graduação em Sistemas de Informação - Universidade Estadual de Goiás; Especialização em Desenvolvimento de Sistemas para Web.
BIOLOGIA APLICADA	Flávio Gurgaz	Graduação em Agronomia - Universidade Estadual do Oeste do Paraná; Mestrado em Engenharia Agrícola - Universidade Estadual do Oeste do Paraná.
GESTÃO RURAL	Carlos Alberto Dettmer	Graduado em Licenciatura Plena nas áreas de Agricultura e Zootecnia - UNIJUÍ/RS; Graduação em Administração de Empresas - UNICRUZ/RS; Especialização em Tecnologia Ambiental - UPF/RS.
INTRODUÇÃO À PECUÁRIA	Clóvis Roberto dos Santos	Graduação nas áreas de Agricultura e Zootecnia - UNIJUÍ/RS; Graduação em Administração de Empresas - UNICRUZ/RS; Especialização em Tecnologia Ambiental - UPF/RS.
SOLOS I	Sônia Maria Mandotti	Graduação em agronomia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná.
SOLOS II	Rienni de Paula Queiroz	Graduação em Agronomia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná; Mestrado em Agronomia Produção Vegetal Ilha Solteira pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita

Unidade Curricular	Docente	Formação
		Filho; Doutorado em Agronomia Produção Vegetal Ilha Solteira pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.
APICULTURA	Clóvis Roberto dos Santos	Graduação nas áreas de Agricultura e Zootecnia - UNIJUI/RS; Graduação em Administração de Empresas - UNICRUZ/RS; Especialização em Tecnologia Ambiental - UPF/RS.
MECANIZAÇÃO AGRÍCOLA I	Flávio Gurgaz	Graduação em Agronomia - Universidade Estadual do Oeste do Paraná; Mestrado em Engenharia Agrícola - Universidade Estadual do Oeste do Paraná.
MECANIZAÇÃO AGRÍCOLA II	Rosimaldo Sonsela	Graduação em Engenharia agrícola - Universidade Estadual do Oeste do Paraná; Mestrado em Engenharia Agrícola - Universidade Estadual do Oeste do Paraná; Doutorando em Engenharia Agrícola, área de recursos hídricos e saneamento ambiental pela universidade Estadual do Oeste do Paraná.
INSTALAÇÕES RURAIS	Grazieli Suszek	Graduação em Engenharia Agrícola - Universidade Estadual do Oeste do Paraná; Mestrado em Engenharia Agrícola - Universidade Estadual do Oeste do Paraná; Doutorado em Engenharia Agrícola - Universidade Estadual do Oeste do Paraná.
AGROSTOLOGIA	Augusto Manoel Rodrigues	Graduação em Zootecnia - Universidade Estadual de Maringá; Mestrado em produção animal - Universidade Estadual de Maringá; Doutorado em forragicultura e pastagem pela Universidade Estadual de Maringá.
NUTRIÇÃO ANIMAL	Augusto Manoel Rodrigues	Graduação em Zootecnia - Universidade Estadual de Maringá; Mestrado em produção animal - Universidade Estadual de Maringá; Doutorado em forragicultura e pastagem pela Universidade Estadual de Maringá.
IRRIGAÇÃO E DRENAGEM	Flávio Gurgaz	Graduação em Agronomia - Universidade Estadual do Oeste do Paraná; Mestrado em Engenharia Agrícola - Universidade Estadual do Oeste do Paraná.
SUINOCULTURA	Augusto Manoel Rodrigues	Graduação em Zootecnia - Universidade Estadual de Maringá; Mestrado em produção animal - Universidade Estadual de Maringá; Doutorado em forragicultura e pastagem pela Universidade Estadual de Maringá.
AVICULTURA	Clóvis Roberto dos Santos	Graduação nas áreas de Agricultura e Zootecnia - UNIJUI/RS; Graduação em Administração de Empresas - UNICRUZ/RS; Especialização em Tecnologia Ambiental - UPF/RS.
OLERICULTURA I	Sônia Maria Mandotti	Graduação em agronomia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná.
OLERICULTURA II	Sônia Maria Mandotti	Graduação em agronomia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

Unidade Curricular	Docente	Formação
TOPOGRAFIA I	Grazieli Suszek	Graduação em Engenharia Agrícola - Universidade Estadual do Oeste do Paraná; Mestrado em Engenharia Agrícola - Universidade Estadual do Oeste do Paraná; Doutorado em Engenharia Agrícola - Universidade Estadual do Oeste do Paraná.
TOPOGRAFIA II	Grazieli Suszek	Graduação em Engenharia Agrícola - Universidade Estadual do Oeste do Paraná; Mestrado em Engenharia Agrícola - Universidade Estadual do Oeste do Paraná; Doutorado em Engenharia Agrícola - Universidade Estadual do Oeste do Paraná.
DEFENSIVOS AGRÍCOLAS	Sônia Maria Mandotti	Graduação em agronomia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná.
CULTURAS ANUAIS I	Rienni de Paula Queiroz	Graduação em Agronomia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná; Mestrado em Agronomia Produção Vegetal Ilha Solteira pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho; Doutorado em Agronomia Produção Vegetal Ilha Solteira pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.
CULTURAS ANUAIS II	Márcio Lustosa Santos	Graduação em Agronomia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná; Mestrado em Agronomia - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho; Doutorado em Agronomia Sistema de Produção Ilha Solteira pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.
BOVINOCULTURA DE CORTE	Augusto Manuel Rodrigues	Graduação em Zootecnia - Universidade Estadual de Maringá; Mestrado em produção animal - Universidade Estadual de Maringá; Doutorado em forragicultura e pastagem pela Universidade Estadual de Maringá.
BOVINOCULTURA DE LEITE	Augusto Manuel Rodrigues	Graduação em Zootecnia - Universidade Estadual de Maringá; Mestrado em produção animal - Universidade Estadual de Maringá; Doutorado em forragicultura e pastagem pela Universidade Estadual de Maringá.
OVINOCULTURA	Clóvis Roberto dos Santos	Graduação nas áreas de Agricultura e Zootecnia - UNIJUÍ/RS; Graduação em Administração de Empresas - UNICRUZ/RS; Especialização em Tecnologia Ambiental - UPF/RS.
CRIAÇÃO ALTERNATIVA	Clóvis Roberto dos Santos	Graduação nas áreas de Agricultura e Zootecnia - UNIJUÍ/RS; Graduação em Administração de Empresas - UNICRUZ/RS; Especialização em Tecnologia Ambiental - UPF/RS.
SILVICULTURA	Flávio Gurgaz	Graduação em Agronomia - Universidade Estadual do Oeste do Paraná; Mestrado em Engenharia Agrícola - Universidade Estadual do Oeste do Paraná.
FRUTICULTURA	Flávio Gurgaz	Graduação em Agronomia - Universidade Estadual do Oeste do Paraná; Mestrado em Engenharia Agrícola - Universidade Estadual do Oeste do Paraná.
AGROINDUSTRIALIZAÇÃO DE ALIMENTOS	Augusto Manuel Rodrigues	Graduação em Zootecnia - Universidade Estadual de Maringá; Mestrado em produção animal -

Unidade Curricular	Docente	Formação
		Universidade Estadual de Maringá; Doutorado em forragicultura e pastagem pela Universidade Estadual de Maringá.
FLORICULTURA, JARDINAGEM E PLANTAS MEDICINAIS	Sônia Maria Mandotti	Graduação em agronomia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

10 DIPLOMA

O IFMS conferirá na condição de profissional diplomado como **Técnico em Agropecuária** quando o estudante houver concluído todas as unidades curriculares da matriz curricular, incluindo o estágio obrigatório.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso do Sul



PROJETO DO CURSO DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL TÉCNICA DE NÍVEL MÉDIO INTEGRADO EM INFORMÁTICA

CÂMPUS NOVA ANDRADINA
2010

Reitor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso do Sul
Marcus Aurélius Stier Serpe

Pró-Reitora de Ensino e Pós-Graduação
Marcelina Teruko Fujii Maschio

Coordenação de Educação Básica
Liliam Cristina Caldeira
Francisco Antonio Siebra Lacerda
Lindayane dos Santos Amorim de Sá

Diretor-Geral do Câmpus Nova Andradina
Jarbas Magno Miranda

Diretora de Ensino, Pesquisa e Extensão
Eloá Jane Fernandes Mateus

Comissão de elaboração do Curso Técnico em Informática
Presidente: Evandro Luís Souza Falleiros
Membros: Nátalli Macedo Rodrigues
Cláudio Zarate Sanavria

Nome da Unidade: **Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso do Sul - Câmpus Nova Andradina**

CNPJ/CGC **10.673.078/0002-01**

Data: **11/01/2010. Atualizado em novembro de 2012.**

Projeto do Curso de Educação Profissional Técnica de Nível Médio Integrado em Informática

Diplomação: **Técnico em Informática**

Carga Horária: **4460 h/a – 3345 h/r**

Estágio - Horas **320 h/a – 240 h/r**

SUMÁRIO

1	JUSTIFICATIVA.....	5
1.1	INTRODUÇÃO.....	5
1.2	CARACTERÍSTICAS SOCIOECONÔMICAS DO ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL	7
1.3	CARACTERÍSTICAS SOCIOECONÔMICAS DO MUNICÍPIO DE NOVA ANDRADINA	9
1.4	DEMANDA E QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL	11
2	OBJETIVOS	13
2.1	OBJETIVO GERAL	13
2.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	14
3	REQUISITO DE ACESSO	14
3.1	PÚBLICO-ALVO	14
3.2	FORMA DE INGRESSO	14
3.3	REGIME DE ENSINO	15
3.4	REGIME DE MATRÍCULA	15
3.5	IDENTIFICAÇÃO DO CURSO	15
4	PERFIL PROFISSIONAL DE CONCLUSÃO	15
4.1	ÁREA DE ATUAÇÃO	16
5	ORGANIZAÇÃO CURRICULAR DO CURSO.....	16
5.1	FUNDAMENTAÇÃO GERAL.....	16
5.2	ESTRUTURA CURRICULAR	18
5.3	MATRIZ CURRICULAR.....	19
5.4	DISTRIBUIÇÃO DA CARGA HORÁRIA	20
5.5	EMENTAS E BIBLIOGRAFIAS	21
6	METODOLOGIA.....	53
6.1	ESTÁGIO OBRIGATÓRIO	55
6.2	APROVEITAMENTO DE CONHECIMENTOS E EXPERIÊNCIAS ANTERIORES	55
7	AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM.....	55
8	INFRAESTRUTURA	56
8.1	INSTALAÇÕES E EQUIPAMENTOS	56
8.1.1	ÁREA FÍSICA DOS LABORATÓRIOS.....	56
8.1.2	LEIAUTES DOS LABORATÓRIOS	56
8.1.3	DESCRIÇÃO DOS EQUIPAMENTOS PERMANENTES DE CADA LABORATÓRIO:	57
8.2	UNIDADES CURRICULARES CONTEMPLADAS EM CADA LABORATÓRIO	58
9	PESSOAL DOCENTE.....	58
10	DIPLOMA.....	60

1 JUSTIFICATIVA

A proposta de implantação e execução do Curso de Educação Profissional Técnica de Nível Médio Integrado em Informática vem ao encontro dos objetivos do Instituto Federal de Mato Grosso do Sul.

A implantação em conformidade com a Lei n. 9.394/1996 de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira – LDB vem a ser um instrumento precioso para o contexto da realidade socioeconômica do país. Tal proposta objetiva expandir o ensino na área tecnológica em menor espaço de tempo e com qualidade. Não se trata apenas de implantar cursos novos, mas de criar uma nova sistemática de ação, fundamentada nas necessidades da comunidade para a melhoria da condição de vida.

Com a aprovação da Lei n. 9.394, em 20 de dezembro de 1996 e com o Decreto n. 5.154 de 23 de julho de 2004 que regulamentou os artigos da LDB referentes à educação profissional e tecnológica, consolidaram-se os mecanismos para a reestruturação de Cursos Técnicos, permitindo a utilização de todo o potencial que lhe é característico.

Ancorado pela Resolução CNE/CE n. 04, que instituiu as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional de Nível Técnico - DCN, aprovada pelo CNE em 26 de novembro de 1999 a atual proposta aqui exposta é a caracterização efetiva de um novo modelo de organização curricular que privilegia as exigências de um mercado de trabalho cada vez mais competitivo e mutante, no sentido de oferecer à sociedade uma formação profissional compatível com os ciclos tecnológicos.

1.1 INTRODUÇÃO

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso do Sul (IFMS), Câmpus Nova Andradina, ao definir seu campo de atuação, na formação inicial e continuada do trabalhador, na educação de jovens e adultos, no ensino médio técnico, na graduação ou na pós-graduação, fez opção por tecer o seu trabalho educativo na perspectiva de romper com a prática tradicional e conservadora que a cultura da educação impõe na formação técnica.

Neste sentido, reflete a educação de jovens como um campo de práticas e reflexões que ultrapassam o limite da escolarização em sentido estrito. Primeiramente, porque abarca processos formativos diversos, onde podem ser incluídas iniciativas visando à qualificação profissional, ao desenvolvimento comunitário, à formação política e a inúmeras questões culturais pautadas em outros espaços que não o escolar.

Assim, formulando objetivos coerentes com a missão que chama para si enquanto instituição integrante da rede federal de educação profissional e tecnológica, pensando e

examinando o social global, planeja uma atuação incisiva na perspectiva da transformação da realidade local e regional, em favor da construção de uma sociedade menos desigual.

Neste sentido, o currículo globalizado e interdisciplinar converte-se em uma categoria capaz de agrupar uma ampla variedade de práticas educacionais desenvolvidas nas salas de aula, nos laboratórios e nas unidades educativas de produção contribuindo para melhorar os processos de Ensino e Aprendizagem.

Sendo assim, o IFMS Câmpus Nova Andradina, ao construir o Projeto Pedagógico Curricular para o Curso Técnico em Informática, estará oportunizando a construção de uma aprendizagem significativa, contextualizada e não fragmentada, proporcionando ao estudante uma formação ativa e crítica.

O Projeto deste curso é fruto do levantamento da demanda mercadológica e de audiência pública. Respalda-se no conhecimento da realidade local educacional e profissional que assegurou a maturidade necessária para definir prioridades e desenhar suas linhas de atuação.

O compromisso social é dar respostas rápidas que possam concorrer para o desenvolvimento local e regional; as responsabilidades com que assume suas ações traduzem sua concepção de educação tecnológica e profissional não apenas como instrumentalizadora de pessoas para o trabalho determinado por um mercado que impõe os seus objetivos, mas como modalidade de educação potencializadora do indivíduo no desenvolvimento de sua capacidade de gerar conhecimentos a partir de uma prática interativa e uma postura crítica diante da realidade sócio-econômica, política e cultural.

A opção por desenvolver um trabalho pedagógico em sintonia com a sociedade coaduna com iniciativas que concorrem para o desenvolvimento sócio-cultural. Sem desprezar a sua principal função de instituição de formação profissional, a instituição busca atuar em níveis diferenciados de ensino como: na qualificação profissional de trabalhadores rurais, comércio e indústria, no Nível Médio Técnico, no Nível Superior e na Pesquisa e Extensão.

O IFMS Câmpus Nova Andradina elege como uma de suas principais missões educacionais ocupar-se de forma substantiva de um trabalho construtivo, voltado para o desenvolvimento regional, entendendo esse desenvolvimento como a melhoria do padrão de vida da população de uma extensa região de pequenos agricultores nas áreas de suas abrangências, em especial a população excluída dos processos educacionais formais, e que, buscam a Instituição com o objetivo de resgatar a sua cidadania, a partir de uma formação que amplie os seus horizontes e perspectivas de inserção no mundo do trabalho.

Neste universo, não ficam à margem os trabalhadores que retornam à Instituição com vistas à requalificação profissional, imposta pelas profundas e complexas mudanças dos modos de produção contemporâneos.

1.2 CARACTERÍSTICAS SOCIOECONÔMICAS DO ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL

Mato Grosso do Sul é uma das 27 unidades federativas do Brasil. Está localizado ao sul da região Centro-Oeste. Tem como limites os estados de Goiás a nordeste, Minas Gerais a leste, Mato Grosso (norte), Paraná (sul) e São Paulo (sudeste), além da Bolívia (oeste) e o Paraguai (oeste e sul). Sua população estimada em 2010 é de 2.449.024 habitantes. Possui uma área de 357.145,532 m², sendo ligeiramente maior que a Alemanha.



Figura 1- Localização de Mato Grosso do Sul
Fonte: *Wikipedia*

Sua capital é a cidade de Campo Grande, e outros municípios economicamente importantes são Dourados, Três Lagoas, Corumbá, Ponta Porã, Aquidauana, Nova Andradina e Naviraí.

Tem como bebida típica o tereré, considerado o estado-símbolo dessa bebida e maior produtor de erva-mate da região Centro-Oeste do Brasil. O uso desta bebida, derivada da erva-mate (*Ilex paraguariensis*), nativa do Planalto Meridional do Brasil, é de origem pré-colombiana. O Aquífero Guarani compõe parte do subsolo do estado, sendo o Mato Grosso do Sul detentor da maior porcentagem do Aquífero dentro do território brasileiro.

O estado constituía a parte meridional do estado do Mato Grosso, do qual foi desmembrado por lei complementar de 11 de outubro de 1977 e instalado em 1 de janeiro de 1979, porém a história e a colonização da região, onde hoje está a unidade federativa, é bastante antiga remontando ao período colonial antes do Tratado de Madri, em 1750, quando passou a integrar a coroa portuguesa.

Durante o século XVII, foram instaladas duas reduções jesuíticas, Santo Inácio de Caaguaçu e Santa Maria da Fé do Taré, entre os índios Guarani na região, então conhecida como Itatim. Uma parte do antigo estado estava localizada dentro da Amazônia legal, cuja

área, que antes ia até o paralelo 16, estendeu-se mais para o sul, a fim de beneficiar com seus incentivos fiscais a nova unidade da federação.

Historicamente vinculado à região Centro-Oeste, Mato Grosso do Sul teve na pecuária, na extração vegetal e mineral e na agricultura, as bases de um acelerado desenvolvimento iniciado no século XIX.

A economia do Estado se baseia na agricultura, na pecuária, na extração mineral e no turismo. A principal área econômica do Estado é a do planalto da bacia do Paraná, com solos florestais e de terra roxa, além de ter os meios de transportes mais eficientes e os mercados consumidores da região sudeste mais próximos.

Na produção agropecuária destacam-se as culturas de soja, arroz, café, trigo, milho, feijão, mandioca, algodão, amendoim e cana-de-açúcar.

A pecuária conta com rebanho bovino (17.405.345 cabeças), suínos (860.598 cabeças), ovinos (343.328 cabeças), aves (39.157.262 cabeças) e bubalinos (8.598 cabeças) conforme dados do CENSO/IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2006).

O Estado conta ainda com jazidas de ferro, manganês, calcário, mármore e estanho. Uma das maiores jazidas mundiais de ferro é do Monte Urucum, situado no município de Corumbá.

A principal atividade industrial é a de gêneros alimentícios, seguida de transformação de minerais não metálicos e da industrialização de madeira. Corumbá é um dos maiores núcleos industriais do centro-oeste, com indústrias de cimento, fiação, curtume, beneficiamento de produtos agrícolas e uma siderúrgica que trata o minério de Urucum.

É interessante ressaltar que o turismo ecológico do Estado, que acontece na região do Pantanal, atrai visitantes de todo o país e do mundo, pois o Pantanal sul mato-grossense é considerado um dos mais bem conservados e intocados ecossistemas do planeta. Apresenta paisagens diversas no período de seca ou de chuva, fazendo com que sua visita seja interessante em qualquer época do ano.

Diante do exposto, a proposta de implantação do Curso de Educação Profissional Técnica de Nível Médio Integrado em Informática, é justificado, pois no município de Nova Andradina e no estado de Mato Grosso do Sul, existe a necessidade de se formar profissionais capacitados para atuarem em processos na área da Informática que está inserida em todos os segmentos do setor produtivo, além de ser uma área que se encontra em contínuo e acelerado crescimento.

1.3 CARACTERÍSTICAS SOCIOECONÔMICAS DO MUNICÍPIO DE NOVA ANDRADINA

O município de Nova Andradina foi criado em 1958, por Antônio Joaquim de Moura Andrade. Nova Andradina é fruto do trabalho e perseverança daqueles que idealizaram uma cidade moldada para se viver bem. Sua vocação eminentemente é voltada para o agronegócio, no entanto apresenta um comércio forte e industrialização em expansão, e nos últimos anos, tem se consolidado como pólo estudantil, graças aos investimentos no setor educacional, atraindo estudantes de toda região.

A agropecuária é um segmento extremamente importante dentro da economia do município. A região possui mais de 600.000 (seiscentas mil) cabeças de gado, contando com um abate de 1.500 cabeças/dia visando à exportação de carne bovina, como um dos produtos mais fortes da economia local. Além disso, há ainda a industrialização do couro (cerca de cinco mil peças/dia), a produção de leite (cerca de 90.000 litros/dia).

A agricultura conta com algumas culturas que se destacam, tais como: cana-de-açúcar (15.000 ha), soja (4.000 ha), mandioca (1.055 ha), milho (1.000 ha), dentre outros. O principal ramo de atividade industrial é minerais não-metálicos e metalúrgicos com 14 empresas no município em 2006.

O município de Nova Andradina está localizado a sudeste do estado do Mato Grosso do Sul (Figura 3), perto da fronteira do estado com São Paulo. A população, segundo a contagem do IBGE (2010), é de 45.599 habitantes, que representa um crescimento de 4,80% aproximadamente em relação ao censo 2007 (43.508 habitantes). De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio – PNAD de 2009, 98% das crianças de 7 a 14 anos frequentam a escola.

Sua área de abrangência inclui, além do Município de Nova Andradina–MS, sede do Câmpus Nova Andradina, outros municípios tais como: Campo Grande, Bataiporã, Taquarussu, Ivinhema, Anaurilândia, Angélica, Deodópolis, Glória de Dourados, Fátima do Sul, Bataguassu, Dourados, Novo Horizonte do Sul, Nova Alvorada do Sul, Rio Brilhante, dentre outros.

Existe, segundo a Estatística do Cadastro Central de Empresas de 2008, 1251 empresas locais, sendo que apenas 1209 empresas constam como atuantes. Em 2005, conforme dados da pesquisa de Finanças Públicas realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, o quadro de receitas do município estava distribuído conforme apresentado na Figura 2. Retirando os valores referentes às transferências constitucionais do Fundo de Participação dos Municípios - FPM e do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação - FUNDEB, a maior fonte de renda advém do ISS.

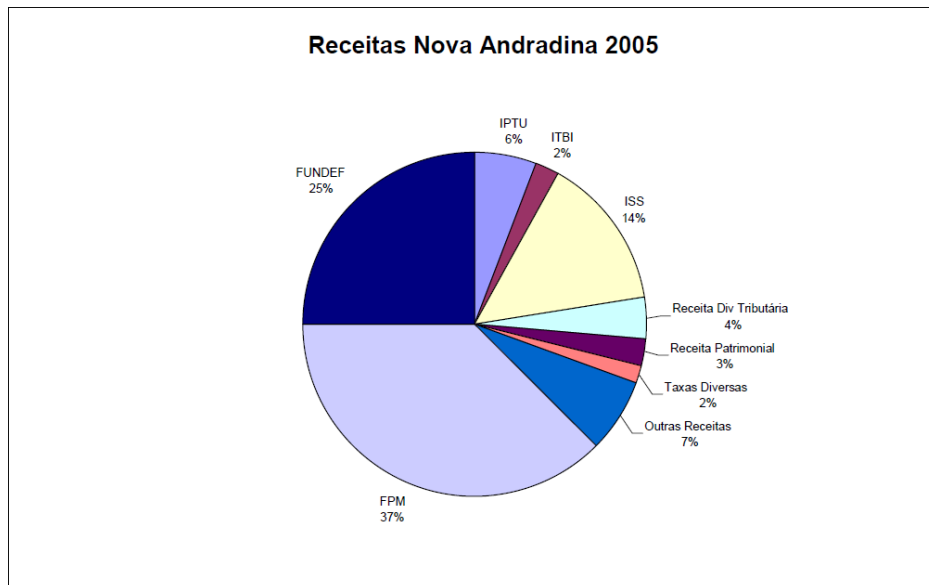


Figura 2 - Distribuição Receita Nova Andradina - Tesouro Nacional / Indicadores Básicos Municipais
Fonte: IBGE



Figura 3 - Localização de Nova Andradina no Estado de Mato Grosso do Sul
Fonte: Wikipédia

Os cursos superiores nas instituições de ensino superior da região como Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - UEMS, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS, Faculdades Integradas de Nova Andradina - FINAN, Instituto de Ensino Superior de Nova Andradina - IESNA, Associação Novandradinense de Educação e Cultura - ANAEC, Faculdade de Tecnologia de Nova Andradina - FATEC e cursos técnicos apontam para uma cidade com mão de obra cada vez mais capacitada, além de contínuos investimentos em ensino, ciência e tecnologia.

Assim, considerando o crescimento industrial populacional, perfil de arrecadação, proximidade de centros consumidores, propõe-se a criação de um Curso Técnico em

Informática para atender as demandas do município de Nova Andradina, com possibilidade de abrir novos mercados de trabalho.

1.4 DEMANDA E QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL

Devido às mudanças no cenário econômico mundial que vêm ocorrendo nos últimos anos, devido ao fenômeno da globalização, verifica-se o surgimento de novos atributos necessários aos profissionais da era do conhecimento. O mercado mundial tornou-se mais competitivo e exigente, tanto em produtos como em serviços, o que impõe uma nova postura profissional. A Informática está inserida em todos os segmentos do setor produtivo.

Nesta perspectiva, sendo a Informática ferramenta essencial no processo de desenvolvimento de diversas atividades produtivas, há uma grande solicitação do contexto sócioeconômico para a formação de profissionais Técnicos em Informática, a fim de atender à grande demanda do mercado de trabalho.

Mesmo com a economia local apoiada em grande parte no Agronegócio, a dependência de sistemas computacionais eficientes é cada vez maior. Grandes empresas do Agronegócio procuram cada vez mais a melhoria, gerando demanda de profissionais desta área.

O Estado de Mato Grosso do Sul encontra-se em franco desenvolvimento econômico e social. O mesmo possui um cenário econômico que se baseia na Agricultura, Pecuária, indústrias Sucroalcooleiras, Metal Mecânica, Manufatura de Alimentos, Turismo e na Extração Mineral.

Diante deste universo cabe ao IFMS Câmpus Nova Andradina, se empenhar na construção de um modelo de formação profissional, cujo perfil faça figura frente ao exigente mercado de trabalho.

Surge assim a necessidade de desenvolver uma estrutura curricular, de acordo com o currículo de Formação Profissional. A Lei nº 9.394/1996 dispõe sobre a Educação Profissional, e junto com o estudo do mundo do trabalho atual dão o devido suporte à configuração de novas propostas curriculares, invertendo o eixo da oferta-procura e majorando a importância da demanda como alavancadora do processo de construção dos novos modelos.

O cenário atual privilegia as relações do mundo empresarial, do meio produtivo e suas várias inter-relações, o que promove na Escola certa efervescência. A busca do atendimento às demandas mercadológicas dos arranjos produtivos que se configuram e reconfiguram levam a escola a pensar em postos de trabalho existentes e emergentes, perfil

profissional adequado à demanda evidenciada e, conseqüentemente, em currículos que correspondam à efetiva formação deste profissional.

As competências requeridas para os novos profissionais passam a ser a espinha dorsal de um sistema de valores e saberes tecnológicos que se agrupam em um formato estético que, uma vez instrumentalizado, passa a representar a essência do modelo de formação dos novos técnicos. Estes, uma vez inseridos no mundo do trabalho, passam a exercer o papel que lhes é reservado nos processos de produção.

A formação de Técnico em Informática pauta-se na emergência de um mercado ainda mais promissor para o Centro-Oeste brasileiro, notadamente para o Estado de Mato Grosso do Sul.

Assim pode-se perceber que, a oferta do Curso de Educação Profissional Técnica de Nível Médio Integrado em Informática, está intimamente ligada às demandas de mercado e às prospecções de aproveitamento dos profissionais da área de tecnologia da informação, os quais estarão aptos a fazer frente à demanda gerada e estimulada pelos arranjos das diversas cadeias produtivas.

Diante do exposto, a proposta de implantação do Curso Técnico em Informática é justificada, pois no município de Nova Andradina e no Estado de Mato Grosso do Sul, existe a necessidade de se formar profissionais capacitados para atuarem na área de desenvolvimento e manutenção de sistemas junto ao parque tecnológico já instalado, visando atender à demanda crescente de informatização dos diversos setores produtivos da região.

Especificamente a área de Tecnologia da Informação apresenta-se como promissora em termos de carreira no Brasil. O investimento das empresas brasileiras no setor de tecnologia vem crescendo em relação ao seu faturamento, e a diminuição dos custos da tecnologia fazem com que o parque instalado aumente consideravelmente. Certamente, estes são fatores que contribuem para o aumento da demanda por profissionais qualificados.

Empresas do setor industrial e comercial, e as empresas do setor de serviços por elas demandadas, necessitam intensamente dos serviços de profissionais e empresas de tecnologia da informação para garantir a eficiência e agilidade em seus processos administrativos. Para essas empresas, a utilização das tecnologias de informação através da automação pode significar redução de custos, ganhos de produtividade e facilidade de relacionamento com clientes e fornecedores.

Em um contexto de grandes transformações, notadamente no âmbito tecnológico, a educação profissional não pode se restringir a uma compreensão linear que apenas treina o cidadão para a empregabilidade, e nem a uma visão reducionista, que objetiva simplesmente preparar o trabalhador para executar tarefas instrumentais.

No Brasil, conforme dados do Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC) divulgados em 2007, há uma expressiva evolução no uso da Internet e um aumento expressivo na posse de computadores em domicílios de renda familiar entre dois e cinco salários mínimos.

A Tecnologia da Informação e da Comunicação apresentou um crescimento na adoção de tecnologias como redes *wireless* (redes sem fio) e sistemas de gestão, assim como a automatização de processos por meio do comércio eletrônico e do governo eletrônico.

Os dados desta pesquisa indicam que na região Centro-Oeste, existe uma crescente demanda de empresas que contratam pessoal com habilidades de TIC, e no qual houve um maior crescimento neste indicador (65%). Colaborando com este indicador a pesquisa apresenta uma proporção de 40% das empresas com dificuldades para contratar especialistas em TIC.

Destaca-se também que dos profissionais candidatos às vagas ou dos contratados das empresas, 58,80% apresentaram dificuldades relativas a habilidades relacionadas ao *hardware* do computador; 33,03% tinham dificuldades relativas a habilidades em atividades relacionadas à Internet; 36,16% dificuldades relacionadas ao *software* do computador e 26,91% com outras dificuldades.

Assim sendo, fica evidenciada a carência de pessoal com habilidades em TIC nas empresas brasileiras. Os serviços de comércio eletrônico, governo eletrônico, segurança de rede, dentre outros, nessa região, são atividades ainda incipientes.

Dessa forma, há uma demanda potencial para a formação de profissionais no âmbito das TIC. Mato Grosso do Sul como parte do cenário acima descrito, necessita superar esse estágio de fragilidades no âmbito da oferta dos serviços de Tecnologias da Informação.

A instituição de formação profissional se propõe a ofertar o Curso de Educação Profissional Técnica de Nível Médio Integrado em Informática, de maneira a proporcionar a formação de profissionais em Tecnologia da Informação (TI) tendo em vista contribuir com o incremento dos mais variados setores da economia deste Estado.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Formar profissionais capazes de exercer atividades de forma responsável, ativa, crítica e criativa na solução de problemas na área da computação e tecnologia da

informação, sendo ainda, capazes de continuar a aprender e adaptar-se às diferentes condições do mundo do trabalho.

Além do domínio dos saberes tecnológicos, expressos na forma de competências gerais e específicas, pressupõe-se a formação de um profissional crítico, criativo e autônomo do processo de aprendizagem, historicamente situado em seu contexto e capaz de articular com as demais áreas do conhecimento.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Os Objetivos específicos do Curso de Educação Profissional Técnica de Nível Médio Integrado em Informática são:

- desenvolver aplicativos em linguagens procedurais e orientadas a objeto;
- projetar sistemas de software utilizando ferramentas de apoio;
- desenvolver aplicações dinâmicas para ambiente Web;
- instalar, configurar e administrar sistemas operacionais;
- instalar, configurar e administrar equipamentos de redes;
- instalar, configurar e administrar serviços de rede;
- desenvolver serviços Web e de suporte para comércio eletrônico;
- utilizar recursos de segurança para a proteção e monitoramento de recursos de rede.
- criar e gerenciar um empreendimento.

3 REQUISITO DE ACESSO

3.1 PÚBLICO-ALVO

O Curso será ofertado para estudantes que possuam certificado de conclusão do Ensino Fundamental, ou equivalente, que pretendam realizar Curso de Educação Profissional Técnica de Nível Médio Integrado, conforme a legislação vigente.

3.2 FORMA DE INGRESSO

O ingresso ao Curso se dará por Processo Seletivo, em conformidade com edital aprovado pelo IFMS.

3.3 REGIME DE ENSINO

O curso será desenvolvido em regime semestral, sendo o ano civil dividido em dois períodos letivos de, no mínimo, 100 (cem) dias de trabalho escolar efetivo cada um.

3.4 REGIME DE MATRÍCULA

A matrícula será feita por unidades curriculares para o conjunto que compõe o período para o qual o estudante estiver sendo promovido. Será efetuada nos prazos previstos em calendário do câmpus, respeitando o turno de opção do estudante ao ingressar no sistema de ensino do IFMS.

3.5 IDENTIFICAÇÃO DO CURSO

Denominação: Curso de Educação Profissional Técnica de Nível Médio Integrado em Informática

Titulação conferida: Técnico em Informática

Modalidade do curso: Técnico de Nível Médio Integrado

Duração do Curso: 07 (sete) períodos ou 3,5 anos

Eixo tecnológico: Informação e Comunicação

Forma de ingresso: Processo Seletivo, em conformidade com edital aprovado pelo IFMS.

Número de vagas oferecidas: Conforme edital

Turno previsto: Previsto em edital

Ano e semestre de início de funcionamento do Curso: 2010, 1º semestre.

4 PERFIL PROFISSIONAL DE CONCLUSÃO

O Técnico em Informática deve estar ancorado em uma base de conhecimento científico-tecnológico, relacionamento interpessoal, comunicação oral, pensamento crítico e racional, capacidade para resolver problemas de ordem técnica, capacidade criativa e inovadora, capacidade de gestão e visão estratégica em operações dos sistemas empresariais.

O profissional, para ser competitivo no mercado de trabalho deve demonstrar: honestidade, responsabilidade, adaptabilidade, capacidade de planejamento, conhecimento de informática, agilidade, e ter capacidade de decisão.

O Técnico em Informática é o profissional possuidor de um espírito crítico, de uma formação tecnológica generalista, de uma cultura geral, sólida e consistente.

Como função profissional, o Técnico em Informática torna-se capaz de configurar, administrar e monitorar equipamentos e serviços de redes, configurar, administrar e monitorar sistemas operacionais, softwares aplicativos e computadores, prestar serviço de assistência técnica e manutenção em equipamentos de informática, prestar serviço de suporte em informática, auxiliar na elaboração de sistemas de software, desenvolver aplicações dinâmicas para web.

4.1 ÁREA DE ATUAÇÃO

O Curso de Educação Profissional Técnica de Nível Médio Integrado em Informática tem suas atribuições genéricas podendo atuar no acompanhamento das diferentes atividades da computação e tecnologia da informação.

O mercado de trabalho que mais absorve este profissional da área de Informática é composto principalmente por:

1. empresas de Informática de pequeno, médio e grande porte;
2. empresas públicas e privadas de diversos setores.

Além desses campos de atuação, o Técnico em Informática, formado no IFMS Câmpus Nova Andradina, estará preparado para atuar acima de tudo, como empreendedor, pois o mesmo planeja, executa e avalia projetos técnicos de informática durante o período em que permanece na escola.

O Técnico em Informática terá formação para:

- desenvolver programas de computador, seguindo as especificações e paradigmas da lógica de programação e das linguagens de programação;
- utilizar ambientes de desenvolvimento de sistemas, sistemas operacionais e bancos de dados;
- realizar testes de programas de computador, mantendo registros que possibilitem análises e refinamento dos resultados;
- executar manutenção de programas de computadores implantados.

5 ORGANIZAÇÃO CURRICULAR DO CURSO

5.1 FUNDAMENTAÇÃO GERAL

Os Cursos de Educação Profissional Técnica de Nível Médio do IFMS obedecem ao disposto na Lei nº 9394, que “Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, de 20 de dezembro de 1996; na Portaria do MEC nº 1.005, de 10 de setembro de 1997; no Parecer CNE/CEB nº 17/1997, que “Estabelece as Diretrizes Operacionais para a Educação Profissional em Nível Nacional, de 03 de dezembro de 1997; no Decreto nº 5154, que “Regulamenta o § 2º do art. 36 e os artigos. 39 a 41 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e dá outras providências”, de 23 de julho de 2004; na Resolução CNE/CEB nº 04/1999, que “Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional de Nível Técnico”, de 22 de dezembro de 1999; no Parecer nº 16, que trata das “Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional de Nível Técnico”, de 05 de outubro de 1999; no Parecer CNE/CEB nº 39/2004, que trata da “Aplicação do Decreto nº 5.154/2004 na Educação Profissional Técnica de Nível Médio e no Ensino Médio”, de 08 de dezembro de 2004; na Resolução CNE/CEB nº 1, que “Atualiza as Diretrizes Curriculares Nacionais definidas pelo Conselho Nacional de Educação para o Ensino Médio e para a Educação Profissional Técnica de nível médio às disposições do Decreto nº 5.154/2004, de 03 de fevereiro de 2005; Resolução CEB nº 3, que “Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio”, de 26 de junho de 1998; no Parecer CNE/CEB 15/1998, que trata das “Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio”, de junho de 1998; na Lei 10.639, que trata da obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, de 09 de janeiro de 2003 e a Lei 11.645, de 10 de março de 2008 que altera a LDB 9.394 de 1996 ao incluir obrigatoriamente a temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena” no currículo da Educação Básica; na Lei 11.161, “Dispõe sobre o Ensino da Língua Espanhola”, de 05 de agosto de 2005; na Resolução nº 2, que “Define Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio”, de 30 de janeiro de 2012; na Resolução nº 1, que “Estabelece Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos”, de 30 de maio de 2012; na Resolução nº 5, que “Define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena na Educação Básica”, de 22 de junho de 2012, nas demais normas específicas, expedidas pelos órgãos competentes.

A organização curricular tem por característica:

- I - atendimento às demandas dos cidadãos, do mundo do trabalho e da sociedade;
- II - conciliação das demandas identificadas com a vocação, a capacidade institucional e os objetivos do IFMS;
- III - estrutura curricular que evidencia os conhecimentos gerais da área profissional e específicos de cada habilitação, organizados em unidades curriculares;
- IV - articulação entre formação técnica e formação geral;
- V - estágio obrigatório a partir do 5.º período.

O projeto curricular do Curso de Educação Profissional Técnica de Nível Médio Integrado em Informática do IFMS Câmpus Nova Andradina tem sua essência referenciada na pesquisa de mercado identificando a demanda para a qualificação profissional, das características econômicas e do perfil industrial da região e do Estado de Mato Grosso do Sul e da Pesquisa de Emprego e Desemprego na Região de Nova Andradina.

5.2 ESTRUTURA CURRICULAR

A estrutura curricular dos Cursos de Educação Profissional Técnica de Nível Médio Integrado em Informática do IFMS apresenta bases científicas, tecnológicas e de gestão de nível médio, dimensionadas e direcionadas à área de formação. Estas bases são inseridas no currículo, ou em unidades curriculares específicas, ou dentro das unidades curriculares de base tecnológica no momento em que elas se fazem necessárias.

A estrutura curricular é composta de um conjunto de unidades curriculares da formação específica, e de um conjunto de unidades curriculares comum em todos os cursos de educação profissional técnica de nível médio do IFMS, voltadas à área de gestão que devem totalizar o mínimo de horas estabelecido pela legislação vigente.

A conclusão deste ciclo com o estágio propicia ao estudante a diplomação como Técnico em Informática, e tem por objetivo dar-lhe uma formação generalista e prepará-lo para sua inserção no mundo do trabalho. A organização do currículo obedecerá às orientações emanadas, para cada curso, das resoluções do Conselho de Ensino do IFMS.

5.3 MATRIZ CURRICULAR

1º PERÍODO			2º PERÍODO			3º PERÍODO			4º PERÍODO			5º PERÍODO			6º PERÍODO			7º PERÍODO		
LP11A	4	0	LP12A	3	0	LP13A	3	0	LP14A	3	0	LP15A	2	0	LP16A	2	0	LP17A	2	0
Líng. Port. e Lit. Bras. 1			Líng. Port. e Lit. Bras. 2			Líng. Port. e Lit. Bras. 3			Líng. Port. e Lit. Bras. 4			Líng. Port. e Lit. Bras. 5			Líng. Port. e Lit. Bras. 6			Líng. Port. e Lit. Bras. 7		
MA11B	4	0	MA12B	3	0	MA13B	3	0	MA14B	3	0	MA15B	3	0	MA16B	3	0	LP17B	2	0
Matemática 1			Matemática 2			Matemática 3			Matemática 4			Matemática 5			Matemática 6			Comunicação Técnica		
FL11C	1	0	FL12C	1	0	FL13C	1	0	FL14C	1	0	FL15C	1	0	FL16C	1	0	IN17C	4	0
Filosofia 1			Filosofia 2			Filosofia 3			Filosofia 4			Filosofia 5			Filosofia 6			Projeto Integrador 3		
SO11D	1	0	SO12D	1	0	SO13D	1	0	SO14D	1	0	SO15D	1	0	SO16D	1	0	MA17D	2	0
Sociologia 1			Sociologia 2			Sociologia 3			Sociologia 4			Sociologia 5			Sociologia 6			Estatística		
IN11E	0	2	FI12E	2	1	FI13E	2	1	FI14E	2	1	FI15E	2	1	FI16E	2	1	FI17E	2	1
Informática Aplicada			Física 1			Física 2			Física 3			Física 4			Física 5			Física 6		
QU11F	1	1	QU12F	2	1	QU13F	1	1	QU14F	2	1	QU15F	1	1	QU16F	1	1	IN17F	0	2
Química 1			Química 2			Química 3			Química 4			Química 5			Química 6			Linguagem de Programação 4		
EF11G	1	1	EF12G	1	1	EF13G	1	1	EF14G	1	1	EF15G	0	1	EF16G	0	1	IN17G	0	4
Educação Física 1			Educação Física 2			Educação Física 3			Educação Física 4			Educação Física 5			Educação Física 6			Desenvolvimento Web 2		
BI11H	1	1	BI12H	1	1	BI13H	1	1	BI14H	1	1	IN15H	2	1	IN16H	0	3	IN17H	2	2
Biologia 1			Biologia 2			Biologia 3			Biologia 4			Redes de Computadores 1			Linguagem de Programação 3			Ger. e Conf. de Serv. Internet		
GE11I	2	0	GE12I	2	0	GE13I	2	0	GE14I	2	0	GT15I	0	2	GT16I	2	0	IN17I	2	0
Geografia 1			Geografia 2			Geografia 3			Geografia 4			Sist. Integr. de Gestão			Empreendedorismo			Segurança da Informação		
LE11J	2	0	LE12J	2	0	LE13J	2	0	LE14J	2	0	IN15J	1	0	LE16J	2	0	IN17J	3	0
Líng. Estrang. Moderna 1			Líng. Estrang. Moderna 2			Líng. Estrang. Moderna 3			Líng. Estrang. Moderna 4			Projeto Integrador 1			Inglês Técnico			Computador, Ética e Sociedade		
AR11K	2	0	IN12K	1	1	HI13K	2	0	HI14K	2	0	HI15K	2	0	HI16K	2	0	IN17K	0	3
Arte			Sistemas Operacionais 1			História 1			História 2			História 3			História 4			Program. para Dispositivos Móveis		
IN11L	1	1	IN12L	0	2	IN13L	0	3	IN14L	0	2	IN15L	0	3	IN16L	0	3			
Organização de Computadores			Instal. e Manut. de Computad.			Linguagem de Programação 1			Banco de Dados 2			Linguagem de Programação 2			Desenvolvimento Web 1					
MA11M	2	2	MA12M	1	3	IN13M	1	1	IN14M	2	0	IN15M	0	2	IN16M	0	3			
Algoritmos 1			Algoritmos 2			Sistemas Operacionais 2			Orientação a Objetos			Engenharia de Software 2			Redes de Computadores 2					
						IN13N	1	1	IN14N	0	2				IN16N	2	0			
						Banco de Dados 1			Engenharia de Software 1						Projeto Integrador 2					
FG= 28/560 FE = 2/40 TOTAL= 30/600			FG = 26/520 FE = 4/80 TOTAL = 30/600			FG = 23/460 FE = 7/140 TOTAL = 30/600			FG = 24/480 FE = 6/120 TOTAL = 30/600			FG = 18/360 FE = 8/160 TOTAL = 26/520			FG = 21/420 FE = 9/180 TOTAL = 30/600			FG = 20/400 FE = 11/220 TOTAL = 31/620		

LEGENDA:

1	2	3
4		

- 1 - CÓDIGO DA UNIDADE
2 - CARGA HORÁRIA SEMANAL TEÓRICA
3 - CARGA HORÁRIA SEMANAL PRÁTICA
4 - UNIDADE CURRICULAR

Estágio a partir do 5º Período				
CARGA HORÁRIA TEÓRICA E PRÁTICA	4140	h/a	3105	h/r
CARGA HORÁRIA DO ESTÁGIO OBRIGATÓRIO	320	h/a	240	h/r
CARGA HORÁRIA TOTAL DO CURSO	4460	h/a	3345	h/r

5.4 DISTRIBUIÇÃO DA CARGA HORÁRIA

Quadro 1 – Distribuição da carga horária do Curso Técnico de Nível Médio Integrado em Informática												
Eixos	Unidade Curricular	Período							Carga horária	Carga horária total hora/aula (h/a)	Carga horária total hora/releó gio (h/r)	
		1.º	2.º	3.º	4.º	5.º	6.º	7.º				
Linguagens, Códigos e suas Tecnologias	LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA BRASILEIRA	4	3	3	3	2	2	2	19	380	285	Mínimo 2400 horas
	LÍNGUA ESTRANGEIRA MODERNA	2	2	2	2				8	160	120	
	EDUCAÇÃO FÍSICA	2	2	2	2	1	1		10	200	150	
	ARTE	2							2	40	30	
Total do Eixo		10	7	7	7	3	3	2	39	780	585	
Ciências Humanas e suas Tecnologias	HISTÓRIA			2	2	2	2		8	160	120	
	GEOGRAFIA	2	2	2	2				8	160	120	
	FILOSOFIA	1	1	1	1	1	1		6	120	90	
	SOCIOLOGIA	1	1	1	1	1	1		6	120	90	
Total do Eixo		4	4	6	6	4	4	0	28	560	420	
Ciências da Natureza Matemática e suas Tecnologias	MATEMÁTICA	4	3	3	3	3	3		19	380	285	
	FÍSICA		3	3	3	3	3	3	18	360	270	
	QUÍMICA	2	3	2	3	2	2		14	280	210	
	BIOLOGIA	2	2	2	2				8	160	120	
Total do Eixo		8	11	10	11	8	8	3	59	1180	885	
CARGA HORÁRIA PARCIAL 1		22	22	23	24	15	15	5	126	2520	1890	
Parte Diversificada	COMUNICAÇÃO TÉCNICA							2	2	40	30	
	EMPREENDEDORISMO							2	2	40	30	
	ESTATÍSTICA							2	2	40	30	
	INFORMÁTICA APLICADA	2							2	40	30	
	PROJETO INTEGRADOR					1	2	4	7	140	105	
	SISTEMA INTEGRADO DE GESTÃO					2			2	40	30	
	INGLÊS TÉCNICO						2		2	40	30	
	COMPUTADOR, ÉTICA E SOCIEDADE							3	3	60	45	
	ALGORITMOS	4	4						8	160	120	
	GER. E CONF. SERVIÇOS INTERNET							4	4	80	60	
Total do Eixo		6	4	0	0	3	6	15	34	680	510	
CARGA HORÁRIA PARCIAL 2		28	26	23	24	18	21	20	160	3200	2400	
Formação Específica	LINGUAGEM DE PROGRAMAÇÃO			3		3	3	2	11	220	165	
	ORIENTAÇÃO A OBJETOS				2				2	40	30	
	SISTEMAS OPERACIONAIS		2	2					4	80	60	
	ORGANIZAÇÃO DE COMPUTADORES	2							2	40	30	
	INSTAL. E MAN. COMPUTADORES		2						2	40	30	
	REDES DE COMPUTADORES					3	3		6	120	90	
	BANCO DE DADOS			2	2				4	80	60	
	ENGENHARIA DE SOFTWARE				2	2			4	80	60	
	DESENVOLVIMENTO WEB						3	4	7	140	105	
	SEGURANÇA DA INFORMAÇÃO							2	2	40	30	
	PROGRAMAÇÃO PARA DISPOSITIVOS MÓVEIS							3	3	60	45	
Total do Eixo		2	4	7	6	8	9	11	47	940	705	
CARGA HORÁRIA PARCIAL 3		30	30	30	30	26	30	31	207	4140	3105	
Estágio Obrigatório										320	240	
CARGA HORÁRIA TOTAL DO CURSO										4460	3345	

5.5 EMENTAS E BIBLIOGRAFIAS

1º PERÍODO

Unidade Curricular: LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA BRASILEIRA 1	80 h/a	60 h/r
Ementa: Leitura e produção de textos. Estudo do gênero crônica. Noção de argumentatividade. Reflexão linguística. Conceitos de gênero e tipologia textuais. Paragrafação. Regras de acentuação. Classes de palavras. Conceito de Literatura. Lusofonia. Origens da Literatura Portuguesa. Trovadorismo. Humanismo. Classicismo.		
Bibliografia Básica: BECHARA, E. Moderna Gramática Portuguesa . São Paulo: Nova Fronteira, 2010. CEREJA, W. Literatura Portuguesa em diálogo com outras literaturas de língua portuguesa . São Paulo: Atual, 2009. _____; MAGALHÃES, T. C. Português: Linguagens . São Paulo: Atual, 2003. KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. Ler e compreender: os sentidos do texto . São Paulo: Contexto, 2007. _____. Ler e escrever: estratégias de produção textual . São Paulo: Contexto, 2009.		
Bibliografia Complementar: MARCUSCHI, L. A. Produção textual, análise de gêneros e compreensão . São Paulo: Parábola, 2009. NICOLA, J. Literatura Brasileira: das origens aos nossos dias . São Paulo: Scipione, 2002. _____. Literatura Portuguesa: das origens aos nossos dias . São Paulo: Scipione, 2002.		

Unidade Curricular: MATEMÁTICA 1	80 h/a	60 h/r
Ementa: Conjuntos numéricos. Intervalos. Funções. Domínio de funções reais. Sistema cartesiano ortogonal. Função do 1º grau. Trigonometria do triângulo retângulo.		
Bibliografia Básica: DANTE, L. R. Matemática Contexto e Aplicações . São Paulo: Ática, 2000. 1 v. GIOVANNI, J. R.; BONJORNIO, J. R. Matemática Fundamental: Uma nova abordagem . São Paulo: FTD, 2001. IEZZI, G.; HAZZAN, S. Fundamentos de Matemática Elementar . São Paulo: Atual, 2004. 1 e 3 v. MACHADO, A. S. Matemática Temas e Metas . São Paulo: Atual, 1986. PAIVA, M. Matemática . São Paulo: Moderna, 2005. 1 v.		
Bibliografia Complementar: DOLCE, O. Matemática . São Paulo: Atual, 2007. FACCHINI, W. Matemática . São Paulo: Saraiva, 1997. GOULART, M. C. Matemática no Ensino Médio . São Paulo: Scipione, 1999. 1 v.		

Unidade Curricular: FILOSOFIA 1	20 h/a	15 h/r
Ementa: Introdução à filosofia. Princípios lógicos fundamentais. Teorias do Conhecimento. Teorias da Realidade e Concepções de Verdade.		
Bibliografia Básica: ARANHA, M. L. A.; MARTINS, M. H. P. Filosofando: introdução à Filosofia . 4. ed. São Paulo: Moderna, 2009. BRENNAN, A.; GOLDSTEIN, L.; DEUSTCH, M. Lógica . Porto Alegre: Artmed, 2007. CHAUI, M. S. Convite à filosofia . 14. ed. São Paulo: Ática, 2010. HESSEN, J. Teoria do conhecimento . 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. OLIVA, A. Teoria do conhecimento . Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011. (Passo a Passo).		
Bibliografia Complementar: DESCARTES, R. Meditações sobre filosofia primeira . Campinas: Unicamp, 2004. DESCARTES, R. Discurso do método . Trad. Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2008. PLATÃO. A república . 9. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.		

Unidade Curricular: SOCIOLOGIA 1	20 h/a	15 h/r
Ementa: O surgimento da sociologia como ciência. As correntes teóricas do pensamento sociológico. A Sociologia enquanto método singular de olhar para a realidade. A sociologia e o trabalho do sociólogo. Socialização primária. Socialização secundária. Trabalho e sociedade.		
Bibliografia Básica: AZZOLIN, C. Te Liga . Antologia sociológica. 2. ed. Tapera: Lew, 2010. COSTA, C. Sociologia : Introdução à Ciência da Sociedade. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2005. FREIRE-MEDEIROS, B.; BOMENY, H. Tempos Modernos, Tempos de Sociologia . São Paulo: Editora do Brasil, 2010. (Col. Aprender Sociologia). GIDDENS, A. Sociologia . Porto Alegre: Artmed, 2006. OLIVEIRA, P. Introdução à sociologia . Série Brasil. 25. ed. São Paulo: Ática, 2004.		
Bibliografia Complementar: MARTINS, C. B. O que é sociologia? São Paulo: Brasiliense, 2004. (Col. Primeiros Passos). ORTIZ, R. Cultura brasileira e identidade nacional . São Paulo: Brasiliense, 2003. TOMAZI, N. D. et al. Iniciação à sociologia . 2. ed. São Paulo: Atual, 2000.		

Unidade Curricular: QUÍMICA 1	40 h/a	30 h/r
Ementa: Introdução ao Estudo da Química. Sistemas, substâncias e misturas. Estrutura atômica. Classificação periódica. Ligações químicas, polaridade, forças intermoleculares. Propriedades e aplicações das substâncias.		
Bibliografia Básica: FELTRE, R. Química . 7. ed. São Paulo: Moderna, 2008. 1 v. FONSECA, M. R. M. Interatividade Química . São Paulo: FTD, 2003. FRANCO, D. Química – processos naturais e tecnológicos . São Paulo: FTD, 2010. PERUZZO, F. M.; CANTO, E. L. Química na abordagem do cotidiano . 4. ed. São Paulo: Moderna, 2007. USBERCO, J.; SALVADOR, E. Química Geral . 12. ed. São Paulo: Saraiva, 2006.		
Bibliografia Complementar: CHRISPINO, A. Manual de química experimental . Campinas: Alínea e Átomo, 2010. GREENBERG, A. Uma breve história da Química . São Paulo: Edgard Blucher, 2010. VANIN, J. A. Alquimistas e Químicos: O passado, o presente e o futuro . 2. ed. São Paulo: Moderna, 2005.		

Unidade Curricular: ARTE	40 h/a	30 h/r
Ementa: Conceito de Arte. O papel da arte na formação humana. A arte como forma de conhecimento: música, artes visuais, teatro e dança. Manifestações artísticas ao longo da história: Pré-História, Idade Média, Renascimento, Barroco, Classicismo, Romantismo, Século XX e XXI. Estudo da cultura Afro-Brasileira. Apreciação Musical. Conceitos iniciais de teoria musical: timbre, duração, intensidade, e altura; pauta, claves, figuras musicais, compassos.		
Bibliografia Básica: BENNETT, R. Uma Breve História da Música . Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1996. CONDURU, R. Arte Afro-Brasileira . Belo Horizonte: Editora C/Arte, 2007. (Coleção Didática) GOMBRICH, E. H. J. A História da Arte . São Paulo: LTC, 2000. MARIZ, V. História da Música no Brasil . Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005. PROENÇA, G. História da Arte . São Paulo: Ática, 2007.		
Bibliografia Complementar: DONDIS, D. A. Sintaxe da Linguagem Visual . 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997. GRAHAM-DIXON, A. O guia visual definitivo da arte: da pré-história ao século XXI . São Paulo: Publifolha, 2011. GROUT, D. J.; PALISCA, C. V. História da Música Ocidental . Lisboa: Gradiva, 2001.		

Unidade Curricular: EDUCAÇÃO FÍSICA 1	40 h/a	30 h/r
Ementa: Estudo da história da Educação Física e a cultura corporal. Investigação sobre os conhecimentos do corpo, aptidão física e saúde. Compreensão da importância do alongamento		

como forma de aquecimento e treinamento da flexibilidade.

Bibliografia básica:

DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. (Coords.). **Educação Física na escola**: implicações para a prática pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.
 LIMA, V. **Ginástica Laboral** - Atividade Física no Ambiente de Trabalho. São Paulo: Phorte, 2003.
 MATTOS, M. G.; NEIRA, M. G. **Educação Física na Adolescência**. São Paulo: Phorte, 2004.
 MELO, Victor A. de. **História da Educação Física e do Esporte Brasil** - Panorama e Perspectivas. São Paulo: Ibrasa, 2006.
 PAES, R. R.; BALBINO, H. F. **Pedagogia do Esporte**: contextos e perspectivas. Rio de Janeiro: Guanabara, 2005.

Bibliografia complementar:

ABDALLAH, A. J. **Flexibilidade e alongamento**: saúde e bem-estar. São Paulo: Manole, 2009.
 FENSTERSEIFER, P. E.; GONZÁLEZ, F. J. **Dicionário Crítico de Educação Física**. Ijuí: Unijui, 2005. (Col. Educação Física).
 MACPHERSON, B.; ROSS, L. M.; GILROY, A. M. **Atlas de anatomia**. Rio de Janeiro: Guanabara, 2008.

Unidade Curricular: BIOLOGIA 1

40 h/a

30 h/r

Ementa: Introdução à Biologia. Diversidade biológica. Níveis de Organização. Citologia. célula vegetal. Mecanismos de duplicação, transcrição e tradução. Membrana plasmática: composição química, estrutura e função. Permeabilidade. Hialoplasma: composição química e função. Orgânulos do citoplasma. Estudo do Núcleo Celular. Diferentes estados do DNA no ciclo celular. Conceitos. Divisão celular: mitose e meiose.

Bibliografia Básica:

AMABIS, J. M.; MARTHO, G. R. **Biologia**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2004.
 CHEIDA, L. E. **Biologia Integrada**. São Paulo: FTD, 2002.
 LOPES, S. **BIO**. São Paulo: Saraiva, 2004.
 SILVA, Jr. C.; SASSON, S. **Biologia**. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 2007.
 UZURIAN, A.; BIRNER, E. **Biologia**. 3. ed. São Paulo: Harbra, 2008.

Bibliografia Complementar:

BORÉM, A; SANTOS, F. R. **Biotecnologia Simplificada**. Viçosa: Suprema, 2001.
 GEWANDSZNAJDER, F. **Sexo e reprodução**. São Paulo: Ática, 2000.
 GIANANTI, R. **O desafio do desenvolvimento sustentável**. São Paulo: Atual, 1999.

Unidade Curricular: GEOGRAFIA 1

40 h/a

30 h/r

Ementa: Origem e evolução da ciência geográfica. As categorias básicas da geografia; espaço geográfico, paisagem, território, lugar e região. Astronomia: Sistema Solar, posição e movimentos da Terra e da Lua, solstício e equinócio, estações do ano. Cartografia: leitura e interpretação de mapas, cartas e plantas. Fusos Horários. Projeções Cartográficas; orientação, coordenadas, legenda, escalas, curvas de nível. Problemas Ambientais Globais. Destruição da camada de ozônio, efeito estufa, ilhas de calor, degradação dos solos e dos recursos hídricos, processo de desertificação e problemas ambientais rurais e urbanos. Os caminhos do problema ambiental.

Bibliografia Básica:

ALMEIDA, L. M. A.; RIGOLIN, T. **Fronteiras da Globalização**: Geografia Geral e do Brasil. São Paulo: Ática, 2004.
 COELHO, M. A.; TERRA, L. **Geografia Geral, O Espaço Natural e socioeconômico**. São Paulo: Moderna, 2002.
 MAGNOLI, D. **Geografia para o Ensino Médio**. Conforme a Nova Ortografia. São Paulo: Saraiva, 2008.
 MOREIRA, J. C.; SENE, E. **Geografia Geral e do Brasil**: Espaço Geográfico e Globalização. São Paulo: Scipione, 2007.
 TERRA, L.; GUIMARAES, R. B.; ARAÚJO, R. **Conexões** - Estudos de Geografia Geral e do Brasil. São Paulo: Moderna, 2008.

Bibliografia Complementar:

GUERRA, A. T. **Novo dicionário geológico-geomorfológico**. Rio de Janeiro: Bertrandt Brasil,

1997.
 MOREIRA, J. C.; SENE, Eustáquio de. **Geografia para o Ensino Médio**. São Paulo: Scipione, 2007.
 TEREZO, C. F. **Novo Dicionário de Geografia**. São Paulo: Livro Pronto, 2008.

Unidade Curricular: LÍNGUA ESTRANGEIRA MODERNA - INGLÊS 1	40 h/a	30 h/r
<p>Ementa: Desenvolvimento das habilidades de compreensão oral e escrita e das funções comunicativas com atividades de prática de comunicação em situações contextualizadas. Desenvolvimento das estruturas necessárias à leitura e compreensão de textos técnicos da área de interesse dos alunos. Leitura e compreensão dos diversos gêneros textuais e práticas sociais envolvidas em suas áreas de atuação. Aplicação dos Conteúdos gramaticais de forma contextualizada: estudo dos aspectos e usos dos tempos contínuos (Present and Past Continuous), elementos gramaticais como referentes contextuais: (Pronomes, numerais e palavras que indicam ordem e exemplificação, artigos).</p>		
<p>Bibliografia Básica: COSTA, M. B. Globetrekker. São Paulo: Macmillan, 2008. MURPHY, R. Essential Grammar in Use. Cambridge: Cambridge University Press, 2003. RICHARDS, J. et al. New Interchange Intro. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. RICHARDS, J. et al. New Interchange 1. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. SWAN, M., WALTER, C. The Good Grammar Book. Oxford: Oxford University Press, 2003.</p> <p>Bibliografia Complementar: CRUZ, Décio T. et al. Inglês.com. textos para informática. São Paulo: Disal, 2001. GLENDINNING, E. H.; McEWAN, J. Basic English for Computing. Oxford: Oxford University Press, 1999. SOUZA, A. G. F. et al. Leitura em Língua Inglesa: Uma abordagem instrumental. São Paulo: Disal, 2005.</p>		

Unidade Curricular: LÍNGUA ESTRANGEIRA MODERNA - ESPANHOL 1	40 h/a	30 h/r
<p>Ementa: Estudo em nível básico da fonética e da fonologia da língua espanhola. Estudo das estruturas básicas gramaticais em situações comunicativas. Alfabeto. Pronomes. Substantivo. Artigos. Verbos no modo indicativo. Presente. Léxico temático. Prática das habilidades linguísticas.</p>		
<p>Bibliografia Básica: CARVALHO, J. P.; ROMANOS, H. Espanhol – Expansión. Col. Delta. Caderno de Atividades. São Paulo: FTD, 2004. Diccionario Bilingüe Escolar Español-portugués/Português-espanhol. Nuevo Acuerdo Ortográfico. São Paulo: SBS, 2010. MARTÍN, I. Espanhol. Série Novo Ensino Médio. São Paulo: Ática, 2009. MARZANO, F. M. Como não ficar embarazado em Espanhol - Dicionário Espanhol – Português de Falsas Semelhanças. São Paulo: Campus, 2007. MENÓN, L.; JACOBI, C. C. B.; MELONE, E. Clave Español para El Mundo- Ensino Médio – Colección 1a, 1b, 2a, 2b. São Paulo: Santillana – Moderna, 2008.</p> <p>Bibliografia Complementar: Colección Apartamento para dos1 y apartamento para 2 – DVD. Multimídia. São Paulo: EDELSA, 2005. MALDONADO, Concepción. Diccionario de Español para Extranjeros - Con el Español que se habla hoy. 2. ed. São Paulo: Sm (Brasil), 2002. MILANI, E. M. Gramática de Espanhol para Brasileiros. 3. ed. reformulada. São Paulo: Saraiva, 2006.</p>		

Unidade Curricular: INFORMÁTICA APLICADA	40 h/a	30 h/r
<p>Ementa: Conceitos gerais do Sistema Operacional Windows, instalação e manutenção do sistema. Processador de textos. Planilhas eletrônicas. Programa de apresentação.</p>		
<p>Bibliografia Básica: VELLOSO, F. C. Informática: Conceitos Básicos. 7 ed. São Paulo: Campus, 2004.</p>		

LAMAS, M. **OpenOffice.org: ao Seu Alcance**. São Paulo: Letras & Letras, 2004.
 COX, J.; FRYE, C.; LAMBERT, S. et al. **Microsoft Office System 2007**. 7 ed. São Paulo: Artmed, 2008.
 GASPAR, J. **Google Sketchup Pro 6: Passo a Passo**. 2 ed. São Paulo: Vetor, 2010.
 KATORI, R. AutoCAD 2011: **Projetos em 2D**. São Paulo: Senac, 2010.

Bibliografia Complementar:

BROOKSHEAR, J. G. **Ciência da Computação: uma visão abrangente**. 7 ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

Unidade Curricular: ORGANIZAÇÃO DE COMPUTADORES	40 h/a	30 h/r
Ementa: Estrutura básica e conceitos fundamentais da informática. Tipos de componentes e periféricos. Critérios para seleção de hardware.		
Bibliografia Básica:		
MONTEIRO, M. A. Introdução a Organização de Computadores . 5. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2007.		
BITTENCOURT, Rodrigo Amarin. Montagem de Computadores e Hardware . 6. ed. Rio de Janeiro: Brasport, 2009.		
TORRES, G. Montagem de Micros . Rio de Janeiro: Novaterra, 2010.		
VASCONCELOS, L. Hardware na Prática . 3. ed. Rio de Janeiro: Laércio Vasconcelos, 2009.		
WEBER, R. F. Arquitetura de Computadores Pessoais . Porto Alegre: Instituto de Informática da UFRGS; Sagra Luzzato, 2008. (Série Livros Didáticos 6).		
Bibliografia Complementar:		
DE ROSE, C. A. F.; NAVAU, P. O. Arquiteturas Paralelas . 3. ed. Rio de Janeiro: Laércio Vasconcelos, 2009.		
BROOKSHEAR, J. G. Ciência da Computação: uma visão abrangente . 7. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.		
STALLINGS, W. Arquitetura e Organização de Computadores . 5 ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.		

Unidade Curricular: ALGORITMOS 1	80 h/a	60 h/r
Ementa: Formas de representação e princípios de resolução de problemas. Desenvolvimento de Algoritmos: Tipos de dados. Operadores aritméticos, lógicos e relacionais Entrada e saída. Expressões. Estrutura de um algoritmo. Estrutura sequencial. Estrutura condicional. Estrutura de repetição. Modularização. Definição de algoritmos. Formas de representação de algoritmos e princípios de resolução de problemas. Definição de objetos de entrada, saída e auxiliares. Refinamentos sucessivos. Estruturas algorítmicas: atribuição, seleção, repetição, recursividade, entrada e saída, abstração em nível de módulos, bloco, procedimentos e funções, passagem de parâmetros, tipos básicos e operações sobre dados, operadores e expressões aritméticas e lógicas e técnicas para construção de algoritmos e programação.		
Bibliografia Básica:		
ASCENCIO, A. F. G.; CAMPOS, E. A. V. Fundamentos da Programação de Computadores . 2 ed. São Paulo: Prentice Hall, 2009.		
FORBELLONE, A. L. V.; EBERSPACHER, H. F. Lógica de Programação: a Construção de Algoritmos e Estrutura de Dados . 3 ed. São Paulo: Prentice Hall, 2008.		
SOUZA, M. A. F.; GOMES, M. M.; SOARES, M. V. Algoritmos e Lógica de Programação . São Paulo: Cengage Learning, 2008.		
FARRER, H. et al. Algoritmos Estruturados . Rio de Janeiro: LTC, 1999.		
WIRTH, N. Algoritmos e Estrutura de Dados . Rio de Janeiro: Prentice-Hall do Brasil Ltda, 1986.		
Bibliografia Complementar:		
MORAES, C. R. Estrutura de dados e algoritmos . São Paulo: Futura. 2003.		
MANZANO, J. A. N. G.; OLIVEIRA, J. F. Algoritmos - Lógica para Desenvolvimento de Programação de Computadores . 22. ed. São Paulo: Érica, 2009.		
MEDINA, M.; FERTIG, C. Algoritmos e Programação - Teoria e Prática . São Paulo: Novatec, 2005.		

2º PERÍODO

Unidade Curricular: LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA BRASILEIRA 2	60h/a	45 h/r
Ementa: Leitura e produção de textos. Gêneros da ordem do expor. Textos de divulgação científica. Resumo. Relatório. Reflexão linguística. Coesão e coerência. Processo de sumarização. Articuladores textuais. Termos essenciais da oração. Literatura de Viagem. Barroco. Arcadismo.		
Bibliografia Básica: BECHARA, E. Moderna Gramática Portuguesa . São Paulo: Nova Fronteira, 2010. CEREJA, W. Literatura Portuguesa em diálogo com outras literaturas de língua portuguesa . São Paulo: Atual, 2009. _____; MAGALHÃES, T. C. Português: Linguagens . São Paulo: Atual, 2003. KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. Ler e compreender: os sentidos do texto . São Paulo: Contexto, 2007. MACHADO, A. R. et al. Resumo . São Paulo: Parábola, 2009.		
Bibliografia Complementar: FARACO, C.; TEZZA, C. Oficina de texto . Petrópolis: Vozes, 2010. NICOLA, J. Literatura Brasileira: das origens aos nossos dias . São Paulo: Scipione, 2002. _____. Literatura Portuguesa: das origens aos nossos dias . São Paulo: Scipione, 2002.		

Unidade Curricular: MATEMÁTICA 2	60 h/a	45 h/r
Ementa: Produtos notáveis e fatoração. Função do 2º grau. Função Modular Função exponencial e logarítmica. Geometria básica (Área e volume de figuras).		
Bibliografia Básica: DANTE, Luiz R. Matemática Contexto e Aplicações . São Paulo: Ática, 2000. 1 v. GIOVANNI, J. R.; BONJORNO, J. R. Matemática Fundamental: Uma nova abordagem . São Paulo: FTD, 2001. IEZZI, G.; HAZZAN, S. Fundamentos de Matemática Elementar . São Paulo: Atual, 2004. 1, 2 e 9 v. MACHADO, A. S. Matemática Temas e Metas . São Paulo: Atual, 1986. PAIVA, M. Matemática . São Paulo: Moderna, 2005. 1 v.		
Bibliografia Complementar: DOLCE, O. Matemática . São Paulo: Atual, 2007. FACCHINI, W. Matemática . São Paulo: Saraiva, 1997. GOULART, M. C. Matemática no Ensino Médio . São Paulo: Scipione, 1999. 1 v.		

Unidade Curricular: FILOSOFIA 2	20 h/a	15 h/r
Ementa: Definições conceituais básicas (Arte, Técnica, Ciência, Engenharia e Tecnologia). Progresso Científico e Tecnológico. A civilização tecnológica.		
Bibliografia Básica: ALVES, R. Filosofia da ciência: introdução ao jogo e suas regras . 14. ed. São Paulo: Loyola, 2009. DUSEK, V. Filosofia da tecnologia . Trad. Luiz C. Borges. São Paulo: Loyola, 2009. FOUREZ, G. A construção das ciências: introdução à filosofia e a ética das ciências . São Paulo: Unesp, 1995. MORAIS, J. F. R. de. Filosofia da ciência e da tecnologia: introdução metodológica e crítica . 8. ed. Campinas: Papyrus, 2007. OLIVA, A. Teoria do Conhecimento . Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. (Passo a Passo).		
Bibliografia Complementar: ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. Dialética do Esclarecimento . Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. HABERMAS, J. Técnica e ciência como ideologia . Trad. Artur Mourão. Lisboa: Edições 70, 1997. LÉVY, P. As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática . Trad. Carlos I. da Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.		

Unidade Curricular: SOCIOLOGIA 2	20 h/a	15 h/r
Ementa: A construção social da identidade. Relações e interações sociais na vida cotidiana. Etnocentrismo e relativismo cultural. O homem e a cultura.		
Bibliografia Básica: AZZOLIN, C. Te Liga . Antologia sociológica. 2. ed. Tapera: Lew, 2010. GIDDENS, A. Sociologia . Porto Alegre: Artmed, 2006. LARAIA, R. B. Cultura: um conceito antropológico . 23 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009. OLIVEIRA, P. Introdução à sociologia . Série Brasil. 25. ed. São Paulo: Ática, 2004. STRAUSS, A. Espelhos e máscaras: a busca de identidade . São Paulo: EDUSP, 1999.		
Bibliografia Complementar: MARTINS, C. B. O que é sociologia? São Paulo: Brasiliense, 2004. (Col. Primeiros Passos). ORTIZ, R. Cultura brasileira e identidade nacional . São Paulo: Brasiliense, 2003. TOMAZI, N. D. et al. Iniciação à sociologia . 2. ed. São Paulo: Atual, 2000.		

Unidade Curricular: FÍSICA 1	60 h/a	45 h/r
Ementa: Estudo das Grandezas Físicas, suas unidades de medida e o Sistema Internacional de Unidades. Estudo dos conceitos de Cinemática. Fundamentação da Dinâmica através das Leis de Newton. Aplicação de Dinâmica através dos conceitos relacionados à estática do ponto material.		
Bibliografia Básica: BARRETO, M. Física - Newton para o ensino médio. Campinas: Papyrus, 2002. GASPAR, A. Física - Série Brasil. São Paulo: Ática, 2004. GONÇALVES, A.; TOSCANO, C. Física e Realidade . São Paulo: Scipione, 2003. MÁXIMO, A.; ALVARENGA, B. Curso de Física . São Paulo: Scipione, 2008. 1, 2 e 3 v. SAMPAIO, J. L.; CALÇADA, C. S. Física . São Paulo: Atual, 2003.		
Bibliografia Complementar: HALLIDAY, D.; RESNICK, R. Fundamentos de Física . 8. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008. HEWITT, P. G. Física Conceitual . 9. ed. Porto Alegre: Bookman, 2008. NUSSENZVEIG, M. H. Curso de Física Básica . 4. ed. São Paulo: Edgard Blucher, 2009.		

Unidade Curricular: QUÍMICA 2	60 h/a	45 h/r
Ementa: Substâncias inorgânicas. Reações químicas. Estudo sucinto sobre os principais elementos. Aspectos quantitativos das reações químicas. Cálculo Estequiométrico.		
Bibliografia Básica: FELTRE, R. Química . 7. ed. São Paulo: Moderna, 2008. 1 v. FONSECA, M. R. M. Interatividade Química . São Paulo: FTD, 2003. FRANCO, D. Química – processos naturais e tecnológicos . São Paulo: FTD, 2010. PERUZZO, F. M.; CANTO, E. L. Química na abordagem do cotidiano . 4. Ed. São Paulo: Moderna, 2007. 1 v. USBERCO, J.; SALVADOR, E. Química Geral . 12. Ed. São Paulo: Saraiva, 2006.		
Bibliografia Complementar: CANTO, E. L. Minerais, Minérios, Metais: De onde vêm? Para onde vão? 2. Ed. São Paulo: Moderna, 2008. POSTMA, J. M. Química no laboratório . 5. ed. São Paulo: Manole, 2009. SOUZA, S. A. Composição química dos aços . São Paulo: Edgard Blucher, 2001.		

Unidade Curricular: EDUCAÇÃO FÍSICA 2	40 h/a	30 h/r
Ementa: Investigação sobre os conhecimentos do corpo, aptidão física e saúde. Retomada e fundamentação das principais características de um esporte convencional. Introdução as principais características de um esporte diversificado. Desenvolvimento de conhecimentos sobre a mídia e a sua relação com os esportes e os padrões de beleza trabalhados.		
Bibliografia básica: DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. (Coords.). Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica . Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. LIMA, V. Ginástica Laboral – Atividade Física no Ambiente de Trabalho . São Paulo: Phorte, 2003.		

MATTOS, M. G. ; NEIRA, M. G. **Educação Física na Adolescência**. São Paulo: Phorte, 2004.
 MELO, V. A. **História da Educação Física e do Esporte Brasil – Panorama e Perspectivas**. São Paulo: Ibrasa. 2006.
 PAES, R. R.; BALBINO, H. F. **Pedagogia do Esporte: contextos e perspectivas**. Rio de Janeiro: Guanabara. 2005.

Bibliografia complementar:

ABDALLAH, A. J. **Flexibilidade e alongamento: saúde e bem-estar**. São Paulo: Manole, 2009.
 FENSTERSEIFER, P. E.; GONZÁLEZ, Fernando J. **Dicionário Crítico de Educação Física –Col. Educação Física**. Ijuí: Unijui, 2005.
 MACPHERSON, B.; ROSS, L. M.; GILROY, A. M. **Atlas de anatomia**. RJ: Guanabara, 2008.

Unidade Curricular: BIOLOGIA 2

40 h/a

30 h/r

Ementa: Introdução e histórico da Genética. Alelos múltiplos e análise da herança dos grupos sanguíneos. Transfusões sanguíneas e herança do fator Rh. Cromossomos sexuais. Herança ligada ao sexo. Herança influenciada pelo sexo. Herança restrita ao sexo. Segunda Lei de Mendel. Formação de gametas e Segunda Lei de Mendel. Meiose e Segunda Lei. Genes Ligados. Mutações Gênicas estruturais e numéricas (aberrações cromossômicas). Noções de Biotecnologia. Hipóteses sobre a origem da Vida. Evolução Biológica. Evolução segundo Lamarck. Evolução segundo Darwin. Neodarwinismo. Evidências da evolução.

Bibliografia Básica:

AMABIS, J. M.; MARTHO, G. R. **Biologia**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2004. 1, 2 e 3 v.
 CHEIDA, L. E. **Biologia Integrada**. São Paulo: FTD, 2002.
 LOPES, S. **BIO**. São Paulo: Saraiva, 2004.
 SILVA, Jr. C.; SASSON, S. **Biologia**. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 2007.
 UZURIAN, A.; BIRNER, E. 2008. **Biologia**. 3. ed. São Paulo: Harbra, 2008.

Bibliografia Complementar:

BORÉM, A; SANTOS, F. R. **Biotecnologia Simplificada**. Viçosa, MG: Suprema, 2001.
 GEWANDSZNAJDER, F. **Sexo e reprodução**. São Paulo: Ática, 2000.
 GIANANTI, R. **O desafio do desenvolvimento sustentável**. São Paulo: Atual, 1999.

Unidade Curricular: GEOGRAFIA 2

40 h/a

30 h/r

Ementa: Evolução do modo de produção capitalista e os principais países capitalistas desenvolvidos. O modo de produção socialista, avanço e declínio do socialismo. Mundo bipolar: oposição entre capitalismo e socialismo. Guerra Fria. Pacto de Varsóvia e OTAN. Os principais conflitos étnicos e geopolíticos no mundo contemporâneo. Nova ordem mundial. Globalização; aspectos gerais; empresas transnacionais; redes de circulação e informação. Mudanças nas relações de trabalho; a era da informação. Blocos econômicos; interesses políticos. Órgãos internacionais. Neoliberalismo. Geopolítica ambiental; desenvolvimento e preservação. O Brasil e as questões geopolíticas internacionais.

Bibliografia Básica:

ALMEIDA, L. M. A.; RIGOLIN, T. **Fronteiras da Globalização: Geografia Geral e do Brasil**. São Paulo: Ática, 2004.
 COELHO, M. A.; TERRA, L. **Geografia Geral, O Espaço Natural e socioeconômico**. São Paulo: Moderna, 2002.
 MAGNOLI, D. **Geografia para o Ensino Médio**. Conforme a Nova Ortografia. São Paulo: Saraiva, 2008.
 MOREIRA, J. C.; SENE, E. **Geografia Geral e do Brasil: Espaço Geográfico e Globalização**. São Paulo: Scipione, 2007.
 TERRA, L.; GUIMARAES, R. B.; ARAÚJO, R. **Conexões – Estudos de Geografia Geral e do Brasil**. São Paulo: Moderna, 2008.

Bibliografia Complementar:

GUERRA, A. T. **Novo dicionário geológico-geomorfológico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
 MOREIRA, J. C.; SENE, E. **Geografia para o Ensino Médio**. São Paulo: Scipione, 2007.
 TEREZO, C. F. **Novo Dicionário de Geografia**. São Paulo: Livro Pronto, 2008.

Unidade Curricular: LÍNGUA ESTRANGEIRA MODERNA – INGLÊS 2	40 h/a	30 h/r
<p>Ementa: Desenvolvimento das habilidades de compreensão oral e escrita e das funções comunicativas com atividades de prática de comunicação em situações contextualizadas. Desenvolvimento das estruturas necessárias à leitura e compreensão de textos técnicos da área de interesse dos alunos. Leitura e compreensão dos diversos gêneros textuais e práticas sociais envolvidas em suas áreas de atuação. Aplicação dos conteúdos gramaticais de forma contextualizada: estudo dos aspectos e usos dos tempos simples e contínuos (Present and Past Simple, Future Simple and Immediate – Going to Referentes contextuais: Determiners)</p>		
<p>Bibliografia Básica: COSTA, M. B. Globetrekker. São Paulo: Macmillan, 2008. MURPHY, R. Essential Grammar in Use. Cambridge: Cambridge University Press, 2003. RICHARDS, J. et al. New Interchange Intro. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. RICHARDS, J. et al. New Interchange 1. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. SWAN, M.; WALTER, C. The Good Grammar Book. Oxford: Oxford University Press, 2003.</p>		
<p>Bibliografia Complementar: CRUZ, D. T. et al. Inglês.com.textos para informática. São Paulo: Disal, 2001. GLENDINNING, E. H.; McEWAN, J. Basic English for Computing. Oxford: Oxford University Press, 1999. SOUZA, A. G. F. et al. Leitura em Língua Inglesa: Uma abordagem instrumental. São Paulo: Disal, 2005.</p>		

Unidade Curricular: LÍNGUA ESTRANGEIRA MODERNA – ESPANHOL 2	40 h/a	30 h/r
<p>Ementa: Estudo de estruturas básicas gramaticais em situações comunicativas. Orações interrogativas e exclamativas diretas e indiretas. Adjetivos. Acentuação. Numerais. Verbos no modo indicativo. Pretéritos. Léxico temático. Introdução ao estudo da grafia. Morfologia e sintaxe de textos de diferentes tipos e gêneros em língua espanhola. Prática das quatro habilidades linguísticas.</p>		
<p>Bibliografia Básica: CARVALHO, P. de; ROMANOS, H. Espanhol –Expansión– Col. Delta – Caderno de Atividades. São Paulo: FTD, 2004. Dicionário Bilingüe Escolar Español-português/Português-espanhol. Nuevo Acuerdo Ortográfico. São Paulo: SBS, 2010. MARTÍN, I. Espanhol. Série Novo Ensino Médio. São Paulo: Ática, 2009. MARZANO, F. M. Como não ficar embarazado em Espanhol – Dicionário Espanhol – Português de Falsas Semelhanças. São Paulo: Campus, 2007. MENÓN, L.; JACOBI, C. C. B.; MELONE, E. Clave Español para El Mundo - Ensino Médio – Colección 1, 1b, 2, 2b. São Paulo: Santillana – Moderna, 2008.</p>		
<p>Bibliografia Complementar: MALDONADO, C. Diccionario de Español para Extranjeros- Con el Español que se habla hoy. 2. ed. São Paulo: Sm (Brasil). MILANI, E. M. Gramática de Espanhol para Brasileiros. 3. ed. Reformulada. São Paulo: Saraiva, 2006. Colección APARTAMENTO PARA DOS1 y APARTAMENTO PARA DOS 2 – DVD. Multimídia. São Paulo: EDELSA, 2005.</p>		

Unidade Curricular: SISTEMAS OPERACIONAIS 1	40 h/a	30 h/r
<p>Ementa: Evolução histórica dos Sistemas Operacionais. Arquiteturas computacionais e os Sistemas Operacionais. Tipos de Sistemas Operacionais. Instalação e configuração de Sistemas Operacionais. Utilização de programas utilitários em modo texto e modo gráfico.</p>		
<p>Bibliografia Básica OLIVEIRA, R. S.; CARISSIMI, A.; TOSCANI, S. Sistemas operacionais. 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010. TANENBAUM, A. S. Sistemas Operacionais Modernos. 3. ed. Rio de Janeiro: Prentice Hall Brasil, 2010. SILBERSCHATZ, A.; GALVIN, P. B.; GAGNE, G. Fundamentos de Sistemas Operacionais. 8 Ed. Rio de Janeiro: LTC, 2010.</p>		

TOSCANI, S. et. al. **Sistemas Operacionais e Programação Concorrente**. Porto Alegre: Série Livros Didáticos, 2007.
 MARQUES, J. A.; et al. **Sistemas Operacionais**. Estudos de caso em Unix, Linux e Windows. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

Bibliografia Complementar

SILBERSCHATZ, A. **Sistemas Operacionais com Java**. 7. ed. Rio de Janeiro: Campus, 2008.
 DEITEL, H. et al. **Sistemas Operacionais**. 3. ed. Rio de Janeiro: Prentice Hall Brasil, 2005.
 MACHADO, F. B.; MAIA, L.P. **Arquitetura de sistemas operacionais**. 3. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2002.

Unidade Curricular: INSTALAÇÃO E MANUTENÇÃO DE COMPUTADORES	40 h/a	30 h/r
Ementa: Configuração e instalação de microcomputadores e seus periféricos. Técnicas de Manutenção Preventiva e Corretiva. Realização de cópias de segurança, restauração de dados e atividades de prevenção, detecção e remoção de vírus. Seleção de soluções adequadas para corrigir as falhas de funcionamento de computadores, periféricos e softwares.		
Bibliografia Básica: BITTENCOURT, R. A. Montagem de Computadores e Hardware . 6. Ed. Rio de Janeiro: Brasport, 2009. VASCONCELOS, L. Hardware na Prática . 3. ed. Rio de Janeiro: Laércio Vasconcelos, 2009. TORRES, G. Montagem de Micros . Rio de Janeiro: Novaterra, 2010. MONTEIRO, M. A. Introdução a Organização de Computadores . 5. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2007. WEBER, R. F. Arquitetura de Computadores Pessoais . Porto Alegre: Instituto de Informática da UFRGS; Sagra Luzzato, 2008. (Série Livros Didáticos 6).		
Bibliografia Complementar: DERFLER, F. Tudo sobre Cabeamento de Redes . 6. Ed. Rio de Janeiro: Campus, 1995. VASCONCELOS, L.; VASCONCELOS, M. Manual Prático de Redes . Rio de Janeiro: Laércio Vasconcelos Computação, 2007. RAZAVI, B.; Fundamentos de Microeletrônica . 1. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2010.		

Unidade Curricular: ALGORITMOS 2	80 h/a	60 h/r
Ementa: Tipos de Dados Complexos: Vetores, matrizes; registros. Algoritmos de ordenação e busca. Gerenciamento de arquivos. Tipos de Dados Complexos: Vetores, matrizes; registros. Listas, Fila, Pilha e árvores, Apontadores (ponteiros). Algoritmos de ordenação e busca. Gerenciamento de arquivos.		
Bibliografia Básica: MORAES, C. R. Estrutura de dados e algoritmos . São Paulo: Futura, 2003. MANZANO, J. A. N. G.; OLIVEIRA, J. F. Algoritmos - Lógica para Desenvolvimento de Programação de Computadores . 22. ed. São Paulo: Érica, 2009. MEDINA, M.; FERTIG, C. Algoritmos e Programação - Teoria e Prática . São Paulo: Novatec, 2005. FARRER, H. et al. Algoritmos Estruturados . Rio de Janeiro: LTC, 1999. WIRTH, N. Algoritmos e Estrutura de Dados . Rio de Janeiro: Prentice-Hall do Brasil Ltda, 1986.		
Bibliografia Complementar: SANTOS, C. S.; AZEREDO, P. A. Tabelas: Organização e Pesquisa . Porto Alegre: Bookman, 2008. 10 v. FORBELLONE, A. L. V.; EBERSPACHER, H. F. Lógica de Programação: a Construção de Algoritmos e Estrutura de Dados . 3. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2008. SOUZA, M. A. F.; GOMES, M. M.; SOARES, M. V. Tabelas: organização e pesquisa . São Paulo: Cengage Learning, 2008.		

3º PERÍODO

Unidade Curricular: LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA BRASILEIRA 3	60 h/a	45 h/r
--	---------------	---------------

Ementa: Leitura e produção de textos. Estudo de gêneros da esfera publicitária. Reflexão linguística. Uso do imperativo. Intertextualidade. Pontuação. Variantes linguísticas. Recurso linguísticos e não-linguísticos do anúncio publicitário. Termos integrantes da oração. Termos acessórios da oração. Romantismo.

Bibliografia Básica:

BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. São Paulo: Nova Fronteira, 2010.
 BOSI, A. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1991.
 CEREJA, W. **Literatura Portuguesa em diálogo com outras literaturas de língua portuguesa**. São Paulo: Atual, 2009.
 _____; MAGALHÃES, T. C. **Português: Linguagens**. São Paulo: Atual, 2003.
 KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. **Ler e escrever: estratégias de produção textual**. São Paulo: Contexto, 2009.

Bibliografia Complementar:

FARACO, C.; TEZZA, C. **Oficina de texto**. Petrópolis: Vozes, 2010.
 NICOLA, J. **Literatura Brasileira: das origens aos nossos dias**. São Paulo: Scipione, 2002.
 _____. **Literatura Portuguesa: das origens aos nossos dias**. São Paulo: Scipione, 2002.

Unidade Curricular: MATEMÁTICA 3

60 h/a | **45 h/r**

Ementa: Trigonometria. Funções circulares. Operações com arcos.

Bibliografia Básica:

DANTE, L. R. **Matemática Contexto e Aplicações**. São Paulo: Ática, 2000.
 GIOVANNI, J. R.; BONJORNO, J. R. **Matemática Fundamental: Uma nova abordagem**. São Paulo: FTD, 2001.
 IEZZI, G.; HAZZAN, S. **Fundamentos de Matemática Elementar**. 7. ed. São Paulo: Atual, 2004.
 MACHADO, A. S. **Matemática Temas e Metas**. São Paulo: Atual, 1986.
 PAIVA, M. **Matemática**. São Paulo: Moderna, 2005.

Bibliografia Complementar:

DOLCE, O. **Matemática**. São Paulo: Atual, 2007.
 FACCHINI, W. **Matemática**. São Paulo: Saraiva, 1997.
 GOULART, M. C. **Matemática no Ensino Médio**. São Paulo: Scipione, 1999.

Unidade Curricular: FILOSOFIA 3

20 h/a | **15 h/r**

Ementa: A condição humana. Existencialismo. Essencialismo. Materialismo Histórico.

Bibliografia Básica:

ARENDT, H. **A condição humana**. Trad. de Roberto Raposo. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.
 ARLT, G. **Antropologia Filosófica**. Petrópolis: Vozes, 2008.
 COLETTE, J. **Existencialismo**. Trad. Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2009.
 HABERMAS, J. **O futuro da natureza humana: a caminho de uma eugenia liberal?** São Paulo: Martins Fontes, 2004.
 LEFEBVRE, H. **Marxismo**. Trad. William Lagos. Porto Alegre: L&PM, 2009.

Bibliografia Complementar:

CAMUS, A. **O homem revoltado**. Trad. Valerie Rumjanek. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 1999.
 CAMUS, A. **O estrangeiro**. Trad. Valerie Rumjanek. 23. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.
 NIETZSCHE, F. **Ecce homo: como cheguei a ser o que sou**. Trad. Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2000.

Unidade Curricular: SOCIOLOGIA 3

20 h/a | **15 h/r**

Ementa: Homem e natureza. O trabalho como mediação. Divisão social do trabalho. Mundo do trabalho: emprego e desemprego na atualidade.

Bibliografia Básica:

AZZOLIN, C. **Te Liga**. Antologia sociológica. 2. ed. Tapera: Lew Editora, 2010.
 CARMO, P. S. **A ideologia do trabalho**. São Paulo: Moderna, 2005.
 FREIRE-MEDEIROS, B.; BOMENY, H. **Tempos Modernos, Tempos de Sociologia**. São Paulo:

Editora do Brasil, 2010. (Col. Aprender Sociologia).
 GIDDENS, A. **Sociologia**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
 OLIVEIRA, P. **Introdução à sociologia**. Série Brasil. 25. ed. São Paulo: Ática, 2004.

Bibliografia Complementar:

MARTINS, C. B. **O que é sociologia?** São Paulo: Brasiliense, 2004. (Coleção Primeiros Passos).
 ORTIZ, R. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 2003.
 TOMAZI, N. D. et al. **Iniciação à sociologia**. 2. ed. São Paulo: Atual, 2000.

Unidade Curricular: FÍSICA 2	60 h/a	45 h/r
Ementa: Estudo do Momento de uma força e suas aplicações quanto à Estática do Corpo Extenso Caracterização do Conceito de Conservação de Energia. Estudos e aplicações dos conceitos relacionados aos Fluídos. Organização dos conceitos de Gravitação Universal.		
Bibliografia Básica: BARRETO, B. F.; SILVA, C. X. Física aula por aula . São Paulo: FTD, 2010. GASPAR, A. Física Série Brasil . São Paulo: Ática, 2004. GONÇALVES, A.; TOSCANO, C.; Física e Realidade . São Paulo: Scipione, 2003. MÁXIMO, A.; ALVARENGA, B. Curso de Física . São Paulo: Scipione, 2008. SAMPAIO, J. L.; CALÇADA, C. S.; Física . São Paulo: Atual, 2003.		
Bibliografia Complementar: HALLIDAY, D.; RESNICK, R.; Fundamentos de Física . 8. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008. HEWITT, P. G.; Física Conceitual . 9. ed. Porto Alegre: Bookman, 2008. NUSSENZVEIG, M. H.; Curso de Física Básica . 4. ed. São Paulo: Edgard Blucher, 2009.		

Unidade Curricular: QUÍMICA 3	40 h/a	30 h/r
Ementa: Soluções. Propriedades coligativas. Eletroquímica.		
Bibliografia Básica: FELTRE, R. Química . 7. ed. São Paulo: Moderna, 2008. 2 v. FONSECA, M. R. M. Interatividade Química . São Paulo: FTD, 2003. FRANCO, D. Química – processos naturais e tecnológicos . São Paulo: FTD, 2010. PERUZZO, F. M.; CANTO, E. L. Química na abordagem do cotidiano . 4. ed. São Paulo: Moderna, 2007. 2 v. USBERCO, J.; SALVADOR, E. Físico-química . 12. ed. São Paulo: Saraiva, 2006.		
Bibliografia Complementar: CHRISPINO, A. Manual de química experimental . Campinas: Alínea e Átomo, 2010. RIBEIRO, E. P.; SERAVALLI, E. A. G. Química de alimentos . 2. ed. São Paulo: Edgard Blucher, 2007. TUNDISI, H. da S. F. Usos de Energia, sistemas, fontes e alternativas: do fogo aos gradientes de temperaturas oceânicas . 15. ed. São Paulo: Atual, 1991. (Série meio ambiente).		

Unidade Curricular: EDUCAÇÃO FÍSICA 3	40 h/a	30 h/r
Ementa: Explicitação dos princípios técnicos e táticos do esporte do segundo período. Investigação sobre os conhecimentos do corpo. Elaboração de conhecimentos sobre o trabalho, lazer e qualidade de vida. Estudo do conceito de jogo e suas possibilidades: desenvolver a percepção do lúdico e o resgate de jogos e brincadeiras baseados em diferentes culturas, tempos e espaços históricos.		
Bibliografia básica: DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. (Coords.). Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica . Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. LIMA, V. Ginástica Laboral - Atividade Física no Ambiente de Trabalho . São Paulo: Phorte, 2003. MATTOS, M. G.; NEIRA, M. G. Educação Física na Adolescência . São Paulo: Phorte, 2004. MELO, V. A. História da Educação Física e do Esporte Brasil - Panorama e Perspectivas . São Paulo: Ibrasa, 2006. PAES, R. R.; BALBINO, H. F. Pedagogia do Esporte: contextos e perspectivas . Rio de Janeiro: Guanabara, 2005.		

Bibliografia complementar:

ABDALLAH, A. J. **Flexibilidade e alongamento**: saúde e bem-estar. São Paulo: Manole, 2009.
 FENSTERSEIFER, P. E.; GONZÁLEZ, F. J. **Dicionário Crítico de Educação Física** - Col. Educação Física. Ijuí: Unijui, 2005.
 MACPHERSON, B.; ROSS, L. M.; GILROY, A. M. **Atlas de anatomia**. Rio de Janeiro: Guanabara, 2008.

Unidade Curricular: BIOLOGIA 3**40 h/a****30 h/r**

Ementa: Especiação. Classificação Biológica e importância da filogenia. Regras para nomenclatura das espécies. Sistema hierárquico de Lineu. Estudo dos Vírus e parasitoses humanas relacionadas. Estudo das Bactérias e parasitoses humanas relacionadas. Estudo dos Fungos. Estudo das Algas. Botânica: briófitas, pteridófitas, gimnospermas e angiospermas. Morfologia e Histologia Vegetal. Fisiologia Vegetal.

Bibliografia Básica:

AMABIS, J. M.; MARTHO, G. R. **Biologia**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2004.
 CHEIDA, L. E. **Biologia Integrada**. São Paulo: FTD, 2002.
 LOPES, S. **BIO**. São Paulo: Saraiva, 2004.
 SILVA, Jr. C.; SASSON, S. **Biologia**. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 2007.
 UZURIAN, A.; BIRNER, E. **Biologia**. 3. ed. São Paulo: Harbra, 2008.

Bibliografia Complementar:

BORÉM, A; SANTOS, F. R. **Biotecnologia Simplificada**. Viçosa: Suprema, 2001.
 GEWANDSZNAJDER, F. **Sexo e reprodução**. São Paulo: Ática, 2000.
 GIANANTI, R. **O desafio do desenvolvimento sustentável**. São Paulo: Atual, 1999.

Unidade Curricular: GEOGRAFIA 3**40 h/a****30 h/r**

Ementa: Estrutura interna da Terra; evolução geológica e placas tectônicas, tempo histórico e tempo geológico. Agentes internos e externos de formação do relevo terrestre. Estrutura geológica e riquezas mineiras do Brasil. Aspectos geomorfológicos do Brasil e classificação do Relevo Brasileiro. Atmosfera: climas e sua dinâmica; classificação climática do Brasil. Fitogeografia e Ecossistemas Brasileiros. Domínios morfoclimáticos brasileiros. Hidrosfera. Bacias Hidrográficas Brasileiras. As fontes de energia.

Bibliografia Básica:

ALMEIDA, L. M. A.; RIGOLIN, T. **Fronteiras da Globalização**: Geografia Geral e do Brasil. São Paulo: Ática, 2004.
 COELHO, M. A.; TERRA, L. **Geografia Geral, O Espaço Natural e socioeconômico**. São Paulo: Moderna, 2002.
 MAGNOLI, D. **Geografia para o Ensino Médio**. Conforme a Nova Ortografia. São Paulo: Saraiva, 2008.
 MOREIRA, J. C.; SENE, E. **Geografia Geral e do Brasil**: Espaço Geográfico e Globalização. São Paulo: Scipione, 2007.
 TERRA, L.; GUIMARAES, R. B.; ARAÚJO, R. **Conexões** - Estudos de Geografia Geral e do Brasil. São Paulo: Moderna, 2008.

Bibliografia Complementar:

GUERRA, A. T. **Novo dicionário geológico-geomorfológico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
 MOREIRA, J. C.; SENE, E. **Geografia para o Ensino Médio**. São Paulo: Scipione, 2007.
 TEREZO, C. F. **Novo Dicionário de Geografia**. São Paulo: Livro Pronto, 2008.

Unidade Curricular: LÍNGUA ESTRANGEIRA MODERNA - INGLÊS 3**40 h/a****30 h/r**

Ementa: Desenvolvimento das habilidades de compreensão oral e escrita e das funções comunicativas com atividades de prática de comunicação em situações contextualizadas. Desenvolvimento das estruturas necessárias à leitura e compreensão de textos técnicos da área de interesse dos alunos. Leitura e compreensão dos diversos gêneros textuais e práticas sociais envolvidas em suas áreas de atuação. Aplicação dos conteúdos gramaticais de forma

contextualizada: estudos dos aspectos e usos dos tempos simples (Conditional Would), contínuos (Future Continuous) e perfeitos (Present and Past)Referência contextual: Adverbs and Word order.

Bibliografia Básica:

COSTA, M. B. **Globetrekker**. São Paulo: Macmillan, 2008.
 MURPHY, R. **Essential Grammar in Use**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
 RICHARDS, J. et al. **New Interchange Intro**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
 RICHARDS, J. et al. **New Interchange 1**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
 SWAN, M.; WALTER, C. **The Good Grammar Book**. Oxford: Oxford University Press, 2003.

Bibliografia Complementar:

CRUZ, D. T. et al. **Inglês.com.textos para informática**. São Paulo: Disal, 2001.
 GLENDINNING, E. H.; McEWAN, J. **Basic English for Computing**. Oxford: Oxford University Press, 1999.
 SOUZA, A. G. F. et al. **Leitura em Língua Inglesa: Uma abordagem instrumental**. São Paulo: Disal, 2005.

Unidade Curricular: LÍNGUA ESTRANGEIRA MODERNA – ESPANHOL 3	40 h/a	30 h/r
--	---------------	---------------

Ementa: Estudo de aspectos linguísticos fundamentais da língua espanhola e da língua portuguesa. Formas de tratamento. Pronomes. Uso de formas e tempos verbais. Heterosemânticos, heterogênicos, heterotônicos. Estudo de estruturas frasais em situações comunicativas. Verbos no modo subjuntivo. Contraste de uso dos modos indicativo e subjuntivo. Estudo das estruturas verbais do Futuro. Prática das habilidades linguísticas.

Bibliografia Básica:

MENÓN, L.; JACOBI, C. C. B.; MELONE, E. **Clave Español para El Mundo** - Ensino Médio – Colección 1a, 1b, 2a, 2b. São Paulo: Santillana – Moderna, 2008.
 CARVALHO, P.; ROMANOS, H. **Espanhol** - Expansión - Col. Delta - Caderno de Atividades. São Paulo: FTD, 2004.
 MARTÍN, I. **Espanhol**. Série Novo Ensino Médio. São Paulo: Ática, 2009.
 MARZANO, F. M. **Como não ficar embarazado em Espanhol** - Dicionário Espanhol - Português de Falsas Semelhanças. São Paulo: Campus, 2007.
Dicionário Bilingüe Escolar Español-português/Português-espanhol. Nuevo Acuerdo Ortográfico. São Paulo: SBS, 2010.

Bibliografia Complementar:

MILANI, E. M. **Gramática de Espanhol para Brasileiros**. 3. ed. Reformulada. São Paulo: Saraiva, 2006.
 MALDONADO, C. **Diccionario de Español para Extranjeros** – Com el Español que se habla hoy. 2. ed. São Paulo: Sm (Brasil). **Colección APARTAMENTO PARA DOS1 y APARTAMENTO PARA DOS 2 – DVD**. Multimídia. São Paulo: EDELSA, 2005.

Unidade Curricular: HISTÓRIA 1	40 h/a	30 h/r
---------------------------------------	---------------	---------------

Ementa: Trabalho, política e cidadania. Introdução aos Estudos da História. Pré-História. Antiguidade Oriental. Creta. Antiguidade Clássica. O Império Bizantino. Civilização Muçulmana. Idade Média. Os Estados Nacionais e o Absolutismo. O Mercantilismo.

Bibliografia Básica:

ARRUDA, J. J. A.; PILETTI, N. **Toda a história** - história geral e do Brasil. São Paulo: Ática, 2007.
 KOSHIBA, Luiz. **História do Brasil no contexto da História Ocidental**: ensino médio. 8. ed. rev., atual e ampl. São Paulo: Atual, 2003.
 MOTA, M. B.; BRAICK, P. R. **História das cavernas ao Terceiro Milênio**. São Paulo: Moderna, 2004.
 VICENTINO, C. **História Geral**: ensino médio. São Paulo: Scipione, 2002.
 VICENTINO, C.; DORIGO, G. **História Geral e do Brasil**. São Paulo: Scipione, 2010.

Bibliografia Complementar:

CAMPOS, F.; DOLHNIKOFF, M. **Atlas** – História do Brasil. São Paulo: Scipione, 1998.
 FRANCO, Jr. H.; ANDRADE, Filho Ruy de O. **Atlas** – História Geral. São Paulo: Scipione, 1997.
 SOUZA, Marina de M. **África e Brasil africano**. São Paulo: Ática. 2006.

Unidade Curricular: LINGUAGEM DE PROGRAMAÇÃO 1	60 h/a	45 h/r
Ementa: Conceitos iniciais de linguagem de programação. Estrutura de programas. Tipos primitivos. Operadores. Estruturas de controle. Vetores e matrizes. Modularização.		
Bibliografia Básica: DEITEL, H.M.; DEITEL, P.J. C++ Como Programar . Porto Alegre: Bookman, 2001. ASCENCIO, A. F. G.; CAMPOS, E. A. V. Fundamentos da Programação de Computadores . 2. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2009. DEITEL, H.M.; DEITEL, P.J. Java Como Programar . 8. ed. São Paulo: Pearson, 2010. SIERRA, K.; BATES, B. Use a Cabeça! Java . 2. ed. Rio de Janeiro: Alta Books, 2007. BORATTI, I. C. Programação Orientada a Objetos em Java . Florianópolis: Visual Books, 2007.		
Bibliografia Complementar: SANTOS, R. Introdução À Programação Orientada a Objetos Usando Java . Rio de Janeiro: Campus, 2003. LAFORE, R. Estrutura de Dados e Algoritmos em Java . Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2005. NIEMEYER, P.; KNUDSEN, J. Aprendendo Java . Rio de Janeiro: Campus, 2000.		

Unidade Curricular: SISTEMAS OPERACIONAIS 2	40 h/a	30 h/r
Ementa: Processamento. Processos, Sincronização, comunicação inter-processos. Gerenciamento de CPU, Memória e Entrada/Saída. Sistemas de Arquivos.		
Bibliografia Básica: OLIVEIRA, R. S.; CARISSIMI, A.; TOSCANI, S. Sistemas operacionais . 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010. TANENBAUM, A. S. Sistemas Operacionais Modernos . 3. ed. Rio de Janeiro: Prentice Hall Brasil, 2010. SILBERSCHATZ, A.; GALVIN, P. B.; GAGNE, G. Fundamentos de Sistemas Operacionais . 8. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2010. NEMETH, E.; SNYDER, G.; HEIN, T. R. Manual Completo do Linux: guia do administrador . 2. Ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007. STUART, B. L. Princípios de Sistemas Operacionais – Projetos e Aplicações . São Paulo: Cengage Learning, 2011.		
Bibliografia Complementar: SILBERSCHATZ, A. Sistemas Operacionais com Java . 7. ed. Rio de Janeiro: Campus, 2008. DEITEL, H., et al. Sistemas Operacionais . 3. Ed. Rio de Janeiro: Prentice Hall Brasil, 2005. OLIVEIRA, R. S. et al. Sistemas Operacionais . 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2002.		

Unidade Curricular: BANCO DE DADOS 1	40 h/a	30 h/r
Ementa: Introdução. Modelo entidade-relacionamento. Modelo relacional: estrutura de banco de dados relacionais; restrições de integridade; Introdução à linguagem SQL.		
Bibliografia Básica: HEUSER, C. A. Projeto de Banco de Dados . Porto Alegre: Bookman, 2009. ELMASRI, R.; NAVATHE, S.B. Sistemas de Banco de Dados . 4. ed. Rio de Janeiro: Pearson Addison Wesley, 2005. SILBERSCHATZ, A.; KORTH, H. F.; SUDARSHA, S. Sistema de Banco de Dados . Rio de Janeiro: Campus, 2006. DATE, C. J. Introdução a Sistemas de Bancos de Dados . Rio de Janeiro: Campus, 2004. MILANI, A. Guia Do Programador . São Paulo: Novatec, 2006.		
Bibliografia Complementar: MILANI, A. Postgre SQL . São Paulo: Novatec. 2006. MANZANO, J. A. Microsoft SQL Server 2008 Express Interativo . São Paulo: Érica, 2009. SILVA, R. S. Oracle Database 10g Express Edition . São Paulo: Érica, 2007.		

4º PERÍODO

Unidade Curricular: LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA BRASILEIRA 4	60 h/a	45 h/r
Ementa: Leitura e produção de textos. Estudo de gêneros da esfera acadêmica. Resenha. Seminário. Reflexão linguística. O princípio da não-contradição. Concordância verbal. Concordância nominal. Regência verbal. Regência nominal. Realismo. Naturalismo. Simbolismo. Parnasianismo.		
Bibliografia Básica: BECHARA, E. Moderna Gramática Portuguesa . São Paulo: Nova Fronteira, 2010. BOSI, A. História Concisa da Literatura Brasileira . São Paulo: Cultrix, 1991. KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. Ler e compreender: os sentidos do texto . São Paulo: Contexto, 2007. _____. Ler e escrever: estratégias de produção textual . São Paulo: Contexto, 2009. MACHADO, A. R. et al. Resenha . São Paulo: Parábola, 2009.		
Bibliografia Complementar: MARCUSCHI, L. A. Produção textual, análise de gêneros e compreensão . São Paulo: Parábola, 2009. NICOLA, J. Literatura Brasileira: das origens aos nossos dias . São Paulo: Scipione, 2002. _____. Literatura Portuguesa: das origens aos nossos dias . São Paulo: Scipione, 2002.		

Unidade Curricular: MATEMÁTICA 4	60 h/a	45 h/r
Ementa: Progressões aritméticas e geométricas. Análise combinatória. Matrizes. Determinantes.		
Bibliografia Básica: DANTE, L. R. Matemática Contexto e Aplicações . São Paulo: Ática, 2000. IEZZI, G.; HAZZAN, S. Fundamentos de Matemática Elementar . São Paulo: Atual, 2004. 4 e 5 v. GIOVANNI, J. R.; BONJORNO, J. R. Matemática Fundamental: Uma nova abordagem . São Paulo: FTD, 2001. MACHADO, A. S. Matemática Temas e Metas . São Paulo: Atual, 1986. PAIVA, M. Matemática . São Paulo: Moderna, 2005.		
Bibliografia Complementar: DOLCE, O. Matemática . São Paulo: Atual, 2007. FACCHINI, W. Matemática . 2. ed. São Paulo: Saraiva, 1997. GOULART, M. C. Matemática no Ensino Médio . São Paulo: Scipione, 1999.		

Unidade Curricular: FILOSOFIA 4	20 h/a	15 h/r
Ementa: Teorias Éticas e Morais. Determinismo. Liberdade. Consciência Moral.		
Bibliografia Básica: BOFF, L. Ethos mundial: um consenso mínimo entre os humanos . Rio de Janeiro: Record, 2009. ESQUIROL, J. M. O respeito ou o olhar atento: uma ética para a era da ciência e da tecnologia . Trad. Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. HABERMAS, J. Consciência moral e agir comunicativo . Trad. Guido de Almeida. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003. SANCHEZ-VAZQUEZ, A. Ética . 26. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. TUGENDHAT, E. Lições sobre ética . Trad. Grupo de doutorandos do curso de pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; revisão e org. da tradução Ernildo Stein. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.		
Bibliografia Complementar: MARCONDES, D. Textos básicos de ética: de Platão a Foucault . Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007. MARTINEZ, E.; CORTINA, A. Ética . São Paulo: Loyola, 2005. NIETZSCHE, Friedrich. Genealogia da moral: uma polêmica . São Paulo: Companhia das Letras, 2004.		

Unidade Curricular: SOCIOLOGIA 4	20 h/a	15 h/r
Ementa: A formação da diversidade. Consumo versus consumismo. Jovens, cultura e consumo.		
Bibliografia Básica:		

AZZOLIN, C. **Te Liga**. Antologia sociológica. 2. ed. Tapera: Lew, 2010.
 COSTA, C. **Sociologia**: Introdução à Ciência da Sociedade. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2005.
 FREIRE-MEDEIROS, B.; BOMENY, H. **Tempos Modernos, Tempos de Sociologia**. São Paulo: Editora do Brasil, 2010. (Col. Aprender Sociologia).
 GIDDENS, A. **Sociologia**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
 OLIVEIRA, P. **Introdução à sociologia**. Série Brasil. 25. ed. São Paulo: Ática, 2004.

Bibliografia Complementar:

MARTINS, C. B. **O que é sociologia?** São Paulo: Brasiliense, 2004. (Col. Primeiros Passos).
 ORTIZ, R. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 2003.
 TOMAZI, N. D. et al. **Iniciação à sociologia**. 2. ed. São Paulo: Atual, 2000.

Unidade Curricular: FÍSICA 3	60 h/a	45 h/r
Ementa: Estudo das Propriedades e dos Processos Térmicos. Elaboração do conceito de calor como Energia responsável pela variação de temperatura ou pela mudança de estado físico. Estudo dos conceitos de Termodinâmica e descrição do funcionamento das máquinas térmicas.		
Bibliografia Básica: BARRETO, B. F.; SILVA, C. X. Física aula por aula . São Paulo: FTD, 2010. GASPAR, A. Física Série Brasil . São Paulo: Ática, 2004. GONÇALVES, A.; TOSCANO, C. Física e Realidade . São Paulo: Scipione, 2003. MÁXIMO, A.; ALVARENGA, B. Curso de Física . São Paulo: Scipione, 2008. SAMPAIO, J. L.; CALÇADA, C. S. Física . São Paulo: Atual, 2003.		
Bibliografia Complementar: HALLIDAY, D.; RESNICK, R. Fundamentos de Física . 8. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008. HEWITT, P. G. Física Conceitual . 9. ed. Porto Alegre: Bookman, 2008. NUSSENZVEIG, M. H. Curso de Física Básica . 4. ed. São Paulo: Edgard Blucher, 2009.		

Unidade Curricular: QUÍMICA 4	60 h/a	45 h/r
Ementa: Termoquímica. Cinética Química. Equilíbrio Químico. Radioatividade.		
Bibliografia Básica FELTRE, R. Química . 7. ed. São Paulo: Moderna, 2008. FONSECA, M. R. M. Interatividade Química . São Paulo: FTD, 2003. FRANCO, D. Química – processos naturais e tecnológicos . São Paulo: FTD, 2010. PERUZZO, F. M.; CANTO, E. L. Química na abordagem do cotidiano . 4. ed. São Paulo: Moderna, 2007. USBERCO, J.; SALVADOR, E. Físico-química . 12. ed. São Paulo: Saraiva, 2006.		
Bibliografia Complementar MORTIMER, E. F.; MACHADO, A. H. Química para o ensino médio . São Paulo: Scipione, 2002. SOARES, P. T.; RAMALHO JUNIOR, F.; FERRARO, N. G. Química 2 – Química na abordagem do cotidiano . São Paulo: Moderna, 2010. USBERCO, J.; SALVADOR, E. Química . 7. ed. São Paulo: Saraiva, 2006.		

Unidade Curricular: EDUCAÇÃO FÍSICA 4	40 h/a	30 h/r
Ementa: Introdução às características de uma luta (Boxe, Caratê, Judô, Capoeira, Jiu-jitsu, Esgrima). Investigação sobre os conhecimentos do corpo, aptidão física e saúde: conceito de esforço, intensidade e frequência. Retomada e fundamentação das principais características de um esporte convencional não trabalhado. Estimular a comunicação e a interação social, explorando as possibilidades de expressão e movimentação individual e coletiva por meio do estudo de uma atividade rítmica.		
Bibliografia básica: DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. (Coords.). Educação Física na escola : implicações para a prática pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. LIMA, V. Ginástica Laboral – Atividade Física no Ambiente de Trabalho . São Paulo: Phorte, 2003. MATTOS, M. G.; NEIRA, M. G. Educação Física na Adolescência . São Paulo: Phorte, 2004. MELO, Victor A. de. História da Educação Física e do Esporte Brasil – Panorama e Perspectivas .		

São Paulo: Ibrasa, 2006.

PAES, R. R.; BALBINO, H. F. **Pedagogia do Esporte**: contextos e perspectivas. Rio de Janeiro: Guanabara, 2005.

Bibliografia complementar:

ABDALLAH, A. J. **Flexibilidade e alongamento**: saúde e bem-estar. São Paulo: Manole, 2009.

FENSTERSEIFER, P. E.; GONZÁLEZ, F. J. **Dicionário Crítico de Educação Física –Col.**

Educação Física. Ijuí: Unijui, 2005.

MACPHERSON, B.; ROSS, L. M.; GILROY, A. M. **Atlas de anatomia**. RJ: Guanabara, 2008.

Unidade Curricular: BIOLOGIA 4

40 h/a

30 h/r

Ementa: Protozoários e parasitoses humanas relacionadas. Embriologia. Conceitos embriológicos utilizados para a classificação animal. Zoologia. Morfofisiologia Humana: sistema digestório, sistema respiratório, sistema circulatório, sistema excretor, sistema nervoso e fisiologia hormonal. Controle hormonal da reprodução e gametogênese. Ecologia: conceitos básicos. Fluxo de energia, cadeias e teias tróficas. Pirâmides ecológicas. Relações ecológicas harmônicas e desarmônicas. Ciclos biogeoquímicos. Ecologia da conservação e impactos humanos sobre os ecossistemas.

Bibliografia Básica:

AMABIS, J. M.; MARTHO, G.R. **Biologia**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2004.

CHEIDA, L. E. **Biologia Integrada**. São Paulo: FTD, 2002.

LOPES, S. **BIO**. São Paulo: Saraiva, 2004.

SILVA, Jr. C.; SASSON, S. **Biologia**. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 2007.

UZURIAN, A.; BIRNER, E. **Biologia**. 3. ed. São Paulo: Harbra, 2008.

Bibliografia Complementar:

BORÉM, A; SANTOS, F. R. **Biotecnologia Simplificada**. Viçosa: Suprema, 2001.

GEWANDSZNAJDER, F. **Sexo e reprodução**. São Paulo: Ática, 2000.

GIANSANTI, R. **O desafio do desenvolvimento sustentável**. São Paulo: Atual, 1999.

Unidade Curricular: GEOGRAFIA 4

40 h/a

30 h/r

Ementa: Formação territorial brasileira. Processo de ocupação litorânea e interiorização. Ciclos geoeconômicos: pau-brasil, cana-de-açúcar, mineração, pecuária, café, borracha e indústria. Expansão e ocupação da fronteira agrícola. As regiões brasileiras: características e contrastes. Organização e distribuição mundial da população; principais fluxos migratórios e suas causas. Teorias demográficas, estrutura da população, modelo de transição demográfica; crescimento e distribuição da população. Setores da economia e sua (re)produção no espaço territorial brasileiro; agricultura e pecuária; atividades extrativistas; indústria e comércio. Geografia agrária; O futuro dos espaços agrários, a globalização a modernização da agricultura no período técnico-científico informacional. Geografia urbana. Espaço urbano brasileiro, problemas sociais e impactos ambientais.

Bibliografia Básica:

ALMEIDA, L. M. A.; RIGOLIN, T. **Fronteiras da Globalização**: Geografia Geral e do Brasil. São Paulo: Ática, 2004.

COELHO, M. A.; TERRA, L. **Geografia Geral, O Espaço Natural e socioeconômico**. São Paulo: Moderna, 2002.

MAGNOLI, D. **Geografia para o Ensino Médio**. Conforme a Nova Ortografia. São Paulo: Saraiva, 2008.

MOREIRA, J. C.; SENE, E. **Geografia Geral e do Brasil: Espaço Geográfico e Globalização**. São Paulo: Scipione, 2007.

TERRA, L.; GUIMARAES, R. B.; ARAÚJO, R. **Conexões – Estudos de Geografia Geral e do Brasil**. São Paulo: Moderna, 2008.

Bibliografia Complementar:

GUERRA, A. T. **Novo dicionário geológico-geomorfológico**. Rio de Janeiro: Bertrandt Brasil, 1997.

MOREIRA, J. C.; SENE, E. **Geografia para o Ensino Médio**. São Paulo: Scipione, 2007.

TEREZO, C. F. **Novo Dicionário de Geografia**. São Paulo: Livro Pronto, 2008.

Unidade Curricular: LÍNGUA ESTRANGEIRA MODERNA – INGLÊS 4	40 h/a	30 h/r
<p>Ementa: Desenvolvimento das habilidades de compreensão oral e escrita e das funções comunicativas com atividades de prática de comunicação em situações contextualizadas. Desenvolvimento das estruturas necessárias à leitura e compreensão de textos técnicos da área de interesse dos alunos. Leitura e compreensão dos diversos gêneros textuais e práticas sociais envolvidas em suas áreas de atuação. Aplicação dos conteúdos gramaticais de forma contextualizada: Modal Verbs, Questiontags, Passive Voice, Reported Speech, IfClauses (Conditional Sentences).</p>		
<p>Bibliografia Básica: COSTA, M. B. Globetrekker. São Paulo: Macmillan, 2008. MURPHY, R. Essential Grammar in Use. Cambridge: Cambridge University Press, 2003. RICHARDS, J. et al. New Interchange Intro. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. RICHARDS, J. et al. New Interchange 1. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. SWAN, M.; WALTER, C. The Good Grammar Book. Oxford: Oxford University Press, 2003.</p>		
<p>Bibliografia Complementar: CRUZ, D. T. et al. Inglês.com.textos para informática. São Paulo: Disal, 2001. GLENDINNING, E. H.; McEWAN, J. Basic English for Computing. Oxford: Oxford University Press, 1999. SOUZA, A. G. F. et al. Leitura em Língua Inglesa: Uma abordagem instrumental. São Paulo: Disal, 2005.</p>		

Unidade Curricular: LÍNGUA ESTRANGEIRA MODERNA – ESPANHOL 4	40 h/a	30 h/r
<p>Ementa: Estudo de estruturas frasais em situações comunicativas. Verbos no modo imperativo. Concordância verbal e nominal. Conectores discursivos. Colocação pronominal. Prática do letramento. Abordagem multicultural da língua espanhola. Produção de textos em diversos gêneros. Prática das quatro habilidades linguísticas.</p>		
<p>Bibliografia Básica: MENÓN, L.; JACOBI, C. C. B.; MELONE, E. Clave Español para El Mundo - Ensino Médio – Colección 1, 1b, 2, 2b. São Paulo: Santillana – Moderna, 2008. CARVALHO, P. de; ROMANOS., H. Espanhol – Expansión– Col. Delta – Caderno de Atividades. São Paulo: FTD, 2004. MARTÍN, I. Espanhol. Série Novo Ensino Médio. São Paulo: Ática, 2009. MARZANO, F. M. Como não ficar embarazado em Espanhol –Dicionário Espanhol – Português de Falsas Semelhanças. São Paulo: Campus, 2007. Diccionario Bilingüe Escolar Español-portugués/Português-español. Nuevo Acuerdo Ortográfico. São Paulo: SBS, 2010.</p>		
<p>Bibliografia Complementar: MILANI, E. M. Gramática de Espanhol para Brasileiros. 3. ed. Reform. São Paulo: Saraiva, 2006. MALDONADO, C. Diccionario de Español para Extranjeros- Con el Español que se habla hoy. 2. ed. São Paulo: Sm (Brasil). Colección APARTAMENTO PARA DOS1 y APARTAMENTO PARA DOS 2 – DVD. Multimídia. São Paulo: EDELSA, 2005.</p>		

Unidade Curricular: HISTÓRIA 2	40 h/a	30 h/r
<p>Ementa: Conflitos culturais e políticos. A Expansão Marítima Comercial Europeia. O Humanismo. O Renascimento Cultural. As Reformas Religiosas A Montagem da Colonização Europeia na América. O Sistema Colonial Espanhol. O Sistema Colonial Francês. O Sistema Colonial Inglês. O Período Pré-Colonial. A Estrutura Político-Administrativa Colonial Portuguesa. Economia Colonial. A Expansão Territorial. Rebeliões Coloniais. O Iluminismo. As Revoluções Inglesas. A Revolução Industrial. As doutrinas sociais e econômicas O Liberalismo. O Evolucionismo e o Positivismo. A Independência dos Estados Unidos da América.</p>		
<p>Bibliografia Básica: ARRUDA, J. J. A.; PILETTI, N. Toda a história– história geral e do Brasil. São Paulo: Ática, 2007. KOSHIBA, Luiz. História do Brasil no contexto da História Ocidental: ensino médio. 8. ed. Rev., Atual e ampl. São Paulo: Atual, 2003.</p>		

MOTA, M. B.; BRAICK, P. R. **História das cavernas ao Terceiro Milênio**. São Paulo: Moderna, 2004.

VICENTINO, C. **História Geral**: ensino médio. São Paulo: Scipione, 2002.

VICENTINO, C.; DORIGO, Gianpaolo. **História Geral e do Brasil**. São Paulo: Scipione, 2010.

Bibliografia Complementar:

CAMPOS, F.; DOLHNIKOFF, M. **Atlas – História do Brasil**. São Paulo: Scipione, 1998.

FRANCO, Jr. H.; ANDRADE, Filho R. de O. **Atlas – História Geral**. São Paulo: Scipione, 1997.

SOUZA, M. M. **África e Brasil africano**. São Paulo: Ática, 2006.

Unidade Curricular: BANCO DE DADOS 2

40 h/a

30 h/r

Ementa: Consultas a bases de dados relacionais. Uso de funções agregadas. Agrupamento. Ordenação de resultados. Junção de tabelas. União e Intersecção de tabelas. Subconsultas.

Bibliografia Básica:

MILANI, A. **Postgre SQL**. São Paulo: Novatec, 2006.

MANZANO, J. A. **Microsoft SQL Server 2008 Express Interativo**. São Paulo: Érica, 2009.

SILVA, R. S. **Oracle Database 10g Express Edition**. São Paulo: Érica, 2007.

COUGO, P. **Modelagem Conceitual e Projeto de Bancos de Dados**. Campus, 1997.

HEUSER, C. A. **Projeto de Banco de Dados**. 6. ed. Porto Alegre: Bookman, 2009.

Bibliografia Complementar:

COUGO, P. **Modelagem Conceitual e Projeto de Bancos de Dados**. Campus, 1997.

CORTES, P. L. **Trabalhando com Banco de Dados Utilizando o Delphi**. São Paulo: Érica, 2005.

Unidade Curricular: ORIENTAÇÃO DE OBJETOS

40 h/a

30 h/r

Ementa: O paradigma orientado a objetos. Classe e objeto. Métodos e atributos. Troca de mensagem. Herança e polimorfismo. Encapsulamento. Linguagem de programação orientada a objetos. Criação de classes e instanciação de objetos por meio de uma linguagem de programação orientada a objetos. Introdução a UML.

Bibliografia Básica:

BEZERRA, E. **Princípios de análise e projeto de sistemas com UML**. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

CORNEL, G.; HORSTMAN, C. **Core Java - Fundamentos**. 8. ed. Pearson Education, 2009. 1 v.

DEITEL, P.; DEITEL, H. **Java: como programar**. 8. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2010.

Bibliografia Complementar:

GUEDES, G. **UML 2 – Uma abordagem prática**. São Paulo: Novatec, 2009.

SBROCCO, J. H. **UML 2.3 – Teoria e Prática**. São Paulo: Érica, 2011.

Unidade Curricular: ENGENHARIA DE SOFTWARE 1

40 h/a

30 h/r

Ementa: Processo de Software. Metodologias de desenvolvimento de software. Requisitos funcionais e não funcionais. Coleta, análise e modelagem de requisitos. Ferramentas para modelagem de requisitos.

Bibliografia Básica:

BEZERRA, E. **Princípios de análise e projeto de sistemas com UML**. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

PRESSMAN, R. S. **Engenharia de Software**. 6. ed. Rio de Janeiro: McGraw Hill, 2006.

DELAMARO, M.; MALDONADO, J. C.; JINO, M. **Introdução ao Teste de Software**. 1. ed. Rio de Janeiro: Campus, 2007.

SOMMERVILLE, I. **Engenharia de Software**. 8. ed. São Paulo: Pearson A. Wesley, 2007.

SILVA, N. P. **Análise e Estruturas de Sistemas de Informação**. São Paulo: Érica, 2007.

Bibliografia Complementar:

PAULA FILHO, W. P. **Engenharia de software: Fundamentos, Métodos e Padrões**. 3. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2009.

PFLEEGER S. **Engenharia de Software**. 2. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2004.

MILTON, M. **Análise de dados**. Rio de Janeiro: Alta Books, 2010.

5º PERÍODO

Unidade Curricular: LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA BRASILEIRA 5	40 h/a	30 h/r
Ementa: Leitura e produção de textos. Gêneros da esfera jornalística. Tipologia argumentativa como editorial. Artigo de opinião. Charge. Reflexão linguística. O discurso citado. Operadores argumentativos. Período composto por coordenação e subordinação. Tendências pré-modernistas.		
Bibliografia Básica: BECHARA, E. Moderna Gramática Portuguesa . São Paulo: Nova Fronteira, 2010. BOSI, A. História Concisa da Literatura Brasileira . São Paulo: Cultrix, 1991. CEREJA, W. Literatura Portuguesa em diálogo com outras literaturas de língua portuguesa . São Paulo: Atual, 2009. KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. Ler e compreender: os sentidos do texto . São Paulo: Contexto, 2007. _____. Ler e escrever: estratégias de produção textual . São Paulo: Contexto, 2009.		
Bibliografia Complementar: FARACO, C.; TEZZA, C. Oficina de texto . Petrópolis: Vozes, 2010. NICOLA, J. Literatura Brasileira: das origens aos nossos dias . São Paulo: Scipione, 2002. _____. Literatura Portuguesa: das origens aos nossos dias . São Paulo: Scipione, 2002.		

Unidade Curricular: MATEMÁTICA 5	60 h/a	45 h/r
Ementa: Sistemas Lineares; Geometria plana. Geometria Espacial.		
Bibliografia Básica: DANTE, Luiz R. Matemática Contexto e Aplicações . São Paulo: Ática, 2000. GIOVANNI, J. R.; BONJORNO, J. R. Matemática Fundamental: Uma nova abordagem . São Paulo: FTD, 2001. IEZZI, G.; HAZZAN, S. Fundamentos de Matemática Elementar . São Paulo: Atual, 2004. MACHADO, A. S. Matemática Temas e Metas . São Paulo: Atual, 1986. PAIVA, M. Matemática . São Paulo: Moderna, 2005.		
Bibliografia Complementar: DOLCE, O. Matemática . 4. ed. São Paulo: Atual, 2007. FACCHINI, W. Matemática . São Paulo: Saraiva, 1997. GOULART, M. C. Matemática no Ensino Médio . São Paulo: Scipione, 1999.		

Unidade Curricular: FILOSOFIA 5	20 h/a	15 h/r
Ementa: Filosofia Política. Formação Política. Poder; Formas de Governo e de Estado. Teorias da Justiça.		
Bibliografia Básica: BOBBIO, N. Estado, governo e sociedade . 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1990. CAILLÉ, Alain; LAZZERI, Christian; SENELLART, Michel (Orgs.). História argumentada da filosofia moral e política: a felicidade e o útil . Trad. Alessandro Zir. São Leopoldo: Unisinos, 2004. DUSO, G. (Org.). O poder: história da filosofia política moderna . Trad. Andrea Ciacchi; Líssia Cruz e Silva; Giuseppe Tosi. Petrópolis: Vozes, 2005. LEBRUN, G. O que é poder . São Paulo: Brasiliense, 2005. (Primeiros Passos). MAQUIAVEL, N. O príncipe . Trad. Roberto Grassi. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.		
Bibliografia Complementar: ARISTÓTELES. A política . 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006. FOUCAULT, M. Vigiar e Punir . 36. ed. Petrópolis: Vozes, 2007. OLIVEIRA, N. Rawls . Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.		

Unidade Curricular: SOCIOLOGIA 5	20 h/a	15 h/r
Ementa: Desigualdade social. Desigualdade de classes. Estudos sobre a globalização. Gênero de desigualdade.		
Bibliografia Básica: AZZOLIN, C. Te Liga . Antologia sociológica. 2. ed. Tapera: Lew, 2010.		

FREIRE-MEDEIROS, B.; BOMENY, H. **Tempos Modernos, Tempos de Sociologia**. São Paulo: Editora do Brasil, 2010. (Col. Aprender Sociologia).
 GIDDENS, A. **Sociologia**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
 OLIVEIRA, P. **Introdução à sociologia**. Série Brasil. 25. ed. São Paulo: Ática, 2004.
 PINSKY, J.; PINSKY, C. (org.). **História da cidadania**. São Paulo: Contexto, 2003.

Bibliografia Complementar:

MARTINS, C. B. **O que é sociologia?** São Paulo: Brasiliense, 2004. (Col. Primeiros Passos).
 ORTIZ, R. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 2003.
 TOMAZI, N. D. et al. **Iniciação à sociologia**. 2. ed. São Paulo: Atual, 2000.

Unidade Curricular: FÍSICA 4	60 h/a	45 h/r
Ementa: Estudo da Óptica Geométrica, análise do funcionamento dos instrumentos ópticos e do olho humano. Caracterização do Som e da Luz como uma onda, e aplicação dos conceitos de Ondulatória em fenômenos sonoros e luminosos.		
Bibliografia Básica: BARRETO, B. F.; SILVA, C. X. Física aula por aula . São Paulo: FTD, 2010. GASPARI, A. Física Série Brasil . São Paulo: Ática, 2004. GONÇALVES, A.; TOSCANO, C. Física e Realidade . São Paulo: Scipione, 2003. MÁXIMO, A.; ALVARENGA, B. Curso de Física . São Paulo: Scipione, 2008. SAMPAIO, J. L.; CALÇADA, C. S. Física . São Paulo: Atual, 2003.		
Bibliografia Complementar: HALLIDAY, D. RESNICK, R. Fundamentos de Física . 8. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008. HEWITT, P. G. Física Conceitual . 9. ed. Porto Alegre: Bookman, 2008. NUSSENZVEIG, M. H. Curso de Física Básica . 4. ed. São Paulo: Edgard Blucher, 2009.		

Unidade Curricular: QUÍMICA 5	40 h/a	30 h/r
Ementa: Introdução à Química Orgânica. Hidrocarbonetos. Funções Orgânicas. Isomeria Plana e Espacial.		
Bibliografia Básica FELTRE, R. Química . 7. ed. São Paulo: Moderna, 2008. FONSECA, M. R. M. Interatividade Química . São Paulo: FTD, 2003. FRANCO, D. Química – processos naturais e tecnológicos . São Paulo: FTD, 2010. PERUZZO, F. M.; CANTO, E. L. Química na abordagem do cotidiano . 4. ed. São Paulo: Moderna, 2007. USBERCO, J.; SALVADOR, E. Físico-química . 12. ed. São Paulo: Saraiva, 2006.		
Bibliografia Complementar CORTEZ, L. A. B. (coord.). Bioetanol de Cana-de-Açúcar . São Paulo: Edgard Blucehr, 2010. FARIAS, R. B. Introdução à química do petróleo . São Paulo: Ciência Moderna, 2009. NUVOLARI, A.; TELLES, D. D. A.; RIBEIRO, J. T.; et al. Esgoto Sanitário . 2. ed. rev., atual. e ampliada. São Paulo: Edgard Blucher, 2011.		

Unidade Curricular: EDUCAÇÃO FÍSICA 5	20 h/a	15 h/r
Ementa: Explicitação dos princípios técnicos e táticos do esporte do quarto período. Investigação sobre os conhecimentos do corpo, aptidão física e saúde. Estudo de um esporte diversificado ainda não trabalhado. Desenvolvimento do esporte e as olimpíadas.		
Bibliografia básica: DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. (Coords.). Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica . Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. LIMA, V. Ginástica Laboral - Atividade Física no Ambiente de Trabalho . São Paulo: Phorte, 2003. MATTOS, M. G.; NEIRA, M. G. Educação Física na Adolescência . São Paulo: Phorte, 2004. MELO, V. A. de. História da Educação Física e do Esporte Brasil - Panorama e Perspectivas . São Paulo: Ibrasa, 2006. PAES, R. R.; BALBINO, H. F. Pedagogia do Esporte: contextos e perspectivas . Rio de Janeiro: Guanabara, 2005.		

Bibliografia complementar:

ABDALLAH, A. J. **Flexibilidade e alongamento**: saúde e bem-estar. São Paulo: Manole, 2009.
 FENSTERSEIFER, P. E.; GONZÁLEZ, F. J. **Dicionário Crítico de Educação Física** - Col. Educação Física. Ijuí, RS: Unijui, 2005.
 MACPHERSON, BRIAN; ROSS, LAWRENCE M.; GILROY, ANNE M. **Atlas de anatomia**. Rio de Janeiro: Guanabara, 2008.

Unidade Curricular: HISTÓRIA 3**40 h/a****30 h/r**

Ementa: Movimentos sociais, imaginários e representações políticas. A Revolução Francesa. A Política de Restauração. Revoluções Liberais e Nacionais. Os movimentos precursores da Independência do Brasil. A América Latina no início do século XIX. A Independência da América Espanhola. A Independência do Brasil. Primeiro Reinado no Brasil. Os Estados Unidos no Século XIX. Hispano-América. Período Regencial. O Brasil (1840-1870) Política Interna e Externa. O Brasil (1840-1870) Evolução Econômica e Social. O Brasil (1870-1889). Unificação da Itália. Unificação da Alemanha. O Capitalismo no Século XIX. A Era Vitoriana O Imperialismo.

Bibliografia Básica:

ARRUDA, J. J. de A.; PILETTI, N. **Toda a história** - história geral e do Brasil. São Paulo: Ática, 2007.
 KOSHIBA, L. **História do Brasil no contexto da História Ocidental**: ensino médio. 8. ed. rev., atual e ampl. São Paulo: Atual, 2003.
 MOTA, M. B.; BRAICK, P. R. **História das cavernas ao Terceiro Milênio**. São Paulo: Moderna, 2004.
 VICENTINO, C. **História Geral**: ensino médio. São Paulo: Scipione, 2002.
 VICENTINO, C.; DORIGO, G. **História Geral e do Brasil**. São Paulo: Scipione, 2010.

Bibliografia Complementar:

CAMPOS, F.; DOLHNIKOFF, M. **Atlas** – História do Brasil. São Paulo: Scipione, 1998.
 FRANCO, Jr. H.; ANDRADE, Filho R. de O. **Atlas** – História Geral. São Paulo: Scipione, 1997.
 SOUZA, M. M. **África e Brasil africano**. São Paulo: Ática, 2006.

Unidade Curricular: SISTEMA INTEGRADO DE GESTÃO**40 h/a****30 h/r**

Ementa: Sistemas de informação; Conceitos de gestão integrada. Fundamentos legais, normas e conceitos. Sistemas integrados de Gestão: Modelos e Instrumentos; Sistemas de Gestão: ERP, SCM, WMS, CRM.

Bibliografia básica:

CERQUEIRA, J. P. **Sistemas de gestão integrados**. 2. ed. São Paulo: Qualitymark, 2010.
 CORNACHIONE, E. B. JR. **Sistemas integrados de gestão**: uma abordagem da tecnologia da informação aplicada à gestão econômica (gecon). São Paulo: Atlas, 2006.
 TAVARES, J. C.; RIBEIRO NETO, J. B.; HOFFMANN, S. C. **Sistemas integrados de Qualidade, meio ambiente e responsabilidade social**. São Paulo: Senac, 2008.
 SANTOS, G. **Implementação dos sistemas integrados de gestão**. São Paulo: Publindustria, 2008.
 CAIÇARA JUNIOR, C. **Sistemas integrados de gestão** – ERP. 3 ed. São Paulo: Ibplex, 2009.

Bibliografia complementar:

SOUZA, C. A.; SACOL A. Z. **Sistemas ERP No Brasil** - Teoria e Casos. São Paulo: Atlas, 2003.
 MARCHAND, D. A.; DAVENPORT, T. A. (org.) **Dominando a gestão da Informação**. Porto Alegre: Bookman, 2004.
 CORRÊA, H.L.; GIANESI, I.G.N.; CAON, M. **Planejamento, programação e controle da produção**: MRP II / ERP: conceitos, uso e implantação. São Paulo: Atlas, 2002.

Unidade Curricular: PROJETO INTEGRADOR 1**20 h/a****15 h/r**

Ementa: A ser indicada pelo professor responsável de acordo com a proposta do aluno.

Bibliografia Básica:

ANDRADE, M. M. de. **Introdução a metodologia do trabalho científico**. 10. ed. Atlas, 2010.
 LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber**: manual de metodologia da pesquisa em ciências

humanas. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.
 LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.
 MATTAR, João. **Metodologia Científica na era da informática**. 2. ed. São Paulo: Saraiva: 2005.
 MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 24. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1993.

Bibliografia Complementar:

SAMPIERI, R. H. **Metodologia da pesquisa**. 3. ed. MCGRAW HILL – ARTMED, 2006.
 LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Metodologia do trabalho científico**. 7. ed. Atlas, 2007.
 MALHEIROS, B. T. **Metodologia da pesquisa em educação**. ELTC, 2011.

Unidade Curricular: REDES DE COMPUTADORES 1	60 h/a	45 h/r
Ementa: Arquitetura e componentes de redes de computadores. Aspectos envolvidos no projeto, instalação, configuração e manutenção de redes de computadores. Conceitos de redes de computadores locais e de longa distância.		
Bibliografia Básica: KUROSE, J. F.; ROSS, K. W. Redes de Computadores e a Internet: uma abordagem top-down . 5. ed. São Paulo: Pearson, 2010. COMER, D. E. Interligação em Redes com TCP/IP . 5. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006. 1 v. TORRES, G. Redes de Computadores . Rio de Janeiro: Novaterra, 2009. VASCONCELOS, L.; VASCONCELOS, M. Manual Prático de Redes . Rio de Janeiro: Laércio Vasconcelos Computação, 2007.		
Bibliografia Complementar: COMER, D. E. Redes de Computadores e Internet . 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2007. DERFLER, F. Tudo sobre Cabeamento de Redes . 6. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1995. PINHEIRO, J. M. S. Guia Completo de Cabeamento de Redes . Rio de Janeiro: Elsevier, 2003. SOARES, L. F. et al. Redes de Computadores – Das LANs, MANs e WANs as Redes ATM . 6. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1995. STARLIN, G. TCP/IP – Conceitos, Protocolos e Uso . Rio de Janeiro: Alta Books, 2004. TANENBAUM, A. S. Redes De Computadores . 4. ed. Rio de Janeiro: Campus, 2003.		

Unidade Curricular: LINGUAGEM DE PROGRAMAÇÃO 2	60 h/a	45 h/r
Ementa: Conceitos de orientação a objetos: classe, objeto, atributos, métodos, herança, polimorfismo, ligação dinâmica, construtores e destrutores. Palavras reservadas da linguagem.		
Bibliografia Básica: DEITEL, H. M.; DEITEL, P.J. Java Como Programar . 8. ed. São Paulo: Pearson, 2010. SIERRA, K.; BATES, B. Use a Cabeça! Java . 2. ed. Rio de Janeiro: Alta Books, 2007. NETO, E. M. Entendendo e Dominando o Java . Universo dos Livros, 2009. BORATTI, I. C. Programação Orientada a Objetos em Java . Florianópolis: Visual Books, 2007. NIEMEYER, P.; KNUDSEN, J. Aprendendo Java . Rio de Janeiro: Campus, 2000.		
Bibliografia Complementar: CANTU, M. Dominando o Delphi 2007: a bíblia . Prentice Hall, Brasil. 2009. DEITEL, H.M.; DEITEL, P.J. C++ Como Programar . Porto Alegre: Bookman, 2001. VELOSO, P. et. al. Estrutura de Dados . Porto Alegre: Bookman, 2001.		

Unidade Curricular: ENGENHARIA DE SOFTWARE 2	40 h/a	30 h/r
Ementa: Planejamento e documentação de software. Conceitos básicos de teste de software. Conceitos básicos de validação de software. Introdução ao uso de métodos ágeis.		
Bibliografia Básica: PRESSMAN, R. S. Engenharia de Software . 6. ed. Rio de Janeiro: McGraw Hill, 2006. PAULA FILHO, W. P. Engenharia de software: Fundamentos, Métodos e Padrões . 3. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2009. DELAMARO, M.; MALDONADO, J. C.; JINO, M. Introdução ao Teste de Software . Rio de		

Janeiro: Campus, 2007.
 SOMMERVILLE, I. **Engenharia de Software**. 8. ed. São Paulo: Pearson A. Wesley, 2007.
 PFLEEGER S. **Engenharia de Software**. 2. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2004.

Bibliografia Complementar:

IMONIANA, J. **Auditoria de sistemas de informação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
 SANTOS, J. L.; SCHMIDT, P.; ARIMA, C. **Fundamentos de Auditoria de Sistemas**. São Paulo: Atlas, 2006.
 BEZERRA, E. **Princípios de análise e projeto de sistemas com UML**. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

6º PERÍODO

Unidade Curricular: LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA BRASILEIRA 6	40 h/a	30 h/r
--	---------------	---------------

Ementa: Leitura e produção de textos. Critérios de produção e recepção de textos para o ENEM. Reflexão linguística. Estratégias de argumentação. Operadores argumentativos. O Modernismo no Brasil, em Portugal e nos Países Africanos.

Bibliografia Básica:

ABREU, A. S. **A arte de argumentar: gerenciando razão e emoção**. Cotia: Ateliê Editorial, 2006.
 CEREJA, W. **Literatura Portuguesa em diálogo com outras literaturas de língua portuguesa**. São Paulo: Atual, 2009.
 CITELLI, A. **O texto argumentativo**. São Paulo: Scipione, 1994.
 _____. **Linguagem e persuasão**. São Paulo: Ática, 2000.
 KOCH, I. V. **Argumentação e Linguagem**. São Paulo: Contexto, 1996.

Bibliografia Complementar:

COSTA VAL, M. T. **Redação e textualidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
 NICOLA, J. **Literatura Brasileira: das origens aos nossos dias**. São Paulo: Scipione, 2002.
 _____. **Literatura Portuguesa: das origens aos nossos dias**. São Paulo: Scipione, 2002.

Unidade Curricular: MATEMÁTICA 6	60 h/a	45 h/r
---	---------------	---------------

Ementa: Polinômios. Equações polinomiais. Números complexos. Matemática Financeira.

Bibliografia Básica:

DANTE, L. R. **Matemática Contexto e Aplicações**. São Paulo: Ática, 2000.
 GIOVANNI, J. R.; BONJORNO, J. R. **Matemática Fundamental: Uma nova abordagem**. São Paulo: FTD, 2001.
 IEZZI, G.; HAZZAN, S. **Fundamentos de Matemática Elementar**. 7. ed. São Paulo: Atual, 2004.
 MACHADO, A. S. **Matemática Temas e Metas**. São Paulo: Atual, 1986.
 PAIVA, M. **Matemática**. São Paulo: Moderna, 2005.

Bibliografia Complementar:

DOLCE, O. **Matemática**. 4. ed. São Paulo: Atual, 2007.
 FACCHINI, W. **Matemática**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 1997.
 GOULART, M. C. **Matemática no Ensino Médio**. São Paulo: Scipione, 1999.

Unidade Curricular: FILOSOFIA 6	20 h/a	15 h/r
--	---------------	---------------

Ementa: Estética Filosófica. A questão do gosto artístico; Indústria Cultural.

Bibliografia Básica:

ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
 BAYER, R. **História da estética**. Trad. José Saramago. Lisboa: Estampa, 1995.
 JIMENEZ, M. **O que é estética?** São Leopoldo: Unisinos, 1999. (Focus).
 LACOSTE, J. **A filosofia da arte**. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.
 ROSENFELD, K. H. **Estética**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

Bibliografia Complementar:

ADORNO, T. W. **Indústria cultural e sociedade**. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

EAGLETON, T. **Ideologia da estética**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
 NIETZSCHE, F. **O nascimento da tragédia: ou helenismo e pessimismo**. Trad. J. Guinburg. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

Unidade Curricular: SOCIOLOGIA 6	20 h/a	15 h/r
Ementa: Instituições sociais. Cidadania e política. A formação da concepção de cidadania moderna. Direitos civis, políticos, sociais e humanos.		
Bibliografia Básica: AZZOLIN, C. Te Liga . Antologia sociológica. 2. ed. Tapera: Lew, 2010. FREIRE-MEDEIROS, B.; BOMENY, H. Tempos Modernos, Tempos de Sociologia . São Paulo: Editora do Brasil, 2010. (Col. Aprender Sociologia). GIDDENS, A. Sociologia . Porto Alegre: Artmed, 2006. OLIVEIRA, P. Introdução à sociologia . Série Brasil. 25. ed. São Paulo: Ática, 2004. PINSKY, J.; PINSKY, C. (org.). História da cidadania . São Paulo: Contexto, 2003.		
Bibliografia Complementar: MARTINS, C. B. O que é sociologia? São Paulo: Brasiliense, 2004. (Col. Primeiros Passos). ORTIZ, R. Cultura brasileira e identidade nacional . São Paulo: Brasiliense, 2003. TOMAZI, N. D. et al. Iniciação à sociologia . 2. ed. São Paulo: Atual, 2000.		

Unidade Curricular: FÍSICA 5	60 h/a	45 h/r
Ementa: Estudo dos conceitos de eletricidade estática e dinâmica, suas aplicações e consequências no dia-a-dia. Reconhecimento das instalações elétricas residenciais.		
Bibliografia Básica: BARRETO, B. F.; SILVA, C. X. Física aula por aula . São Paulo: FTD, 2010. GASPAR, A. Física Série Brasil . São Paulo: Ática, 2004. GONÇALVES, A.; TOSCANO, C. Física e Realidade . São Paulo: Scipione, 2003. MÁXIMO, A.; ALVARENGA, B. Curso de Física . São Paulo: Scipione, 2008. SAMPAIO, J. L.; CALÇADA, C. S. Física . São Paulo: Atual, 2003.		
Bibliografia Complementar: HALLIDAY, D.; RESNICK, R. Fundamentos de Física . 8. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008. HEWITT, P. G. Física Conceitual . 9. ed. Porto Alegre: Bookman, 2008. NUSSENZVEIG, M. H. Curso de Física Básica . 4. ed. São Paulo: Edgard Blucher, 2009.		

Unidade Curricular: QUÍMICA 6	40 h/a	30 h/r
Ementa: Reações Orgânicas. Bioquímica (Aminoácidos, proteínas, ácidos nucleicos, carboidratos e lipídeos). Polímeros. Petróleo e Hulha.		
Bibliografia Básica: FELTRE, R. Química . 7. ed. São Paulo: Moderna, 2008. FONSECA, M. R. M. Interatividade Química . São Paulo: FTD, 2003. FRANCO, D. Química – processos naturais e tecnológicos . São Paulo: FTD, 2010. PERUZZO, F. M.; CANTO, E. L. Química na abordagem do cotidiano . 4. ed. São Paulo: Moderna, 2007. USBERCO, J.; SALVADOR, E. Físico-química . 12. ed. São Paulo: Saraiva, 2006.		
Bibliografia Complementar: KNOTHE, G.; KRAHL, J.; GERPEN, J.V.; RAMOS, L. P. Manual de Biodiesel . São Paulo: Edgard Blucher, 2006. MANO, E. B.; MENDES, L. C. Introdução a Polímeros . 2. ed. São Paulo: Edgard Blucher, 1999. MORITA, T.; ASSUMPÇÃO, R. M. V. Manual de Soluções, Reagentes e Solventes . 2. ed. revista. São Paulo: Edgard Blucher, 2007.		

Unidade Curricular: EDUCAÇÃO FÍSICA 6	20 h/a	15 h/r
--	---------------	---------------

Ementa: Explicitação dos princípios técnicos e táticos de um ou dois esportes não trabalhados. Investigação sobre os conhecimentos do corpo, aptidão física e saúde: alimentação. Trabalho de urgência e emergência técnicas de primeiros socorros. Produção e organização de um evento esportivo.

Bibliografia básica:

DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. (Coords.). **Educação Física na escola:** implicações para a prática pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.
LIMA, V. **Ginástica Laboral – Atividade Física no Ambiente de Trabalho.** São Paulo: Phorte, 2003.
MATTOS, M. G.; NEIRA, M. G. **Educação Física na Adolescência.** São Paulo: Phorte, 2004.
MELO, V. A. **História da Educação Física e do Esporte Brasil – Panorama e Perspectivas.** São Paulo: Ibrasa, 2006.
PAES, R. R; BALBINO, H. F. **Pedagogia do Esporte:** contextos e perspectivas. Rio de Janeiro: Guanabara, 2005.

Bibliografia complementar:

ABDALLAH, A. J. **Flexibilidade e alongamento:** saúde e bem-estar. São Paulo: Manole, 2009.
FENSTERSEIFER, Paulo E.; GONZÁLEZ, Fernando J. **Dicionário Crítico de Educação Física – Col.** Educação Física. Ijuí: Unijui, 2005.
MACPHERSON, Brian; ROSS, Lawrence M.; GILROY, Anne M. **Atlas de anatomia.** Rio de Janeiro: Guanabara, 2008.

Unidade Curricular: HISTÓRIA 4

40 h/a

30 h/r

Ementa: Ciência, técnicas e tecnologias. A Organização da República (1889-1894). A República Oligárquica. As Revoltas Populares na República Oligárquica. Economia e Sociedade na República Velha. A Primeira Guerra Mundial A Revolução Russa. A Crise da Sociedade Liberal. A Crise da República Oligárquica. O Governo Provisório (1930 – 1934). O Período Constitucional. Estado Novo. A Segunda Guerra Mundial. Brasil de Dutra a Juscelino Os governos Jânio Quadros e João Goulart. Governos Militares. Os Governos Sarney e Collor. Os Governos Itamar Franco, Fernando Henrique Cardoso e Luiz Inácio Lula da Silva. A Guerra Fria. A Descolonização. Países Periféricos. A Crise do Socialismo. Globalização.

Bibliografia Básica:

ARRUDA, J. J. A.; PILETTI, N. **Toda a história – história geral e do Brasil.** São Paulo: Ática, 2007.
KOSHIBA, L. **História do Brasil no contexto da História Ocidental:** ensino médio. 8. Ed. Rev., atual e ampl. São Paulo: Atual, 2003.
VICENTINO, C. **História Geral:** ensino médio. São Paulo: Scipione, 2002.
VICENTINO, C.; DORIGO, G. **História Geral e do Brasil.** São Paulo: Scipione, 2010.
MOTA, M. B.; BRAICK, P. R. **História das cavernas ao Terceiro Milênio.** São Paulo: Moderna, 2004.

Bibliografia Complementar:

CAMPOS, F.; DOLHNIKOFF, M. **Atlas – História do Brasil.** São Paulo: Scipione, 1998.
FRANCO, Jr. H.; ANDRADE F., R. O. **Atlas – História Geral.** São Paulo: Scipione, 1997.
SOUZA, M. M. **África e Brasil africano.** São Paulo: Ática, 2006.

Unidade Curricular: PROJETO INTEGRADOR 2

40 h/a

30 h/r

Ementa: A ser indicada pelo professor responsável de acordo com a proposta do aluno.

Bibliografia Básica:

ANDRADE, M. M. de. **Introdução a metodologia do trabalho científico.** 10. ed. Atlas, 2010.
LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber:** manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.
LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação:** abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.
MATTAR, JOÃO. **Metodologia Científica na era da informática.** 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2005.
MINAYO, M. C. de S. **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. 24. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1993.

Bibliografia Complementar:

SAMPIERI, Roberto Hernandez. **Metodologia da pesquisa.** 3. ed. MCGRAW HILL – ARTMED,

2006.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Metodologia do trabalho científico**. 7 ed. Atlas, 2007.
MALHEIROS, B. T. **Metodologia da pesquisa em educação**. ELTC, 2011.

Unidade Curricular: EMPREENDEDORISMO	40 h/a	30 h/r
Ementa: Conhecer e aplicar os conceitos de empreendedorismo no processo de tomadas de decisão. Identificar o perfil do empreendedor. Identificar as principais características do empreendedor. Identificar o papel dos empreendedores dentro das empresas. Elaborar Planos de Negócios. Mercado atual e laboralidade. Bases do empreendedorismo. Modelo de negócio. Ambientes de apoio ao empreendedorismo. Planos de negócios.		
Bibliografia Básica: DOLABELA, F. Oficina Do Empreendedor – A Metodologia De Ensino Que Ajuda A Transformar Conhecimento Em Riqueza . São Paulo: Sextante Campus, 2008. DOLABELA, F. O segredo de Luíza . São Paulo: Sextante Campus, 2008. DORNELAS, J. C. A. Empreendedorismo: transformando idéias em negócios . 2. ed. Rio de Janeiro: Campus, 2005. DEGEN, R. J. O empreendedor – empreender como opção de carreira . São Paulo: Pearson / Prentice Hall, 2009. SCHMITZ, ANA L. F. Falta de oportunidade! Quem disse? Onde está o empreendedor? São Paulo: Pandion, 2009.		
Bibliografia Complementar: CHIAVENATO, I. Empreendedorismo – Dando Asas Ao Espírito Empreendedor . São Paulo: Saraiva, 2008. DRUCKER, P. Inovação e Espírito Empreendedor: Entrepreneurship – Prático e Princípios . São Paulo: Pioneira Thompson, 2003. SALIM, C. S. Introdução ao Empreendedorismo . São Paulo: Campus, 2009.		

Unidade Curricular: INGLÊS TÉCNICO	40 h/a	30 h/r
Ementa: Desenvolvimento das estratégias de leitura em Língua Inglesa, aplicando os princípios teóricos do ESP (English for SpecificPurposes) baseado em gênero.		
Bibliografia Básica: FARREL, T. S. C. Planejamento de Atividades de Leitura para Aulas de Idiomas . São Paulo: Ed. Special Book Services, 2003. MUNHOZ, R. Inglês Instrumental – Estratégias de Leitura . São Paulo: Textonovo, 2002. OLIVEIRA, S. R. de F. Estratégias de Leitura para Inglês Instrumental . Brasília. SOUZA, A. G. F.; ABSY, C. A.; COSTA, G. C. da; MELLO, L. F. de. Leitura em Língua Inglesa: uma abordagem instrumental . São Paulo: Disal, 2005. Oxford Advanced Learner's Dictionary of Current English. Sixth Edition. Edited by Sally Wehmeir. Oxford University Press: UK, 2000.		
Bibliografia Complementar: CRUZ, D.T.; SILVA, A. V.; ROSAS, M. Inglês.com.textos para informática . São Paulo: DISAL, 2001. DUDLEY-EVANS, T., St. JOHN, M. Developments in English for Specific Purposes – a multi-disciplinary approach . U.K.: Cambridge University Press, 1998. FURSTENAU, E. Novo Dicionário de Termos Técnicos Inglês – Português . São Paulo: Globo, 2001.		

Unidade Curricular: LINGUAGEM DE PROGRAMAÇÃO 3	60 h/a	45 h/r
Ementa: Tratamento de exceções. Palavras reservadas da linguagem. Manipulação de arquivos. Bibliotecas mais utilizadas da linguagem. Interfaces e classes abstratas. Acesso a bancos de dados relacionais.		
Bibliografia Básica: DEITEL, H. M.; DEITEL, P.J. Java Como Programar . 8. ed. Pearson, 2010. SIERRA, K.; BATES, B. Use a Cabeça! Java . 2. ed. Alta Books, 2007. NETO, E. M. Entendendo e Dominando o Java . Universo dos Livros, 2009.		

BORATTI, I. C. **Programação Orientada a Objetos em Java**. Visual Books, 2007.
 NIEMEYER, P.; KNUDSEN, J. **Aprendendo Java**. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

Bibliografia Complementar:

DEITEL, H. M.; DEITEL, P.J. **C++ Como Programar**. Porto Alegre: Bookman, 2001.
 McROBERTS, M. **Arduíno Básico**. São Paulo: Novatec, 2011.

Unidade Curricular: DESENVOLVIMENTO WEB 1

60 h/a

45 h/r

Ementa: Criação de páginas de hipertexto estáticas. Criação de estilos a serem aplicados nos documentos de hipertexto. Criação de scripts para páginas de hipertexto.

Bibliografia Básica:

FREEEMAN, E.; FREEMAN, E. **Use a Cabeça – HTML com CSS e XHTML**. 2. Ed. Alta Books, 2008.
 MORRISSON, M. **Use a Cabeça! Javascript**. São Paulo: Novatec, 2008.
 SILVA, M. S. **Criando sites com HTML**: sites de alta qualidade com HTML e CSS. São Paulo: Novatec, 2008.
 SILVA, M. S. **Construindo sites com CSS e (X)HTML**: sites controlados por folhas de estilo em cascata. São Paulo: Novatec, 2008.

Bibliografia Complementar:

COLLINSON, S.; MOLL, C.; BUDD, A. **Criando Páginas Web com Css: Soluções Avançadas para Padrões Web**. Prentice Hall, 2007.

Unidade Curricular: REDES DE COMPUTADORES 2

60 h/a

45 h/r

Ementa: Aspectos envolvidos no projeto, instalação, configuração e manutenção de redes de computadores. Conceitos de segurança e gerenciamento de redes de computadores.

Bibliografia Básica:

KUROSE, J. F.; ROSS, K. W. **Redes de Computadores e a Internet: uma abordagem top-down**. 5. Ed. Pearson, 2010.
 COMER, D. E. **Interligação em Redes com TCP/IP**. 5. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006. 1 v.
 TORRES, G. **Redes de Computadores**. Novaterra, 2009.
 VASCONCELOS, L.; VASCONCELOS, M. **Manual Prático de Redes**. Laércio Vasconcelos Computação, 2007.
 NAKAMURA, E.; GEUS, P. **Segurança de Redes em Ambientes Corporativos**. Novatec, 2007.

Bibliografia Complementar:

COMER, D. E. **Redes de Computadores e Internet**. 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2007.
 DERFLER, F. **Tudo sobre Cabeamento de Redes**. 6. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1995.
 PINHEIRO, J. M. S. **Guia Completo de Cabeamento de Redes**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.
 SOARES, L. F. et al. **Redes de Computadores – Das LANs, MANs e WANs as Redes ATM**. 6. Ed. Rio de Janeiro: Campus, 1995.
 STARLIN, G. **TCP/IP – Conceitos, Protocolos e Uso**. Rio de Janeiro: Alta Books, 2004.
 TANENBAUM, A. S. **Redes De Computadores**. 4. ed. Rio de Janeiro: Campus, 2003.
 CIRONE, A. C.; MORAES, A. F. **Redes de Computadores – da Ethernet a Internet**. Érica, 2003.
 LOPES, R. V.; SAUVÉ, J. P.; NICOLLETTI, P. S. **Melhores Práticas para Gerência de Redes de Computadores**. Campus, 2003.
 PINHEIRO, J. M. S. **Guia Completo de Cabeamento de Redes**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.
 ULBRICH, H. **Universidade Hacker H4ck3r**. 6. ed. Digerati, 2009.
 STALLINGS, W. **Criptografia e Segurança de Redes**. 4. ed. Prentice-Hall, 2007.
 IMONIANA, J. **Auditoria de sistemas de informação**. 2. ed. Atlas, 2008.
 SANTOS, J. L.; SCHMIDT, P.; ARIMA, C. **Fundamentos de Auditoria de Sistemas**. Atlas, 2006.
 LEE, J.; et. al. **Segurança Contra Hackers Linux**. Futura, 2003.

7º PERÍODO

Unidade Curricular: LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA BRASILEIRA 7

40 h/a

30 h/r

Ementa: Leitura e produção de textos. Critérios de produção e recepção de textos para o ENEM.

Reflexão 50linguística. Estratégias de argumentação. Elementos de coesão e coerência no texto argumentativo. Tendências contemporâneas na literatura. Poesia marginal. Tropicalismo. Poesia concreta. Infopoesia. Autores renomados da atualidade: Mia Couto (moçambicano), José Saramago (português) e Manoel de Barros (brasileiro).

Bibliografia Básica:

ABREU, A. S. **A arte de argumentar**: gerenciando razão e emoção. São Paulo: Ateliê Editorial, 2006.

CEREJA, W. **Literatura Portuguesa em diálogo com outras literaturas de língua portuguesa**. São Paulo: Atual, 2009.

CITELLI, A. **O texto argumentativo**. São Paulo: Scipione, 1994.

_____. **Linguagem e persuasão**. São Paulo: Ática, 2000.

KOCH, I. V. **Argumentação e Linguagem**. São Paulo: Contexto, 1996.

Bibliografia Complementar:

COSTA VAL, M. T. **Redação e textualidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

NICOLA, J. **Literatura Brasileira**: das origens aos nossos dias. São Paulo: Scipione, 2002.

_____. **Literatura Portuguesa**: das origens aos nossos dias. São Paulo: Scipione, 2002.

Unidade Curricular: FÍSICA 6

60 h/a

45 h/r

Ementa: Estudo dos conceitos relacionados ao Magnetismo e Eletromagnetismo, e descrição do funcionamento dos motores elétricos e geração de energia elétrica. Análise das questões sobre Relatividade Restrita e Estrutura da Matéria.

Bibliografia Básica:

BARRETO, B. F.; SILVA, C. X. **Física aula por aula**. São Paulo: FTD, 2010.

GASPAR, A. **Física Série Brasil**. São Paulo: Ática, 2004.

GONÇALVES, A.; TOSCANO, C. **Física e Realidade**. São Paulo: Scipione, 2003.

MÁXIMO, A.; ALVARENGA, B. **Curso de Física**. São Paulo: Scipione, 2008.

SAMPAIO, J. L.; CALÇADA, C. S. **Física**. São Paulo: Atual, 2003.

Bibliografia Complementar:

BONJORNO, R. A.; BONJORNO, J. R.; BONJORNO, V.; RAMOS C.M. **Física Fundamental**. São Paulo: FTD, 1999.

HALLIDAY, D.; RESNICK, R. **Fundamentos de Física**. 8. Ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

YOUNG, H. D.; FREEDMAN, R. A. **Física I, II, III e IV**. 12. Ed. São Paulo: Addison Wesley, 2008.

Unidade Curricular: PROJETO INTEGRADOR 3

80 h/a

60 h/r

Ementa: A ser indicada pelo professor responsável de acordo com a proposta do aluno.

Bibliografia Básica:

ANDRADE, M. M. de. **Introdução a metodologia do trabalho científico**. 10. ed. Atlas, 2010.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber**: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MATTAR, J. **Metodologia Científica na era da informática**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2005.

MINAYO, M. C. de S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 24. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1993.

Bibliografia Complementar:

SAMPIERI, R. H. **Metodologia da pesquisa**. 3. ed. MCGRAW HILL – ARTMED, 2006.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. DE A. **Metodologia do trabalho científico**. 7. ed. Atlas, 2007.

MALHEIROS, B. T. **Metodologia da pesquisa em educação**. ELTC, 2011.

Unidade Curricular: ESTATÍSTICA

40 h/a

30 h/r

Ementa: Estatística Descritiva. Variáveis Aleatórias Discretas e Contínuas. Distribuições de Probabilidade, Correlação e Dispersão. Regressão Linear. Controle Estatístico de Processo.

Bibliografia Básica:

BUSSAB; MORETTIN. **Métodos Quantitativos – Estatística Básica**. 4. ed. São Paulo: Atual, 1987.
 MARTINS E DONAIRE. **Princípios de Estatística**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1990.
 LARSON, R.; FABER, B. **Estatística Aplicada**. 2. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007. (4. ed. 2010)
 OLIVEIRA, F.E.M. **Estatística e Probabilidade**. 2. ed. Atlas. 1999.
 BERENSON, M.L.; LEVINE, D.M.; STEPHAN, D. **Estatística – Teoria e Aplicações**. 5. ed. LTC. 2008.

Bibliografia Complementar:

SPIEGHEL, M. **Estatística**. 5. ed. São Paulo: Macgraw-Hill, 1993.
 COSTA NETO, P. L. **Estatística**. 2. ed. São Paulo: Edgard Blucher, 2002.
 FREUND, J. E. **Estatística Aplicada**. 11. ed. Bookman. 2006.

Unidade Curricular: COMUNICAÇÃO TÉCNICA**40 h/a****30 h/r**

Ementa: Interpretar textos. Elaborar e redigir textos técnicos, comerciais e oficiais. Compor seu próprio texto através de pesquisas e estudos realizados. Leitura crítica de textos. Produção de textos. Capacidade de arguição. Capacidade de trabalhar em equipe. Utilizar os recursos gramaticais corretamente. Adequação ao novo acordo ortográfico. Compreender a leitura de manuais técnicos. Elaboração de manuais técnicos.

Bibliografia Básica:

ABREU, A. S. **A arte de argumentar**. 4. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
 AZEVEDO, I. B. **O prazer da produção científica**. 10. ed. São Paulo: Hagnos, 2004.
 BLINKSTEIN, I. **Técnicas de comunicação escrita**. 22. ed. São Paulo: Ática, 2006.
 FIORIN, J. L.; SAVIOLI, F. P. **Lições de texto: leitura e redação**. 5. ed. São Paulo: Ática, 2006.
 GARCIA, O. M. **Comunicação em prosa moderna**. 27. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2010.

Bibliografia Complementar:

CITELLI, A. **Linguagem e Persuasão**. 15. ed. São Paulo: Ática, 2002.
 LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
 MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de Pesquisa**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

Unidade Curricular: LINGUAGEM DE PROGRAMAÇÃO 4**40 h/a****30 h/r**

Ementa: Acesso a bancos de dados relacionais. Modelos de mapeamento objeto-relacional. Padrões de persistência de objetos. Bibliotecas gráficas. Padrões de projeto. Arquitetura MVC.

Bibliografia Básica:

DEITEL, H. M.; DEITEL, P.J. **Java Como Programar**. 8. ed. Pearson, 2010.
 SIERRA, K.; BATES, B. **Use a Cabeça! Java**. 2. Ed. Alta Books, 2007.
 NETO, E. M. **Entendendo e Dominando o Java**. Entendendo e Dominando Java. Universo dos Livros, 2009.

Bibliografia Complementar:

BORATTI, I. C. **Programação Orientada a Objetos em Java**. Visual Books, 2007.
 NIEMEYER, P.; KNUDSEN, J. **Aprendendo Java**. Rio de Janeiro: Campus, 2000.
 DEITEL, H. M.; DEITEL, P.J. **C++ Como Programar**. Porto Alegre: Bookman, 2001.

Unidade Curricular: DESENVOLVIMENTO WEB 2**80 h/a****60 h/r**

Ementa: Aplicação dos conceitos do paradigma de programação web. Desenvolvimento de aplicações dinâmicas para WEB com acesso a bancos de dados relacionais.

Bibliografia Básica:

GILMORE, W. J. **Dominando PHP e Mysql - Do Iniciante ao Profissional**. Alta Books, 2008.
 NIEDERAUER, J. **Desenvolvendo Websites Com PHP**. Novatec, 2004
 NIEDERAUER, J.. **PHP Para Quem Conhece PHP**. 3. ed. Novatec, 2008.

MORRISSON, M. **Use a Cabeça! Javascript**. São Paulo: Novatec, 2008.

Bibliografia Complementar:

HOGLUND, G.; MCGRAW, G. **Como Quebrar Códigos: A Arte de Explorar e Proteger Softwares**. Pearson, 2005.

Unidade Curricular: GERÊNCIA E CONFIGURAÇÕES DE SERVIÇOS DE INTERNET
80 h/a

60 h/r

Ementa: Serviços de redes de computadores. Serviços de Internet. Finalidade, importância e objetivo da segurança da informação. Riscos, ameaças e pontos vulneráveis em ambientes computacionais. Incidentes e medidas de segurança. Políticas de segurança em ambientes computacionais.

Bibliografia Básica:

COMER, D. E. **Interligação em Redes com TCP/IP**. 5. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006. 1 v.
NEMETH, E.; SNYDER, G.; HEIN, T. R. **Manual Completo do Linux: guia do administrador**. 2. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.
DAWEL, G. **A Segurança da Informação nas Empresas**. Ciência Moderna, 2005.

Bibliografia Complementar:

SOARES, LEMOS E COLCHER. **Redes de Computadores – Das LANs, MANs e WANs às Redes ATM**. Campus, 1998.
TANENBAUM, A. S. **Redes De Computadores**. 4. ed. Rio de Janeiro: Campus, 2003.
COMER, D. E. **Redes de Computadores e Internet**. 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2007.
FERREIRA, R. **Linux – Guia do Administrador do Sistema**. 2. ed. Novatec, 2008.
LIMA, J. **Administração de Redes Linux**. Terra, 2003.
ROSS, K.; KUROSE, J. **Redes de Computadores e a Internet**, 5. ed. Addison-Wesley, 2010.
FARREL, A. **A Internet e seus protocolos**. Campus, 2005.
MOTA FILHO, J. E. **Descobrimo o Linux**. 2. ed. Novatec, 2007.
ALBITZ, P.; LIU, C. **DNS and BIND**. 5. ed. O'Reilly, 2006.
TRONCO, T. **Redes de Nova Geração**. Érica, 2006.

Unidade Curricular: SEGURANÇA DA INFORMAÇÃO

40 h/a

30 h/r

Ementa: Finalidade, importância e objetivo da segurança da informação. Riscos, ameaças e pontos vulneráveis em ambientes computacionais. Incidentes e medidas de segurança. Políticas de segurança em ambientes computacionais. Conceitos de assinatura e certificação digital. Medidas de segurança no desenvolvimento de sistemas.

Bibliografia Básica:

OAKS, S. **Segurança de Dados em Java**. Ciência Moderna, 1999.
DAWEL, G. **A Segurança da Informação nas Empresas**. Ciência Moderna, 2005.
SANTOS, A. L. **Quem Mexeu no meu Sistema**. Brasport, 2008.
HOGLUND, G.; MCGRAW, G. **Como Quebrar Códigos: A Arte de Explorar e Proteger Softwares**. Pearson, 2005.
FONTES, E. **Sistema de Segurança da Informação**. 1. ed: Saraiva, 2005.

Bibliografia Complementar:

SEMOLA, M. **Gestão da Segurança da Informação: uma visão executiva**. Campus Elsevier, 2003.
CAMPOS, A. L. N. **Segurança da Informação**. 2. ed. Visual Books, 2007.
SÊMOLA, M. **Gestão da Segurança da Informação**. Campus.

Unidade Curricular: COMPUTADOR, ÉTICA E SOCIEDADE

60 h/a

45 h/r

Ementa: Impactos do uso da tecnologia da informação nas diversas ciências. Aspectos sociais, psicológicos, etno-raciais e econômicos da aplicação da tecnologia da informação. Ética profissional e no uso da tecnologia. Questões legais: segurança, privacidade, direito da propriedade. O mercado de trabalho: situação legal do profissional e entidades profissionais na área.

Bibliografia Básica:

MASIERO, P. C. **Ética em Computação**. São Paulo: Edusp, 2000.
RUBEN, G.; WAINER, J.; DWYER, T. (org). **Informática, Organizações e Sociedade no Brasil**.

São Paulo: Cortez, 2003.
 ROVER, A. J. (org). **Direito, Sociedade e Informática: Limites e Perspectivas da Vida Digital.** Florianópolis: Fund. Boiteux, 2000.
 YUSSEF, A. N.; FERNANDES, V. P. **Informática e Sociedade.** São Paulo: Ática, 1988.
 CASTELLS, M. **A Sociedade em Rede – a era da informação: economia, sociedade e cultura.** São Paulo: Paz & Terra, 2010. 1 v.

Bibliografia Complementar:

CASTELLS, M. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
 LÉVY, P. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática.** São Paulo: Editora 34, 1993.
 NEGROPONTE, N. **Vida Digital.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

Unidade Curricular: PROGRAMAÇÃO PARA DISPOSITIVOS MÓVEIS	60 h/a	45 h/r
Ementa: Fundamentos da computação móvel. Interface gráfica. Desenvolvimento de aplicações e API's de programação para dispositivos móveis. Dispositivos móveis e persistência de dados.		
Bibliografia Básica:		
ROGERS, R. et al. Desenvolvimento de Aplicações Android. São Paulo: Novatec, 2009.		
JOHNSON, T. M. Java para Dispositivos Móveis. São Paulo: Novatec, 2007.		
LECHETA, R. R. Google Android. 2. ed. São Paulo: Novatec, 2010.		
MEDNIEKS, Z.; NAKAMURA, M. Programando Android – Programação Java para a Nova Geração de Dispositivos Móveis. São Paulo: Novatec, 2010.		
PEREIRA, C. O. P.; SILVA, M. L. Android para desenvolvedores. Rio de Janeiro: Brasport, 2009.		
Bibliografia Complementar:		
OEHLMAN, D.; BLANC, S. Aplicativos Web Pro Android – Desenvolvimento Pro Android Usando Html5, Css3 & Javascript. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2010.		
LEE, WEI-MENG. Introdução ao Desenvolvimento de Aplicativos para o Android. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2011.		
WAGNER, R. Desenvolvimento Profissional de Aplicativos Móveis em Flash – criando para Android e Iphone. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2012.		

6 METODOLOGIA

As Estratégias Pedagógicas para o desenvolvimento da metodologia educacional estão caracterizadas conforme o quadro abaixo. As estratégias pedagógicas dos componentes curriculares preveem não só a articulação entre as bases tecnológicas como também o desenvolvimento do raciocínio na aplicação e na busca de soluções tecnológicas. As mesmas devem estar inseridas no documento: Plano de Ensino e Plano de Aula da unidade curricular do curso.

TÉCNICA DE ENSINO	RECURSO DIDÁTICO	FORMA DE AVALIAÇÃO
Expositiva dialogada	Slides	Prova Objetiva
Atividades de Laboratório	DVD	Prova Dissertativa
Trabalho Individual	Computador	Prova Prática
Trabalho em grupo	Mapas/ Catálogos	Palestra
Pesquisa	Laboratório	Projeto
Dramatização	Impressos (apostilas)	Relatório

Projeto Debate Estudo de Caso Seminário Visita Técnica	Quadro Branco Projektor Multimídia e outros	Seminário Outros
--	--	---------------------

Quadro 2 - Estratégias Pedagógicas.

A metodologia proposta para desenvolver o currículo visa:

- conduzir à aprendizagem significativa;
- ter critérios de referência, não uma corrida de obstáculos;
- dar ênfase ao que o estudante já sabe, não em suas faltas;
- ter sentido de diversidade e não de homogeneidade;
- levar à aprendizagem pessoal.

A escolha de projetos de trabalho para desenvolver a aprendizagem tem como objetivo favorecer a criação de estratégias de organização dos conhecimentos:

- em relação ao tratamento da informação;
- na interação dos diferentes conteúdos em torno de problemas ou hipóteses que facilitam a construção de conhecimentos;
- na transformação das informações, oriundas dos diferentes saberes disciplinares, em conhecimento próprio.

O tema do problema ou projeto de trabalho poderá ser selecionado da realidade social ou profissional, ou proposta pelos estudantes ou pelo professor, dependendo da escolha de sua relevância dentro do currículo.

A metodologia adotada para os Cursos de Educação Profissional Técnica de Nível Médio do IFMS visa buscar a atualização e significação do espaço escolar como elemento facilitador e não apenas gerador da informação. Uma nova metodologia de formação profissional deve-se inserir à nova dinâmica pedagógica na qual a preparação para o trabalho seja um dos enfoques do itinerário formativo integrado às atividades e experiências que objetivam a preparação de cidadãos para a vida.

IFMS, embasado no princípio de que “a educação é um processo de vida”, propõe metodologias de ensino compatíveis ao cotidiano do estudante possibilitando questionamentos das práticas realizadas, embasando-se no conteúdo teórico, gerando uma força capaz de compreender novas situações apresentadas, capacitando o alunado a resolver problemas novos, tomar decisões, ter autonomia intelectual, comunicar ideias em um contexto de respeito às regras de convivência democrática.

6.1 ESTÁGIO OBRIGATÓRIO

O estágio, baseado na lei n. 11.788 de 25 de setembro de 2008 e no Regulamento da Organização Didático-Pedagógica do IFMS é uma atividade curricular obrigatória dos cursos de Educação Profissional Técnica de Nível Médio do IFMS. O estágio deverá ser iniciado a partir do 5º período e seguirá regras e normalizações próprias constante no Regulamento do Estágio dos Cursos da Educação Profissional Técnica de Nível Médio, sendo finalizado com a apresentação a uma banca examinadora.

6.2 APROVEITAMENTO DE CONHECIMENTOS E EXPERIÊNCIAS ANTERIORES

Poderá haver aproveitamento de conhecimentos adquiridos na Educação Profissional, inclusive no trabalho, para fins de prosseguimento e de conclusão de estudos:

- de disciplinas ou módulos cursados em outra habilitação profissional da parte profissionalizante ou diversificada do currículo;
- de estudos realizados fora do sistema formal;
- de aprendizagens adquiridas no trabalho.

Quando o estudante demonstrar, previamente, o domínio dos conhecimentos de uma unidade curricular, o respectivo professor poderá orientar o estudante à requerer a avaliação antecipada desses conhecimentos, considerar-se a aprovado o estudante que demonstrar aproveitamento igual ou superior ao estabelecido no Regulamento da Organização Didático Pedagógico do IFMS.

7 AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM

A avaliação do rendimento do estudante do Curso de Educação profissional Técnica de Nível Médio do IFMS abrange o seguinte:

- I. verificação de freqüência;
- II. avaliação do aproveitamento.

Considerar-se-á aprovado por média o estudante que tiver freqüência às atividades de ensino de cada unidade curricular igual ou superior a 75% da carga horária e média final igual ou superior a 7,0 (sete).

O estudante com Média Final inferior a 7,0 (sete) e/ou com freqüência inferior a 75% será considerado reprovado. As notas finais deverão ser publicadas em locais previamente comunicados aos estudantes até a data limite prevista em calendário escolar.

8 INFRAESTRUTURA

8.1 INSTALAÇÕES E EQUIPAMENTOS

8.1.1 ÁREA FÍSICA DOS LABORATÓRIOS

NOME DO LABORATÓRIO	ÁREA FÍSICA
Laboratório de Informática 01	41 a 67m ²
Laboratório de Informática 02	41 a 67m ²
Laboratório de Informática 03	41 a 67m ²
Laboratório de Instalação e Manutenção / Redes	41 a 67m ²

Quadro 3 - Área física dos laboratórios.

8.1.2 LEIAUTES DOS LABORATÓRIOS

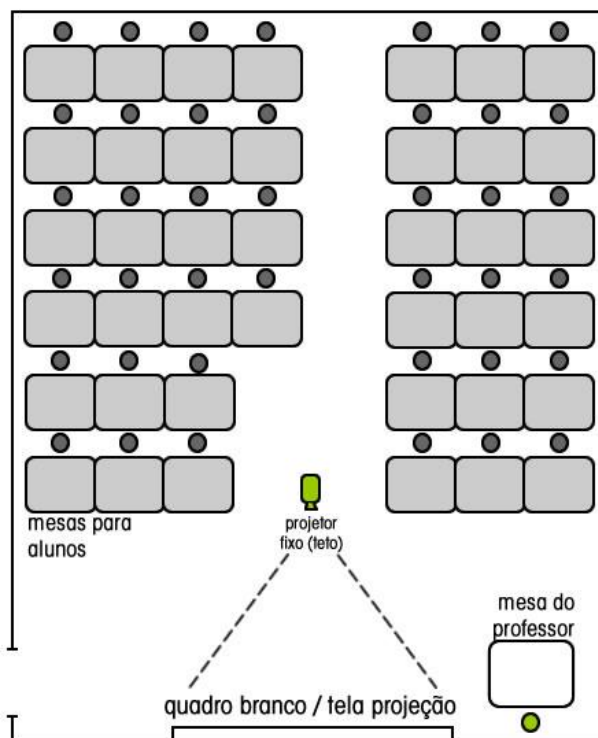


Figura 4 - Layout de laboratório com capacidade para 40 estudantes

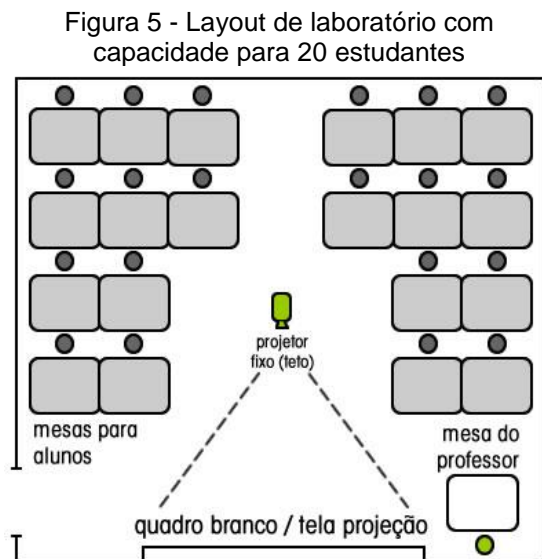
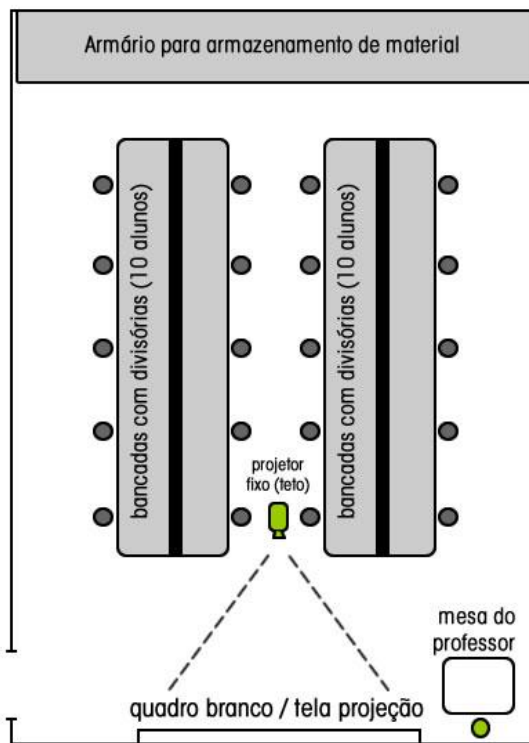


Figura 6 - Layout de laboratório de Instalação e Manutenção de Computadores / Redes com capacidade para 20 estudantes



8.1.3 DESCRIÇÃO DOS EQUIPAMENTOS PERMANENTES DE CADA LABORATÓRIO:

NOME DO LABORATÓRIO	EQUIPAMENTOS EXISTENTES	EQUIPAMENTOS A ADQUIRIR
Laboratório de Informática 01	41 microcomputadores, 01 projetor multimídia, condicionador de ar, mesas e cadeiras para 40 estudantes e 1 professor.	Tela de projeção, suporte fixo para teto e cabos para projetor multimídia.
Laboratório de Informática 02	21 microcomputadores, condicionador de ar, mesas e cadeiras para 20 estudantes e 1 professor.	01 projetor multimídia, tela de projeção, suporte fixo para teto e cabos para projetor multimídia.
Laboratório de Informática 03	9 microcomputadores, 9 mesas e 20 cadeiras.	12 microcomputadores, 12 mesas e 01 cadeira, 01 projetor multimídia, suporte fixo para teto, cabos para projetor multimídia, tela de projeção e 1 condicionador de ar.
Laboratório de Instalação e Manutenção de Computadores / Redes	20 microcomputadores, 22 mesas e 21 cadeiras para 20 estudantes e 1 professor.	1 microcomputador, 2 bancadas para 10 estudantes cada, 01 projetor multimídia, suporte fixo para teto, cabos para projetor multimídia, tela de projeção e 1 condicionador de ar, 1 armário para armazenamento de materiais e equipamentos.

Quadro 4 - Descrição dos equipamentos.

8.2 UNIDADES CURRICULARES CONTEMPLADAS EM CADA LABORATÓRIO

Os estudantes do Curso Técnico em Informática contam ainda com laboratórios montados para as áreas de conhecimento em Química, Matemática e Física, prevista na grade curricular.

9 PESSOAL DOCENTE

Unidade Curricular	Docente	Formação
LÍNGUA PORTUGUESA E LIT. BRASILEIRA	Adriane Roberta Ribeiro de Macedo	Graduada em Letras - Português/Inglês/Espanhol – UEPG; Especialista em Língua Portuguesa e Literatura – UEPG; Especialista em Metodologia do Ensino da Arte – FACINTER; Mestre em Literaturas e Crítica Literária – PUCSP.
LÍNGUA ESTRANGEIRA MODERNA - INGLÊS	André Suehiro Matsumoto	Graduado em Letras - Português/Inglês -UEMS.
LÍNGUA ESTRANGEIRA MODERNA - ESPANHOL	Diogo Moreno Pereira Carvalho	Graduado em Letras - Língua e Literaturas Modernas Estrangeiras – UFRJ.
EDUCAÇÃO FÍSICA	Tiago Amaral Silva	Graduado em Educação Física pela Universidade Estadual de Goiás - GO.
ARTE	Tamires Mendes Sousa	Graduada em Artes Visuais - Centro Universitário da Grande Dourados.
HISTÓRIA	Igor Vitorino da Silva	Graduado em História - Universidade Federal do Espírito Santo.
GEOGRAFIA	Écio Aparecido Ricci	Graduado em Geografia – USP; Mestre em Geografia.
	Débora Cristina Macorini Ocon	Graduada em Geografia – UFMS; Especialista em Saúde do Trabalhador e Ecologia Humana - Fundação Osvaldo Cruz/Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca; Mestre em Geografia pela UFGD.
FILOSOFIA	Volmar Meia Casa	Graduado em Filosofia - Universidade do Sagrado Coração; Mestre em Educação - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.
SOCIOLOGIA	Leonardo Borges Reis	Graduado em Ciências Sociais - UFMS; Mestre em Filosofia Política - Universidade Estadual Paulista.
MATEMÁTICA	Rogério Sanches Gonçalves	Graduado em Matemática - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Imaculada Conceição; Mestre em Física – UFMS.
	Brenda Pavão Garcez.	Graduada em Matemática - Fundação Municipal de Educação e Cultura de Santa Fé do Sul.
FÍSICA	Aginaldo Nogueira Turina.	Graduado em Física - Universidade Estadual de Londrina; Mestre em Ciências e Práticas Educativas - Universidade de Franca.
	Mauro Vanderlei de Amorim	Graduado em Física - UFMS; Mestre em Engenharia Elétrica pela Universidade Estadual de Campinas. Doutorado em desenvolvimento.
QUÍMICA	Juliana Cardoso Pereira	Graduada em Química – UFPEL; Especialista em Educação com Ênfase no Ensino de Ciências -

		UFPEL; Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação -UFPEL.
BIOLOGIA	Manoel Sebastião da Costa Lima Junior	Graduado em Ciências Biológicas – UCDB; Especialista em Biologia molecular; Mestre em Ciência Animal – UFMS; Doutor em doenças infecciosas e parasitárias – UFMS.
SIST. INTEGRADO DE GESTÃO	Carlos Alberto Dettmer	Graduado Agricultura e Zootecnia - UNIJUI/RS; Graduado em Administração de Empresas - UNICRUZ/RS; Especialista em Tecnologia Ambiental - UPF/RS.
EMPREENDEDORISMO	Carlos Alberto Dettmer	Graduado Agricultura e Zootecnia - UNIJUI/RS; Graduado em Administração de Empresas - UNICRUZ/RS. Especialista em Tecnologia Ambiental - UPF/RS.
ESTATÍSTICA	Rogério Sanches Gonçalves	Graduação em Matemática - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Imaculada Conceição; Mestrado em Física - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.
COMUNICAÇÃO TÉCNICA	Adriane Roberta Ribeiro de Macedo	Graduada em Letras Português/ Inglês/Espanhol – UEPG; Especialista em Língua Portuguesa e Literatura – UEPG; Especialista em Metodologia do Ensino da Arte – FACINTER; Mestre em Literaturas e Crítica Literária – PUCSP.
INFORMÁTICA APLICADA	Sergio Ricardo Ribas Sass	Graduado em Sistemas de Informação - Universidade Estadual de Goiás; Especialista em Desenvolvimento de Sistemas para Web.
PROJETO INTEGRADOR	Cláudio Zarate Sanavria	Graduado em Análise de Sistemas - UFMS; Graduado em Pedagogia - UNIGRAN; Especialista em Engenharia de Websites - UFMS; Mestre em Educação UCDB.
INGLÊS TÉCNICO	André Suehiro Matsumoto.	Graduado em Letras - Habilitação Português/Inglês – UEMS.
ALGORITMOS	Eloá Jane F. Mateus	Graduada em Engenharia Elétrica Ênfase Eletrônica - Universidade Federal do Paraná; Mestre em Educação - Universidade Estadual de Londrina.
	Nátalli Macedo Rodrigues	Graduada em Análise de Sistemas - Universidade Estadual do Centro-Oeste; Mestre em Ciência da Computação - Universidade Estadual de Maringá.
LINGUAGEM DE PROGRAMAÇÃO	Eloá Jane F. Mateus	Graduada em Engenharia Elétrica Ênfase Eletrônica - Universidade Federal do Paraná; Mestre em Educação - Universidade Estadual de Londrina.
	Nátalli Macedo Rodrigues	Graduada em Análise de Sistemas - Universidade Estadual do Centro-Oeste; Mestre em Ciência da Computação - Universidade Estadual de Maringá.
	Rodrigo Duran	Graduado em Ciência da Computação - Universidade Estadual de Londrina; Mestre em Ciências da Computação e Matemática Computacional - Universidade de São Paulo.
DESENVOLVIMENTO WEB	Sergio Ricardo Ribas Sass	Graduado em Sistemas de Informação- Universidade Estadual de Goiás; Especialista em Desenvolvimento de Sistemas para Web.
	Evandro Luís Souza Falleiros	Graduado em Ciência da Computação - UEMS.
ORIENTAÇÃO A OBJETOS	Evandro Luís Souza Falleiros	Graduado em Ciência da Computação - UEMS.
SISTEMAS OPERACIONAIS	Olavo José Luiz Junior	Graduado em Tecnologia em Processamento de Dados - Faculdades Integradas Santa Cruz de Curitiba; Especialista em Desenvolvimento WEB (PUCPR) e Gestão Educacional ênfase em Ensino

		Superior (UNIPAN).
	Luiz Fernando Delboni Lomba	Graduado em Sistemas de Informação - UENP; Especialista em Gestão de Negócios pela UNOPAR; Especialista em Gestão Educacional - UEPG.
ORGANIZAÇÃO DE COMPUTADORES	Olavo José Luiz Junior	Graduado em Tecnologia em Processamento de Dados - Faculdades Integradas Santa Cruz de Curitiba; Especialista em Desenvolvimento WEB (PUCPR) e Gestão Educacional ênfase em Ensino Superior (UNIPAN).
INSTALAÇÃO E MANUTENÇÃO DE COMPUTADORES	Luiz Fernando Delboni Lomba	Graduado em Sistemas de Informação - UENP; Especialista em Gestão de Negócios pela UNOPAR; Especialista em Gestão Educacional - UEPG.
GERÊNCIA E CONFIGURAÇÃO DE SERVIÇOS INTERNET	Luiz Fernando Delboni Lomba	Graduado em Sistemas de Informação - UENP; Especialista em Gestão de Negócios pela UNOPAR; Especialista em Gestão Educacional - UEPG.
REDES DE COMPUTADORES	Olavo José Luiz Junior	Graduado em Tecnologia em Processamento de Dados - Faculdades Integradas Santa Cruz de Curitiba; Especialista em Desenvolvimento WEB (PUCPR) e Gestão Educacional ênfase em Ensino Superior (UNIPAN).
	Luiz Fernando Delboni Lomba	Graduado em Sistemas de Informação - UENP; Especialista em Gestão de Negócios pela UNOPAR; Especialista em Gestão Educacional - UEPG.
BANCO DE DADOS	Cláudio Zarate Sanavria	Graduado em Análise de Sistemas - UFMS; Graduado em Pedagogia - UNIGRAN; Especialista em Engenharia de Websites - UFMS; Mestre em Educação UCDB.
ENGENHARIA DE SOFTWARE	Cláudio Zarate Sanavria	Graduado em Análise de Sistemas - UFMS; Graduado em Pedagogia - UNIGRAN; Especialista em Engenharia de Websites - UFMS; Mestre em Educação UCDB.
SEGURANÇA DA INFORMAÇÃO	Sergio Ricardo Ribas Sass	Graduado em Sistemas de Informação - Universidade Estadual de Goiás; Especialista em Desenvolvimento de Sistemas para Web.
COMPUTADOR, ÉTICA E SOCIEDADE		
PROGRAMAÇÃO PARA DISPOSITIVOS MÓVEIS		

10 DIPLOMA

O IFMS conferirá, na condição de profissional diplomado como **Técnico em Informática**, quando o estudante houver concluído todas as unidades curriculares da matriz curricular, incluindo o estágio obrigatório.

Anexo 7

y eventos, etc. Con eso, se garantiza:

- la vivencia de prácticas significativas, individuales y colectivas, de lectura literaria en intertextualidad con otras artes y sistemas semióticos;
- la socialización, publicación, circulación y divulgación de las producciones finales de los alumnos generadas por los proyectos;
- la oportunidad de participación de la familia, de la comunidad extra e intraescolar en la vida estudiantil de los adolescentes.

Todas las etapas que estructuran los proyectos de literatura tienen en cuenta el desarrollo de una enseñanza lúdica, creativa, motivadora y crítica que contribuye a la construcción de una escuela reflexiva, que, según Alarcão,

é uma escola que sabe onde está e para onde quer ir. Pensa-se, tem um projeto orientador de ação e trabalha em equipe. É uma comunidade pensante. Ao pensar a escola, os seus membros enriquecem-se e qualificam-se a si próprios. Nessa medida, a escola é uma organização simultaneamente aprendente e qualificante. (ALARCÃO, 2000, p. 85.)

Interdisciplinaridad, interculturalidad y transversalidad

En los proyectos se señala explícitamente entre qué países se establecerán relaciones por medio de los materiales seleccionados. Los textos (escritos, orales, visuales) se contextualizan en cuanto al lugar de publicación y a la nacionalidad de sus autores.

La lengua es, por excelencia, el componente cultural que primero identifica a un grupo social y, muchas veces, incluso lo vincula a un espacio territorial. El trabajo con la interculturalidad se realiza a través del constante diálogo entre lo nacional y lo extranjero, para que los alumnos adquieran conciencia sobre el papel de la lengua extranjera que estudian en la producción artística y cultural de las sociedades y se perciban como sujetos pertenecientes a un mundo plurilingüe y multicultural.

El trabajo interdisciplinario contribuye a que el alumno note la importancia de la lectura literaria en español como fuente de placer, diversión, fruición estética, información, reflexión y conocimiento social, cultural y científico de otros países.

El aspecto transversal de las actividades desarrolladas en los proyectos promueve el encuentro de los alumnos con el contexto sociocultural de la lengua española, ampliando su capacidad reflexiva sobre comportamientos, actitudes, sentimientos, valores, rasgos de identidad, costumbres, creencias. Es decir, abordan los llamados temas transversales (ética y ciudadanía, pluralidad cultural, etc.), tal como recomiendan los PCN.

El papel del alumno y la actuación didáctica-pedagógica del profesor

El alumno va a actuar como sujeto corresponsable de su aprendizaje, capaz de ejercitar habilidades, actitudes y conocimientos mediante las habilidades de comprensión y expresión en la lengua meta, tratando siempre de perfeccionar su capacidad de análisis y comprensión del mundo en concomitancia con la adquisición, apropiación y ampliación del uso que hace de la lengua. Como consecuencia, logrará un mejor dominio del acervo lingüístico-cultural de la lengua extranjera en estudio.

El docente actúa en los proyectos como creador de un puente intercultural y como "articulador de muchas voces", conforme indican las OCEM (BRASIL/SEB/MEC, 2006, p. 136). Esto es, el profesor es alguien "apto a realizar prácticas de mediação sociocultural, contemplando o tratamento de conflitos identitários e contradições sociais, na linguagem da sala de aula" (SERRANI, 2005, p. 15), que busca alternativas de intervención frente a los retos que se presentan en la práctica pedagógica y optimiza la acción-reflexión en el proceso de enseñanza-aprendizaje.

Sugerencias de lectura

ALARCÃO, I. *Professores reflexivos numa escola reflexiva*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

CORRÊA, H. Adolescentes leitores: eles ainda existem. In: PAIVA, A. et al. (Orgs.). *Literatura e letramento: suportes e interfaces*. Belo Horizonte: Autêntica/CEALE/FAE/UFMG, 2005.

GONZÁLEZ, N. La utilización del texto literario en las clases de lengua extranjera. In: SILVA, P. C. da (Org.). *Língua, literatura e a integração hispano-americana*. Porto Alegre: UFRGS, 1990.

PARAQUETT, M.; MENDES, E. O diálogo intercultural entre o português e o espanhol na América Latina. In: *Diálogos interculturais: ensino e formação em português língua estrangeira*. São Paulo: Pontes, 2011. v. 1. p. 49-70.

► Estructura y organización de la colección

Inicio de la unidad

- **En esta unidad...**
Resumen de lo que los alumnos estudiarán durante la unidad.
- **Transversalidad**
Se explicita qué temática transversal se desarrolla en la unidad: pluralidad cultural, medio ambiente, consumo, salud, etc.
- **Interdisciplinaridad**
Se identifican las asignaturas que se conectan con la lengua española en la unidad: Matemáticas, Geografía, Historia, Educación Física, Lenguas, Literatura, Sociología, Filosofía, Química, Física, Biología, Artes.

■ Para empezar

Se presenta el tema desarrollado en la unidad a partir de la observación y lectura de textos verbales, no verbales y multimodales: mapas, fotografías, historietas, pinturas, escenas de película, entre otros. La mayoría de esas actividades son orales, aunque en algunas unidades el alumno elabora respuestas escritas.

Las cuatro habilidades

Cada unidad presenta dos capítulos. Cada uno se organiza con el desarrollo de dos habilidades.

■ Lectura

La sección de lectura se organiza en tres etapas: antes, durante y después.

Almacén de ideas

Se proponen cuestiones de activación de conocimientos de mundo y previos del alumno sobre el tema y sobre el género en foco, y de formulación de hipótesis a partir de la temática y/o del género y sus condiciones de producción. Son actividades que preparan al alumno para la lectura. Los alumnos sabrán si leerán un reportaje, una propaganda, una crónica, etc.

Red (con)textual

Se define el objetivo de lectura del alumno, es decir, se informa cuál es la función de lectura a la hora de empezar a entrar en contacto con el texto. Además, se proponen estrategias de lectura distintas que llevan al alumno a comprender globalmente el texto y las partes que lo componen.

Tejiendo la comprensión

Se explora el texto a partir del tema, de su forma composicional, del soporte y del contexto de circulación. Además, se proponen preguntas que llevan al alumno a adquirir variadas habilidades de lectura: comprensión global del texto, localización de información explícita, producción de inferencia, identificación de efectos de sentido, comparación de informaciones, expresión de opinión, etc.

■ Escritura

Se organiza en cuatro etapas: conocimiento de las características del género que se va a escribir, desarrollo de la temática, elaboración del texto y reescritura.

Conociendo el género

Se trabajan las características principales modelares del género con el que se va a trabajar por medio de preguntas de respuesta abierta o cerrada. Se presenta un ejemplo del género o se vuelve a la sección de lectura para observar la forma composicional y los aspectos lingüísticos del texto.

Planeando las ideas

Se orienta al alumno sobre la temática del texto que se escribirá y se indica, en algunas actividades, dónde buscar más informaciones.

Taller de escritura

Se elaboran los textos a partir de enunciados que definen el género y el tema ya trabajados anteriormente. En algunas unidades, la actividad se hace en el propio libro, en otras en el cuaderno o en otro soporte, respetando siempre las condiciones de producción del texto.

Reescritura

Se orienta a los alumnos a que se fijen en determinados aspectos del texto para después reescribirlos. Según el tipo de producción, los alumnos rehacen los textos individualmente, en parejas, en tríos o en grupos.

■ Escucha

Se organiza en cuatro etapas: antes, durante y después de la escucha, además de una etapa específica para la pronunciación, la variación fonética y fonológica y la ortografía de la lengua española.

¿Qué voy a escuchar?

Se hacen preguntas que llevan al alumno a activar sus conocimientos de mundo sobre el asunto del audio y sobre el género oral. Además se proponen actividades de formulación de hipótesis.

Escuchando la diversidad de voces

Se hacen diversas actividades con textos orales que presentan las variedades de acentos del mundo hispánico, además de variedades de registro. Se proponen actividades de comprensión extensiva (comprensión global del audio), selectiva (entendimiento de palabras, sentencias y sonidos) e intensiva (foco en informaciones específicas).

Comprendiendo la voz del otro

Se proponen preguntas de comprensión del texto oral y de opinión del alumno para que reflexione sobre lo que se ha discutido anteriormente. En algunas unidades, se amplía la discusión con investigaciones que trascienden el libro didáctico.

Oído perspicaz: El español suena de maneras diferentes

El foco es la pronunciación de determinadas letras del alfabeto español y el análisis contrastivo con la lengua portuguesa. Además, se trabajan algunas variedades fonéticas.

■ Habla

Esta sección se organiza en tres etapas: antes, durante y después del habla.

Lluvia de ideas

Se organizan las ideas a partir de actividades relacionadas con la temática a desarrollarse en el habla, muchas veces a partir de la lectura de textos verbales y no verbales.

Rueda viva: comunicándose

Se proponen actividades diversas para que el alumno eche mano de estrategias verbales y no verbales en su comunicación. Esas actividades permiten el uso de funciones comunicativas y de géneros orales distintos.

¡A concluir!

Se evalúa de varias maneras lo que se dijo entre todos. Es una manera de compartir lo que cada pareja, trío o grupo produjo oralmente. Se proponen también actividades de reflexión posterior al habla y ampliación del contenido estudiado.

El componente lingüístico en las cuatro habilidades

En todas las actividades de lectura, escritura, escucha y habla hay actividades de gramática en uso y vocabulario en contexto en los textos orales y escritos.

■ Gramática en uso

Se trabajan los conocimientos lingüísticos a partir de su uso en los textos, sean orales o escritos. Se busca la reflexión lingüística en lugar de la pura y simple transmisión de informaciones de reglas gramaticales. Además, se enseña la forma de los contenidos lingüísticos. En todas las secciones se presenta un ícono intitulado *Chuleta lingüística*, en el que se amplía lo estudiado en el interior de la unidad.

■ Vocabulario en contexto

Se estudia el vocabulario a partir del contexto textual y también se lo amplía temáticamente. Se trabajan la sinonimia, la antonimia, las expresiones idiomáticas y la inferencia de vocabulario. Además, se trabajan los conocimientos lexicales a partir del contexto de uso en los textos orales, escritos o visuales.

Cuadros de apoyo

■ Vocabulario de apoyo

Aparecen en los textos escritos (*Lectura*) y oral (*Escucha*). Se lee el significado de determinadas palabras usadas, para ayudar al alumno en la comprensión.

■ Español alrededor del mundo

Aparecen palabras, expresiones e informaciones sobre el mundo hispánico con el fin de mostrar la diversidad lexical, lingüística y de acentos de los países que hablan la lengua española como idioma oficial.

■ A quien no lo sepa

Se amplía lo estudiado a través de informaciones autorales, contextuales, culturales y otras que lleven al alumno a saber más sobre la lengua española y el texto o la temática en estudio.

■ ¡Ojo!

Se llama la atención sobre informaciones gramaticales a la hora de hablar o escribir.

■ Condiciones de producción

Al inicio de cada sección *Lectura*, *Escritura*, *Escucha* y *Habla*, aparece un cuadro en el que se informa el género se va a trabajar, el objetivo y la temática. En la producción escrita y en la producción oral se informa, además del género, quiénes son los receptores.

Cierre cultural temático

■ Culturas en diálogo: nuestra cercanía

Se presentan artistas, escritores y sus obras, además de las costumbres y los hábitos de países hispánicos. El objetivo es el acercamiento al mundo de las artes y de la diversidad cultural. Todo se trabaja desde la lectura, la escritura, la escucha y el habla. No se caracteriza por una muestra, sino por la reflexión acerca de las diversas culturas, hábitos y creencias. En muchas unidades se establecen diálogos entre la cultura brasileña y la de las naciones hispanohablantes.

¿Lo sé todo? (Autoevaluación)

Se ofrece una tabla de autoevaluación sobre los contenidos estudiados en cada unidad, con espacio para reflexión del alumno sobre su propio proceso de aprendizaje, a partir de preguntas acerca de los contenidos de cada una de las secciones.

¡Para ampliar! Ver, leer, oír y navegar

Se sugieren materiales extras que tanto el alumno como el profesor pueden usar en cada unidad para ampliar el conocimiento.

Profesiones en acción

Se trabaja exclusivamente con la temática de las profesiones, el mundo del trabajo y las propuestas de exámenes de lectura en Lengua Española para acceder a las universidades brasileñas.

■ Entérate sobre el mundo laboral

Se presentan las diversas profesiones que se relacionan con la temática discutida en la unidad.

■ ¿Cómo tener éxito en el mundo laboral?

Se sugieren consejos sobre cómo actuar en el mercado de trabajo.

La lectura en las selectividades

Se presentan exámenes de acceso a la universidad, con actividades de elección múltiple. Hay exámenes de universidades de todas las regiones brasileñas, del ENEM y de universidades que trabajan con el *vestibular seriado*.

Proyecto

Se hacen lecturas de textos literarios de autores clásicos y contemporáneos de la literatura hispanoamericana y española. Los alumnos, al final del proyecto, producirán folletos turísticos, antologías, sarasos, odas y otros trabajos interdisciplinarios.

Chuleta lingüística: ¡no te van a pillar!

Se exponen tablas de contenidos gramaticales con reglas de forma y uso. Además, hay actividades más estructurales para que el alumno practique la gramática aprendida.

Para tocar la guitarra

Aparecen las cifras de las letras de las canciones que se han estudiado en las unidades.

Glosario

Se hace un listado de A a Z de palabras que puedan generar dudas en los alumnos a lo largo de sus traducciones al portugués.

Sitios electrónicos para información, estudio e investigación

Se informan sitios electrónicos de diccionarios en español, periódicos y revistas de todo el mundo hispanico, bibliotecas virtuales, universidades brasileñas, entre otras temáticas.

Referencias bibliográficas

Se listan los libros y sitios electrónicos usados en la obra didáctica.

Organización de la colección en las escuelas (sugerencia)

Escuelas que se organizan por trimestres:

1 ^{er} trimestre	2 ^o trimestre	3 ^{er} trimestre
<ul style="list-style-type: none">• Unidad 1• Capítulos 1 y 2• Profesiones en acción 1• Proyecto literatura y otras artes 1	<ul style="list-style-type: none">• Unidad 2• Capítulos 3 y 4• Profesiones en acción 2• Proyecto literatura y otras artes 2	<ul style="list-style-type: none">• Unidad 3• Capítulos 5 y 6• Profesiones en acción 3• Proyecto literatura y otras artes 3

Escuelas que se organizan por bimestres:

1 ^{er} bimestre	2 ^o bimestre	3 ^{er} bimestre	4 ^o bimestre
<ul style="list-style-type: none">• Unidad 1• Capítulos 1 y 2• Profesiones en acción 1	<ul style="list-style-type: none">• Proyecto literatura y otras artes 1• Unidad 2• Capítulos 3 y 4• Profesiones en acción 2	<ul style="list-style-type: none">• Proyecto literatura y otras artes 2• Unidad 3• Capítulo 5	<ul style="list-style-type: none">• Unidad 3• Capítulo 6• Profesiones en acción 3• Proyecto literatura y otras artes 3

1 ^{er} bimestre	2 ^o bimestre	3 ^{er} bimestre	4 ^o bimestre
<ul style="list-style-type: none">• Unidad 1• Capítulos 1 y 2• Profesiones en acción 1	<ul style="list-style-type: none">• Unidad 2• Capítulos 3 y 4• Profesiones en acción 2	<ul style="list-style-type: none">• Proyecto literatura y otras artes 1• Proyecto literatura y otras artes 2	<ul style="list-style-type: none">• Unidad 3• Capítulos 5 y 6• Profesiones en acción 3• Proyecto literatura y otras artes 3

Anexo 8

Fichas de Avaliação do LD de Língua Estrangeira propostas por Dias (2009)

Instrumento de Avaliação – Livro didático (LD) de Língua Estrangeira (LE)*

FICHA 1: ASPECTOS GERAIS

Marque SIM, PARCIALMENTE ou NÃO

1.1 Princípios norteadores	SIM	PARC.	NÃO
A visão de linguagem adotada leva em conta as práticas sociais de uso por meio da LE.			
A visão de aprendizagem considera a importância do trabalho colaborativo entre os alunos e professor.			
A visão de aprendizagem adotada leva o aluno a apropriar-se da importância do <i>scaffolding</i> e do <i>feedback</i> .			
Os quatro conteúdos básicos são explorados em situações contextualizadas de uso da LE tanto nas práticas orais quanto nas escritas.			
Os quatro conteúdos básicos fazem uso de textos autênticos tanto nas práticas orais quanto nas escritas por meio da LE.			
As capacidades de linguagem (as de ação, as discursivas e as lingüístico-discursivas) são devidamente exploradas no livro como um todo.			
Há preocupação em fazer uso de uma gramática contextualizada em relação aos vários gêneros textuais, ou seja, a gramática é relacionada a situações de uso.			
O desenvolvimento dos processos receptivos (leitura e compreensão oral) articula-se adequadamente ao desenvolvimento dos processos produtivos (escrita e produção oral), ao longo de todo livro.			
Os assuntos explorados são adequados ao público alvo.			
As várias unidades do articulam-se entre si, levando em conta um eixo articulador adotado pela obra como um todo.			
Há articulação pedagógica entre os diferentes volumes que integram a coleção.			
Há preocupação em desenvolver e/ou expandir o conhecimento de aspectos sócio-culturais dos países da língua alvo, assim como valorizar os do nosso país.			
O assunto de cada uma das unidades permite o trabalho interdisciplinar, com fins ao desenvolvimento de valores éticos e de cidadania.			
A coleção disponibiliza um <i>site</i> na <i>Internet</i> para as interlocuções entre autores(as) e professores(as) ou entre os(as) próprios(as) professores(as), usuários(as) do livro.			
1.2 Aspectos gráfico-editoriais			
A obra como um todo apresenta um projeto gráfico-editorial adequado aos seus fins didáticos.			
Cada unidade apresenta uma diagramação adequada aos seus propósitos didáticos.			
Os personagens utilizados têm características físicas com as quais os alunos se identificam, levando em conta a faixa etária de cada volume do livro.			
Os personagens utilizados têm aspectos físicos diferentes (altos, magros, gordinhos, negros claros, mulatos etc.)			
Os lugares onde as ações acontecem (sala de aula, lanchonete da escola etc.) apresentam ilustrações adequadas que ajudam os alunos a reconhecê-los.			
A hierarquia entre títulos e subtítulos é claramente realçada e foram utilizados elementos tipológicos ou gráficos para indicá-la.			
A numeração das páginas está em posição de destaque e de fácil visualização.			
Há coerência de normas gráficas (tipos e tamanhos de fontes, elementos de destaque etc.) ao longo de todo o livro.			
O tamanho das letras/fontes é adequado ao público alvo (entre 10pt e 12pt para jovens e adultos, entre 14pt e 16pt para alunos mais novos).			
Os elementos visuais são de boa qualidade estética e servem para motivar ou aumentar o interesse do aluno.			
Os elementos visuais utilizados são adequados à faixa etária de cada volume do livro.			
Os elementos visuais estão relacionadas aos propósitos dos textos orais e/ou escritos a que se referem.			
Os elementos visuais não revelam preconceitos ou estereótipos.			
Os elementos gráficos (tabelas, gráficos, linhas, boxes) contribuem para uma maior clareza e precisão da informação veiculada.			
Os elementos gráficos utilizados contribuem para uma organização clara das informações nas unidades ao longo de todo o livro.			

1.3 Autonomia dos alunos

O livro didático faz uso de texto autênticos tanto nas práticas sociais por meio da LE (tanto na modalidade oral quanto na escrita).			
O aluno é incentivado a assumir responsabilidade sobre o seu aprender por meio do estabelecimento de objetivos e/ou propósitos para a aprendizagem e a tomada de decisões.			
O aluno tem a oportunidade de refletir sobre o seu progresso em relação ao processo de compreender textos orais e escritos (auto-avaliações).			
O aluno é incentivado a produzir diários reflexivos sobre sua própria aprendizagem.			
O aluno é incentivado a desenvolver projetos e/ou aprender mais a partir do que foi aprendido em sala de aula.			
O aluno é incentivado a desenvolver sua criatividade e originalidade.			
A realização de atividades em grupos é incentivada, realçando a importância do trabalho em grupo e a colaboração entre pares.			
A unidade incentiva o relacionamento com o meio virtual, especialmente a Internet, visando a complementação da aprendizagem.			
As várias unidades do livro incentivam a colaboração entre pares por meio de ferramentas do meio virtual como, por exemplo, <i>e-mails</i> , fóruns, listas de discussão, <i>homepages</i> etc.			
O aluno é incentivado a apropriar-se de diversas estratégias para aprender mais e melhor.			
O aluno é incentivado a ler / ouvir mais fora dos limites da sala de aula. Sugestões de revistas, jornais, livros, filmes ou partes de filmes, programas de TV, DVDs e <i>sites</i> são fornecidas para esse fim.			

FICHA 2: COMPREENSÃO ESCRITA

Marque SIM, PARCIALMENTE ou NÃO

2.1 Princípios subjacentes ao processo de leitura

SIM	PARC.	NÃO
-----	-------	-----

Ler é um processo de interlocução entre leitor-(con)texto-autor.			
Papel ativo do leitor no processo de negociação de sentidos.			

2.2 Textos e aspectos textuais

Textos são autênticos (não foram construídos especificamente para a situação de aprendizagem).			
Diversidade de contextos de circulação ou de diferentes suportes (Internet, livros, revistas, jornais etc).			
Diversidade de gêneros textuais com funções sociais variadas (pôsteres, convites, biografias, perfis, anúncios, artigos, reportagens, folhetos, receitas, contos etc.).			
O <i>layout</i> original do texto é mantido.			
Exploração dos tipos de seqüências linguísticas utilizadas (narração, descrição, injunção, argumentação etc.)			
Créditos referentes à autoria dos textos, suporte, data e números de páginas são fornecidos.			

2.3 Atividades de compreensão escrita

O processo de compreensão envolve atividades de compreensão geral, de pontos principais e de atividades de pós-leitura, seguindo uma progressão do mais geral para o mais específico.			
As atividades de leitura garantem uma progressão em espiral ao longo de todo o livro.			
Atividades de compreensão incentivam o uso do conhecimento anterior dos leitores (o de mundo, o textual e o léxico-sistêmico).			
Diversidade de atividades de compreensão (ex.: questões globais, subjetivas, inferenciais, preenchimento de tabelas, soluções de problema etc.), de modo a colaborar para a (re)construção do sentido do texto pelo leitor.			
Exploração dos aspectos das condições sob as quais o texto de leitura foi produzido (capacidades de ação) (quem escreveu, para quem, com qual propósito, como, de que ponto de vista, de que lugar social, quando, onde).			
Exploração de aspectos relacionados à organização ou plano textual (capacidade discursiva).			
Incentivo a resumos da informação lida em tabelas, esboços, mapas conceituais etc.			
Reflexão e sistematização de aspectos gramaticais (capacidade linguístico-discursiva) com base nos gêneros lidos, tendo em vista uma gramática contextualizada			
Relacionamento das atividades de compreensão escrita com outros aspectos da aprendizagem, principalmente com o processo de produção textual.			

FICHA 3: PRODUÇÃO ESCRITA

Marque SIM, PARCIALMENTE ou NÃO

3.1 Princípios subjacentes ao processo de escrita	SIM	PARC	NÃO
Escrever é um processo interativo (relações autor-texto-contexto).			
O destinatário ou público-alvo é um elemento chave no processo de escrita.			
Escrever é um processo colaborativo.			
Papel ativo do aluno no processo de produção textual.			
A produção textual envolve estágios de revisões para aperfeiçoamento do texto			
3.2 Textos e aspectos textuais			
Diversidade de gêneros textuais com funções sociais variadas (pôsteres, biografias, perfis, anúncios, reportagens, folhetos, receitas, contos etc.).			
Diversidade de público-alvo (as produções escritas são dirigidas a diversos públicos: professor, colegas da sala de aula e de outras salas, pais e parentes, vizinhos, comunidade escolar etc.).			
3.3 Atividades de produção textual			
As atividades propostas envolvem contextos reais e refletem situações de interlocução pela escrita para as quais os alunos escrevem no dia-a-dia.			
As atividades propostas para a produção escrita fundamentam-se em leituras prévias e/ou leituras feitas durante a produção textual.			
As atividades propostas para a produção escrita especificam as condições para a produção textual (quem está escrevendo para quem, de que forma, para qual propósito, onde o texto será circulado) (capacidades de ação).			
As atividades propostas para a produção escrita envolvem os seguintes estágios: pré-escrita, planejamento, rascunhos e versões diferentes, revisões dos colegas, re-escritas, apoio do professor, versão final, "publicações" (Figura 2).			
As atividades propostas para a produção escrita especificam as condições para a produção textual (quem está escrevendo para quem, de que forma, para qual propósito, onde o texto será circulado) (capacidades de ação).			
Durante o processo de escrita, as características textuais do gênero sendo produzido são discutidas (capacidade discursiva). As leituras feitas na etapa de "pré-escrita" servem de apoio a essa discussão.			
As atividades propostas para a produção escrita incentivam os alunos a considerarem o <i>feedback</i> e o <i>scaffolding</i> como aspectos importantes no processo de aperfeiçoamento do texto			
Os textos produzidos são circulados socialmente por meio de publicações no jornalzinho da escola, em murais das salas, em portfólios, nos corretores da escola, nas <i>homepages</i> da turma etc., tendo em vista o público-alvo a que são destinados.			
As atividades propostas para a produção escrita incentivam os alunos a usarem a Internet, dicionários, gramáticas, notas de aula etc. como fontes de suporte, antes e durante o processo de produção textual.			
Atividades de pós-escrita incluem reflexões e sistematizações sobre os textos que acabaram de ser produzidos (capacidades linguístico-discursivas).			

FICHA 4: COMPREENSÃO ORAL

Marque SIM, PARCIALMENTE ou NÃO

4.1: Princípios subjacentes ao processo de compreensão oral	SIM	PARC.	NÃO
Ouvir é um processo de interlocução (relações ouvinte-(con)texto-autor).			
Papel ativo do ouvinte no processo de negociação de sentidos.			
4.2 Textos e aspectos textuais do texto oral			
Textos são autênticos (não foram construídos especificamente para a situação de aprendizagem).			
Diversidade de gêneros textuais com funções sociais variadas (conversas informais para propósitos diferentes, documentários curtos, desenhos animados etc.)			
Diversidade de conversas informais com objetivos diferenciados: cumprimentar, despedir-se, elogiar, reclamar, convidar, pedir esclarecimentos etc.			
Diversidade de contextos de circulação (textos de diferentes suportes: DVDs, Rádios, TV, secretárias eletrônicas, desenhos animados, partes de filmes etc.).			
Créditos referentes à autoria dos textos e às fontes de onde foram retirados são fornecidos.			
Os textos apresentam-se com boa qualidade de produção sonora, com vozes diferenciadas de acordo com a faixa etária de quem está falando (adultos, crianças, adolescentes etc.).			

4.3 Atividades de compreensão oral	SIM	PARC.	NÃO
O processo de compreensão envolve atividades de pré-escuta, de compreensão geral, de pontos principais e de atividades de pós-escuta, seguindo uma progressão do mais geral para o mais específico.			
As atividades de compreensão oral garantem uma progressão em espiral ao longo de todo o livro.			
Atividades de compreensão incentivam o uso do conhecimento anterior dos ouvintes.			
Diversidade de atividades de compreensão (ex.: questões globais, objetivas, subjetivas, inferenciais, preenchimento de lacunas, solução de problemas etc.)			
Exploração dos aspectos das condições de produção sob as quais o texto oral foi produzido (capacidades de ação) (quem falou, para quem, com qual propósito, como, de que ponto de vista, de que lugar social, quando, onde).			
Exploração de aspectos relacionados à organização textual (ex.: troca de turnos, repetições, hesitações, contrações, marcadores do discurso para articular idéias etc.) (capacidade discursiva)			
Reflexão e sistematização de aspectos gramaticais (capacidade lingüístico-discursiva) com base nos gêneros ouvidos, tendo em vista uma gramática contextualizada.			
Relacionamento das atividades de compreensão escrita com outros aspectos da aprendizagem, principalmente com o processo de produção oral.			

FICHA 5: PRODUÇÃO ORAL

Marque **SIM**, **PARCIALMENTE** ou **NÃO**

5.1: Princípios subjacentes ao processo de produção oral	SIM	PARC.	NÃO
Falar é um processo de interlocução (relações ouvinte-falante-texto-contexto).			
Papéis ativos do falante/ouvinte no processo de construção de sentidos.			
5.2 Textos e aspectos textuais			
Diversidade de gêneros textuais (conversas informais com objetivos diferentes: cumprimentar, despedir-se, elogiar, reclamar, convidar, pedir esclarecimentos etc.).			
O processo de produção textual envolve atividades de pré-produção, produção oral e pós-produção, seguindo uma progressão do mais geral para o mais específico.			
As atividades de compreensão oral garantem uma progressão em espiral ao longo de todo o livro			
5.3 Atividades de produção oral			
O processo de produção textual envolve atividades de pré-produção, produção oral e pós-produção.			
Atividades de produção incentivam o uso do conhecimento anterior dos falantes.			
As atividades de produção oral garantem uma progressão em espiral ao longo de todo o livro			
As atividades de produção oral exploram o conhecimento anterior do alunos			
Diversidade de atividades de produção para fins comunicativos diversos (conversas informais, entrevistas, relatórios orais com base em pesquisa feita, debates etc.).			
Habilidades diferentes são desenvolvidas no processo de produção oral (atender ao telefone, expressar condolências, pedir permissão para falar, expressar afeição, agradecer alguém, oferecer ajuda, aceitar / recusar um convite etc.)			
Produção das marcas do discurso oral (hesitações, repetições, sinais de interrupção, paráfrases, marcas de colaboração do falante etc.)			
Incentivo ao aluno para fazer uso das regras de polidez nas interrupções e nas trocas de turno.			
Desenvolvimento da pronúncia na língua alvo.			
Desenvolvimento de conhecimento sobre entonação e ritmo na língua alvo			
Reflexão e sistematização de aspectos gramaticais (capacidade lingüístico-discursiva) com base nos gêneros ouvidos, tendo em vista uma gramática contextualizada.			

FICHA 6: MANUAL DO PROFESSOR

Marque SIM, PARCIALMENTE ou NÃO

Características no manual do professor	SIM	PARC.	NÃO
Especifica com clareza os princípios teórico-metodológicos da obra.			
Apresenta coerência entre os princípios norteadores e as atividades de aprendizagem e os projetos educacionais ao longo do livro do aluno.			
Explicita com clareza o princípio organizador do livro.			
Explicita com clareza como as unidades ou módulos são subdivididos de modo a formar um todo coerente e articulado.			
Apresenta-se em linguagem acessível ao professor.			
Explicita os objetivos da aprendizagem de LE e os objetivos de cada unidade ou módulo.			
Traz sugestões de como trabalhar as várias atividades e projetos educacionais propostos no livro do aluno.			
Não se limita a apenas fornecer as respostas corretas para as atividades.			
Incentiva o trabalho autônomo do professor.			
Traz sugestões de projetos para o desenvolvimento da ética, cidadania e respeito às várias culturas no processo de ensino e aprendizagem de LE.			
Traz sugestões de projetos interdisciplinares ou de exploração dos temas transversais.			
Explicita com clareza os princípios norteadores do processo de avaliação.			
Traz sugestões para o processo de avaliação.			